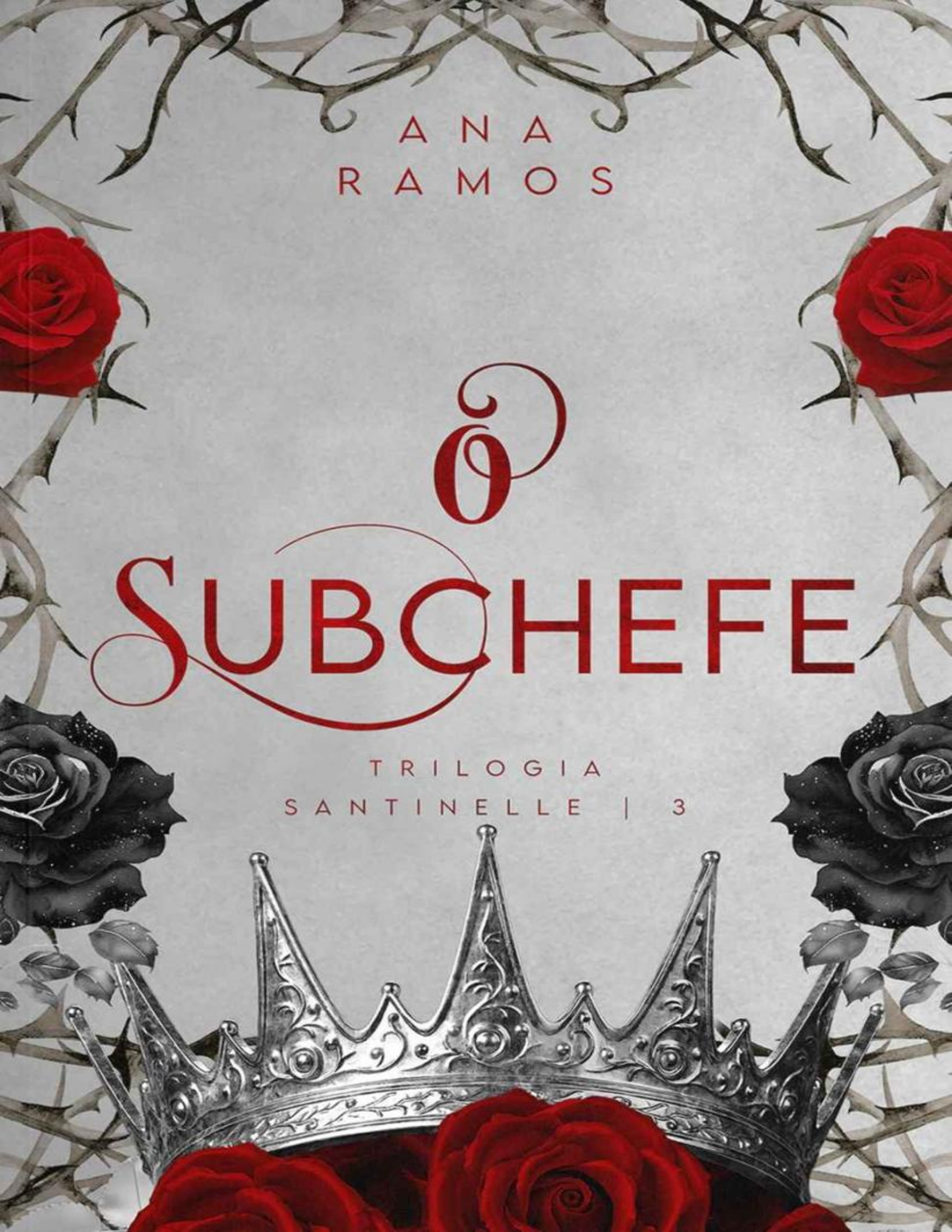


ANA
RAMOS

o

SUBCHEFE

TRILOGIA
SANTINELLE | 3



A N A
R A M O S

SUBCHEFE

TRILOGIA
SANTINELLE | 3

Copyright © 2023 Ana Ramos
EDITORA FRUTO PROIBIDO

Capa e diagramação
HELOÍSA BATISTINI

Texto em conformidade com as normas do novo acordo ortográfico da língua portuguesa (Decreto Legislativo Nº 54 de 1995).

1ª edição – 2022

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia e gravação, sem a expressa permissão da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Querido leitor, lembre-se que os sonhos existem para serem realizados.

PRÓLOGO

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

EPÍLOGO

Regras da *Famiglia*

- Os princípios da *Famiglia* devem sempre ser respeitados: Honra, dever, lealdade e sacrifício.
- Não se deve olhar para as mulheres dos nossos amigos.
- Policiais e pessoas com parentes próximos na polícia são permanentemente proibidos.
- Não frequentar bares ou clubes que não pertençam a *Famiglia*.
- Esteja sempre disponível para os negócios.
- Seja sempre pontual.
- Quando for chamado para esclarecer uma coisa, deve-se dizer a verdade.
- Não se deve roubar dinheiro de outros membros.
- Traidores e pessoas que não respeitam valores não são aceitos na *Famiglia*.
- Os segredos da *Famiglia* não podem ser revelados.
- A punição para traição é morte.

- As conveniências/regras sociais não se misturam aos negócios.

Regras da *Organização*

- A palavra final é sempre do Chefe, ele decide quem vive e quem morre.
- Jogos de azar entre os membros da *Organização* são permitidos apenas em ocasiões especiais e sempre presidida pelos líderes.
- Roubos são punidos com morte.
- Apenas pessoas selecionadas podem frequentar os cassinos.
- Os negócios são sempre mais importantes.
- Os segredos da *Organização* são pertencentes apenas a *Organização*.
- Punições exemplares são feitas na masmorra.
- Parceria com outros “grupos” são permitidas desde que corrobore o crescimento da *Organização*.
- O Chefe é o controle. Não há cúpulas.
- Seja forte. Seja doloroso. Seja letal.

ATENÇÃO: Esta é uma história fictícia. Personagens, nomes, acontecimentos e lugares descritos são fictícios. Qualquer

semelhança com a realidade é mera coincidência.



PROLOGO

Eu matei um homem.

Hoje é o dia mais importante da minha vida. O momento pelo qual meus irmãos e eu tanto esperamos e que me preparei para ser o melhor. Eu sabia que seria difícil e realmente foi, mas não esperava essa sensação de que meu corpo poderia se desmontar como peças de quebra-cabeça de cansaço.

Não sei como minhas pernas conseguem me manter de pé ainda, nem sei se consigo mexer meus braços o suficiente para concluir a cerimônia. De qualquer forma, espero que meus irmãos não se importem quando eu sair daqui e dormir por dois dias inteiros. Depois de tomar um banho longo, é claro.

Estou cansado, suado, muito sujo, com manchas do meu próprio sangue e de outras pessoas também. Como eu disse, eu matei um homem. A etapa final da iniciação. Fui tratado como um cão de briga, ensinado a matar e torturar, a causar estragos em nome da *Famiglia* e todo esse treinamento é concluído com a entrega de devedores para nós, da turma de iniciados.

Não sei. Acho que deveria sentir alguma coisa. Torturei um homem até a morte, não é esperado que eu estivesse chorando ou me lamentando por isso? Por que só consigo pensar na minha cama e na maior pizza que eu puder encontrar pela cidade? Sendo sincero, ele não valia qualquer pensamento. Se tivesse cumprido suas obrigações para com a *Famiglia*, nunca teria parado aqui.

A sala em que estamos tem um ar úmido, talvez seja impressão minha por tantas camadas de suor impregnadas em minha pele, e também carece de um pouco de luz. Eu e os garotos iniciados comigo estamos diante de seus pais e meus irmãos. Todos já fizeram seus juramentos, e quando Melissa, minha irmã, assente com a cabeça, é o sinal de que chegou o meu momento.

Minhas pernas conseguem me levar para perto deles com uma solidez impressionante. Confesso que temia por esse momento com meu pai, odiaria tê-lo me tornando um Homem Feito, mas ter meus irmãos comigo deixa esse momento realmente especial.

— Está pronto? — meu irmão Eduardo pergunta.

— Sim, senhor. — Tiro uma mecha de cabelo suado do meu rosto e jogo para trás.

— Compreende a importância do que está fazendo?

— Nasci para pertencer a *Famiglia*, senhor.

— Muito bem. — Estende a mão para mim. — Sua adaga.

Entrego meu punhal para ele. Foi um presente da nossa irmã para mim, uma bela peça de irídio com detalhes em hematita na empunhadura. Não que eu pretenda usá-la nos serviços habituais, é uma adaga bela demais para ser desgastada dessa forma.

Eduardo segura minha mão e corta a palma com minha lâmina, entregando-a para nossa irmã que lhe devolve uma foto de Judas. Assistimos em silêncio meu sangue manchar o papel. Não que o corte tenha sido profundo, foi superficial, apenas o suficiente para obter sangue para a cerimônia. Quando a foto já está manchada o suficiente, seguro-a entre meus dedos enquanto meu irmão ateia fogo e dá um passo para trás, dando-me o espaço para realizar o juramento que há anos venho treinando.

— Esse é o jeito que morrerei se trair os segredos da *Famiglia*. Queimarei como o fogo do inferno se minha língua falar como Judas. Dedico minha vida e minha lealdade a *Famiglia*. Eu reconheço as regras e reconheço o Chefe. — Meu irmão estende uma bandeja de prata, onde jogo a foto meio queimada e pego a pistola e o carregador. Encaro meu irmão nos olhos, não

demonstrando qualquer medo ou fraqueza. — Com essa pistola e com esse carregador, se um erro eu cometer, a última bala será para mim.

Dito isso, encaixo o carregador na pistola, mantenho minha coluna ereta e abaixo minha cabeça em sinal de respeito ao Chefe, segurando a arma de maneira firme. Pelo canto do olho, vejo minha irmã pegar a bandeja de prata e colocá-la em uma mesa lateral, deixando que o fogo consuma a foto de vez.

— Você é um Homem Feito agora, Santinelle. — Eduardo estende a mão para me cumprimentar. — Bem-vindo à *Famiglia*.

— *Grazie*, senhor.

Após o aperto de mãos, recuo até me juntar aos outros novos soldados da *Famiglia*. Estou fodido, cansado, com dor e faminto, me sinto selvagem como um animal, mas o momento exige seriedade, por isso estamos todos sérios, portando nossos revólveres enquanto esperamos meu irmão terminar com a cerimônia. Demonstrações de dor e fraqueza não são mais permitidas.

— Vocês têm até o final da semana para fazer nossa marca. Estão autorizados a frequentar nossos eventos e em breve, receberão suas primeiras missões oficiais — Eduardo conclui. — Já podem se retirar.

Os pais orgulhosos saem da sala com seus filhos, novos Homens Feitos da *Famiglia*. Eu me mantenho parado, quieto, com a cabeça baixa e a pistola nas mãos. Quando a sala fica vazia, sinto os braços de minha irmã ao meu redor.

— Você foi tão bem! Estou orgulhosa!

— Sinto dores em músculos que eu não sabia que existiam. — Reclamo com um gemido de dor. — Lissa, você está apertando uma facada.

— Desculpe. — Ela se afasta e acaricia meu rosto com gentileza. — Alguns pontos e será uma bela cicatriz em breve.

— Você foi muito bem, Enzo. — Eduardo sorri para mim. — Agora é um Homem Feito. Um de nós.

— *Grazie*. Estou ansioso para fazer a tatuagem da *Famiglia*, mas antes eu preciso de um banho, de muita comida e da minha cama.

— Eu te entendo — Eduardo concorda. — Não ficaremos surpresos se você dormir por uma semana.

— Essa é a meta — concordo com um meio sorriso. — Agora vamos antes que meu sangue esfrie e eu não consiga mais andar.

— Ainda não posso acreditar que nosso garotinho está pronto para assumir as responsabilidades da *Famiglia* — Lissa fala para Eduardo enquanto saio da sala caminhando como um velho com problemas no quadril.

— E, em alguns anos, assumirá oficialmente como meu Subchefe.

— Ele cresceu tão rápido, Edu!

— Vocês sabem que eu estou aqui, certo? Estou ouvindo toda essa coisa melodramática. Sinceramente, eu esperava mais frieza de vocês.

— Cale a boca! — Melissa diz. — É nosso momento. Podemos falar o que quisermos.



ENZO SANTINELLE

— Se estou te dizendo que esses problemas acabarão é o que acontecerá. — Meu irmão fala com uma calma surpreendente, recostado em sua cadeira com os dedos cruzados e as mãos elegantemente repousadas sobre o colo.

— Como pode nos garantir isso?! — O presidente se exalta e abandona sua cadeira, caminhando de um lado para o outro em sua sala. — Estamos perdendo o controle. A mídia está descontrolada e não encontramos mais desculpas para justificar tantas atrocidades acontecendo!

— Vocês sempre foram criativos. — Admiro o design do jardim, o paisagista daqui é muito talentoso e esses políticos idiotas não merecem minha atenção quanto comparados a essa bela obra em que a natureza é a matéria prima. — Mais algumas desculpas não serão problema.

— Senhores, vejam bem. — A primeira-ministra, que está acomodada em um sofá na parede oposta, cruza as pernas elegantemente e abre um sorriso sensual para nós. Não estou surpreso que ela seja a mais jovem a assumir em cargo na história do país, ela sabe atrair a atenção e usar isso a seu favor. Infelizmente não funciona conosco. — Os ataques de seus inimigos estão tomando proporções cada vez maiores e já representam um

risco à segurança nacional. As perguntas da população estão ainda mais difíceis de serem respondidas e quaisquer desculpas não são mais aceitas.

— É por isso que estou garantindo o fim desse problema. — Eduardo os olha com tédio, sua expressão qualifica esses dois a insignificantes para ele. — Façam seu trabalho e eu poderei fazer o meu.

— Teorias de ataques terroristas, algumas centenas de civis e agentes de segurança pública e nem preciso citar os valores absolutos em danos de infraestrutura e patrimônio. — A primeira-ministra ergue uma mão para enumerar os acontecimentos principais. — Tiroteios, explosões, sequestros, execuções em público e tantos outros que estamos enfrentando há anos. As projeções indicam queda no turismo e na consequente arrecadação dessas atividades, especialmente em aqui em Roma. O fluxo de investimento de capital estrangeiro está baixo e a inflação pode aumentar. Nossa economia está em risco e problemas financeiros não deixa os eleitores felizes.

— Uma porcentagem significativa da economia italiana é resultado de nossas atividades. — Eduardo se limita a arquear uma sobrancelha enquanto responde a mulher. — Além disso, nossas empresas atraem muito capital estrangeiro e estamos negociando algumas compras de empresas estrangeiras para expandir nossa atuação. A economia não está em risco como vocês querem pintar, não tentem me enganar porque eu não sou idiota e não sou um eleitor desinformado que acredita em qualquer bobagem que vocês dizem. Estou nos bastidores do espetáculo, vamos nos lembrar disso.

— Se a segurança fosse essa beleza toda nós nunca teríamos existido e definitivamente não estaríamos aqui. — Dou um meio sorriso para a primeira-ministra. Essa reunião está ficando muito chata. — Acreditem, vocês estão ficando muito repetitivos e bem entediantes. Devo lembrá-los que não é inteligente nos irritar? Suas vidas, a de seus familiares e de qualquer um que importe para vocês, estão em nossas mãos. Meu irmão pode destruí-los com uma simples ligação.

— Não estamos aqui para provocá-los. — O presidente volta a se manifestar. — É política. Precisamos dos eleitores felizes.

— E eu estou garantindo que tudo ficará bem. — Eduardo volta a expressar tédio, mas dessa vez há um toque de impaciência muito perceptível. — Muito, muito em breve. Se tudo correr como o planejado, em dois meses vocês terão o maior tempo de paz e prosperidade que este país já viu. Com novos investimentos, é claro. Investimentos grandes.

Não foi uma surpresa quando os sorrisos apareceram em seus rostos. Esse tipo de pessoa é tão previsível. São como cães famintos, mas sua gana é saciada por dinheiro. Mostre ou prometa alguns cifrões e todos os problemas do mundo estão solucionados para eles. É deprimente.

— Se isso é tudo, nós estamos de saída. — Após uma rápida troca de olhares com meu irmão, eu me afasto da janela e me aproximo dele. Para mim, está claro que Eduardo não quer mais gastar sua energia com esses Associados inúteis e cabe a mim, o Subchefe, terminar a reunião. — Creio que seus temores se provaram infundados?

— Sim, é claro. — O presidente volta a se sentar em sua cadeira com um sorriso muito contente no rosto. — *Grazie* pela disponibilidade de vir até aqui senhores. Nós apreciamos isso.

Eduardo dá um aceno de cabeça ao se levantar, abotoando um único botão de seu paletó. Enquanto meu irmão está lutando para controlar seu gênio e manter a paciência com esses merdas, eu estou ansioso para sair daqui e tirar essa gravata. Estou particularmente impaciente hoje e tive que desmarcar meu encontro por causa dessa reunião desgraçada, e consequentemente perdi a foda da noite.

Che cazzo.

Me resta ir a um dos clubes procurar por uma foda rápida, sem nem mesmo um jantar antes para acabar com a fome antes de ir para o prazer. Não me entendam mal, adoro uma boa foda, gemidos, corpos suados e muito gozo para celebrar o momento, mas comida é igualmente importante. Eu diria que comida ocupa o

número um na minha lista de coisas favoritas no mundo, sexo em segundo e carros em terceiro.

Sim, eu tenho uma longa, cara e lindíssima coleção de carros. Os coleciono desde que Eduardo declarou que minhas habilidades no volante não eram mais um risco para a nossa segurança e me presenteou com um Bugatti. Desde então piloto pelas ruas e avenidas da Itália saboreando a liberdade que a alta velocidade proporciona. Eu também gosto de observar aqueles enfeites de estrada que, segundo minha cunhada, são normas de trânsito. Ri tanto quando ela disse que essas normas devem ser seguidas pela população. Quem, em sã consciência, me pararia? Sou um Santinelle.

— Pedirei que busquem Giulia no internato — ele joga a informação assim que estamos na segurança no meu Porche.

— Ela ainda estuda no internato? — Ligo meu brinquedo, sentindo a satisfação crescer quando o motor ruge para a vida.

— Não, faz alguns trabalhos por lá — Eduardo fala sem tirar os olhos de seu telefone, digitando loucamente e imagino que seja para o nosso chefe de segurança. — Terminou os estudos há alguns anos.

— Pensei que voltaria assim que tivesse o diploma.

— Ela não sente urgência em estar na *Famiglia*, mas não significa que ela está desprotegida.

— Se ela não quer estar aqui, por que mandar buscá-la?

— Eu não menti para os idiotas, Enzo. Essa guerra com a *Bratva* já se estendeu demais e eu finalmente posso acabar com tudo isso, mas antes precisamos de Giulia por perto, com mais segurança e proteção para que eles não a capturem como uma moeda de troca. Todos sabem que ela é nossa protegida e iriam atrás dela quando fizermos o primeiro ataque, *capisce?*

— Sì.



GIULIA NICHILLO

Observo o ambiente ao meu redor com cuidado. Estou sentada em um banco de pedra no centro do enorme jardim rodeado por paredes gigantes e antigas de pedra. As torres altas não escondem os seguranças ali, assim como os homens de terno no portão verificando a entrada e a saída de cada carro.

Nunca pensei que estaria em um lugar como este, essa perspectiva nem se quer fazia parte das minhas fantasia mais longínquas, minhas condições não possibilitaram isso. Crescer em um internato renomado repleto de estudantes demasiadamente ricos? Não, não estive nos meus planos.

Vim parar aqui por acidente. Curiosamente esse “acidente” se chama Santinelle. Nunca entendi a real dimensão do poder ou da influência dessa família, mas fui enviada para cá e, segundo relatos de alunas mais velhas, a segurança foi muito bem reforçada com a minha chegada.

Esse pensamento causa um pequeno sorriso depreciativo em meu rosto. Eu não faço parte desse mundo, não cresci com seguranças em todos os lugares me protegendo, não tive acesso a educação dos ricos. Sinceramente, eu mal sabia ler quando cheguei aqui, quem dirá acompanhar as aulas de História da Arte, Etiqueta, Literatura e Música. Tudo o que eu sabia era como limpar uma casa, cozinha para subsistência e ficar longe dos problemas.

Os anos não me tornaram uma dama da alta sociedade como as formadas costumam sair daqui. Apesar do meu esforço, nunca consegui ser uma aluna destaque ou extremamente inteligente. Quantas vezes a diretora me chamou na sala dela para conversar

sobre meu desempenho escolar, preocupada com o que a família que me “apadrinha” poderia achar?

De certa forma, o temor dela passou a ser meu também, por isso decidi me manter por aqui depois da formatura. Eu sei o que os Santinelle fazem, o que eles são e o que comandam. Sei que o Chefe, *Capo dei Capi*, pode encontrar um casamento vantajoso para mim a fim de reforçar alianças, mas quero evitar o desapontamento que ele certamente sentirá ao ver como seu “projeto” fracassou.

Desde a formatura me candidatei para trabalhar voluntariamente e tenho feito minha candidatura todos os anos que se seguiram, mas esse ano a confirmação para o meu trabalho do próximo ano ainda não saiu. Imagino que o Chefe tenha alguma participação nisso, já que ele solicitou meu retorno no mesmo período.

Estou fugindo deles? Claro. Aprendi desde muito jovem que evitar o confronto é o melhor a ser feito se eu quiser sobreviver. Foram anos torcendo para que os Santinelle tivessem esquecido de mim, sonhando em construir uma vida pacata nessa cidade escolar. Quem sabe conseguir um emprego definitivo por aqui e manter projetos sociais? Não que eu me permitisse sonhar demais, os seguranças nunca foram embora e continuaram a me vigiar. Em algum momento o Chefe chamaria e esse momento chegou.

— Senhorita Nichilo, é hora de partirmos — o motorista de um carro preto brilhante fala. Já o vi por aqui outras vezes quando o Chefe ou a Primeira-Dama vieram me visitar ao longo dos anos, nada recorrente, mas ainda se esforçavam para demonstrar interesse em minha adaptação à escola. — A família a espera.

— Sim, estou pronta. — Forço um sorriso, apesar do nervosismo predominante. Não que haja muita bagagem, tudo o que eu tenho coube em uma mochila e uma pequena mala de mão. — O senhor saberia para onde estou sendo mandada?

— Minhas ordens são para levá-la até a casa principal, senhorita.

— Nenhuma outra informação?

Eu deveria saber disfarçar melhor, mas o medo e a incerteza não me permitiram. O senhor notou a mistura aterrorizada de sentimentos em mim e suspirou com pena, isso poderia me incomodar se eu não estivesse realmente metendo por minha vida. Aqui, mesmo sem ter permissão de sair do internato, eu sentia que detinha algum controle sobre minha própria vida, entretanto no momento em que atravessarmos os portões a *Famiglia* manda em mim e eu faço o que o Chefe ordenar.

— Antes de sairmos vi Mara, a governanta, se preparando para recebê-la. Não sei quais são os planos do Chefe, mas dizem que você ficará sob os cuidados de Mara nesse primeiro momento.

— Isso é reconfortante. *Grazie*.

— Precisamos nos apressar. Os Chefes nos esperam e não podemos nos atrasar muito.

— Sim. É claro. Devemos ir.

Talvez Eduardo Santinelle finalmente tenha encontrado alguém que se apresente como um bom partido, que ele deseje agradar e manter por perto. O homem, mesmo sério e centrado, não pareceu ser uma pessoa ruim durante as visitas, mas não posso limitar minha confiança a esse julgamento. O que eu deveria esperar de alguém que é chamado de Diabo? Dizem que ele não poupa crianças, mulheres ou idosos; que ele é um ser essencialmente mau e que sua família é possuída por demônios. Não que eu acredite nesse último argumento, se eles fossem tão deploráveis assim não teriam me salvado, cuidado de mim e me mantido em segurança por todos esses anos, certo?

Eu preciso me acalmar. É apenas o medo querendo me dominar. Os Santinelle não fizeram mal a mim antes, não há motivo para fazerem agora. Eles não investiriam tanto em minha educação se planejassem me conceder ao primeiro homem de caráter duvidoso que aparecer. É questão de sobrevivência. Fui forte até agora, mesmo com momentos de fraqueza, me mantive firme.

É melhor lidar com um problema por vez, sofrer por hipóteses não resolverá nada. Estou ansiosa, somente isso. Voltarei para a fortaleza dos Santinelle, pedirei para ficar com Mara por um tempo

até que eu possa me estabelecer, talvez possa participar das negociações sobre meu arranjo.

— Senhorita? — o motorista me chama, já estamos na estrada.

— Perdão, qual o seu nome mesmo?

— Leandro Montanari, senhorita. Sou um dos responsáveis pela segurança.

— Eles mandaram um dos chefes para me buscar?

— Sua segurança é importante para eles.

— Por quê? — Encaro seus olhos pelo reflexo do retrovisor interno.

— Porque é a protegida da família Santinelle, senhorita Nichilo. Não há rumores sobre qualquer negociação ou arranjo. O Chefe não planeja te entregar a ninguém, não sem o seu consentimento.

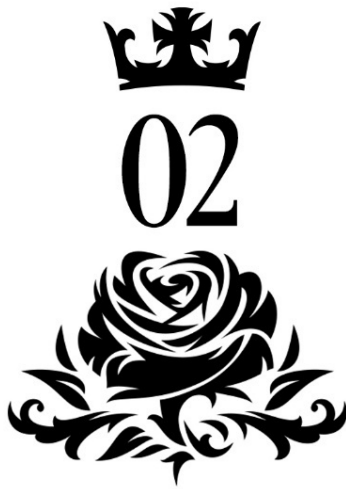
— Ele não é o Diabo?

— Ele é.

— E como posso ter certeza?

— O senhor Santinelle é um homem de honra, senhorita. Um Homem Feito.

— Um Homem Feito — sussurro para mim mesma, sem ter muita certeza do que isso significa.



ENZO SANTINELLE

— É algum tipo de brincadeira? — Encaro meu irmão com o cenho franzido. Talvez os anos de liderança tenham mexido com sua cabeça e ele finalmente esteja sucumbindo a loucura. Inferno, *eu* preciso de mais uísque. — Pensei que eu fosse o brincalhão dos irmãos, não você.

— Eu não estou brincando. — Meu irmão se recosta em sua cadeira de couro cruzando os braços sobre o peito desnudo, seus punhos encobertos por faixas vermelhas de luta. — Meu pedido é muito sério.

— Eu não posso me casar! — Salto da cadeira, indo até o aparador para pegar uma bebida. Sendo sincero, vou precisar de muita bebida. — Acabei de fazer vinte e seis. A festa é em alguns dias. Eu estou muito novo para me prender a uma única mulher.

— Enzo. — A seriedade em sua voz me obriga a olhar para ele. Volto para a cadeira como um menino obediente, minha bebida firme em minha mão. — As coisas mudaram. A guerra contra a *Bratva* está se encaminhando para o oitavo ano. O motivo não é a mais uma loucura de Johnson e sua obsessão com nossa irmã ou com Mellanie. A *Bratva* quer mais poder e Johnson quer o meu lugar. Eles podem ter a minha cabeça a qualquer hora.

— Você não vai morrer, *cazzo!* Não deixarei isso acontecer.

— Quanto mais essa guerra se estende, mais sangue é derramado. Eu preciso garantir a próxima geração. Lorenzo precisa de apoio, de pessoas de confiança para cobrir suas costas quando chegar a hora. Ele precisa de família. Mellanie não quer ter mais filhos e eu preciso que você garanta a continuidade do nosso nome.

— Então eu não preciso apenas me casar como também ter filhos?

— Eu não queria estar pedindo isso, mas é necessário. Quero fazer o anuncio de noivado o mais rápido possível.

— Onde eu conseguirei uma noiva?

— A *Famiglia* tem muitas opções de jovens solteiras.

— Uma noiva com cérebro, Eduardo. Alguém que não esteja comigo porque minha conta bancária pode pagar a mais nova coleção de moda.

— Eu não ditarei com quem você deve se casar. Essa é uma escolha sua e sugiro que comece a pensar logo. Você terá um mês para me dar um nome.

Solto um longo suspiro, bebendo meu uísque de uma única vez e pensando em que tipo de pecado grave eu cometi para receber tamanha punição. Foi a festa no clube? Todos que participaram estavam de acordo. O encontro com a filha do senador? Inferno, ela queria experimentar o sexo anal, eu fui apenas um cavaleiro que concordou em dar prazer a uma dama. Caridade, minha gente. Eu tenho uma boa alma. Minha missão para com as boas ações é distribuir prazer para o sexo feminino.

Amém por isso.

— Pensei que já tivesse um plano para acabar com a *Bratva*.
— Um mês não será suficiente para garimpar alguma dignidade entre as moças da *Famiglia*. Quem sabe posso encontrar o cérebro perdido de uma delas pelo caminho. — Você disse isso ao presidente e a primeira-ministra.

— Eu disse e não menti. Tenho alguns ataques em mente e estou esperando por uma informação para começarmos nossa própria caçada. Também significa que as coisas podem ficar muito sangrentas se o plano der errado.

— Não pretende compartilhar?

— Quando a informação que estou aguardando chegar lhe explicarei tudo. Por enquanto, preciso que se concentre em encontrar uma esposa.

— Eu preciso é de comida. — Coloco o copo vazio sobre sua mesa. — Depois que eu pegar o assado do dia que Mara preparou vou para a minha parte da casa e me embebedar o máximo possível.

A porta do escritório é aberta e uma das minhas pessoas favoritas no mundo entra. Seu cabelo preto e rebelde está caindo em seus olhos, precisando de um corte, seus punhos estão enfaixados de azul e o short de treino preto cai em seus quadris infantis. Os olhos azuis de Lorenzo se agitam entre seu pai e eu.

— *Papà* estou pronto.

— Vamos. — Eduardo fica de pé e eu o sigo, já planejando todas as garrafas de bebida que pegarei no caminho para a minha ala da casa.

— Vai treinar com a gente, tio?

— Não, *piccolo uomo*^[1], tenho coisas importantes a fazer agora. — Bagunço seus cabelos, agachando-me para olhá-lo nos olhos. — Mas você pode bater a merda fora do seu pai por mim. Chute a bunda dele o máximo que puder.

— *Papà* é maior que eu.

— Não por muito tempo. — Dou-lhe um meio sorriso. — Não é por isso que vocês treinam juntos? Você está acostumado a brigar com homens maiores, será um lutador experiente.

— Você é uma influência questionável — meu irmão fala.

— Eu sou o melhor parente que Lorenzo tem. — Envio uma piscadela para o meu sobrinho antes de me levantar. — Se precisarem de mim, estarei na cozinha.

Saio do escritório para não ouvir mais merda do meu irmão. Eu entendo seu pedido e é claro que farei acontecer. Eduardo se sacrificou muito por mim e por nossa irmã, ele levou a *Famiglia* para sua melhor fase. Mesmo com uma guerra sangrenta contra a Bratva se estendendo por anos, os negócios nunca estiveram melhores. A

Famiglia está mais rica, poderosa e influente. Se Eduardo precisa que eu me case e tenha filhos rápido para garantir a continuidade dos Santinelle, é isso que farei.

A missão agora é procurar alguém fora do padrão. As garotas da *Famiglia* parecem industrializadas, não há nada de único. Todas se vestem da mesma maneira, se comportam igual, esperam a mesma coisa... Não quero essa merda. Meu irmão teve sorte no casamento com Mellanie, eles são um encaixe perfeito e se apaixonaram rápido, mas um casamento não precisa ter amor.

Satisfeito com o planejamento, entro na cozinha atrás da Mara e seus incríveis assados, mas congelo na entrada ao ser recepcionado por um belo traseiro empinado em minha direção. E que senhora bunda estou vendo. Coberta por um vestido justo, simples e de tecido fino de verão. Quero me afundar em sua carne, dentes, dedos ou pau, eu não ligo.

A dona da bunda perfeita se ergue retirando uma bandeja de biscoitos do forno. Longos cabelos castanhos encaracolados caem por suas costas, a pele de um bonito tom de dourado, como se ela fosse naturalmente bronzeada. Acho que morri na saída do escritório e fui presenteado com a personificação dos meus sonhos molhados.

Dio Santo, essa bunda.

Seu cantarolar de sereia faz um caminho direto até o meio das minhas pernas. Observo encantado quando ela coloca a bandeja sobre a ilha e retira a luva térmica. Seus seios apetitosos parecem lutar contra o decote do vestido e me pego dividido entre adorar esse pedaço de tecido ou queimá-lo por tocar nessas preciosidades.

Inferno, estou no fodido paraíso.

— Olá — minha voz soa mais como um grunhido rouco. Eu preciso de um banho frio e de um anel no dedo dessa mulher.

Seus olhos escuros focam em mim e ela parece notar minha presença pela primeira vez. Seu rosto se enche de surpresa e sua boca se abre. Eu gostaria de ser um príncipe e pensar coisas belas agora, mas minha mente suja fantasia sua boca carnuda ocupada

com outra coisa. Pareço um adolescente descontrolado. Que diabos!

— Senhor Santinelle. — Engole em seco, torcendo a luva entre suas mãos. Mãos essas que eu quero me tocando. — Em que posso ajudá-lo?

— Senhor Santinelle é meu irmão. Eu sou Enzo. Qual o seu nome, *principessa*?

— Giulia, senhor.

É claro que eu sei o nome dela. Observo essa bela criatura desde o dia em que voltou para casa. Eu estava jogando sinuca no meu salão quando vi o carro chegar e Giulia descer do veículo como a personificação do pecado que ela se tornou. Não serei hipócrita de negar que a imaginei em minha cama, cansada depois de uma longa noite de diversão em que eu pudesse explorar cada centímetro de sua perfeição. Os cachos espalhados pelo travesseiro, marcas de mordidas leves em seu quadril, de tapas em sua bunda. Eu seria um homem muito feliz.

A inocente e pura Giulia. Anos dedicados aos estudos naquele fim de mundo tedioso, afastada da vida social da *Famiglia*. Ouvi minha cunhada e nossa governanta conversando sobre como Giulia se sentia deslocada na escola, sem conexão com as outras estudantes, dedicando seu tempo a trabalhos sociais na comunidade ao redor da escola.

Quais as chances de que os deuses enviassem essa criação divina para nossa casa na mesma época em que estou precisando de uma esposa? É uma ideia maluca, é claro, mas que outra opção eu teria? As mulheres da *Famiglia* estão fora de cogitação, não quero uma esposa que me olhe como se eu fosse sua refeição principal.

Me dá arrepios na espinha só de pensar.

O que tenho a perder? Nada. Um homem desesperado toma medidas desesperadas e me sinto obrigado a assumir que seria extremamente divertido produzir um herdeiro com uma esposa como Giulia.

— Bem, Giulia. Me espere aqui. Retorno em um minuto.

Saio da cozinha e praticamente corro para a área da casa que foi adaptada como uma academia. Encontro Eduardo segurando o saco de pancadas para o meu sobrinho, que tenta melhorar seu chute. Será um longo e doloroso caminho, mas um dia Lorenzo chegará lá.

— Tio? — Lorenzo interrompe seus movimentos quando me nota ali. — Veio treinar?

— Não, vim falar com seu pai. — Olho para Eduardo com um grande sorriso no rosto. Não identificar se é felicidade genuína ou algo mais maníaco. — Eu já sei com quem vou me casar.

— Já? — Meu irmão franze o cenho para mim, apoiando as mãos enfaixadas em seu quadril. — Você saiu do escritório não faz dez minutos.

— Quem se importa com o tempo? Estou me casando com a Giulia.

— Giulia?! — Lorenzo gira a cabeça entre o pai e eu. — Tio, vai se casar com a Giulia?

— Não — Eduardo responde ao mesmo tempo que eu.

— Sim! — Olho para o meu irmão como se ele fosse um idiota. — Ela é comprometida?

— Você ficou louco? — Ele joga a pergunta de volta.

— Tem algum pretendente?

— Não.

— Então estou me casando com ela.



GIULIA

Não entendi.

Em um instante, Enzo Santinelle estava parado na entrada da cozinha parecendo pouco louco, no segundo seguinte me manda esperá-lo e desaparece. Não é como se eu tivesse um lugar para ir agora, estou ocupada com a minha fornada, mas devo ressaltar que este é o acontecimento mais estranho desde a minha volta.

Todo aquele temor se provou inútil. Os Santinelle apenas querem sua “protegida” por perto e é difícil proteger alguém isolado no norte do país. Não há qualquer proposta de casamento ou negociação em andamento, Eduardo Santinelle me garantiu que eu tenho controle sobre minha vida, são as minhas decisões e ele não pretende me forçar a nada. Eu estou segura aqui, estou com Mara novamente e posso me estruturar em Roma.

Em tempo recorde, Enzo Santinelle está de volta a cozinha, parado na entrada com um sorriso predatório no rosto. Instintivamente recuo contra a pia e ao perceber meu movimento, uma careta domina seu rosto. Até um beicinho fofo aparece em seus lábios cheios.

Ele é louco?

— Senhor?

— Giulia, Giulia. — Seu beicinho se desfaz e um sorriso de canto aparece à medida que ele caminha lentamente em minha direção. — Não nos vemos há muito tempo.

— O senhor se lembra de mim? — foi uma pergunta idiota. É claro que ele lembra, sou a personificação dos problemas que atingem a *Famiglia* atualmente.

Preciso me manter sob controle, este homem é bonito demais e me deixa desconsertada. Ouso culpar os anos vivendo em um internato católico só para meninas. A única testosterona por perto eram os seguranças e eles não se aproximavam de ninguém. Agora tenho um epítome de beleza masculina diante de mim e não sei o que fazer.

Seu cabelo preto e espesso está despenteado, sua barba por fazer marcando seu rosto como uma leve sombra e cercando a boca carnuda e bem desenhada. Suas sobrancelhas grossas ajudam a destacar seus olhos... e que olhos. É impossível não ser hipnotizada

por eles. O tom mais vívido de azul que eu já vi. Olhar para eles é como mergulhar no meio do oceano e se perder em meio a água. O medo de se afogar contrastando com a beleza da paisagem.

Faz sentido que a marca dos Santinelle seja os olhos azuis. O *azul Santinelle* é a representação perfeita dessa dualidade. Eles podem ser sua salvação ou sua perdição, sua segurança ou seu carrasco, o motivo da sua felicidade ou sua última visão antes de partir desse mundo.

— Lembro, *principessa*. Inclusive gostaria de fazer um pedido.

— Se eu puder ajudá-lo. — Engulo em seco, torcendo o pano de cozinha em minhas mãos.

Enzo se aproxima mais, quase invadindo meu espaço pessoal. Não ajuda que sua roupa o deixe ainda mais atraente. Curiosamente, não há nada de especial em suas roupas, um suéter tricô branco, calça preta e tênis. Uma correntinha dourada com pingente de cruz em seu pescoço, nada de elaborado, mas nele é quase obsceno de tão bonito. Sem mencionar em seu físico alto e atlético. Ele definitivamente passa muito tempo na academia da casa.

— O que acha da *Famiglia*, *principessa*? — Enzo para diante de mim, seu cheiro me cerca e não sei identificar o que é, mas posso assegurar que é muito bom. Ele estende a mão para brincar com uma mecha do meu cabelo.

— O que há para achar? — pergunto de volta, lutando contra a aceleração dos meus batimentos. Como é possível que esse homem consiga me deixar nervosa apenas com sua proximidade? — Não participo dos eventos da *Famiglia*, senhor.

— Enzo, *principessa*. Senhor é o meu irmão. — Abandona a mecha do meu cabelo e recua um passo. — Qual a marca desse vestido que você está usando?

Marca? Esse homem faz as perguntas mais estranhas possíveis. Por que alguém saberia a marca de um vestido? É apenas uma peça que comprei na promoção. Às vezes, pode ser difícil encontrar roupas bonitas e que me sirvam, se estiver em promoção, é um verdadeiro milagre!

— Eu não sei. — Olho para o vestido leve de verão, vermelho com pequenos flores brancas. — Comprei em uma loja popular.

Seu rosto se ilumina e me pergunto qual a razão para isso. Ele está feliz por que eu não sei a marca do meu vestido? Que sua família é excêntrica, toda a Itália sabe, talvez até o mundo, mas as perguntas estranhas é uma novidade.

— Você é a mulher que eu preciso — diz com um enorme sorriso, trazendo a mecha cacheada do meu cabelo até seu nariz e inalando meu cheiro. — Tenho uma proposta para você, *principessa*.

— O que o senhor precisa?

— De uma esposa, Giulia. — O oxigênio foge dos meus pulmões. Não posso ter escutado o que acabei de escutar. Não, provavelmente estou presa em um sonho estranho.

— Quer ajuda para encontrar uma esposa, senhor?

— Quero que se case comigo, *principessa*.

— O quê? — minha voz não saiu mais alta que um sussurro. De repente meu corpo perdeu as forças, minhas pernas não parecem confiáveis para me manter de pé e minhas cordas vocais se fecharam.

— Vamos, Giulia, nós sabemos que o casamento em nosso mundo é inevitável. Eu preciso me casar e imagino que você não planeje passar o restante dos seus dias naquele convento.

— É um colégio interno — murmuro contrariada.

— Ouça, eu preciso de uma esposa rápido para que ela possa me dar filhos e você é a escolha perfeita.

— Eu não o conheço.

— Sim, sim, esse é um detalhe que estou ansioso para corrigir. Você é diferente, Giulia, e eu quero isso. Você não precisará retornar para o convento e estará sob a minha proteção, será a esposa do subchefe da *Famiglia*. Não querendo que você caia de encantos por mim, mas sou uma pessoa incrível e serei um marido maravilhoso. É um acordo vantajoso para nós dois.

— O senhor pode estar errado. Eu posso ser exatamente aquilo que está tentando fugir. Não há como saber.

— Giulia, eu prefiro arcar com as consequências das minhas próprias escolhas ao invés das escolhas que outros fizeram por mim. Pense a respeito, trabalhe a ideia com calma em sua mente e me responda amanhã.

— Amanhã? Não posso pensar com calma em vinte e quatro horas! Casamento é uma decisão séria.

— Como eu disse, não tenho tempo para ostentar. Preciso de um casamento rápido. Minha festa de aniversário está chegando, mesmo que estejamos em guerra contra as pragas russas, é um evento do qual não abro mão. Se aceitar minha proposta, anunciaremos nosso compromisso durante a festa, caso contrário podemos ignorar e seguir com nossas vidas.

— Vinte e quatro horas é pouco tempo — digo mais para mim mesma que para ele. É um prazo muito curto para uma decisão importante. Não há como dissolver um casamento na *Famiglia*.

— Então pense até a festa. É tempo o bastante para ponderar a proposta.

— Enzo, não assuste a pobre Giulia — a voz de Mellanie Santinelle, Primeira-Dama da *Famiglia* e a senhora da casa, domina o silêncio esmagador na cozinha. — Ele está te incomodando, querida?

— Não, não, senhora. — Engulo em seco, afastando-me de Enzo para conseguir olhar a bela mulher em trajes de academia.

— Estávamos conversando, cunhada. — Enzo se vira para ela com um enorme sorriso galante no rosto. — O que está fazendo?

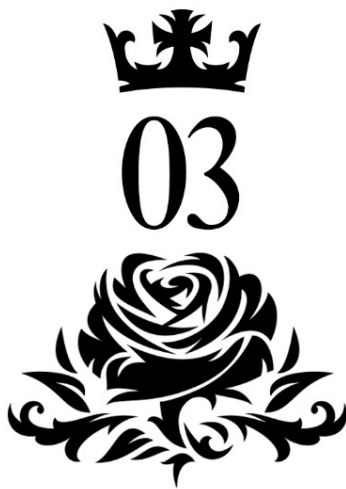
— Vim buscar uma garrafa de água, vou me juntar a Eduardo e Lorenzo na academia.

— É claro, tão esportiva. — Vira-se para mim, dando-me uma piscadela. — Nos falamos depois, *principessa*.

— *Per Dio*. — A senhora Mellanie revira os olhos. — Não caia na lábia dócil desse homem, Giulia.

— Você não está me ajudando, cunhada. — Enzo beija o topo de sua cabeça ao passar por ela. — Diga a nossa querida Giulia como sou um ser humano incrível.

— Ele é um caso perdido.



ENZO

— Isso é loucura — Minha cunhada fala ao se sentar no colo do meu irmão. — Não podemos entregar Giulia para você.

— Por que não? Eu sou a melhor opção.

— Aquela garota passou a vida trancada em um colégio interno. Alguma vez teve uma conversa de verdade com ela? Giulia é muito inocente, Enzo. Você destruirá aquela menina.

— Não destruirei ninguém.

— Nossa família não é sinônimo de bondade — Eduardo murmura contra seu corpo de uísque.

— Você não está ajudando — grunho para ele, encostando-me na cadeira e cruzando meus braços sobre o peito. — Eu preciso me casar e escolhi Giulia para ser minha esposa. Não vejo problema.

— Vocês não se conhecem — Mellanie lembra.

— Estou mais que disposto a mudar isso. Giulia não se parecem em nada com as garotas da *Famiglia*. — Inclino-me na direção dos dois. — Ela não sabia a marca do próprio vestido e me olhou como um louco quando perguntei sobre isso.

— Qual o problema de ela não saber a marca do vestido? — meu irmão pergunta.

— Qualquer garota da *Famiglia* não teria hesitado em falar a marca ou o estilista da roupa que está usando. Giulia não age e não se parece com a *Famiglia*. É exatamente isso que estou procurando. Ela não é frívola.

— E se você estiver enganado? — Minha cunhada arqueia a sobancelha para mim.

Eu entendo o ponto dela, ao mesmo tempo a ironia da situação não me passa despercebida. Mellanie não estaria em nossa família por escolha própria, se não fosse prometida do meu irmão, nunca teria escolhido Eduardo para ser seu marido. Todos sabemos disso.

Aconteceu de o casamento dos dois dar certo, de eles se apaixonarem e desenvolverem um amor genuíno um pelo outro, mas quantos dos casamentos em nosso mundo se baseia em amor? Menos de dez por cento? Não serei um marido ruim, definitivamente serei melhor que Eduardo e não pretendo levar Giulia para os estabelecimentos mais promíscuos da cidade. Sou uma pessoa de confiança.

— Prefiro arcar com as consequências das minhas próprias escolhas.

— Donatella DeLuca é uma boa opção para o casamento — Eduardo comenta, conseguindo uma careta minha como resposta. — Não faça essa careta, você sabe que estou certo. Donatella sabe como as coisas funcionam, ela espera por um casamento e saberá guiar as coisas da melhor maneira possível.

— Ela não tem cérebro. — Reviro os olhos, impaciente com tanta resistência dos dois. — Qual é o problema? Giulia é a minha escolha e eu não sou mais uma criança, tomo minhas próprias decisões e arco com as consequências. Mellanie surrou duas prostitutas no banheiro de cassino no segundo dia de casados. Existe alguma lista de exigências que uma mulher precisa preencher para entrar nessa família além das regras da *Famiglia*?

Eduardo solta um suspiro derrotado e enlaça a cintura de sua esposa com o braço. Estou certo da minha vitória nessa batalha. Mellanie, apesar de ter sido criada para ser o exemplo de padrão da *Famiglia*, foge do esperado e foi justamente essa surpresa que fez o

teimoso e rabugento do meu irmão cair de amores pela esposa. O desgraçado não pode condenar minha escolha.

— Está bem — ele diz, acariciando a cintura de Mellanie, que não parece muito contente com a resposta, mas sabe não pode fazer muito sobre isso. — Mas eu não obrigarei Giulia a casar-se contigo. Ela terá que concordar por vontade própria.

— Isso não será problema. — Levanto-me da cadeira pronto para deixar o escritório. — Giulia será minha noiva e nenhum de vocês se manterá contra.

— Você está confiante demais. — Mellanie semicerra os olhos para mim e dou-lhe um meio sorriso. — Ela pode te dizer não.

— Não há como alguém dizer não para esse rostinho. — Gesticulo diante de minha face. — Além disso, eu trabalho duro para manter esse corpo o mais irresistível possível. Só vejo vantagens.

— Devo lembrá-lo que um casamento vai além da parte física? — Meu irmão me lança um olhar crítico.

É claro que ele está criticando, esse é o seu trabalho. Não é como se eu fosse deixar Giulia sofrer o que Mellanie sofreu em seu longo noivado com Eduardo. Ela não será tratada como uma qualquer. Minha esposa terá o devido respeito. Sei que o casamento não se resume ao físico, mas também não é totalmente dependente dos sentimentos. Eu não amo a Giulia, assim como ela não me ama. É um acordo vantajoso para ambas as partes, apenas isso.

Nós atraímos um ao outro. Percebi a maneira como ela me olhou, mesmo não tenha se dado conta disso, e inferno, estou contando os minutos para poder corromper aquele corpo. Quero espalmar aquela bunda perfeita e me deleitar naqueles seios chamativos. Giulia é a personificação do pecado e eu, como irmão caçula do Diabo, gosto de brincar com o proibido.

Os sentimentos não são necessários. Qualquer casamento em nosso mundo sobrevive sem essa parte, mas posso garantir o respeito e o cuidado entre nós. Giulia já passou por muito e não quero que ela se sinta um mero objeto da *Famiglia*. Estou me

casando para ter filhos, porém isso não impede que tenhamos uma relação saudável dentro do permitido.

— Ficaré com Lorenzo no sábado? — Mellanie desvia do assunto. Certamente, querendo acabar com o clima pesado dentro do escritório.

— Claro que sim, eu sou o parente favorito daquele garoto. — Sorrio para o casal rabugento. Sei que os dois precisam desses tempos a sós e eu tenho a missão de estragar meu sobrinho o máximo possível. — Já tenho uma programação planejada.

— Meu filho é muito novo para visitar um dos clubes da *Famiglia*. — Mellanie me lança um olhar crítico e posso dizer que quase me senti ultrajado. Eu posso ser um adulto muito responsável quando quero.

— Não planejo levar meu sobrinho aos clubes *ainda*. — Dou-lhe meu melhor sorriso. — Preciso esperar pelo menos até a iniciação.

Vejo como Mellanie enrijece no colo de Eduardo. Ela tem sofrido por antecipação sobre a iniciação do garoto. Lorenzo é doce, mas também é dedicado, centrado e está decidido a ser exatamente como o pai. Meu sobrinho não se tornará o próximo Diabo se estiver protegido pela saia de sua mãe e Mellanie sabe disso. Se eu, que fui para a iniciação sem a preparação ideal consegui, Lorenzo sobreviverá. Ele tem o apoio dos pais e se tornará um homem forte.

— Você sabe que é um mal necessário, *bella*. — Eduardo volta a acariciá-la até que Mellanie relaxe em seus braços novamente.

— Saber disso não torna tudo mais fácil.

— Eu não quero atrapalhar o momento de casal. — Caminho para a saída do escritório desesperado pela ideia de bebida e comida enquanto me tranco na minha ala da casa. — Estou saindo.

— Comporte-se! — Mellanie grita, estou fechando a porta.

Faço o meu caminho para a adega da casa aos risos. Nossos pais eram amantes de espaço e ostentação, depois que eles morreram Eduardo reformou a casa para que houvesse três alas interligadas com áreas comuns. Ou seja, eu tenho a minha própria

área e uma cozinha comum em que posso roubar comida sempre que desejar. A solução perfeita para minha personalidade caótica.

Agora eu preciso de um plano.

Giulia renunciará a sua liberdade e escolhendo a mim. Uma vez que estivermos casados não haverá retorno, passaremos o restante de nossas vidas juntos e teremos que corresponder as expectativas da *Famiglia*, produzir herdeiros o mais rápido possível e prestar total apoio ao meu irmão e minha cunhada.

Sendo sincero não há muitas vantagens em entrar para os Santinelle. Giulia será um alvo constante, sempre cercada de soldados e de alta segurança, com pessoas seguindo seus passos para garantir que esteja fora de perigo.

Merda! Eu não estou me ajudando.

Preciso pensar nas vantagens e fazer algumas ligações. Não tenho muito tempo sobrando e minha festa está próxima, se quero que Giulia aceite ser minha noiva até lá, preciso começar a trabalhar. Giulia não é a conquista de uma noite, é a conquista de uma vida.



GIULIA

— Giulia há uma entrega para você aqui. — Ouço a voz de Mara fora do quarto. Com um gemido de cansaço, me obrigo a sair da cama e me arrasto até ela. Lembro de soltar e prender os cabelos novamente, arrumando os cachos rebeldes da melhor maneira possível. Ninguém precisa me ver com uma juba de leão na cabeça a essa hora.

Normalmente sou uma pessoa da manhã. Gosto de me levantar cedo para aproveitar bem o dia e ser produtiva, um hábito adquirido nos anos de escola que continuo carregando comigo, mas

noite passada meu cérebro se recusou a desligar enquanto considerava os prós e contras da oferta de Enzo.

Dio Santo, Enzo Santinelle, o Príncipe Corrompido da *Famiglia* me pediu em casamento ontem.

A parte mais chocante foi perceber que não foi um sonho, mesmo me beliscando às vezes para garantir. Tudo aquilo foi real e ele realmente me propôs um matrimônio. Eu nunca chamei a atenção de ninguém. Sempre me contentei em ser a amiga leal do grupo, nunca a mais bonita ou a que recebia mais atenção quando explorávamos a vizinhança do internato e agora o próprio Enzo Santinelle, Subchefe da *Famiglia*, personificação de beleza e agraciado pelos deuses antigos, me pediu para ser sua esposa.

Ele é impressionante e pela lógica precisa de uma esposa igualmente impressionante para estar ao seu lado nos eventos da *Famiglia*. O Chefe e a Primeira-Dama são um ótimo exemplo. Os dois causam impacto por apenas estar em um lugar, eles não precisam falar ou fazer nada, sua mera presença diz tudo. Sou uma pessoa comum, não sou dotada de uma beleza extraordinária e ter Enzo reparando em mim é um grande negócio. Tenho algum amor-próprio, mas espécimes como ele não se relacionam com pessoas comuns como eu. Sou realista demais para acreditar em algo assim.

— Desculpe. — Dou-lhe um sorriso tímido, fechando a porta do quarto atrás de mim. — Não dormi muito bem essa noite.

— Eu posso imaginar o motivo. — Mara aponta para um enorme presente na mesa do corredor. A ala dos funcionários não é muito grande, mas é espaçosa na medida certa e nos proporciona privacidade. Foi onde escolhi ficar quando retornei para Roma.

Encaro o urso de pelúcia gigante cor de caramelo com um chamativo laço de cetim vermelho em seu pescoço, há balões vermelhos em formato de coração flutuando ao redor e um buquê de rosas vermelhas com uma pequena coroa prateada de enfeite. Seja lá quem tenha sido, não se preocupou em ser discreto.

— Alguém está apaixonado? — Coço meus olhos e me aproximo de Mara para examinar o presente mais de perto. Uma das funcionárias terá uma grande surpresa.

— Diga-me você. — Solta uma pequena risada, seus olhos exibindo um brilho divertido quando me estende um pequeno papel dobrado. — O cartão diz que o presente é para a sua pessoa.

— Para mim?! — A olho estupefata. Mara concorda outra vez e me abaixo para pegar o cartão sobre a caixa no chão com estranheza. Na face do pequeno papel tem meu nome escrito em uma caligrafia bonita e masculina. Abro o papel para ler o conteúdo e me perguntando, talvez pela milésima vez, se estou presa em um sonho estranho.

Querida Giulia,

Espero que esteja considerando meu pedido. Gostaria de conhecê-la melhor, encontre comigo em minha ala ao meio-dia. Estou ansioso para vê-la outra vez.

Seu, Enzo.

— Há algo que esqueceu de me contar, minha menina?

Olho para Mara sem saber o que responder. Ela parece divertida e curiosa enquanto eu não consigo fechar minha boca escancarada. Ainda restam muitos pontos para se pensar sobre esse casamento. Não é uma decisão tão simples assim. É certo que Enzo é um homem poderoso, influente e muito bonito, mas ouvi os boatos sobre a infidelidade de seu irmão e a fama de sua família os precede em tudo.

Eles são cruéis e violentos, mesmo nunca tendo sido o alvo de sua ira, já os via caminhando pela casa cobertos de sangue em minhas curtas estadias aqui. Às vezes seus olhos azuis ficam mais claros e vidrados como pessoas possuídas. A madre superiora os teria levado para uma sala e rezado por cada um deles com água benta e talvez um padre exorcista se visse os hábitos sanguinários dessa família.

Em contrapartida Enzo levantou argumentos muito válidos. Nunca me vi fazendo faculdade ou seguindo em uma carreira prestigiada como os associados da *Famiglia*. Pode parecer besteira, mas sempre quis cuidar da minha casa, de futuros filhos e ocupar o restante do meu tempo com trabalho voluntário. Quantas casas de repouso, orfanatos ou projetos sociais precisam de uma ajuda

extra? É por isso que tenho voltado todos os anos para o colégio em que cresci para ajudar. Sempre há trabalho voluntário na vizinhança do colégio.

Não quero passar o restante dos meus dias atrás daqueles muros de pedra, mesmo sendo apaixonada por minhas atividades lá e sei que o Chefe poderia me dar em casamento para alguém a qualquer momento. Eu sou sua protegida e ele pode me usar como bem achar melhor nas relações políticas. É melhor me tornar esposa de alguém "conhecido" ao invés de um completo estranho.

— Fui pedida em casamento. — Deixo finalmente escapar.

— Oh?! Um dos soldados? — Mara acaricia meus cabelos e eu não com a cabeça antes de me ajoelhar no chão para abrir a bendita caixa. Não tenho coragem de olhar em seus olhos agora.

Ela fez tanto por mim nos últimos anos. Cuidou de mim, me educou e praticamente me criou. Mara é o mais próximo de figura materna que eu tenho e não quero desapontá-la de maneira alguma. E se ela pensasse que tentei seduzir o Subchefe ou que estou atrás do dinheiro dele? Meu pai sempre pensava o pior de mim e esse reflexo persiste em minha mente após todos esses anos. Eu não consigo me livrar disso.

— Não. — Engulo em seco mantendo minhas mãos ocupadas em desfazer o laço bonito e retirar a tampa. — Enzo Santinelle me pediu em casamento.

— Espere. Enzo Santinelle? Enzo Santinelle, o patrão? O chamado de príncipe corrompido?

Concordo com um aceno de cabeça, minha garganta fechada ao puxar para fora da embalagem um vestido branco justo. Parece ser muito caro e visualmente acredito que possa entrar em mim, mas um presente dessa magnitude é assustador. Ele não deveria tentar me impressionar com seu dinheiro, só me deixa mais contrariada.

— Eu não estou atrás do dinheiro dele, Mara. — Coloco o vestido de volta na caixa após ouvir o suspiro alto dela atrás de mim. — Ele me procurou. Não tinha ideia que ele sabia da minha existência.

— O presente é uma ação muito bonita da parte dele. O que você respondeu?

— Ainda não respondi.

— Bem, é uma escolha sua depois de tudo. Eu só me preocupo com a personalidade... pecaminosa dele. Esse homem está acostumado a ter tudo e você é muito inocente para o mundo dele.

— Ele não deveria ter mandado esse presente caro.

— Considerando a conta bancária dessa família? O presente foi apenas uma lembrancinha. — Ajoelha ao meu lado acariciando meus cabelos outra vez. — Casamentos são necessários nesse mundo Giulia. Em algum momento eles te casarão. Pelo menos você pode escolher se quer este compromisso ou não.

Olho para o urso gigante, os balões e as flores, até a pequena coroa prateada. Detesto admitir que esse presente aqueceu meu coração e que planejo dormir com a pelúcia esta noite. Enzo pode ser mais galante do que eu estava preparada para resistir. Ele ganhou alguns pontos, mesmo que todos os alarmes em minha cabeça estejam apitando e indicando perigo.

— O melhor é dizer não.

— Você não me parece muito certa sobre isso.

— Eu não tenho certeza de nada no momento. — Encaro seus olhos acolhedores, precisando de um pouco de suporte e carinho. — É uma decisão muito importante para lidar como uma brincadeira. Essas pessoas são importantes, há muita coisa com eles.

— O mais sensato a fazer é conversar com Enzo e esclarecer suas dúvidas. Se responder sim, precisa ter certeza no que está entrando e se sua resposta for não, terá segurança para continuar seus planos e esperar até que aparece o pretendente certo.

— Ele me convidou para vê-lo. — Balanço o papel entre meus dedos. — Essa pode ser a oportunidade perfeita.

— Você não deve se sentir obrigada a nada, menina. O Chefe nunca permitiria que você estivesse em perigo, mesmo que o

próprio irmão esteja interessado em você. Ele não arriscaria sua segurança.

Toco nas rosas perfumadas, sentindo um nervosismo engraçado crescer em meu estômago. Mara está certa, eu preciso sanar minhas dúvidas para conseguir ponderar minhas decisões com cuidado. Se entrarei para a família Santinelle, se deixarei de ser uma protegida, preciso estar segura sobre tudo isso.



GIULIA

Limpo o suor das minhas mãos em minha saia. Eu gostaria de parecer mais confiante sobre esse encontro, mas nunca estive nessa ala da casa a menos que fosse ajudar Mara com a limpeza. Estar aqui como convidada é estranho, saber que o dono daqui me quer como sua esposa é mais estranho ainda.

Eu nem sabia o que usar. Passei pelo menos quarenta minutos colocando minhas roupas sobre a cama e testando combinações bonitas e elegantes. Nada parecia bom o bastante e depois de muito debate comigo mesma optei pelo meu vestido para ocasiões especiais, o usei apenas em dois ou três festivais da escola. Não há nada de especialmente chamativo nele, na realidade é bem simples, mas sou encantada pela peça.

É um vestido branco soltinho, com uma fileira de botões na frente e mangas longas e largas de renda. Ele vai até pouco acima do joelho e fica perfeito com uma sandália de amarração marrom. Somando esse visual a trança raiz – forma mais prática que encontrei para domar meu cabelo, que amanheceu selvagem hoje – eu me sentia linda enquanto entrava pela ala da casa que pertence a Enzo.

Muitos corredores e portas de madeira escura. Os castiçais elétricos na parede adicionam um ar sombrio e antigo à casa de pedra. Viro em mais um corredor e me deparo com uma sala ao final

com as portas duplas abertas e uma visão direta para enormes janelas de vidro e uma mesa de bilhar.

Caminho até lá lutando para controlar minha ansiedade e encontro Enzo organizando uma mesa para o almoço. Ele está usando uma blusa azul clara que realça seus olhos, calça preta e um tênis da mesma cor. Seu cabelo escuro parece úmido e quando ele se estica vejo um colar militar pendurado em seu pescoço.

— Olá. — O saúdo com um sorriso no rosto. Não adianta deixar o nervosismo e a ansiedade me dominar. Vim até aqui por negócios, este homem pode fazer parte da minha vida permanentemente.

— Giulia. Oi. — Ele abre um sorriso brilhante que é um verdadeiro impacto sobre mim. Um dos perigos que requer minha atenção nessa negociação. Enzo é um homem lindo, sabe disso e usa sua beleza e charme ao seu favor, ele está acostumado e ter tudo o que quer e me pergunto até que ponto esse “costume” refletiria em nossa possível relação. — Você está linda.

— Obrigada. — Toco rapidamente em meu vestido, como uma espécie de reflexo por seu elogio e satisfação pelo tempo que passei escolhendo uma roupa para estar aqui. — Você também está muito bonito.

— Eu queria te agradar sem parecer cafona. — Há um meio sorriso em seu rosto quando ele fala isso e sua sinceridade me pega um pouco desprevenida. — Gostaria de se sentar?

Enzo aponta para a cadeira mais próxima dele e eu aceno em concordância. Como um galante cavalheiro ele puxa a cadeira para mim e me ajuda a me acomodar à mesa. Não sei como ele conseguiu, mas a variedade de pratos e acompanhamentos nessa pequena mesa redonda. É comida demais para apenas duas pessoas, apesar de estar encantada por tantas cores de alimentos. Foi muito atencioso da parte dele.

— Está tudo muito bonito. — Digo com sinceridade.

— Eu ainda não sei o que você gosta, por isso pedi um pouco de tudo.

— Mara fez nosso almoço? — Pergunto com um riso.

— Não, eu pedi no meu restaurante favorito do centro. A comida é muito boa, espero que você goste.

— A comida está com uma cara ótima.

— Eu quero o melhor para que possamos nos conhecer. — Abre uma garrafa de vinho. — Vinho?

— Eu aceito, *grazie*.

Enzo serve nossas taças e observo como seu antebraço é forte com veias destacadas e dorso da mão. Há pequenas cicatrizes espalhadas por seus braços, com uma longa e má cicatrizada que se estende pelo interior de seu bíceps e desaparece na manga de sua blusa.

— Conte-me tudo sobre você. — Ele se acomoda em sua cadeira com um enorme sorriso no rosto. — Eu quero saber de todos os detalhes.

— Não há muito para saber sobre mim. — Escolho um prato com um enorme pedaço de carne com legumes. É engraçado porque Enzo e eu fizemos a mesma escolha no mesmo momento. Rimos um para o outro e pego meus talheres. — Eu confesso que vim aqui hoje pensando que seria como um almoço de negócios. Pensei que teria um advogado presente ou algo assim.

— Prefiro que qualquer acordo ou contrato que precisemos fazer seja entre nós, apenas. Chamar um advogado para o almoço em que pretendo te conhecer melhor não parece a estratégia mais romântica para mim.

— Você está certo, mas não ter um advogado presente não me faz esquecer que isso ainda é uma negociação. Serei sincera, senhor Santinelle. Entrar para a sua família tem muitas vantagens, isso é inegável, mas a lista de desvantagens é o dobro do tamanho.

— Você tem razão. Eu não queria abordar as desvantagens para te conquistar, mas elas são impossíveis de ignorar.

— Aí está outro ponto. — Volto a falar. — Por que eu? Retornei para cá há poucos dias, nós não nos conhecemos e aposto como o

senhor tem uma longa fila de mulheres interessadas em ser sua esposa. Por que me escolheu?

— Primeiro, *per l'amor di Dio*, não me chame de senhor, eu detesto isso. Segundo, a pedi em casamento porque você não se parece em nada com as mulheres da *Famiglia*. Você me parece autêntica, sincera e fiel aos seus valores. Você não é uma aproveitadora e não está interessada em dinheiro.

— Como pode saber disso?

— Recusou-se a voltar para Roma e preferiu continuar no internato para trabalhar em seus projetos sociais, nunca pediu dinheiro ao meu irmão e pelo que suas finanças demonstram, você nunca usou o dinheiro que disponibilizamos para você além do que fosse necessário. Na cozinha você não sabia a marca do seu vestido e desde que voltou não perguntou ao meu irmão sobre um casamento para você. Você é a protegida dos Santinelle, Giulia; a protegida da *Famiglia*, qualquer homem do nosso meio se candidataria para tê-la como esposa.

— Se você já tem uma ficha sobre mim e a estudou, o que lhe resta saber?

— Eu li sobre suas ações, conheci sua rotina nos últimos anos e tenho um relance do seu caráter, mas tudo o que está na ficha não é o suficiente para te conhecer como eu quero.

— Fui vendida como escrava sexual para a Bratva e vocês me resgataram pouco tempo depois naquela casa deplorável. Sua família se responsabilizou pelo meu atendimento médico e tratamentos necessários. Me enviaram para um internato católico ao norte do país para que eu pudesse receber uma educação de extrema qualidade e serei eternamente grata. Até então eu nunca havia pisado em uma escola.

— E seus amigos? Você passou muitos anos no internato.

— Eu não tinha os mesmos interesses que minhas colegas. — Meu sorriso é mais depreciativo do que eu gostaria, mas ainda assim prefiro ser sincera. — É difícil estabelecer alguma conexão quando elas estão sempre comentando sobre a última ou a próxima viagem para algum lugar paradisíaco com a família ou como seus

pais eram bem relacionados, com carreiras de sucesso e muito influentes enquanto eu nem tinha mais uma família. Sou a protegida dos Santinelle, não uma parente deles.

— Isso pode mudar, Giulia. Se me der o seu “sim”, você não será uma mera parente, será uma de nós e terá uma família para chamar de sua.

— Você tem uma ficha sobre mim e eu não sei nada sobre você. — Decido desviar o assunto. Não me sinto confortável como o centro da conversa. — Isso não me parece justo.

— O que gostaria de saber?

— Tudo o que puder compartilhar. — Tomo um pouco de vinho. — Se vamos fazer isso, eu não quero me casar com um completo estranho.

Enzo me estuda por alguns segundos, dada a intensidade de seu olhar ousado dizer que parecem horas. Parte de mim espera que ele jogue alguma pergunta no ar e desvio o assunto, mas então ele larda os talheres e se recosta em sua cadeira. A imensidão azul de seus olhos focados em mim sem qualquer sinal de abalo.

— Sou o caçula dos irmãos. Meus pais morreram em um atentado quando eu tinha doze anos e Eduardo assumiu nossa tutela. Vivi escondido na Alemanha com a minha irmã por dois anos enquanto meu irmão caçava nossos inimigos. Voltei para cá na idade certa para a iniciação. Desde que me tornei um Homem Feito fui preparado para assumir como o Subchefe do meu irmão quando completasse dezoito anos. Aqui estamos agora. Nós não éramos uma família de verdade, o convívio dos meus pais com os filhos era... conturbado. Nos aproximamos e nos unimos mais quando Eduardo nos tomou como sua responsabilidade. É quando consideramos que nos tornamos uma família de verdade.



ENZO

Sua autopreservação é impressionante. Giulia ouve minhas respostas com atenção e quase posso vê-la tentando encaixar as peças em seu cérebro, como se minha história fosse um quebra-cabeça que precisa estar completo para eu ser validado como um pretendente. Não posso julgá-la por isso. Ela estará colocando um alvo gigante em suas costas se aceitar entrar para a minha família.

Felizmente nosso almoço não foi dominado pela tensão da investigação. Muito pelo contrário, conversamos sobre banalidades, rimos e degustamos a comida juntos. O clima estava leve e descontraído, mesmo que eu pudesse sentir Giulia estudando cada movimento meu.

Quando acabamos com os pratos principais, convido Giulia para sentarmos no sofá mais próximo da janela para comermos a sobremesa. Seus olhos não se afastam das janelas e eu compreendo bem o movimento, tenho a melhor vista dos jardins e é uma vasta área verde que me aproxima da natureza. Me alegra que ela aprecie a visão tanto quanto eu.

— Deseja fazer mais alguma pergunta para incluir a informação em seu relatório, Giulia?

Ela vira o rosto em minha direção, seus olhos arregalando levemente quando ela percebe que eu já estava a olhando. Sem desviar meu olhar do dela, lambo meu sorvete de chocolate e arqueio uma sobrancelha enquanto espero por sua resposta.

— Você é sempre galante assim?

— Sou naturalmente charmoso, *princesa*. Está além do meu controle.

— O que eu deveria esperar de você como noivo e como marido?

— Essa é uma pergunta interessante. — Giulia foi sincera em suas respostas e eu tento fazer o mesmo. — Quero ser um parceiro decente. É mais fácil você me dizer o que espera ou não e nós conversarmos sobre isso.

— Eu não quero ser agredida.

Eu entendo seu ponto. Agressão não é raro de se ver em nosso meio, mas é tudo sobre aparência. Preciso me lembrar que Giulia não me conhece e está apenas tentando garantir sua segurança, ela não tem culpa de eu te me sentido ofendido com esse pedido.

— Eu cortaria minha mão antes de levantá-la contra você.

— Como posso ter certeza?

— Eu sou um homem perigoso, é verdade. Sou um assassino treinado e um criminoso, mas todos os meus defeitos não justificam a falha de caráter que é agredir a uma mulher. Além disso, Melissa Santinelle é minha irmã. Ela me castraria se isso acontecesse e também há minha cunhada. Mellanie espancou duas prostitutas em um banheiro, imagina o que ela faria comigo?!

— Como seria a dinâmica do nosso relacionamento?

— Eu providerei sua segurança, sua estabilidade e qualquer outra coisa que você queira fazer. Você terá a proteção do meu sobrenome e a liberdade para fazer o que quiser. Ninguém ousaria impedir uma Santinelle.

— O que preciso fazer em troca?

— Me dar filhos. É tudo o que eu preciso.

— E depois?

— Você ficará livre para fazer o que quiser com a sua vida sem perder as vantagens que eu mencionei.

— Livre para fazer o que quiser? O que quer dizer?

— Não nos amamos, Giulia. Em algum momento você se cansará desse casamento e quando isso acontecer você pode

encontrar alguém para se divertir.

— Essa regra abre precedentes para você também, suponho.

Me limito a dar de ombros. Não quero que Giulia aceite minha proposta esperando um conto de fadas. Prefiro ser direto e sincero. Eduardo precisa que eu me case e tenha filhos, é isso o que farei. Depois que gerarmos alguns herdeiros Giulia estará livre para viver sua vida assim como eu.

— Não é um casamento por amor, Giulia. É um contrato.

— Você está certo. É um contrato.

Ela volta a olhar para a janela e por algum motivo me sinto um idiota. Me repreendo por essa irracionalidade de origem desconhecida. Envolver sentimentos não seria uma solução inteligente, dificulta a praticidade dos negócios e atrapalharia nossa relação amistosa.

— Minha festa de aniversário é em alguns dias. — Quebro o silêncio que se instalou na sala. — Eu gostaria que você fosse.

— Se eu for, o noivado será anunciado na festa, não é?

— Sim. Meu irmão ficaria muito feliz com isso.

— Eu entendo. — Giulia acena em concordância.

— Você pode usar esse tempo para pensar melhor e tomar sua decisão. O almoço foi uma boa oportunidade para nos aproximarmos, conversarmos e estudarmos um ao outro. Agora é juntar todas as informações que você colheu sobre mim e compará-las com sua listinha mental de um marido ideal.

— Como sabe que tenho uma lista?

— Sou bom em observar pessoas. É uma habilidade muito útil no meu ramo de trabalho.

— O seu ramo de trabalho permite tempo para sinuca? — Giulia ergue o queixo na direção da mesa de bilhar.

— Não tanto quanto eu gostaria, mas é uma ótima forma de liberar o estresse.

— Eu nunca joguei.

— Posso ensiná-la. Não é o jogo mais agitado do mundo, mas tem a sua cota de diversão. É muito bom para treinar mira e concentração também.

— Eu não tenho uma boa coordenação motora. Isso pode ser um problema?

— Não, é um jogo simples. — Giulia sorri docemente e volta a olhar a janela, me deixando um pouco agitado. — O que você espera do casamento?

Seus olhos retornam para mim e por alguma razão eu gosto disso. Giulia tem belos olhos castanhos que formam um conjunto com sua pele naturalmente bronzeada. Apesar de tudo o que passou, ela tem uma doçura no olhar que me mantém preso em seus olhos.

— Eu não sei o que esperar. Só não quero sofrer o que se ouve por aí. Eu acho que a *Famiglia* pode ser sufocante, ela é muito exigente e se importa mais com o que parece do que de fato é. — Encolhe os ombros como se o assunto lhe deixasse tímida. — Eu não quero que você me bata, quero ser respeitada e manter minha dignidade.

— Não posso pedir que você aceite esse negócio matrimonial para que seja desrespeitada e violada, Giulia. Eu te dou minha palavra que nada disso acontecerá com você em nosso casamento, te darei garantias para que se sinta resguardada. Você terá sua própria conta, dinheiro para que possa fazer o que quiser, seus próprios seguros.

— Quanto da sua fama é verdade?

— Da minha fama? — Por um momento sinto meus músculos contraírem com a possibilidade de ela perguntar algo sobre a *Famiglia*.

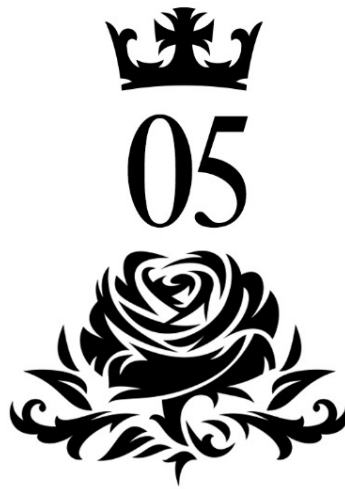
— As pessoas te chamam de “Príncipe corrompido”.

— Ah! — Solto uma risada alta, relaxando quase que instantaneamente. — Eu sou um vadio. Já me envolvi e namorei com uma quantidade impressionante de mulheres, mas sou um

homem que respeita seus compromissos e se aceitar ser minha esposa não haverá mais casos em minha vida.

— Como pode ter tanta certeza de que conseguirá parar com os casos? Um homem acostumado com tudo nunca se contenta com nada.

— Esse é um homem que não conhece seus limites e não contra a si mesmo. — Abro um pequeno sorriso para ela. — Há certas coisas a meu respeito que só poderá constatar por si mesma, com a convivência.



GIULIA

— Meu tio disse que vocês iam se casar.

Olho para Lorenzo sem saber o que responder. O pequeno veio me fazer companhia na cozinha, como sempre faz quando estou cozinhando e ele não está ocupando com uma de suas mil e uma atividades extracurriculares. Eu poderia rir de seu rosto sujo de chantili, mas seu comentário me pegou desprevenida. Nem a fofura de tê-lo atacando a vasilha que usei para bater a cobertura do bolo consegue tirar a tensão de mim sobre esse assunto.

— O que você acha disso? — Pergunto a primeira coisa que vem em minha mente.

— Eu gosto. — Lorenzo luta com a colher para pegar os restos de chantili na vasilha. — Aposto que meu tio quer se casar com você por causa da comida!

Minha risada foi alta e sincera. Lorenzo tem respostas espertas demais para a sua idade e simplesmente amo passar tempo com ele. O herdeiro da *Famiglia* é maduro e inocente ao mesmo tempo, segue uma lógica própria e propõe soluções que, em sua mente jovem, resolveria todos os problemas. Creio que seja uma mistura da preparação que seus pais realizam para o futuro Capo da *Famiglia* e de sua inocência infantil.

— Não me lembro do seu tio ter provado a minha comida.

— Então por que vocês começaram a namorar?

— Nós não estamos namorando.

— Vocês vão se casar sem namorar? — Lorenzo franze o cenho para mim e me olha com os olhos idênticos ao do pai e do tio.

Eu não entendo como a genética dessa família pode ser tão forte. A cor dos olhos é tão bela e única que chega a ser intimidante. Mesmo que seja uma criança me olhando no momento, ainda me causa estranheza e desconforto. É como se ele pudesse ver muito além de mim, observasse meu interior e conhecesse meus medos e fraquezas.

É desconcertante.

Os olhos de Lorenzo exibem uma inocência infantil, mas ao mesmo tempo seu olhar demonstra uma esperteza além de sua idade e algo mais à espreita. Talvez seja a mesma frieza e cinismo que vi em seu pai e seu tio. Saber do futuro desse garotinho gentil me causa um arrepio na espinha. Ele é um assassino em criação, um líder em desenvolvimento e um pesadelo adormecido. O sucessor do *Diabo da Família*.

Por mais que seu futuro reserve muita dor e sangue, ele ainda é uma criança e preciso me lembrar que ele não compreende por completo as complexidades do nosso mundo. É por isso que lhe dou um sorriso gentil e recolho a vasilha praticamente limpa de chantili.

— Casamento é uma decisão muito séria e preciso pensar bem antes de aceitar ou não. — Com delicadeza, pego a colher que ele ainda está segurando. — É melhor a sua mãe não pensar que você está comendo chantili. Você sabe da proibição dela sobre excesso de açúcar.

— Mas eu amo doce! — Lorenzo faz um beicinho tão fofo que quase derreto.

— Sua mãe nunca disse que você não poderia comer. — Me encosto na pia e encaro o pequeno Santinelle. É como se eu estivesse conversando com o Eduardo Santinelle criança. — Ela não quer que você coma demais.

— Meu tio disse que como muito porque sou um menino em crescimento. — Ele levanta as sobrancelhas escuras para mim, quase que me desafiando a questionar seu argumento.

— Considerando a sua família, você ainda vai crescer muito sem precisar de doce.

— Como assim?

— Seu pai e seus tios? São todos altos, incrivelmente altos. Você também ficará e não são os doces que causarão isso.

— Mas *mamma* não é alta!

— Logo você estará do tamanho dela, Lorenzo!

Lorenzo me olha com ceticismo, por coincidência Mara entra na cozinha acompanhada de um dos seguranças da casa. O homem carrega uma caixa branca grande com um buquê de rosas vermelhas em cima, mais um presente de Enzo, certamente. Ele envia flores para mim todas as manhãs desde nosso almoço em sua ala da casa.

— Menino Lorenzo esteve comendo de novo! — Mara pega um pano e o umedece na torneira antes de ir até Lorenzo limpar seu rosto. — Sua mãe não gostará de vê-lo sujo assim.

Ignorando a interação, o soldado deixa a caixa sobre a ilha da cozinha e volta para o jardim sem dizer uma única palavra. Me aproximo do objeto e vejo o pequeno cartão com meu nome escrito com uma bela caligrafia masculina. As flores não costumam vir acompanhadas de recados, o último cartão que recebi foi o convite para o almoço e a notícia se espalhou pela casa como fogo em palha seca. As funcionárias não olham em minha direção e os seguranças evitam se aproximar de mim por medo de Enzo estar observando, o que é ridículo. O homem certamente é ocupado demais para me observar perambulando pelos jardins.

Além disso, a festa de aniversário dele é amanhã e evitei encontrá-lo pela casa por medo de Enzo perguntar se eu já tinha uma resposta. Sinceramente parte de mim quer dizer sim e garantir meu futuro, mas a outra quer dizer não e procurar por alguma normalidade. Me sinto insegura somente por me imaginar ao lado de

alguém importante na *Famiglia* como o Subchefe, ser esposa dele significa que terei responsabilidades para as quais não tenho preparo algum.

Compartilhei com Mara alguns medos e ela me garantiu que eu teria ajuda, até da própria Primeira-Dama, o que me parece difícil de acreditar também. Mellanie Santinelle é a mulher mais ocupada do país, não há um único momento em que ela não esteja trabalhando ou cuidando do filho. Não vejo como ela conseguiria um tempo sem sua agenda para me instruir.

Dio, o medo está me levando a um looping de autopiedade.

— O que você ganhou, Giulia? — Lorenzo pergunta quase subindo na ilha para alcançar a caixa.

— Eu não sei. — Ergo o pequeno papel branco entre meus dedos. — Mas tem um cartão.

— Certeza que é do meu tio. — Abre um sorriso presunçoso.

— Comporte-se, garoto. — Mara fala com a mão no quadril, como ela sempre faz quando repreende alguém. — Você deveria ir se trocar. Sua mãe logo aparecerá aqui para o treino de vocês.

— Ainda temos tempo. O que diz aí, Giulia?

Rindo de sua empolgação, decido acabar logo com o suspense e abro o cartão. É tão atencioso da parte dele escrever o cartão à mão. É uma forma de demonstrar seu interesse e não posso negar que me agrada muito.

Espero que aceite ser meu par em minha festa de aniversário amanhã à noite. Aguardo ansioso por sua resposta.

Enzo.

— E então? — Mara pergunta.

— É um convite para a festa amanhã. — Retiro as flores de cima da caixa e as coloco sobre a ilha junto com o cartão. Com cuidado, desfaço o laço de cetim e retiro a tampa da caixa. Preciso afastar o embrulho para conseguir encontrar o conteúdo. — *Dio Santo.*



ENZO

— O fogo foi controlado e os soldados conseguiram impedir que o carregamento fosse roubado. — Nosso chefe de segurança entrega uma pasta com fotos do incidente para Eduardo e pela maneira como seus olhos azuis estão clareando posso afirmar que meu irmão não está longe de atirar em alguém.

Eduardo espalha as fotos por sua mesa e consigo ver a extensão do desastre. Os russos atacaram um de nossos clubes para levar algumas armas encaixotadas que tínhamos prontas para entrega. Felizmente nossos homens são bem treinados e conseguiram impedir o roubo.

Nas imagens vejo uma porta dos fundos amassada de balas. As pessoas sempre pensam que o acesso dos fundos é o mais fácil pela ilusão que os seriados de televisão, mas nossas entradas são reforçadas. As portas são grossas, pesadas e resistentes a tiros, porém o horário do ataque foi no período mais cheio da noite e alguns clientes e um punhado de garotas foram feridas. Nada muito sério, mas ainda nos causa preocupação.

Há também fotos dos feridos, dos móveis danificados no salão principal e de toda a vidraça. Copos, taças, garrafas e qualquer coisa nessa linha costumam ser os primeiros danos durante a bagunça.

— A polícia foi chamada? — Pergunto com uma sobrancelha arqueada.

— Não, senhor. Os vizinhos estão acostumados a uma confusão ou outra e não se incomodaram em chamar as autoridades.

— Os invasores? — Estendo um dedo para afastar uma foto da frente e mostrar a outra que ela estava cobrindo. Os estofados precisarão de troca, estão perfurados de balas ou sujos de sangue.

— Abatidos no local ou levados para o galpão. — Ricardo informa. — O capo de Turim cuidou da situação e conduziu os interrogatórios pessoalmente.

— O que disseram para os clientes? — Meu irmão pergunta.

— Foram recompensados. Conduzidos para outros clubes próximos e ganharam uma próxima visita gratuita, com bebidas incluídas e garotas à disposição.

— Bom. — Eduardo se recosta na cadeira e coça sua barba olhando para as fotos. — *Grazie* pelas informações, Ricardo. Eu gostaria de conversar apenas com meu irmão.

— Senhores. — Ricardo inclina brevemente a cabeça antes de se retirar do escritório.

Observo Eduardo brincar com o anel de caveira em seu dedo, seus olhos percorrendo as imagens em sua mesa. Pego o copo seu copo vazio e caminho até o aparador para repor seu uísque, assim como me servir também. Sei que seu momento está chegando e uma bebida pode ajudá-lo a lidar com seu demônio interno. Ninguém precisa de Eduardo Santinelle possuído a essa hora do dia.

Em silêncio abasteco nossos copos com a bebida sagrada dos deuses e retorno para a mesa. Dessa vez eu não fico de pé atrás do Eduardo, me sento em uma das cadeiras à frente e coloco o corpo perto do diabo enquanto me recosto com um gole generoso e espero até que ele se manifeste.

— Eles estão ousados.

— São como pragas de jardim. — Dou de ombros. — Nada que um bom inseticida não resolva.

— Nós não os atacamos há um tempo e isso lhe deixou mais confiantes.

— São russos, Eduardo. Devíamos esperar algo diferente?

— Tem razão. Os danos causados são insignificantes perto do que faremos a seguir.

— Hum. Você já se sente pronto para compartilhar seus pensamentos obscuros comigo, diabinho? Estou orgulhoso que nossa relação esteja evoluindo dessa maneira.

— Não é hora para as suas gracinhas, Enzo.

— Você está arquitetando algum plano maluco que certamente colocará nossas vidas em risco e eu não posso desconstrair um pouco? Que barbaridade!

— Nossas vidas já estão em risco. — Meu irmão apoia seu cotovelo na mesa e apoia dois dedos em sua têmpora enquanto bebe do uísque eu repus. — Eu só arriscarei um pouco mais a sua.

— A minha?

— Você é o Subchefe, precisa ter a sua colaboração.

— Está mesmo disposto a sacrificar seu irmão caçula em uma frente de guerra?

— Não precisamos do seu drama também! — Eduardo tem aquele olhar em seu rosto, aquele que aprendi a reconhecer enquanto crescia que avisa sobre algo completamente maluco chegando. — Você não estará sozinho.

— Oh! Será bondoso ao ponto de mandar o chefe de segurança comigo ou vai mandar o segundo no comando? Seria poético, assim ficamos os dois substitutos arriscando nossas vidas.

— Leandro vai na viagem também, mas eu me referia a Melissa.

— *Per l'amor di Dio*. O que diabos eu te fiz para mandar Melissa em uma lição comigo? Ok eu sou o caçula, posso ter meus momentos de te irritar por esporte, mas me mandar para um trabalho com a nossa irmã é castigo demais!

— Ainda que você não goste ela ainda é nossa irmã, é uma lutadora experiente e está tão sedenta por vingança quanto nós!

— Lissa te fez prometer que a colocaria na viagem, não foi?

— Exatamente.

— Você me envergonha, Eduardo. Se eu tivesse um coração ele estaria partido em milhares de pedaços.

— Não estou preocupado com seus sentimentos ou a falta deles. — Começa a recolher as fotos para guardá-las de volta na pasta. — Falando nisso, como vai a sua busca por uma noiva?

— Não há busca, eu já tenho uma candidate e você sabe bem disso.

— Eu também disse que não obrigaria Giulia a casar com você.

— Ela não se casará obrigada. Eu estou trabalhando nisso e sou muito bom em convencer as pessoas, especialmente as do sexo feminino.

— Entende que você passará o resto da vida com ela, não apenas uma noite, e que se charme pode não ser o suficiente?

— Sua falta de fé nas minhas habilidades quase me ofende, irmão.

— *Quase?*

— Não dediquei muitos anos de trabalho ao meu ego para que ele seja frágil dessa forma.

— Quando terá uma resposta dela?

— Amanhã à noite. Se eu aparecer na festa com Giulia ao meu lado você poderá anunciar a todos que sou um noivo feliz. Faremos um casamento simples e rápido em breve e dedicarei cada minuto da minha lua de mel em te dar um sobrinho, como você pediu.

— Esse é o tipo de planejamento sobre a sua intimidade que eu não preciso saber.

— Sou jovem demais para casamento e filhos, mas você me pediu e é isso que estou fazendo.

— Você tem a idade que eu tinha quando me casei com Mellanie. Aos vinte e seis as pessoas lembram mais que você está perto dos trinta que dos vinte.

— É por isso, querido irmão, que eu não me importo com o que as pessoas falam ou pensam. Minha vida já é complicada o suficiente sem a opinião de terceiros.

— Você está certo. — Eduardo fala. — Por que não vai cortejar sua pretendente? Eu preciso verificar mais alguns detalhes sobre o

plano contra a Bratva.

— Não vai me contar?

— Não agora.

— Você me deixa saber que arriscará a vida dos seus irmãos, mas não me conta sobre o plano?

— A vida não é justa e eu não contarei nada até ter estudado todos os cenários possíveis e garantir que tudo saia como o esperado.

— Uma única dica?

— Saia Enzo!

— Você já foi mais complacente comigo, irmão.

— Sim, quando você era uma criança. Agora é um homem adulto e eu não preciso me preocupar com os seus sentimentos. — Ergue a pasta e arqueia uma sobrancelha para mim. — Eu preciso voltar ao trabalho e suponho que você também.

— Quer que eu corteje Giulia ou trabalhe?

— Faça o que quiser, desde que me deixe em paz.

— Muito bem. — Deixo meu copo vazio em sua mesa e fica de pé. — Você pode repor sua bebida sozinho.



ENZO

— O senhor está nervoso. — Fala sentado com as pernas cruzadas no sofá assistindo algum vídeo aleatório no celular.

— É claro que não estou nervoso. — Termino meu uísque em um único gole. Aparentemente a bebedeira de ontem não foi o suficiente. — Eu nunca fico nervoso.

— *Papà* disse que o senhor acordou nervoso hoje. — Seus olhos azuis desviam da tela para me encarar. Ensino muitas coisas a esse menino, mas esse olhar julgador não foi uma delas. Culparei seu pai por isso.

— Seu pai está bravo porque soquei a cara dele no treino de hoje. — Deixo meu copo sobre o bar sabendo que não poderei abusar da bebida hoje. Infelizmente estou dirigindo e um copo me parece o suficiente para acalmar meus nervos. — Eu te criei melhor que isso Lorenzo.

— Tenho oito anos, ainda não estou totalmente criado.

— Quem te ensinou a ter essa boca esperta? Eu preciso conversar com essa pessoa.

— Foi o senhor e *mamma* fala a mesma coisa sobre conversar contigo. — Arqueia uma sobancelha escura para mim. Muito jovem para ser possuído por um espírito de adulto. — Ela diz que o senhor é uma má influência.

— Você me acha uma má influência?

— Não. O senhor me dá sorvete depois do jantar e me deixar assistir televisão até de madrugada.

— Porque sou seu tio e meu trabalho é estragar toda a disciplina que seus pais te dão.

— *Papà* disse que ficará fora até mais tarde hoje.

— O que você quer, pequeno diabinho?

— Posso dormir na sua ala hoje?

— Você quer acabar com o meu sorvete?

— *Mamma* disse que doce não é permitido depois do jantar.

— Quem ficará com você?

— Mara.

— Então você pode, mas é melhor escovar os dentes depois ou sua mãe matará a nós dois se você tiver alguma cárie.

— Tudo bem. — Cantarola ao descer do sofá. — Titio?

— Sim?

— Quando poderei ir às suas festas?

— Quando sua mãe estiver velha e voltar para casa cedo demais para não ver o você aprontar por lá.

— Tem muito sorvete?

— Sim, muito sorvete depois do jantar e apenas adultos podem comer.

— Um dia eu terei minhas próprias festas.

— *Dio* nos ajude quando esse dia chegar.

Lorenzo desceu do sofá rindo e dizendo que iria procurar Mara. Lamento que Eduardo e Mellanie já tenham saído para a festa. Me vejo sozinho na sala com meu nervosismo ameaçando crescer. Giulia chamou minha atenção como ninguém fazia há tempos e ideia dela me rejeitar é um tanto assustadora, o que é estranho já que as mulheres não me rejeitam e essa possibilidade nunca passou pela minha cabeça antes.

E se ela o fizer?

Eu teria que procurar uma das moças da *Famiglia* e essa opção me deixa doente. Imagine se eu precisasse me casar com Donatella DeLuca? *Dio Santo*. Essa casa não seria grande suficiente para caber a mim e o ego dela. Precisaríamos reformar alguns cômodos para expandir um closet para ela. É a pior perspectiva de casamento possível. Onde eu colocaria minha mesa de bilhar? E a minha sala privada com uma enorme televisão de tela plana? Meu coração está acelerado e me falta ar, se meus pensamentos continuarem nessa linha terei um ataque de pânico em breve.

Sob essa perspectiva horrorosa de futuro não percebi a entrada de alguém na sala e inferno, é a visão perfeita do paraíso. Giulia com o vestido branco que enviei para ela. O tecido colado em suas curvas com um decote maravilhoso que destaca seus seios e uma pequena fenda da coxa que cativa minha atenção. Seu cabelo solto com cachos em todas as direções. Um olhar inocente e inexperiente, o total oposto de seu corpo feito para o pecado. Ela se aproxima com um sorriso tímido no rosto e sei que estou fodido.

Bonita demais.

Inocente demais.

— Olá. — O sorriso em seu rosto é tímido e me deixa fascinado.

— Você veio! — Uma coisa idiota para se dizer. Se Melissa estivesse aqui estaria rindo de mim agora.

— Eu considereirei todas as opções. — Giulia acaricia o próprio braço, como se testasse controlar o nervosismo. — Seus argumentos são fortes.

Um alívio indescritível me domina. Sinto como se estivesse dez ou quinze quilos mais leve. Estarei noivo de alguém que eu escolhi e não de alguma Donatella DeLuca. *Grazie Dio*. Minhas perspectivas de futuros parecem muito promissoras agora.

— Eu preciso confirmar que você está ciente dos termos *principessa*. — Observo suas reações com atenção. O relaxamento em meus ombros é quase doloroso quando ela assente. — Eu preciso me casar e preciso de um herdeiro rápido.

— Eu entendo.

— Nós viveremos aqui. Na minha ala, precisamente. Preciso estar próximo do meu irmão, é mais fácil para o trabalho. Isso a incomoda?

— Não, senhor.

— Nós já falamos sobre isso, *principessa*. Senhor é o meu irmão, eu sou Enzo. Sou seu noivo agora, me chame pelo nome.

— Enzo. — Seu sorriso tímido é incrementado com um belo tom de rosado nas bochechas. Seu rosto tem pouca maquiagem e isso só destaca ainda mais sua beleza natural.

— Preciso fazer isso direito. — Me ajoelho no chão, pegando a pequena caia de veludo azul no bolso interno do meu paletó e a abrindo para Giulia, revelando o anel de diamantes que comprei ontem. Não é exatamente uma peça única, já estava disponível na joalheria, mas Giulia não parece ser uma pessoa exigente sobre isso. — Giulia, me daria a honra de ser minha esposa?

Seus olhos escuros me olham perplexos, seu sorriso transforma-se em uma expressão de surpresa e dou-lhe meu melhor sorriso. Leva algum tempo para ela assimilar tudo o que está acontecendo e consentir enquanto me estendia sua mão. O belo anel de diamante lapidado em forma de coração com pequenos diamantes aos redor desliza por seu dedo com facilidade.

— É lindo. — Sussurra para si mesma, olhando para os brilhantes em sua mão com admiração. Giulia me presenteia com um sorriso brilhante e preciso conter o impulso de selar esse pedido com um beijo. Ela parece alheia aos desejos carnavais, não que seja uma surpresa considerando seu tempo naquele convento, e beijá-la agora poderia assustá-la. — *Grazie*, Enzo.

— Combina com você *principessa*. — Me levanto do chão, oferecendo meu braço para acompanhá-la. — Eduardo anunciará nosso noivado hoje na festa. Oficializaremos tudo.

— A imprensa pode estar lá. — Aceita o braço oferecido e nos conduz para fora, onde meu Bugatti nos espera. — Eles descobrirão sobre minha vida.

— Isso não é um problema real *princesa*. Eles podem tentar procurar, mas não conseguirão encontrar muito. A imprensa sabe os limites que estabelecemos e sabe o que pode acontecer se nos irritar.

— Suas conquistas estarão lá?

— Algumas, sim. Eu tenho um passado recente muito... sociável. Algumas mulheres com quem me relacionei não podem ser evitadas.

— Não teme a reação delas a um noivado relâmpago?

— Eu nunca fui delas. Não dá para sentir falta do que você nunca teve.

— Nem todo mundo pensa assim, senhor Santinelle.

— Na dúvida, ignore-as. Eu sou um homem comprometido agora e o passado ficou no passado.

— Passado *recente*. — Giulia me lembra.

— Ainda assim continua passado, não é?

— É um bom argumento.



GIULIA

Tento acalmar meus nervos quando entramos no salão lotado. Eu não esperava tantos fotógrafos na entrada do hotel e suas perguntas indiscretas. Também me é estranho ter um homem tão próximo de mim. Enzo tem seu braço enlaçado em minha cintura enquanto caminhamos até o Chefe e a Primeira-Dama, atraindo a atenção de todos para nós e ele distribuindo sorrisos, acenos e piscadelas.

No colégio não havia homens e nos meus tempos em casa nenhum dos soldados ousava se aproximar muito. De alguma forma

todos me consideram um território proibido por estar debaixo das asas de Mara em casa e ainda a protegida dos Santinelle.

No início a ausência de homens da minha vida foi bem-vinda, considerando tudo o que me aconteceu, mas com o tempo eu ouvia todas as garotas cochichando sobre suas aventuras fora da escola e ficava curiosa. Não tive amigas lá, uma colega ou outra com quem falava ocasionalmente.

Lembro de uma vez em que uma delas falava sobre seu encontro secreto com um homem qualquer e que ele a havia dado prazer com os dedos, eu estava apenas escutando, mas a pergunta "como isso é possível?" escapou de meus lábios antes que eu me desse conta. As outras garotas riram e fizeram piadas comigo, como resultado eu evitei mais questionamentos como aquele. Parecia idiota meu desconhecimento de causa quando elas riam e conversavam sobre suas vidas íntimas sem vergonha alguma, era natural para elas.

Na única vez em que perguntei a Madre Superiora sobre o que acontecia entre um homem e uma mulher ela me disse que eu deveria rezar e ocupar minha mente com coisas mais importantes e rezar e foi o que eu fiz. Agora, nos olhos de Enzo, vejo aquele mesmo brilho malicioso das meninas de anos atrás e não consigo me sentir confortável com isso.

— Tudo bem, *principessa*?

Desperto do meu mundinho fechado e encontro Enzo me encarando. Suas imensidões azuis genuinamente preocupadas comigo. Eu não tinha percebido que estava caminhando de modo automático, era uma hábito no colégio. Não se tinha uma televisão ou celulares para se distrair por lá e com o tempo você aprende a se ocupar dentro da própria cabeça.

— Giulia? — Me chama outra vez e vejo que me perdi de novo. — Tudo bem?

— Sim. — Engulo em seco, dando-lhe um aceno conciso de cabeça. — Por que a pergunta?

— Veja está rígida, querida e esse é uma festa.

— Sim. — Dou-lhe mais um aceno, eu deveria controlar meus nervos e parar de agir como uma garotinha assustada agora. — A sua festa. Eu... eu sinto muito por estar tão distraída. Farei melhor para socializar com seus convidados. Eu prometo.

— Não me importo com os convidados. — Seu rosto, normalmente relaxado e despreocupado, arruma uma expressão séria e determinada. — Quero que você esteja confortável.

Um sorriso tímido cresce em meu rosto. Sua preocupação com meu bem-estar parece genuína e não sei como agir sobre isso. É fofo e me causa receio na mesma medida.

— Eu estou bem. Apenas perdida na minha própria cabeça.

— Se algo incomodar me diga, ok? Eu cuidarei de tudo.

— *Grazie*.

— Enzo não prenda a atenção dela em você! — A senhora Mellanie se aproxima de nós com um brilhante sorriso no rosto. Seu vestido verde longo e justo parece destacar seus olhos. Ela tem esse poder atrair os olhares para si. — Eu estava necessitada de uma companhia de verdade por aqui.

— O que posso fazer se sou um acompanhante maravilhoso ao ponto de Giulia não querer ir para longe, cunhadinha? — Enzo coloca a mão livre sobre o peito de maneira dramática. — Sou incrível.

— Não acha que precisa falar com seus convidados? — Ela arqueia uma sobrancelha para ele antes de vir ao meu lado e entrelaçar seu braço no meu. — Temos conversas de garotas pendentes.

— Eu poderia apresentar minha noiva.

— Manter o mistério até a hora do anúncio pode ser bem mais divertido. — Mellanie se vira para mim com um meio sorriso no rosto. — O que acha Giulia?

Olho entre os dois. Algumas pessoas ao redor estão tentando acompanhar essa troca e não quero chamar mais atenção agora. Posso usar meu tempo como Mellanie para me preparar mentalmente até a hora do anúncio.

— Ficarei com a senhora Mellanie.

— Mellanie, querida. Nada de senhora, seremos da mesma família.

— Volto logo. — Enzo abre um sorriso sedutor para mim. — Falarei com alguns convidados e não pretendo demorar. Não acredite em nada do que Mellanie te disser.

Com uma última risadinha, Enzo desaparece na multidão que nos cerca e já o encontro em um grupo de homens rindo com o Chefe da Família. Todos aqui estão muito bem-vestidos e parecem acostumados com esse tipo de evento.

— Eu conheço esse olhar. — Senhora Mellanie atrai minha atenção outra vez, falando baixo para que apenas eu escute, mesmo com a música ambiente ao fundo. — Não deixe que toda a visão te cause insegurança. Essas pessoas são como abutres procurando por uma única brecha para atacar.

— Eu não sei como me portar. A teoria é muito diferente da prática. Não se parece em nada com as aulas de etiqueta que tive.

— Logo se acostumará, tudo é questão de prática. — Estende a mão para pegar uma taça de vinho de um dos garçons transitando. — Seja cuidadosa. As festas do Enzo costumam misturar pessoas da Família e mundanos. É um território instável.

— Mellanie, querida, quanto tempo! — Uma voz cantarola atrás de mim, pouco antes de uma jovem loira de vermelho aparecer na minha frente.

— É senhora Santinelle, Sandra. Eu não te concedi nenhuma intimidade.

— Como sempre tão formal. — A jovem força uma risada ensaia e foca seus olhos claros em mim. — Você não me é familiar. Primeira vez aqui?

— Giulia, essa é Sandra Favre, modelo da Victoria Secret.

— Tenho novos contratos com outras marcas. — Seu sorriso é educado, mas o olhar me deixa desconfiada, há um brilho maldoso em seu olhar. — Quem é você?

— Meu marido finalmente terminou sua conversa. Nos falamos depois, senhorita Favre. — Mellanie lhe dá um sorriso

ensaiado, porém mais verdadeiro que aquele oferecido por Sandra.
— Me acompanha, Giulia?

— É claro. Com sua licença, senhorita Favre.

— Desculpe por isso. — Mellanie volta a falar quando já estamos longe o suficiente dela e marchando na direção do Chefe.
— Ela é incansável.

— Qual é a história com ela?

— Foi um... Ela teve um envolvimento com o Enzo, mas sempre quis um relacionamento mais sério e meu cunhado não. Agora lhe falta amor-próprio e ela está sempre o perseguindo como uma lunática. Não sei por que ele a convidou.

— Você disse que ela é modelo?

— Sim, mas não se atente a isso. Enzo foi uma pessoa bem... digamos... ativa em sua vida amorosa. Não sei que tipo de status há em se envolver com ele, mas ele tem uma longa lista de mulheres obcecadas. Em algum momento você começará a sentir vergonha alheia pelas coisas que elas fazem.

— Nossa! — Uma fala boba, mas eu não tenho realmente algo para dizer.

— Infelizmente você precisará se acostumar com as malucas, Giulia. A menos que pretenda correr para longe antes do anúncio, o que eu não estou te incentivando a fazer, vocês logo estarão casados.

— Eu imaginei que haveria conquistas passadas aqui e Enzo me disse para ignorá-las.

— Ele não deveria convidá-las, mas já que estão aqui, o melhor a ser feito é seguir o conselho. A maioria delas seguiram suas vidas ou se limitam a um sorriso malicioso ou outro. Infelizmente uma perseguidora ou outra escapa.

— Você não gosta muito delas, não é?



ENZO

— Ninguém imaginou que esse dia chegaria, mas aqui estamos. — Eduardo balança um pouco a cabeça, conseguindo risadas dos convidados. Meu irmão ainda mantém esse carisma dos tempos de garoto rico que consegue envolver qualquer multidão. Útil, considerando sua posição. — Meu irmão está noivo. Essa bela mulher ao seu lado é a causa do desejo de Enzo por formar uma família.

Eduardo ergue sua taça de champanhe em nossa direção e os convidados se voltam para nós. Meu braço está ao redor da cintura de Giulia e sinto quando ela dá um pequeno passo em minha direção buscando algum tipo de proteção contra os olhares alheios.

— Tudo bem? — Perdi as contas de quantas vezes perguntei isso a ela, mas sinto que preciso garantir seu bem-estar. Giulia é nova nesse tipo de ambiente e ter passado sua vida presa numa convento não ajuda muito com meu instinto. Ela é inocente e despreparada.

— Sim. — Dá um pequeno aceno de cabeça passando as mãos pela saia do vestido. Já percebi que esse é seu hábito nervoso. — Apenas... muitas pessoas nos olhando.

— Deixe-os olhar. — Envio uma piscadela para ela, um sorriso despreocupado em meu rosto na tentativa de mostrar a ela que está segura e que pode relaxar. — Somente curiosidade.

— Bem-vinda à família, Giulia. — Eduardo bebe sua bebida e uma onda de aplausos começa. Giulia sorri educadamente para os convidados ao nosso redor que nos felicitam.

Eu não deveria agir tão impulsivamente, mas me encontro fascinado. Não é preciso ser um especialista para perceber que Giulia é uma criatura tímida, de hábitos discretos e acostumada a passar despercebida – mesmo que esse último soe impossível para mim, ela parece acreditar nisso. Estar sob o holofote é uma mudança muito grande e ela está se esforçando bastante para se misturar a festa.

— Eu preciso admitir que vocês formam um casal lindo. — Mellanie fala com um sorriso carinhoso para Giulia. Meu irmão está logo atrás da esposa, seu olhar me diz que ele quer conversar. — O que acha de roubarmos um pouco daqueles docinhos Giulia? Confesso que estou desejando um pouco de açúcar hoje.

— Mais é claro. — Giulia sorri e sai da proteção que meu corpo havia criado para ela, envolvendo seu braço no de Mellanie e iniciando uma conversa acalorada quando as duas se afastam.

— Elas parecem amigas de longa data. — Eduardo diz ao meu lado com as mãos nos bolsos na calça. As pessoas se dispersaram um pouco ao nosso redor. Meu irmão consegue cativar e assustar a todos na mesma proporção. Elas querem o agradar, mas têm medo de se aproximar.

— Sim, elas parecem. — Observo quando Mellanie faz um pedido a um dos garçons e ele desaparece na cozinha, logo ela e Giulia estão conversando outra vez. Giulia parece confortável com Mel, o que me deixa mais tranquilo. — Preciso agradecer Mellanie depois por deixar tudo mais confortável para Giulia.

Mais um dos traços de sua personalidade que reparei essa noite. Giulia foca sua atenção totalmente na pessoa com quem está falando, nunca desviando o olhar para outro lugar ou parecendo apressada para sair, mesmo não entenda sobre o assunto. Nas conversas que tivemos juntos com algumas pessoas importantes da Famiglia, Giulia não entendia sobre o assunto "negócios", mas foi muito cordial e encantadora.

— Corrompeu a menina?

— O que? — Me obrigo a desviar o olhar de Giulia e encarar meu irmão e sua típica expressão neutra. — Ela parece corrompida?

— Estou surpreso por ela ter aceitado sua oferta tão facilmente.

— Posso ser muito convincente quando eu quero e não, não precisei corromper ninguém. Ainda.

— Agora está feito. Não há como voltar atrás. A imprensa nos cercará pelos próximos dias atrás de detalhes.

— Libere uma história qualquer, uma que consiga acalmar os ânimos até que o casamento aconteça de fato. Não podemos arriscar tanta atenção sobre nós agora.

Eduardo me dá um aceno conhecedor. Ele sabe que a guerra contra a Bratva é sangrenta e não explícita. Conseguimos manter tudo em sigilo nos últimos anos, porém tem ficado cada vez mais violento e sanguinário.

Os russos se negam a entregar Henry Johnson e este traidor, por sua vez, é esperto o suficiente para não sair do território. Uma pena, teria sido muito mais divertido separar sua cabeça do corpo ao invés de matar inúmeros soldados inimigos.

O que não conseguimos descobrir ainda é porque o Cyzarine está escondendo o fodido Johnson. Johnson não tem mais recursos, seu dinheiro e suas propriedades foram confiscadas. Por mais que ele ainda tenha um grupo pequeno de apoiadores insanos dentro da Famiglia só conseguiria o poder matando meu irmão, meu sobrinho e eu e ainda enfrentaria a resistência dos apoiadores da minha família. Essa guerra é um gasto grande demais para uma incerteza.

— Não esqueça que temos uma reunião amanhã. — Eduardo arqueia uma sobrancelha para mim. — Nada de festejar até o meio-dia.

— Sou um homem comprometido agora, eu não vadio até o meio-dia.

O som de vidro quebrado seguido por exclamações atrai nossa atenção. Os convidados abriram espaço, deixando a cena se desenrolar. A música ambiente para e o silêncio no salão poderia

ser cortado com uma faca. Mellanie tem um olhar mortal no rosto e parece pronta para matar Sandra Favre, que segura uma taça vazia e está horrorizada.

O garçom ao lado da minha cunhada segura um prato com doces e olha para Giulia com espanto. Minha noiva, por sua vez, está incrédula e se vira para tentar olhar as próprias costas. É nesse momento que eu vejo uma enorme mancha roxa em seu vestido branco escorrendo por suas costas até seus quadris.

— Oh, querida! Me perdoe. Eu tropecei em meus próprios pés, você sabe como saltos podem ser instáveis. — Sandra suplica entregando a outro garçom a taça vazia. — Arruinei seu vestido. Sinto muito.

— Tudo bem. — Giulia murmura encarando a mancha roxa avermelhada. — Foi um acidente.

Eu já estou em movimento, retirando meu blazer e tentando chegar em Giulia o mais rápido que minhas pernas conseguem me levar. Eu não me importo com quem precisei atropelar ou empurrar para tirar do caminho.

— Acidente? — A voz de Mellanie é dura deixando claro seu desagrado. — Você não é uma modelo, *cazzo*? Tem mais domínio em um salto que todos aqui!

— Acho que podemos ir para casa, não é mesmo *principessa*? — Jogo meu blazer em seus ombros. O tecido a cobre como um sobretudo.

— Sim, podemos ir.



GIULIA

— Então isso foi proposital. - Mara resmunga enquanto me ajuda a sair do vestido caro e completamente destruído.

— Não, a mulher tropeçou. Isso pode acontecer com qualquer pessoa.

— Modelos estão muito acostumadas com saltos querida. — Mara vem para a minha frente quando começo a deslizar o vestido por minhas pernas, o tecido grosso e molhado não ajuda muito. — Algumas pessoas fazem coisas ruins de propósito.

— O que ela ganharia em troca? Ela é uma modelo famosa e eu... eu sou apenas a Giulia.

— Giulia, *mia cara*. — Toca meu rosto com a palma de sua mão, sua expressão carinhosa faz com que eu me sinta acolhida. Foi a mesma expressão que vi em seu rosto quando acordei no hospital anos atrás. — Você sempre foi preciosa demais para esse mundo. Você será uma mulher importante, a esposa do Subchefe, as pessoas vão invejar você.

— Por quê? — Deixo o vestido estendido em minha cama e caminho até minha cômoda para pegar uma roupa para dormir. — A posição é do senhor Santinelle, não minha.

— Há pessoas simplesmente más no mundo. A maldade se manifesta de muitas formas. Uma mentira, uma trapaça, um comentário maldoso, uma atitude ruim... Tudo porque alguém é tão infeliz consigo mesmo que não suporta a ideia de outra pessoa estar feliz.

— Não pode mesmo ter sido um acidente? — Visto minha calça de pijama e uma regata velha. Sei que posso soar como uma boba neste momento, mas a negação me parece o caminho mais seguro. — Não quero pensar que aquela mulher agiu dessa maneira propositalmente.

— É pouco provável que tenha sido um acaso. — Suspira pesadamente olhando para o belo vestido manchado. — Darei um jeito nessa mancha e o vestido ficará como novo.

— Ela disse que o vestido estava arruinado.

Eu já contava com a presença de seus relacionamentos passados na festa, havia me preparado para receber perguntas indiscretas ou mesmo criar uma versão enfeitada de como nos conhecemos e como foi o pedido de casamento. Contudo, em

momento algum imaginei que sairia de lá escoltada pelo meu noivo e contando com seu paletó para esconder uma enorme mancha de bebida.

O que aquela mulher ganharia derrubando bebida em mim? Ela achou que um pouco de vinho em um vestido branco destruiria o noivado? Enzo se encantaria por sua atitude grosseira e magicamente juraria seu amor eterno? Não há impulsividade que justifique uma ação infantil como esta.

— Bobagem. — Pega o vestido e o coloca sobre o braço junto com o paletó que Enzo me cobriu. — Pessoas ricas desconhecem produtos de limpeza. É mais fácil para eles substituir a roupa. É apenas uma mancha de vinho, com a misturinha certa não haverá vestígios nesse vestido.

— *Grazie*, Mara.

— Não é nada. Descanse um pouco, minha preciosa. Amanhã é um novo dia!

Mara abriu a porta do quarto para sair, porém Enzo estava parado ali, sua mão estendida pronta para bater à porta. Seus olhos azuis dançavam entre Mara e eu até que um sorriso brilhante aparecesse em seu rosto perfeito. Os cabelos ondulados e rebeldes como se ele tivesse passado a mão por eles muitas vezes. Eu não sei como é possível, mas os pais desse homem fizeram um grande trabalho.

— Mara não esperava te encontrar aqui. — Ele é o primeiro a falar. Sendo sincera, não é preciso muito esforço de sua parte para ser charmoso, ele apenas é e sabe muito bem usar isso a seu favor.

— Menino Enzo, se perdeu pela casa? A sua ala é no extremo oposto daqui.

— Não seja tão cruel. — Coloca a mão sobre o peito de modo teatral. Ele costuma fazer muito isso, pelo que pude perceber. — Eu vim ver minha noiva.

— Não lembro de você ter me pedido permissão para se casar com ela. — Mara arqueia uma sobrancelha para ele. — Giulia é a minha menina.

— *Dio Santo!* Minha cabeça esteve tão cheia de problemas que ousei me esquecer dessa parte importante do pedido. Perdoe-me, Mara. Eu serei um homem melhor a partir de agora. Perdoe-me.

— Toma uma respiração profunda antes de fazer uma expressão fofa, como um cachorrinho carente. Seus olhos parecem duplicar de tamanho e ganham um brilho diferente, sem me esquecer de que ele está fazendo beicinho. *Own.* Eu o adotaria se fosse um filhote.

— Mara... Mara, Mara, Mara. A figura feminina mais importante da casa, aquela que nos mantém em ordem e nos caminhos da disciplina e que não permitiu que eu e Melissa morrêssemos de fome sempre que Eduardo tentava cozinhar. Você sabe que é uma mulher especial, muito importante para mim e que nunca poderei reunir em palavras o tamanho da minha gratidão por ensinar aos meus irmãos e a mim sobre sobrevivência básica na cozinha, mas estou encantado por sua filha. Foi um golpe forte e ainda não sei de onde veio, mas dou minha palavra de que cuidarei e honrarei Giulia até meu último fôlego de vida. Eu tenho a sua bênção?

— Você é um bom homem. Precisa melhorar sua fama, mas sei que cuidará da minha menina, especialmente porque *eu* faço a sua comida. Tem a minha bênção.

— *Grazie.* Você não precisa se preocupar, assim que nos casarmos você poderá encerrar suas atividades. Proverei tudo o que você precisar e mais.

— Não.

— O que?

— Não. Eu gosto do meu trabalho e não serei sustentada por ninguém. Apenas cuide da minha menina e você terá quantos bolos quiser.

— Eu poderia me casar com você.

— Giulia é mais jovem, fique com ela. — Mara se vira uma última vez para mim com um pequeno sorriso no rosto. — Cuidarei do vestido e lavarei o paletó.

— *Grazie.* — Dou-lhe um sorriso antes de ela sair do quarto e fechar a porta atrás de si, deixando Enzo e eu sozinhos. — Sinto muito por hoje. Tivemos que sair mais cedo da sua festa.

— Eu não ficaria até o final de qualquer maneira. — Dá de ombros. Ele ainda veste a roupa social da festa, mas agora as mangas da camisa estão dobradas até os cotovelos. — Se quero me tornar um respeitável homem de família preciso trabalhar esses atributos e festejar até o amanhecer não se encaixar entre eles. De qualquer forma, não é por isso que estou aqui. Tenho um convite para fazer.

— Um convite? — Entrelaço meus dedos em minhas costas.

Me sinto desajeitada agora e não sei como agir diante dele. Nunca fui o foco de um homem tão bonito antes e saber que esse homem lindo agora é meu noivo me faz sentir como se estivesse presa em um sonho estranho, porém bom. Preciso me acostumar com sua proximidade.

— Sim, um convite. Prometi levar meu sobrinho amanhã à noite em um parque de diversões aqui perto. Gostaria de ir conosco?

O convite imediatamente me anima. Eu sempre quis ir a um parque de diversões, mas nunca tive a oportunidade. A primeira vez que vi um foi pela televisão de uma vizinha. Meu pai não sabia que eu assistia escondido pela janela no meu quarto. Objetos eletrônicos nunca foram permitidos em casa e eu não tinha permissão para sair. Aprendi o que era internet no colégio interno e se as freiras não tivessem me ajudado com o básico as piadinhas das colegas teriam piorado muito. Então sim, eu quero muito aceitar o convite, mas o medo de causar algum incômodo e Enzo desistir de tudo é maior.

— Tem certeza? Eu não quero atrapalhar a noite de tio e sobrinho.

— Lorenzo gosta muito de você e será uma ótima oportunidade para nos conhecermos e nos divertimos um pouco. — Enzo movimentava as sobrancelhas com ar sugestivo, mas não entendo o que ele está sugerindo então decido ignorar. Ele pode estar se referindo a algum brinquedo específico que é muito divertido. — O que acha?

— Maravilhoso! Eu nunca fui a um parque de diversões.

— Nunca?

— Não. — Engulo em seco, não querendo entrar em detalhes obscuros agora. — Não havia nenhum perto do colégio.

— Isso faz parecer terrivelmente tedioso.

— Não era de tudo ruim. — Me sento em minha cama e aponto para o lugar ao meu lado como um convite silencioso. — Não acha que deveríamos esclarecer um pouco os acontecimentos de hoje?

— Eu não esperava que alguém derramasse bebida em você. — Enzo se acomoda ao meu lado. Nossas diferenças físicas são quase gritantes agora. — Realmente peço desculpas por esse incidente.

— Estarei sempre encontrando suas conquistas por aí?

— Algumas. Me envolvi com um número considerável de Associadas ou parentes de Associados. Nunca com uma mulher da *Famiglia*, se quer saber. É esperado que elas apareçam em eventos maiores.

— A modelo de hoje é uma Associada?

— Não. Uma mundana com apreço por manchetes. Minhas festas de aniversário costumam unir o melhor da *Famiglia* e dos mundanos. É uma ótima publicidade para Mellanie e sua meta de nos manter sempre em evidência.

— Perdão, mas acho que não entendo bem como a Primeira-Dama da *Famiglia* pode estar relacionada com modelos e mundanos na sua festa de aniversário.

— Minha cunhada entende muito bem de publicidade e propaganda. Sabe que nos manter à vista de todos é uma forma de proteção. Caso um Santinelle morra, repentinamente, as pessoas fariam perguntas difíceis de responder e o que evita certos atentados de serem feitos.

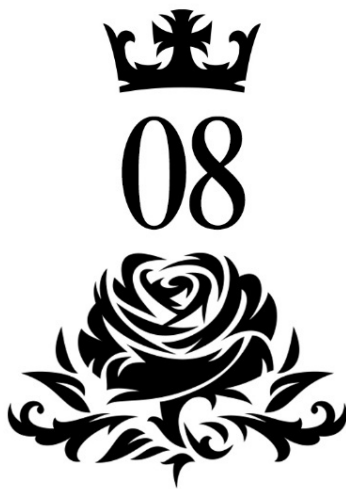
— Quando acho que finalmente compreendo o funcionamento das coisas, mais complexa elas se tornam.

— Eu não sou muito bom em dar explicações, mas Mellanie pode tirar todas as suas dúvidas. Ela é a pessoa certa para isso.

— Como? Até onde eu sei ela é uma mulher extremamente ocupada.

— Daremos um jeito nisso

.



GIULIA

— Quer abrir um buraco na mármore, Giulia? — A voz de Mara me traz de volta de onde quer que minha mente estivesse. A encontro parada com uma mão no quadril e apontando um espanador para mim.

— O que?

— Você está limpando a mesma área do balcão nos últimos dez minutos. Quer abrir um buraco nessa pedra ou gostaria de compartilhar o que te distrai dessa maneira?

— Perguntas. Muitas perguntas. — Deixo o pano no balcão e passo minhas mãos em minha saia como um sinal de nervosismo. — Já sentiu como se conhecesse muito alguma coisa e ao mesmo tempo não sabe nada sobre ela?

— Sim, mas estamos na Era Digital. Hoje em dia se encontra qualquer informação na *internet*.

— Não tudo. — Encolho meus ombros e a olho me sentindo culpada pelo que estou prestes a assumir. — Eu já pesquisei.

— Essa “coisa” que você pesquisou seria o seu noivo?

— Não apenas ele. — Passo minhas mãos em minha saia novamente. Mara me olha de um jeito que me faz contorcer por dentro, como um olhar analítico de mãe. — Pesquisei a família inteira.

— E o que encontrou?

— Romances passados, empresas importantes, grandes doações para a caridade, mas nada realmente concreto.

— Por que não pergunta diretamente para Enzo?

— Não estamos no mundo digital? As pessoas esperam que informações básicas sobre elas já sejam conhecidas. — Me encontro no balcão e solto um suspiro derrotado. — Eles me salvaram, pagaram meus estudos e fizeram muitas outras coisas boas para mim, mas eu não sei muito sobre eles.

— Ficaram órfãos cedo. — Mara calmamente caminha até a entrada da cozinha e me surpreende ao fechar as portas. A entrada da cozinha nunca está fechada, exceto em dias de evento e reuniões importantes da *Famiglia*. — Os Santinelle formavam uma família singular.

— Como os conheceu? Você nunca me contou.

— Não é tão importante para ocupar seu tempo com uma história antiga, mas se você quer mesmo saber. — Mara dá de ombros e caminha para perto de mim. — Eu sou filha do antigo chefe de segurança da *Famiglia*. Era jovem, sonhadora e estava perdidamente apaixonada por um soldado. Um confronto com a máfia irlandesa tirou a vida do meu pai e do meu noivo. Restou apenas minha mãe e eu. Francesco Santinelle, me ofereceu um emprego aqui em um ato de generosidade e um excelente pagamento. Eu havia declarado mais de uma vez que não me interessava em novos compromissos. Meu Giancarlo foi tirado de mim e eu não queria o anel de outro homem em meu dedo.

— Sinto muito por sua perda.

— *Grazie*, querida. Enfim, quando cheguei aqui Eduardo era um garotinho crescido e Melissa era um bebê. Acompanhei o crescimento desses irmãos, a chegada de Enzo como uma gravidez inesperada, as intrigas da família e o relacionamento deles. Eu estava aqui quando Francesco e Rosanna Santinelle foram mortos em um ataque brutal.

— Eu já ouvi essa história. O irmão de Francesco foi o mandante, certo? Alessandro Santinelle?

— Sim, ele queria o controle da *Famiglia* e estava disposto a matar todos os parentes se fosse necessário. Ele iniciou uma guerra interna contra Eduardo, que no desespero enviou os irmãos para ficarem seguros na Alemanha. Dois anos depois a guerra havia acabado, os irmãos estavam reunidos e mais unidos que nunca. Eduardo, Melissa e Enzo tornaram a *Famiglia* o que é hoje, consagraram o sobrenome Santinelle.

— Você esteve aqui mesmo durante a guerra?

— Fui dispensada por um breve período após o atentado. Eduardo queria consolar os irmãos e ainda não sabia em quem realmente poderia confiar. — Mara olha em volta como se pudesse visualizar tudo o que aconteceu. — Eles se isolaram na casa. Não saíam nem para o jardim com medo de algum atirador. Não demorou muito até que me chamassem de volta, Eduardo é um ótimo irmão e um péssimo cozinheiro. Eles estavam sobrevivendo de pizza.

— Eles te sujeitaram a algum tipo de teste de confiança?

— Não, *bambina*. Perguntei a Eduardo na época porque eu era a única convidada a retornar e ele disse que eu era a única em que ele poderia confiar. Ajudei a criar esses garotos, fiz bolos de aniversário, cantei parabéns, cuidei de machucados e os consolei por suas quedas. Eu nunca poderia fazer algo contra eles.

— O que aconteceu com a sua mãe?

— Morreu alguns anos depois que comecei a trabalhar aqui. Então eu estava sozinha, sem muitas perspectivas e nada que me prendesse em casa. Me dediquei aos Santinelle e nunca saí.

— Não se arrepende? Quero dizer, não pensou em encontrar outra pessoa e ter filhos?

— O amor que senti por Giancarlo era especial, Giulia. Sempre imaginei que envelheceria com ele, que o esperaria com surpresas sempre que voltasse de suas missões e teríamos discussões malucas sobre como criaríamos nossos filhos. Ele era um soldado,

mas não hesitou em enfrentar seu superior, meu pai, para pedir minha mão. — Em todos esses anos nunca vi Mara chorar. Por isso as lágrimas se formando e a dor explícita em seus olhos pareciam me cercar também, como se eu pudesse sentir seu coração despedaçado. — Eu estava costurando algumas peças do meu enxoval quando recebi a notícia. Giancarlo foi o grande amor da minha vida, mas isso... Oh! Não chore, *amore mio*.

Mara estende uma mão para limpar minhas lágrimas e eu aproveito a oportunidade para lhe dar um abraço apertado. Infelizmente meu autocontrole sumiu quando deitei minha cabeça em seu ombro e o choro escapou de mim sem controle. Sinto as mãos de Mara acariciando minhas costas e me repreendo por tê-la me consolando quando deveria ser o contrário.

— Eu lamento tanto por tudo o que você passou, *mamma*.

— Giulia, Giancarlo foi o grande amor da minha vida, mas isso não me impediu de viver! Fui muito feliz sozinha, assim como eu teria sido muito feliz construindo uma vida com ele. — Mara nos afasta e limpa a umidade de meu rosto com seus polegares. — Não tive filhos gerados do meu ventre, mas tenho uma filha gerada do meu coração. Minha vida mudou quando uma pequena e frágil garotinha de cabelos cacheados e rebeldes foi resgatada pelos Santinelle.

— Foi por isso que ficou comigo no hospital? — Minha inspiração é muito mais trêmula do que eu esperava. Ainda não tenho o controle de minhas emoções nesse momento. — Por isso nunca me deixou?

— Quando te vi soube que você era especial, mas eu te amei quando te conheci. Você era o complemento que minha vida precisava e eu não sabia até te ter.

— Eu te amo tanto, *mamma*.

— Eu também te amo, *bambina*. — Aperta minhas mãos em sinal de conforto. — Posso não ter um arsenal de armas como os Santinelle, mas não hesitarei em enfrentar qualquer um que possa te magoar. Você precisará ser forte nessa nova etapa da sua vida, terá que desconfiar de todos que se aproximarem porque será uma

mulher poderosa, mas nunca esqueça que é uma pessoa boa. Um ponto de pureza em um mar de maldade.

— Enquanto eu tiver a senhora ao meu lado posso enfrentar qualquer coisa. A senhora é a minha base, meu porto seguro.

— *Amore mio*, você sempre me terá ao seu lado. Eu só quero que esteja pronta para o futuro, haverá desafios que nunca pensou enfrentar.

— *Capisce*.

— Agora trate de sanar as perguntas em sua mente. Se quer que seu casamento funcione, não o comece com dúvidas.



ENZO

Sobe e desce.

Grunhido.

Sobe e desce.

Gritos.

Sobe e desce.

Sangue.

Muito, muito sangue.

Eu sempre acreditei em equilíbrio. Vivendo com Eduardo e Melissa alguém precisava ser a alma calma da casa e é por isso que não estou interferindo enquanto Eduardo abre o crânio do soldado russo capturado duas noites atrás com um martelo. O homem tem estado irritado e a guerra contra a Bratva não ajuda em seu mau-humor rotineiro.

No começo o "sobe e desce" do martelo resultava em apenas gritos e sangue, mas agora tem o que eu acho ser massa encefálica

na parede e Eduardo não deu nenhum indício de que quer parar agora. O homem já não se mexe mais e não se pode dizer que ele ainda tem um rosto, é uma coisa vermelha e em carne viva agora. A equipe de limpeza terá algum trabalho.

Sorrio ao ver a mensagem de Melissa me xingando em meu telefone. Quando Eduardo está irritado e precisa descontar em algo eu me ocupo irritando minha irmã. Ela está em outro país agora, não é como se pudesse entrar no meu quarto e me sufocar com o travesseiro. Aconteceu uma vez enquanto estávamos na Alemanha e não foi a melhor das experiências, mas ainda sou o irmão mais novo e preciso perturbar a sanidade dos mais velhos então me resta Melissa já que Eduardo é naturalmente insano. O cadáver deformado e apanhando de um martelo é a prova disso. A porta do galpão é aberta e Leandro Montanari, o segundo no comando da segurança, vem até mim.

— Seu pedido foi entregue com sucesso, senhor.

— *Grazie*, Montanari. Certifique-se de que sejam entregues todos os dias até o casamento.

— Sim, senhor.

Giulia aceitou se casar comigo, mas sua aceitação não me impede de garantir que todas as manhãs pequenos presentes sejam entregues em sua porta. Ela pareceu gostar dos últimos presentes e hoje a entrega foi de flores e chocolate. Minha cunhada tem aqueles assessores para verificar as notícias que saem sobre nossa família para os mundanos e eles podem se encarregar das escolhas dos presentes. Sou péssimo com esse tipo de coisa, mas quero agradar a minha noiva.

Às vezes Mellanie e sua equipe de cachorrinhos treinados – que, *grazie a Dio*, passam pouquíssimo tempo na casa e só são convocados lá quando é realmente necessário – nos obrigam a dar entrevistas ou ceder sessões fotográficas para revistas.

Pode ser fácil esquecer que para os mundanos somos empresários muito bem-sucedidos e que eles se interessam por novas vidas privadas. Os cachorrinhos de Mellanie conseguem nos manter fora da mídia na grande maioria do tempo, um trabalho bem

oposto aos demais clientes que querem estar nos holofotes, mas eles são bem pagos para isso.

Com um suspiro cansado guardo meu telefone e marcho até o diabo enlouquecido. O martelo sumiu de sua mão, mas isso não impediu que Eduardo continuasse socando o cadáver.

Toco seu ombro nu e recebo um olhar vidrado e raivoso em resposta. Seus olhos, normalmente escuros, então no tom mais claro possível de azul, seu corpo praticamente banhado de vermelho agora e ele parece prestes a me atacar como um animal raivoso.

— Não há mais nada para você atacar aí. Hora de ir para casa ou tomar um banho rápido para tirar todo esse fluído que não é seu.

— Eu ainda não acabei com ele. — Olha com raiva para a carcaça no chão.

— Sim, você acabou. Ele não está vivo para a tortura há uns cinco minutos. Vá tomar um banho, temos trabalho a fazer hoje e você não pode desfilar pelo centro da cidade como o tal diabo.

— Temos pessoas para caçar. — Eduardo se levanta sem desviar os olhos do morto, encarando a bagunça sangrenta com total desprezo.

Apesar do excesso de sangue, da bagunça geral e do buraco que um dia foi uma cabeça e um rosto, é possível ver a letra "S" desenhada em seu dorso. Era para ser uma marca, mas em meio a fúria Eduardo aprofundou o corte e ficou um tanto deformado. Ainda não sei ao certo em que momento ele morreu, porém, considerando a quantidade de cortes e ferimentos que o homem sofreu, pode ter sido uma junção de fatores.

— Os Assassinos começarão o trabalho por nós, temos outras contas pendentes.

— Ainda não. — Eduardo marcha para o chuveiro no canto, saindo de seus sapatos e calças no caminho. O chuveiro é velho e a água é fria, mas é limpa e serve para o uso em momentos como esse. V Mantenha os Assassinos avisados. Ainda não atacaremos, mas com as informações de hoje eu quero cada maldito nome da

lista sendo vigiado vinte e quatro horas todos os sete dias da semana. Se um deles tentar fugir do país traga para nós, se resistir mate sem piedade.

— Enviarei o código agora mesmo. — Leandro avisa já saindo do galpão e Eduardo entre debaixo do jato frio. Quem sabe isso o acalme e o faça recuperar um pouco da humanidade, ou o que quer haja em nossa família.

— Esses malditos russos acham que podem enviar infiltrados para o meu território e que deixarei isso impune. — Meu irmão solta mais uma série de maldições enquanto puxo meu telefone do bolso e eu mando uma mensagem para Melissa pedindo que ligue e converse com Eduardo mais tarde. — Faremos melhor. Mande Ricardo investigar cada russo ou filho de russo nesse país. Eu quero o histórico completo e uma lista com aqueles que levantar suspeitas.

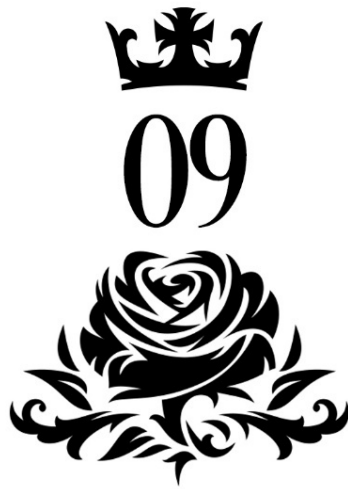
— Isso pode levar um tempo. Mesmo usando nosso sistema pode levar algumas horas para reunirmos todas as informações.

— Quero a lista o mais rápido possível. Se o Cyzarine quer sangue ele terá, mas não será o nosso ou dos nossos homens. Mande fortificar a segurança, não quero chances de que cheguem até Mellanie ou Lorenzo. O que aconteceu com Melissa na casa dos Brachmann não pode se repetir conosco.

— Anotado. Pedirei reforço para esta noite, sairei com Giulia e Lorenzo.

— Espero que saiba o que está fazendo. — Sua cabeça está debaixo da água e seus olhos fechados, mas sua voz deixa claro todos os avisos que eu não preciso, mas fingirei que sim por seu estado alterado.

— É claro que eu sei. Não colocaria minha noiva e meu sobrinho em perigo, seu idiota.



GIULIA

— Você deveria usar essa blusa social? — Enzo pergunta ao sobrinho.

— Se quero ser como *papà* preciso me vestir como ele. — O pequeno dá de ombros como se não fosse grande coisa.

— Você não precisa se preocupar em ser como seu pai pelos próximos seis anos, pequeno diabo.

— E se eu quiser ser como o *papà* antes disso?

— Sua mãe te mataria.

Lorenzo revira os olhos para o tio e Enzo, por sua vez, sorri para o sobrinho. A interação dos dois é divertida. Perto de Lorenzo Enzo parece encarnar uma verdadeira criança e desde que deixamos o complexo dos Santinelle os dois já criaram cinco planos diferentes para aprontar pelas costas de Mellanie.

Enzo como pai será alguém para ficar de olho.

— Tia Giulia não deixaria ela me matar, não é mesmo tia? — Lorenzo se estica para me ver sem soltar a mão do tio enquanto eu tenho o braço de Enzo ao redor dos ombros.

Eu estava pronta para criar uma resposta inteligente a sua pergunta quando Lorenzo fez uma carinha fofa e piscou os enormes olhos azulados para mim. Uma mecha de cabelo preto rebelde caindo em sua testa junto com a blusa social branca e o casaco

preto o fizeram parecer um mini galã do cinema dos anos oitenta. Eu estava encantada antes de me dar conta.

— É claro que não. — Respondo sem pensar no que realmente estou prometendo. Um sorriso brilhante cresce no rosto do pequeno e sinto que acabei de concordar com algo que não deveria.

— Você é uma criança perigosa, pequeno diabo. — Enzo fala para o sobrinho e solta uma risada alta. — Não comprometa Giulia com uma coisa que não dois sabemos não ser possível.

Observo todas as luzes e a música alegre ao fundo. Pessoas rindo e se divertindo nos brinquedos, um grupo de amigos tirando uma foto perto do carrossel, um casal se beijando perto da barraca do cachorro-quente e duas crianças correndo passam por nós. O parque de diversões é mais encantador do que eu me lembrava pela televisão. Me sinto um pouco ansiosa para escolher entre tantas variedades de brinquedos e comidas.

Curiosamente não conseguimos nos camuflar como eu pensei que aconteceria. Algumas pessoas pareceram reconhecer Enzo e se mantiveram longe de nós. Não precisamos pegar uma fila para comprar os ingressos e acho que não precisaremos esperar por qualquer coisa aqui se as pessoas continuarem nos olhando como estão agora.

— Tio eu quero algodão doce. — Lorenzo aponta para uma vendedora perto de nós.

— Então vamos comprar. Hoje podemos comer quanto açúcar quisermos desde que você prometa não contar à sua mãe.

— Eu prometo.

A senhora nos lançou um sorriso divertido quando nos aproximamos. Enzo fez o pedido e Lorenzo saltitava de um lado para o outro esperando seu algodão doce. Ele é uma criança muito enérgica e não somente pelo consumo de açúcar.

— Ele é um amante de doces, mas Mellanie restringe a quantidade que ele pode comer. Aparentemente açúcar em excesso pode fazer mal. — Enzo sorri para a senhora e entrega a nuvem

adocicada ao sobrinho cujos olhos já brilhavam como se estivesse apaixonada. — Quer um?

— Eu aceito. — A senhora faz o meu algodão doce e me entrega antes de pegar o dinheiro que Enzo estendia para ela.

— *Grazie*. Fique com o troco.

— *Grazie*, senhor. Vocês são um casal muito bonito.

— *Grazie*. — É a minha vez de agradecer. Sinto meu rosto queimar um pouco, mas Enzo está relaxado como sempre e dá uma piscadela para a vendedora passando o braço por meus ombros outra vez.

— Titio olha aquela barraca! — Lorenzo aponta para uma rodeada de ursinhos de pelúcia como prêmio. O grande desafio é acertar os alvos em movimento com as arminhas de água de brinquedo.

— Que tal tentar ganhar um urso para a tia Giulia? — Enzo propõe e Lorenzo acena veementemente.

— Vocês não precisam fazer isso. — Tento convencê-los.

— Agora é questão de honra, *principessa*.

— Eu vou ganhar para você tia Giulia!

— Nós somos igualitários, Lorenzo. Giulia pode tentar ganhar o próprio ursinho de pelúcia.

— Eu adoraria tentar, mas como acho que não vou conseguir, ficaria muito feliz se você ganhasse para mim Lorenzo.

Fomos para a barraca com Lorenzo saltitando de empolgação. Enzo e Lorenzo se provaram muito bons de mira enquanto eu passei vergonha. Enzo era de se esperar que conseguisse na primeira tentativa, mas Lorenzo? Eu o vi treinando com o pai na academia da casa, os dois no ringue e praticando ataque e defesa, não imaginava que já estivesse praticando com armas de fogo também.

Mesmo perdendo vergonhosamente, me diverti muito e ri com a disputa entre tio e sobrinho. Para mim era claro que Enzo não estava realmente tentando para que Lorenzo tivesse alguma chance enquanto o futuro Chefe da Famiglia parece determinado a provar que pode ser tão bom quanto o tio. Foi fofo e ao final de tudo eu saí

como a maior vencedora já que os dois ganharam pelúcias para mim.

— Aquele! — Lorenzo aponta para um golfinho cor de rosa.

— Aqui está. — O jovem responsável pela barraca estende o golfinho para Lorenzo, mas o garotinho balança a cabeça e aponta com polegar para mim.

— É para a minha tia.

O jovem ri e me entrega o golfinho. Agradeço ao meu bravo pequeno guerreiro e sinto o braço de Enzo novamente em meus ombros. Dessa vez eu não impeço e me aconchoo a ele, que me aperta um pouco mais contra si.

— Qual varia querer? — Enzo pergunta e indica com a cabeça para as outras pelúcias.

— O leão.

Um leãozinho fofo cor de caramelo com um laço vermelho ao redor do pescoço é retirado da prateleira. O jovem me entrega a outra pelúcia e algumas pessoas nas barracas próximas nos olham com interesse. Normalmente eu estaria incomodada, mas estou me divertindo tanto que os olhares parecem não importar dessa vez.

— Aqui está senhorita.

— Em breve senhora. — Enzo lhe dá um meio sorriso charmoso. — O que se pode fazer? Minha noiva é incrível.

— Eu quero ir à roda gigante! — Lorenzo praticamente arrasta o tio pela mão.

— O que acha, Giulia?

— Tenho um pouco de medo de altura. — Dou-lhe um pequeno sorriso tímido. — Prefiro esperar por vocês aqui embaixo. A terra firme é mais segura.

— Tem certeza? — Enzo arqueia uma sobrancelha escura para mim. — Posso segurar sua mão, se te ajudar.

— É uma oferta tentadora, mas ainda não estou pronta para me arriscar tanto assim.

— Tudo bem, nós podemos enfrentar o perigo sozinhos, certo pequeno diabo?

— Certo!



ENZO

— Precisa de ajuda? — Giulia sussurra próxima a mim quando me ergo com Lorenzo agarrando meu pescoço em um sono profundo.

Olho para bela e curvilínea mulher agarrada às muitas pelúcias em seus braços. Mal consigo ver seu rosto, como ela poderia me ajudar de alguma forma? Franzo meu cenho ao pensar que não deveria ter deixado a competitividade falar tão alto. Quando Lorenzo descobriu que Giulia é apaixonada por ursinhos de pelúcia ficou determinado a ganhar o máximo deles para ela.

Isso resultou em corridas pelo parque inteiro. Acho que nunca fiz meu sobrinho gastar tanta energia fora do ambiente de treino. Os seguranças e dois Assassinos sempre estavam por perto. Sendo sincero, eu não relaxei até que atravessássemos os portões da mansão outra vez. Estive olhando por cima do ombro a noite inteira, garantindo que os homens estivessem vigiando Giulia e Lorenzo, que não houvesse chance de risco para eles.

Eduardo e Mellanie – todos sabemos que Mel teve um peso maior nessa história – decidiram não envolver Lorenzo nos detalhes. Eles não querem atormentar meu sobrinho antes de hora. Lorenzo ainda é muito novo para lutar ou ir à guerra efetivamente. O que significa não o prender em casa, por mais que minha cunhada queira.

Quando Lorenzo me pede para ter uma noite de tio e sobrinho, eu aceito e o levo ao parque. É o mais próximo de uma vida mundana que ele pode ter no momento.

— Estou bem. — Dou-lhe um meio sorriso olhando rapidamente por cima do ombro de Giulia quando os homens estacionam os carros e as motos. Todos de volta a mansão sem incidentes, posso me presentear com uma noite inteira de sono hoje.

Caminho na frente para abrir a porta. Como esperado todos estão dormindo... Nem todos, talvez Mara ou Eduardo estejam escondidos nas sombras para garantir que não corrompi a inocente Giulia. Ela não entendeu nenhuma das brincadeiras de duplo sentido, sempre sorrindo como uma garota inexperiente e desconhecadora do mundo.

Dio Santo, nunca me senti tão sujo.

— Eu vou te ajudar, colocá-lo na cama sozinho pode ser difícil. — Giulia coloca a pilha de pelúcias no chão e se aproxima de mim com um sorriso tímido no rosto, fazendo uma carícia nos cabelos escuros do meu sobrinho. — Eu volto para buscar minhas pelúcias depois.

— Vamos colocá-lo na cama e eu te ajudo. — Pisco para ela e caminho para a minha ala da casa. Giulia me segue sem fazer questionamentos e eu agradeço isso.

É um tanto embaraçoso explicar que fico com meu sobrinho às vezes para deixar que meu irmão e minha cunhada tenham seus momentos, alimentei por muitos anos a ideia de que sou muito ocupado comigo mesmo para pensar nos outros. Mellanie ajuda a deixar Eduardo menos irritadiço e o resto da população humana agradece essa boa ação.

Paro diante de um dos quartos e Giulia é rápida em abrir a porta. Marcho para dentro e coloco o pequeno diabo na cama. Giulia retira os tênis dele e a jaqueta que está usando, ela faz isso com tamanha rapidez e delicadeza que Lorenzo não percebeu, apenas rolou para o lado quando ela o cobriu com a manta.

Confesso que observo um tanto encantado o pequeno sorriso em seu rosto enquanto ela vê Lorenzo dormindo. Seu olhar acolhedor e afetuoso me faz ter certeza da minha decisão. Ver Giulia e Lorenzo hoje me mostrou como ela será uma boa mãe e é

isso que busco para meus filhos. Uma mãe incrível como a que eu tive.

Saímos do quarto e voltamos para a sala em silêncio. Não tive o melhor dos relacionamentos com meu pai e não quero repetir o erro com meus próprios filhos. Por mais insano que possa parecer, quero ser um pai como o meu irmão. Quero ser para o meus filhos o que Eduardo é para Lorenzo.

Lembro do olhar sério e do sorriso discreto em seu rosto quando me arrastaram para dentro daquele maldito galpão. A satisfação velada que vi ali enquanto eu tremia de medo e lutava contra a vontade de gritar. O desespero da minha mãe pedindo que não me levasse, que ela sabia o que aconteceria comigo, o que *e/* pediria para fazer. Tudo isso para me tornar um homem de verdade, para me deixar mais parecido com o Eduardo.

— Você parece distante.

A voz de Giulia corta a névoa de pensamentos que me cercam e a encontro parada perto da porta me olhando com interesse. Sua pele é de um tom tão bonito, não há necessidade de bronzamento; seus cachos selvagens estão contidos em um amarre no alto da cabeça, os olhos escuros e brilhantes me dão uma sensação de aperto no peito. Não sei o que é, mas não sei se gosto disso.

— O que?

— Está tudo bem?

— É claro. — Arranho minha garganta na tentativa falha de encontrar minha voz. — Apenas distraído com preocupações.

— Sobre a guerra?

— Não, mas esse é um ótimo tópico para acrescentar à minha lista de preocupações. — Pego a grande maioria das pelúcias, como o bom cavalheiro que sou, mas Giulia logo está ao meu lado me acompanhando até seu quarto. — Tem certeza de que quer fazer isso, Giulia? Eu sei que pode ter sido tudo muito rápido, mas você precisa saber...

— Eu considereei todas as opções antes de aceitar sua proposta. Eu sei no que estou entrando.

Interrompo meu caminhar e a olho. Um corredor mal iluminado, em plena madrugada com muitas pelúcias entre nós não parece o melhor lugar para uma conversa, mas arrastá-la para o meu quarto parece fora de opção. Não que represente algum perigo, de fato. Me impressionaria que Giulia soubesse as utilidades de um quarto além de dormir.

Devo estar pagando por todas as festas que participei.

— Não tenho certeza de que você sabe. — Inspiro fundo reunindo com cuidado minhas palavras. — Há um alvo em suas costas por ser minha noiva, depois que nos casarmos esse alvo duplicará de tamanho e quando você engravidar aumentará ainda mais. Se quiser sair agora eu entenderei e garantirei sua segurança.

— Eu aceitei me casar com você. Vi de perto como as coisas podem ser na *Famiglia*, mas você estava lá. Você me salvou, sua família cuidou de mim e agora que posso escolher o que quero no meu futuro você me contesta? Enzo, posso não ser o tipo de mulher ao qual você está acostumado, mas sei onde estou entrando. Eu escolhi me casar com você e vou manter minha decisão.

— Você será minha ruína ou minha salvação.

— Espero não ser a ruína.

Com um último sorriso ela dá o assunto por encerrado e segue caminhando para o seu quarto. Se quero levar esse noivado de um jeito diferente do que meus irmãos fizeram eu preciso me esforçar, ser mais decente e passar tempo com ela. Não posso conquistar sua confiança com flores e recados todas as manhãs.

— O que acha que sairmos amanhã para um passeio de moto?

Giulia interrompe sua caminhada e se vira para me olhar, seu rosto é uma mistura interessante de surpresa e confusão. Ela é tão fofa.

— Sairmos amanhã?

— Sim. — Dou de ombros. — Se você estiver livre.

— De moto?

— Se você preferir carro então podemos ir de carro. — Dou-lhe meu melhor sorriso. — Eu tenho muitos na garagem.

— Eu nunca andei de moto.

— Você tem medo?

— Não, não sei. — Retoma sua caminhada e eu me apresso em estar ao seu lado, mesmo que meus braços cheios de pelúcias dificultem a proximidade. — Nunca tive a oportunidade de subir em uma moto.

— Então vamos de moto. Será um bom passeio, eu prometo.

— Você é um bom piloto?

— Princesa, eu adoro veículos. Duas ou quatro rodas, não importa. A garagem deixa isso bem claro.

— Nunca fui até a garagem.

— Nunca?! — Me sinto ofendido de verdade e por alguma razão isso faz Giulia rir.

— Não precisa fazer essa cara. Eu não dirigir ou pilotar, por isso a garagem é inútil para mim.

— Isso precisa mudar.

— Sim, se você realmente ama carros e motos eu preciso ir até a garagem.

— Isso também, mas eu me refiro a você não saber dirigir.

— Enzo sempre que preciso sair os soldados me levam.

— Ainda que haja alguém a sua disposição é importante ter a sua independência. O que me diz?

— Você vai me ensinar?

— Se me aceitar como seu professor.

— Te aceito como meu marido, acha mesmo que te negaria como meu professor?

— Tudo bem. — Giulia abre a porta de seu quarto e rapidamente coloco a montanha de pelúcias em sua cama. — Te pego amanhã às oito para o nosso passeio.

— Até às oito. — Ela me acompanha até a porta e me obrigo a fazer uma última pausa antes de sair.

— *Princesa*, por mais que eu adore ver suas belas pernas em exibição, recomendo que use uma calça amanhã.

— Minhas pernas? Belas? — Giulia olha para suas pernas com uma confusão engraçada e eu aproveito a oportunidade para dar um beijo em sua cabeça.

— Até amanhã, querida.



ENZO

A risada de Giulia causa uma sensação engraçada em meu estômago. Tapei seus olhos antes de entrarmos na garagem e ela colocou suas mãos por cima das minhas. É um contato estranho, suas mãos são tão pequenas e quentes. Os sensores de movimento ligam as luzes automaticamente e só então retiro minhas mãos e a deixo observar o lugar.

— Tudo isso é seu? — Seus olhos saltam ante a grande variedade de carros e motocicletas.

— Aqueles quatro carros ali. — Aponto para automóveis do canto. — São do meu irmão e da minha cunhada. O resto é meu.

— Quantos carros tem aqui? Dez?

— Doze. — Corrijo. — E cinco motos.

— Como consegue dirigir tudo isso?

— Revezando. Um carro para cada saída. — Pego sua mão e entrelaço nossos dedos, gentilmente a guiando para a Harley-Davidson. — Hoje nosso passeio será com essa beleza.

— É linda! — Passa a ponta dos dedos pela lataria preta com detalhes em marrom.

— Era da Melissa. — Vou até a parede para pegar os capacetes. — Ela me deu antes de ir para a Alemanha. Está pronta

para o nosso passeio?

Giulia olha o capacete que estendo para ela e hesita por um tempo significativo. Deixo meu próprio capacete em cima da moto e me concentro na minha garota, a ajudando com o fecho do equipamento e entrelaçando nossos dedos em seguida. Sua mão está gelada e um pouco trêmula.

— Não precisa se preocupar comigo. Estou nervosa porque nunca andei antes, não porque não confio em você.

— *Princesa*, eu garanto que você não se arrependerá desse passeio. Farei valer a pena.

— Tudo bem. — Até a inspiração dela é trêmula. — Eu posso fazer isso.

— Venha aqui. — A seguro pela cintura e a ergo com facilidade para montá-la na moto. Seu pequeno grito de susto colocou outro sorriso em meu rosto. — Prontinho.

— Como você conseguiu me levantar?

— Segurando sua cintura? — Monto na frente dela.

— Eu sou pesada.

— Eu não acho. — Coloco eu mesmo suas mãos em minha cintura, apertando um pouco para que ela entenda que precisa segurar firme. — A verdade é que você é gostosa para caralho.

O motor da Harley-Davidson rugiu para a vida e estávamos fora da propriedade o mais rápido possível. No início do trajeto senti as pernas de Giulia apertarem meu quadril como se sua vida estivesse em risco e seus braços me tiraram o fôlego por um tempo, mas com o tempo seu aperto diminuiu e senti como ela relaxava atrás de mim. Giulia até apoiou sua bochecha em minhas costas. Tive o cuidado de pegar o capacete aberto para ela, para que pudesse aproveitar a vista ao longo do passeio.

Foram quase quarenta minutos de estrada, mas chegamos ao monte perfeito. Eu queria poder trazê-la à noite, mas a escuridão da mata é um chamado para armadilhas e não aceito ser viúvo antes mesmo do casamento, muito menos louco o suficiente para morrer e

deixar minha noiva disponível para outro. Eu planejo afundar meus dentes em sua bunda e depois estapeá-la enquanto a fodo por trás.

— Um homem precisa de metas.

Paro a moto, retiro meu capacete e desço antes de ajudar Giulia a descer. A princípio ela parece confiante, porém seus pés vacilaram quando pousaram no chão. Me apressei em ajudar só para me deslumbrar com a gargalhada que ela soltou quando usou a moto como apoio para permanecer de pé.

— Minhas pernas estão bambas.

— Não era exatamente assim que eu gostaria de te deixar com as pernas bambas. — FRANZO o meu cenho por um segundo, deixando o sorriso crescer em meu rosto para acompanhar a risada dela. Giulia consegue ficar ainda mais bonita.

— Acho que foi o motor. Motos sempre tremem assim?

— Algumas mais outras menos. Essa tem um motor muito potente.

— Isso explica muita coisa! — O sorriso de Giulia é substituído por uma expressão de choque quando ela levanta o olhar das próprias pernas para a vista atrás de mim. — Uau...

Giulia é tão espontânea e sem filtro que é impossível estar perto dela e não achar fofo tudo o que ela faz. A maneira como seus olhos observam a vista da cidade definitivamente merecia uma pintura clássica em sua homenagem. O brilho, o encanto e a alegria contida neles é preciosa demais para não ser registrada.

Infelizmente sou um filho da puta egoísta. Sei que Giulia é gata demais e que o mundo deveria idolatrar sua beleza, mas não quero que eles saibam disso. Não quero que eles possam ver sua beleza e bondade tão de perto, não quero que eles recebam seus sorrisos gentis e, definitivamente, não quero que eles recebam sua atenção.

Perto de Giulia eu me sinto como um diabo, um demônio imundo e indigno que nunca poderia tocar tamanha pureza. Sabendo disso, para a minha própria tortura, me perder nela é o que mais quero fazer.

— Que vista incrível.

— Eu imaginei que fosse gostar. — Dou-lhe um meio sorriso e me aproximo para retirar seu capacete.

— Você vem muito aqui? — Mesmo que tenha sido de maneira inocente, não me passou despercebida a pergunta implícita.

— Não tanto quanto gostaria. O trabalho me mantém muito ocupado. — Coloco seu capacete em um dos retrovisores. — Você é a primeira pessoa que trago aqui.

— Como descobriu esse lugar?

Gentilmente entrelaço nossos dedos e guio Giulia para perto da beira. Daqui conseguimos ver toda a vegetação que cobre o monte e a cidade de Roma com suas construções históricas, arquiteturas de diferentes épocas e, de brinde, o Coliseu erguendo-se como um colosso sobrevivente aos infortúnios do tempo.

— Eduardo descobriu. Ele trouxe Melissa e eu aqui assim que retornamos do nosso exílio da Alemanha. — Sinto um pequeno sorriso aparecer em meus lábios com a lembrança desse dia. — Meu irmão nos fez entender a dimensão do que faríamos com a Famiglia. Foi aqui que nós três firmamos um pacto sobre estarmos juntos não importando o que aconteceria.

— Então foi aqui que vocês decidiram se tornar as pessoas mais importantes do continente. — Giulia brinca.

— Basicamente. — Aponto para o Coliseu. — Vê aquele gigante?

— Impossível não ver o Coliseu.

— Ele é um dos maiores exemplos da arquitetura romana. Muitos não entendem tudo o que se podia fazer no Coliseu. Batalhas entre gladiadores? Com animais? Verdadeiras batalhas navais podiam ser feitas lá. Havia câmaras que eram enchidas antes dos eventos e criavam uma piscina gigante com cerca de um metro e meio de profundidade.

— Era uma civilização muito avançada para a tecnologia disponível na época.

— O império romano é um fenômeno. Eles conquistaram boa parte do mundo, eram poderosos, influentes, inteligentes e tudo ruíu

por ganância e corrupção. Meus irmãos e eu prometemos construir nosso próprio império, mas ao contrário dos romanos, não deixaremos o nosso acabar. Essa é a missão dos Santinelle, *principessa*.

— Nos casaremos e teremos filhos para garantir a continuidade do império.

— É o que a *Famiglia* precisa. É o que devemos fazer.

— O dever sempre está em primeiro lugar, Enzo?

— Os Santinelle e a *Famiglia* são um só. Essa é a prioridade.

— *Grazie* por ser sincero comigo. — Giulia aperta seus dedos nos meus, sua outra mão segurando meu braço. — Será uma honra me juntar a família Santinelle.

— Eu agradeço sua compreensão, Giulia.

— Estamos juntos nesse projeto. — Ergue a mão para me mostrar o anel de noivado. — Eu entendo o seu dever e respeito isso, Enzo.

Solto nossas mãos e passo meu braço por seus ombros, a trazendo para perto de mim. Giulia me abraça pela cintura e ficamos observando a paisagem em silêncio. Ela foi meu maior achado e está se tornando minha maior obsessão. Eu estaria mentindo se dissesse que ignorei por completo a vista e fechei os olhos para apreciar melhor seu cheiro.



GIULIA

Me encosto em sua moto e observo Enzo em silêncio. Seus cabelos pretos estão despenteados pelo vento, seus olhos azuis observando a cidade sem foco, como se sua mente estivesse muito longe daqui. Ele mantém as mãos nos bolsos da calça jeans, sua

blusa branca colada em seu abdome por causa do vento e a jaqueta de couro aberta. Enzo está sempre usando botas de estilo militar e hoje não é diferente. Ele é a figura viva de um badboy. O diferencial é sua natureza atenciosa.

Ou nem tanto.

Esse último pensamento me faz rir e a atenção de Enzo está em mim novamente. Sua sobrancelha escura arqueada com dúvida, o deixando impossivelmente mais bonito. Como é possível que este homem seja belo em todos os ângulos e expressões?

— O que há de tão divertido, *principessa*?

— Estou pensando sobre você ser um badboy. — Tento segurar um sorriso, mas não tive muito sucesso.

— Eu não sou um badboy.

— Pensei sobre isso também. — Dou de ombros. — Você tem uma natureza muito atenciosa para ser um badboy.

— Mas...

— Mas pode ser justamente isso que te faça um badboy. Você usa todo o seu charme e atenção para conquistar as mulheres.

— Sou um homem comprometido agora. — Enzo caminha em minha direção a passos comedidos, quase um predador se aproximando da presa. — Eu não conquisto outras mulheres.

— A pergunta certa a se fazer é até quando você não conquistará outras mulheres.

— Giulia, Giulia. — Enzo joga uma mexa do meu cabelo para as minhas costas. Seus dedos percorrendo minha pele até alcançar minha nuca e invadir meus cabelos. Somando esse estímulo ao foco de seus olhos azuis resultou em arrepios e tremores por minha pele. — Ser tão alheia sobre sua beleza é uma das coisas que me fascina em você.

— Eu não tenho a mesma experiência sexual que você. — Suspiro pesadamente quando seus dedos agarram os cabelos da minha nuca. — Você pode se cansar.

— Nada que eu não possa te ensinar. — Ele se abaixa o suficiente para esfregar a ponta de seu nariz em meu pescoço. —

Assim como eu não tenho experiência com a bondade, mas sei que você pode me ensinar.

— Certo. — Estou ofegante, sua proximidade causa sensações engraçadas em minha barriga e minha pele permanece arrepiada.

— Meus envolvimento passados nunca foram sobre sentimentos, Giulia. — Sua mão livre brinca com o botão da minha calça e me sentindo sem forças, agarro o assento da moto. — Era sobre luxúria, sexo, prazer e satisfação.

— Onde eu me encaixo nisso?

— Você é perigosa para mim, *principessa*. É uma droga que estou ansioso para experimentar e me viciar.

Meu coração bate com tanta força em meu peito que estou certa de que Enzo pode ouvir meus batimentos descontrolados. Quero que ele abra o botão e faça algo. Quero que ele resolva esse calor desconcertante que se apodera de mim. Não sei pelo motivo do meu suplício, apenas sei que Enzo é a solução para o meu problema.

— Enzo.

— Eu quero tanto beijar sua buceta, Giulia. Sonho com isso há tempos.

— Seria errado. — A falta de confiança em minha voz deixa claro que eu mesma não acredito no que estou falando. — Nós ainda não estamos casados e as freiras...

— Estamos noivos e você não está mais na escola. — Enzo dá uma lambida rápida em meu pescoço e o mordisca. O tremor que percorreu meu corpo foi evidente. — Eu te respeito, *bella mia* e se decidir que não quer nada eu entendo.

— Eu quero. — Deixo a verdade sair, ignorando todos os anos de ensinamentos rígidos no internato. — Eu quero muito.

— Farei isso ser bom para você, *principessa*. — Enzo finalmente abre o botão e desce o zíper da calça. Minhas pernas estão bambas.

Sua mão entra em minhas calças enquanto ele mordisca meu queixo. Solto uma das minhas mãos da moto e agarro seu ombro.

Sinto que meu coração explodirá, tamanha a força e a velocidade dos batimentos.

Um suspiro trêmulo me escapa quando ele está dentro da minha calcinha e esfregando minha intimidade com os dedos. Seus olhos azuis parecem escurecer alguns tons e estou hipnotizada. Tê-lo me olhando tão fixamente, como se estivesse faminto, ao mesmo tempo que me massageia com habilidade, é o meu fim.

— Enzo. — Suplico, sem saber ao certo o motivo da minha súplica.

— É isso, *principessa*. Você está tão molhada. — Ele retira sua mão de mim e eu emito um grunhido de protesto, conseguindo um belo sorriso predador de Enzo como resposta. — Eu disse que queria beijar sua buceta, Giulia. Você não vai gozar só com meus dedos, não agora.

Enzo se ajoelha diante de mim e gentilmente abaixa minha calça e minha calcinha. O vento contra a minha intimidade me lembra que estamos ao ar livre, em um monte afastado da cidade, mas qualquer um poderia nos ver. Eu deveria estar apavorada, mas o perigo de sermos pegos me excita ainda mais.

— Não acredito que estamos mesmo fazendo isso.

— Ah, estamos. — Suas mãos agarram minha cintura e ele me coloca parcialmente sentada em sua moto. O sorriso torna em seu rosto mostra o quanto ele está se divertindo com isso. — Eu te quero gemendo meu nome.

Enzo afasta minhas pernas o máximo que o aglomerado de tecido em meus tornozelos permite. Nunca fantasiei sobre sexo oral, apesar de ouvir os relatos das minhas colegas de internato, me parecia estranho. Agora que meu noivo está fazendo sua magia, penso como fui tola de subestimar esse contato.

Pensei que veria nojo ou algum tipo de recuo de sua parte, mas a verdade é completamente diferente. Enzo está com o rosto enterrado entre minhas pernas, seus dedos afundados em minhas coxas e sua língua trabalhando intensamente. Minha boca se abre em um grito silencioso quando ele suga meu ponto mais sensível.

— Enzo! — Gemo muito mais alto do que pretendia. Minhas pernas estão tremendo sem controle, mas ele não afrouxa seu aperto.

— Deixe vir, *principessa*.

Ele me surpreende ao colocar um dedo dentro de mim. No início é um pouco desconfortável, mesmo com a minha lubrificação, mas o incômodo passa ao senti-lo se movimentar, esfregando um ponto dentro de mim que me coloca mais perto do limite.

— Enzo! Eu, *oh nostra*, eu não... Enzo eu não posso mais!

Agarro seus cabelos com força, o pressionando contra mim ao máximo e Enzo não resiste, continua a usar sua língua para acabar com a minha sanidade. Os gemidos estão saindo de mim sem controle, perdi a noção de tempo e espaço. Fecho meus olhos e deixo que as sensações me levem além do limite.

Solto um último grito ao jogar a cabeça para trás e sentir os tremores me dominarem. Sinto meu corpo apertar seu dedo dentro de mim, minha musculatura interna latejando e Enzo sugando meu ponto mais sensível para prolongar meu prazer.

Quando finalmente retorno a Terra, meu noivo está limpando a umidade em seu rosto e depois age como um verdadeiro cavalheiro, me ajudando descer de sua moto, colocando minhas roupas de volta no lugar e me dando um beijo carinhoso na testa. Posso estar consciente, mas meus sentidos estão em déficit.

— Tudo bem? — Enzo pergunta.

— Melhor impossível. — Digo com um sorriso e conseguindo uma risada sincera dele.

— Está na hora de voltarmos. — Acaricia meu cabelo com gentileza. Seus olhos me encaram de uma maneira diferente, trazendo aquela sensação engraçada no estômago novamente e fazendo eu me sentir especial.

— Tudo bem. — Engulo em seco.

— Estamos noivos, Giulia. Logo seremos marido e mulher. — Acaricia minha mão. — Eu não quero que sinta vergonha pelo que aconteceu aqui.

— Eu gostei do que fizemos. — Confesso sentindo meu rosto esquentar.

— Eu também. — Beija minha testa novamente.



ENZO

— Vamos buscá-los pela madrugada. — Eduardo me entrega um copo de uísque antes de se acomodar em sua cadeira com seu próprio copo. — Faremos a operação na véspera do seu casamento para que não haja suspeitas.

— Uma despedida de solteiro memorável.

— Você não foi aos clubes nos últimos dias e não parece muito interessado em chamar alguém. Suponho que não pretenda ter uma despedida de solteiro.

— Eu e uma garrafa de uísque escocês pode ser uma junção maravilhosa.

— Estamos buscando sua irmã e seus sobrinhos. Você não terá tempo para se embriagar.

— Melissa pode acabar com o estoque de uma cervejaria inteira, por que eu não posso aproveitar?

— Porque Melissa tem uma paixão especial por álcool e você, como gosta de se autoproclamar, é o tio legal. Haverá uma invasão de crianças na sua ala da casa, não acho que Lorenzo se separará dos primos quando eles chegarem.

— Eu amo todos os meus sobrinhos, especialmente quando estão longe um do outro, mas qual a necessidade de Melissa trazer seus dois pestinhas junto?

— Ela está vindo sob o pretexto de ajudar nos preparativos do casamento, o que ela fará sem dúvida alguma, e os filhos virão junto. Adam se juntará a nós em breve. Como o Chefe ele não pode se manter longe da *Organização* por muito tempo.

— Então Melissa não quer os dois pestinhas correndo pelos cassinos. — Bebo um pouco do meu uísque. — Ela sabe sobre a operação?

— É claro. Os Assassinos mapearam as principais rotas de transporte e com a nossa tecnologia conseguimos descobrir onde Henry Johnson está agora. Aproveitaremos o deslocamento dele para atacar.

— Como sabemos que não é uma armadilha e os russos atacarão de volta?

— Nosso problema é com o Johnson. A *Bratva* não deveria ter entrado na disputa e está perdendo muitos homens e dinheiro com essa guerra. Manter Johnson vivo por mais tempo será uma péssima ideia e não podemos arriscar que eles matem o maldito para tentar nos enganar depois.

— O Cyzarine não entrou em contato?

— Não, mas sei que ele quer alguma coisa. A frequência dos ataques diminuiu e nós já capturamos muitos homens dele. Todos os russos e descendentes no país estão sob investigação. Eles estão perdendo força.

— Acha que atacarão o casamento?

— Se a *Bratva* for suicida e o Cyzarine estiver com desejos de morte. Estaremos em maior número e com um esquema de segurança fortificado, não há chances reais de ataque. A mídia está em cima pela noiva misteriosa, estamos seguros no momento.

— O que o Cyzarine fará quando tirarmos o Johnson do território? Ele é a garantia que a *Bratva* tem.

— Não sei. Não tenho ideia de quais serão os próximos passos, mas estaremos preparados para todos os cenários possíveis.

— E Lorenzo?

Meu irmão solta um suspiro cansado, do tipo de quem tem estado sob muito estresse e tensão. Seus olhos escurecem um pouco e, de repente, Eduardo parece alguns anos mais velho do que realmente é. Lorenzo é um tópico delicado. Meu irmão e minha cunhada não terão mais filhos e se esforçam para proteger o único que têm.

— Haverá algumas mudanças e restrições. Os treinamentos aumentarão e o preparo também. Sei que ele ainda é muito novo, mas preciso que esteja pronto para o futuro. A *Famiglia* cobrou muito de mim por muitos anos e farão pior com Lorenzo.

— Ainda faltam seis anos até a iniciação dele.

— Lorenzo não é qualquer garoto da *Famiglia*, ele não pode se contentar com o básico. Meu filho precisa ser o melhor e saber fazer o melhor. Lorenzo é o futuro e preciso garantir que ele esteja preparado.

— Não quer que se repita o que aconteceu com você. — Constato o óbvio. — Você me preparou para a iniciação e eu estou aqui, não estou? Lorenzo não precisa de tanta pressão. Ele é jovem e já possui algum treinamento.

— Você foi preparado enquanto estava escondido na Alemanha. Foi um caso diferente.

— Lorenzo nasceu e está crescendo durante uma guerra. Quantas reuniões de urgência com o Conselho ele já presenciou em casa? Soldados e Assassinos por todos os lados, simulações de emergência, treinamentos extensos. Ele não segue o padrão tradicional. Lorenzo sabe que o mundo não é um lugar seguro ou confiável. Ele é uma criança, mas não é inocente.

— Sua noiva não é uma criança, mas é inocente. Veja em que situação estamos.

— Giulia é inexperiente, não inocente. *Per l'amor di Dio*, ela foi vendida pelo pai para o tráfico de pessoas e prostituição. Nós a achamos em cativeiro, em uma casa abandonada. Ela sabe que o mundo não é bom. Não saber detalhes sobre os negócios ou relações íntimas não significa que ela é imaculada. Nosso mundo já a manchou. Mancha a todos nós em algum momento.

Escolhendo a rota totalmente diferente da conversa, minha mente vaga para a visão maravilhosa de Giulia gozando em minha moto. Teria sido ainda melhor se ela estivesse sem blusa com seios em plena exibição, mas eu considero um ótimo começo.

Há tanto para explorar com ela. Vê-la de diferentes pontos, foder em diferentes posições e observar como ela gozar em todos eles. São experimentos que estou ansioso para conduzir. Giulia pode ter crescido rodeada de freiras e regras muito rígidas, sem chances de explorar sua sexualidade e saber do que gosta ou não, mas eu me voluntario para os testes de bom grado.

Giulia é uma garota barulhenta e eu gosto disso.

— Você sempre pensou assim?

Meu irmão acaba com a minha fantasia suja de Giulia gozando em minha mesa de bilhar, pernas bem abertas e gemidos altos enquanto nos satisfazemos e me traz de volta para a seriedade da nossa conversa. Posso deixar a imagem que criei para mais tarde.

— Não. — Colo um meio sorriso no rosto. — Já fui um otimista, mas o peso das responsabilidades fodeu com tudo.

Olho para meu irmão com seriedade. Melissa e eu prometemos um ao outro nunca contar sobre o inferno que foi essa casa para Eduardo. Nosso irmão mais velho tem uma visão romantizada sobre nossos pais e, como a família é muito importante para ele, não queremos estragar tudo.

Eduardo não tem ideia de que ele criou nosso conceito de família quando estabeleceu que nossa base é nós três. Quando se sacrificou e lutou para proteger Melissa e eu. Lissa sempre teve uma relação conturbada com nossa mãe e amava ser a princesa do *papà*, enquanto eu tinha meu refúgio em nossa mãe e nutria raiva pelo nosso pai.

Nunca fui o filho exemplar, o talento nato que Eduardo foi. Eu me dediquei e aprendi o que precisava pelo meu próprio esforço e nada foi bom o bastante. Enquanto nosso pai me considerava um fracasso e um medroso, me enviando uma vez por mês para assistir iniciações e aprender a "ser um homem da *Famiglia*", eu treinava no

quarto durante a noite, tentava melhorar meus golpes e reflexos sem que ele desconfiasse.

Sei que estava tentando me preparar para nossa dura realidade ao seu modo, mas o odiei por isso. O odiei por não me escutar, por não se importar com a minha opinião, por apenas ditar ordens e esperar que fossem seguidas sem se preocupar com o estrago que causaria. Após tantos anos cansei de me esconder atrás da minha mãe e esperar que ela conseguisse me salvar. As coisas só melhoraram quando Eduardo voltou para casa depois do acidente. Devo muito ao meu irmão e se ele precisa que eu me infiltre na Rússia na véspera do meu casamento, é exatamente o que eu farei.



GIULIA

Aperto minhas mãos uma na outra entrelaçando e soltando os dedos na falha tentativa de controlar minha ansiedade. Cada passo que dou na direção da sala aperta o nó em meu estômago. Mellanie está lendo algumas anotações no sofá e sei que esse é o momento para conversar com ela, Lorenzo está no treinamento diário com o pai e ela não se juntou aos dois hoje.

— Quer falar algo ou está passando mal Giulia? — Pergunta sem desviar os olhos das folhas em suas mãos. Ao contrário, ela calmamente vira o verso do papel para verificar mais anotações. — Você parece prestes a desmaiar.

— Eu... Sim, eu gostaria de conversar com a senho-você. Eu gostaria de conversar com você, mas não sei ao certo por onde começar.

— Sente-se e me conte o que te aflige. — De maneira elegante ela empilha os papéis e os coloca ao seu lado do sofá. — Se eu puder ajudar, resolveremos o problemas.

— Eu ainda não conversei com Enzo, mas falei com a Mara e... — Dou-lhe um sorriso nervoso e me acomodo ao seu lado do sofá. — Eu fazia trabalho voluntário na escola e agora, com o casamento, eu gostaria de continuar fazendo.

— Você quer criar uma ONG?

— Pensei em entrar para alguma no primeiro momento. Eu não quero explorar a família do meu noivo ou a *Famiglia* de forma alguma.

— Giulia eu acho a sua ideia fantástica e se estiver interessada eu adoraria te ajudar, mas tem um ponto importante.

— Qual?

— Você terá o sobrenome da família, será uma Santinelle e terá uma imagem a zelar para os mundanos e para a *Famiglia*. Trabalhar para uma ONG não é o melhor caminho. Se quer fazer trabalho voluntário é mais viável que tenha uma própria.

— Mara disse algo parecido. — Murmuro envergonhada. Conversei muito com ela antes de criar coragem de vir até aqui. *Mamma* e incentivou a procurar Mellanie e disse que seria o mais a se fazer.

Observando a receptividade de Mellanie agora vejo que Mara realmente estava certa.

— Em que área gostaria de atuar?

— Infantil. Trabalhos voltado para crianças carentes e desamparadas e famílias necessitadas.

— Como atividades extracurriculares, reforço escolar e incentivo trabalhista?

— Exatamente. Há tantas crianças em estado de vulnerabilidade que precisam de ajuda. Se temos os meios para fazê-lo, por que não? Eu não tenho habilidade com os eventos da *Famiglia*, não sou uma mulher desse meio, passei os últimos anos me ocupando com trabalho voluntário e gostaria de continuar fazendo isso depois de casada.

— Não acho que seja um problema, Enzo apoiará sua ideia e eu falarei com Eduardo para que seja um dos patronos. Você pode começar a pensar no nome.

— Mesmo?! Oh, senhora, *grazie!* Não imagina como isso me alegra.

— Giulia você é parte da família agora, nós nos ajudamos. Eu adoraria ajudá-la com a ONG, se aceitar minha ajuda, é claro.

— Seria uma honra.

— Conversarei com o meu marido e depois nos encontramos para acertar os detalhes. Temos as questões burocráticas para resolver e a logística como o lugar, o design, a logo, divulgação e tudo isso. Eu precisava mesmo de um trabalho extra para me ocupar, sinto que não estou em meu modo mais ativo.

— Tenho que falar com Enzo também. Ainda não conversamos sobre isso.

— Não conversamos sobre o que? — A voz do meu noivo atrai nossa atenção para a entrada da casa onde Enzo está com suas típicas roupas pretas, o cabelo desgrenhado e, como parece ser muito comum por aqui, o rosto, pescoço e braços manchados de sangue seco. Os olhos azuis parecendo mais claros que o habitual brilhando com a mistura macabra de cores.

A tranquilidade que Enzo transmite não combina com o homem voraz entre minhas pernas. Ainda não acredito que o deixei fazer aquilo em área aberta, em plena manhã, com qualquer um podendo aparecer e nos ver. Eu deveria estar envergonhada, deveria evitar encontrar com Enzo até o casamento, mas sou incapaz de ver esse homem pecaminoso e fingir que ele não me afeta.

— Cuidando dos negócios? — Mellanie questiona ao verificar seu estado.

— Isso? — Olha para seu corpo musculoso virando as palmas ensanguentadas para si. Não quero imaginar quanto de fluido vermelho está escondido sob o tecido escuro de suas roupas. — Um momento de diversão com mais um dos russos capturados. Eduardo perdeu a melhor parte, foi realmente divertido.

— Toda essa sujeira é de um único homem? — Mellanie pergunta com uma sobrancelha arqueada para o cunhado. Ela lida

com a situação de maneira tão natural que não parece que o homem em questão está coberto de sangue.

Do sangue de alguém.

— Não, foram três deles e nenhum tinha informações importantes de fato, mas me rendeu algumas horas de diversão. Há mais alguns presos esperando pela visita do Diabo à noite.

— É melhor você tomar um banho. Não quero minha casa fedendo a sangue.

— Sim, senhora. — Dá-lhe um meio sorriso charmoso. — Sobre o que minha noiva e eu não conversamos ainda?

— Eu... Nós, Mellanie e eu queremos criar uma ONG para ajudar crianças necessitadas e famílias carentes.

— Seria com o patrimônio pessoal da família, não com o fundos da *Famiglia*. — Mellanie explica com um sorriso no rosto. — Eu achei a ideia maravilhosa e foi uma iniciativa da Giulia.

— Em que parte estou envolvido? — Enzo questiona cruzando os braços sobre o peito.

— Eu não preciso da sua permissão?

— *Princesa*, é claro que não. Você pode fazer o que quiser. Apenas seja cuidadosa com a Mellanie, ela é uma péssima influência.

Uma das almofadas voou pela sala e acertou precisamente no rosto de Enzo. Eu esperava que isso ficasse irritado e violento, meu pai costumava ficar assim quando se desagradava por alguma coisa, mas Enzo estava com um sorriso zombeteiro no rosto e jogou a almofada de volta para a cunhada, acertando a cabeça de Mellanie.

— É você quem enche meu filho de açúcar.

— Ele é uma criança, precisa ter infância.

— Comer potes de sorvetes depois do jantar não significa ter uma infância.

— Tem razão, isso se chama felicidade.

— E eu sou a má influência aqui. — Mellanie lhe dá um olhar ameaçador, mas não parece surtir o efeito desejado considerando

que Enzo joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada alta. — Cuidado Giulia, Enzo será um problema quando você tentar disciplinar seus filhos.

— Eu posso ser um adulto responsável!

— É claro que não pode! — Mellanie se vira para mim. — Ele é uma criança de vinte e seis anos.

— Isso quase me ofendeu!

— Um ego como o seu não se abala fácil.



ENZO

— Mellanie falou comigo. — Eduardo cruza os braços sobre o peito enquanto esperamos o avião taxiar na pista. — Eu pedi que elas esperassem até que a guerra pare.

— E esperamos que seja logo.

— Mellanie também comentou que Giulia parecia ansiosa para te agradar, que até pretendia pedir permissão para ter uma ONG.

— Ela é preciosa, não está acostumada com espécimes masculinos e os exemplos que teve antes em sua vida não foram dos melhores. Sabe o que aconteceu com ela antes do Johnson?

— Ela me contou, mas acho melhor que você espere até ela te contar. Não será fácil de ouvir e suspeito que você ficará mais protetor em relação a ela.

— Foi tão ruim assim?

— Já vimos coisas piores. — Eduardo se limita a dar de ombros. — É a seriedade da situação que choca. Saber o que ela passou ajuda a atender sua personalidade cautelosa e reservada.

— Respeitarei o tempo dela. Quando Giulia se sentir à vontade para me contar estarei pronto para ouvir.

Não que eu possa julgá-la por não ter sua vida como um livro aberto para todos lerem. Me parece hipócrita investigar sua história

sem seu consentimento quando eu mesmo não contei ao meu irmão tudo o que passamos em sua ausência. Nossa casa era uma Guerra Fria luxuosa onde meu pai e minha mãe representavam os extremos opostos e Melissa e eu nos aliamos a cada um. Era uma situação complicada já que se tratava dos nossos pais e mesmo que minha irmã e eu não concordássemos com o que acontecia, éramos o maior apoio um do outro.

Nos anos que passamos na Alemanha Melissa era a responsável por mim. Ela e Adam ajudaram no meu treinamento e no meu preparo para a iniciação – que eu já não temia graças às visitas que meu pai me obrigava a fazer nos anos anteriores – enquanto Eduardo lutava na Itália contra Alessandro.

Meu irmão arriscou sua vida, lutou por nós, para nos manter vivos.

Nós três éramos despreparados. Acostumados aos luxos e privilégios que a posição dos nossos pais nos proporcionava. *Mamma* tentou preparar Melissa no estilo de vida da *Famiglia* por anos sem sucesso, já *papà* tentou me tornar o exemplo de modelo aceitável como Eduardo o que também não deu resultados.

Antes do acidente Eduardo fazia o que era esperado dele, assumia poucas missões e seu desempenho era sempre na média para que ninguém reclamasse do excesso de viagens e festas. Depois tudo Eduardo mudou. Durante sua batalha contra Alessandro Eduardo virou um verdadeiro Chefe, o *Capo dei Capi*, o Diabo da *Famiglia*.

— O que está acontecendo com você? — A voz do meu irmão me puxa de volta para a realidade. Seus olhos azuis me observam com seriedade e interesse, ignorando a porta do avião se abrindo e a escada sendo abaixada.

— O que quer dizer?

— Já faz algumas semanas que você parece distante. Às vezes se perde dentro da própria cabeça e fica com uma expressão séria. Não se parece com você.

— Todos somos atormentados por pensamentos sombrios, irmão. — Sorrio sem humor algum, colocando minhas mãos nos

bolsos das calças e dando de ombros. — Já se perguntou se seria alguma maldição de família?

— Que fomos amaldiçoados em algum momento da História, eu tenho certeza. Se você está sugerindo que carregamos essa maldição conosco, eu já não estou tão seguro.

— Nós não temos um período pacífico. Estamos sempre em guerra contra alguém, seja outra organização ou um dos nossos. Cada geração da nossa família sofre de uma maneira diferente e os problemas parecem aumentar.

— Não parecem, eles aumentam. — Eduardo solta um suspiro cansado. — Não somos supersticiosos. Eu acredito em ações e consequências. Toda ação gera uma consequência e precisamos estar preparados para ela, seja boa ou ruim. Alessandro escolheu nos trair, algumas famílias escolheram se unir a ele e todos pagaram por isso. Uma ação e uma consequência. Nós estamos fazendo o nosso melhor para cuidar da *Famiglia*, esperamos mais prosperidade e quiçá um período pacífico.

— É isso o que somos. Protetores da *Famiglia*.

— É o nascemos para fazer. Esse não é o problema que te perturba, não é?

— Os meus dois idiotas favoritos! — Melissa chama nossa atenção e antes que eu perceba há um vulto rápido em minha direção e outro na direção de Eduardo.

Lissa caminha até nós com um enorme sorriso no rosto, uma mochila nas costas, uma mala na mão e sua querida faca borboleta na outra. Matteo está em meu pescoço gritando meu nome enquanto Bella está beijando a bochecha de Eduardo como uma verdadeira dama. Os dois pestinhas de Melissa.

Bella é praticamente a cópia da mãe. Seus traços, a cor do cabelo e os olhos são idênticos aos de Melissa enquanto Matteo se parece mais com o pai, apesar de os cabelos mais escuros que os de Adam e ter os olhos de Melissa. O que é uma mistura estranha considerando que cada gêmeo se parece com um dos pais e ainda assim eles se parecem. Não é difícil perceber que os dois são gêmeos.

— Como foi a viagem? — Eduardo pergunta ao erguer Bella nos braços.

— *Mamma* brigou com Matteo. — Bella conta com um pequeno risinho.

— Enzo é a pior das influências. — Melissa revira os olhos quando finalmente nos alcança. — Conte para os seus tios o que você fez Matteo.

— *Mamma* disse que não posso beijar ainda e que oferecer dinheiro para as filhas do soldados é errado. — O garoto fez até um beicinho, seus olhos azuis chorosos quase amoleceram meu coração.

— Você ofereceu dinheiro por um beijo? — Não consegui esconder o riso na minha voz.

Sim, estou criando meus sobrinhos como se deve.

— Ouvi um dos soldados dizendo que ela é a mais bonita. — Dá de ombros como se não fosse grande coisa. — Ela ainda não está noiva então pensei que não haveria problema em comprar um beijo.

— Onde você conseguiu dinheiro para isso? — Eduardo pergunta.

— Matteo cortou o rosto da Suzy com uma das facas da *mamma!* — Bella protesta com a voz chorosa. — Tive que pagar para ele ficar longe.

— Você cortou uma garota?!

— Não! — O pestinha responde com uma careta.

— Suzy era a boneca favorita dela. — Melissa fala ao entregar a mala para um dos soldados. — Podemos ir de uma vez? Esses dois precisam dormir.

— Eu não estou com sono. — Matteo protesta.

— Eu também não! — Bella fala com um bocejo no final.

— Lorenzo não está acordado para vocês brincarem e ainda é muito cedo para isso. — Lissa me dá um sorriso maquiavélico. — Vocês dois vão para a cama e mais tarde podem brincar com o tio Enzo.



GIULIA

Entro na cozinha pela porta dos fundos, ajudando um dos soldados com as muitas sacolas de compras que Mara fez. Não esperava encontrar Mara conversando aos risos com as senhoras da família. Mellanie havia comentado que Melissa viria para ajudar com o casamento relâmpago, mas pensei que era uma brincadeira e agora, vendo a irmã Santinelle comendo um dos bolinhos de Mara, já não tenho tanta certeza.

Os olhos escuros e calorosos de Mara me encontram estática na porta, um largo sorriso toma seu rosto e as outras duas mulheres seguem seu olhar. O desconforto me toma e sinto vontade de correr para longe.

— Giulia, querida, chegou na hora certa!

O soldado passa por mim se contorcendo de forma paranormal para não me tocar. Desperto do transe e coloco as sacolas que carrego sobre um dos balcões. Mellanie e a senhora Melissa já têm seus próprios sorrisos em seus rostos quando me olham.

— As compras que pediu estão aqui. — Aponto para o mar de sacolas e dou-lhes um sorriso trêmulo. Um comentário bobo, mas meu nervosismo insiste em que eu preencha o silêncio.

— Junte-se a nós. — Mellanie indica um dos bancos vazios da ilha. — É o momento das mulheres.

Abro a boca para responder e sou interrompida por um barulho alto ecoando alto pela casa. Mara balança a cabeça em negação, Mellanie dá um meio sorriso e Melissa abastece sua xícara com mais café.

— O que foi isso? — Questiono procurando pela origem do som.

— Enzo se ofereceu para ser a babá hoje. — O sorriso da Primeira-Dama aumenta e a senhora Melissa se engasga uma risada. — Eles estão brincando na ala dele.

— É claro que ele se ofereceu. — Melissa esconde o sorriso atrás do copo de suco. — Eu espero que ninguém saia com algo quebrado. Ir ao casamento de gesso não é o tipo de acessório... apropriado? Tradicional? Pensando bem, não sendo um dos meus filhos, podem quebrar o que quiserem do tio.

— *Bambina*, se importa de verificar como todos estão? — Mara me pergunta. — Você é muito boa com crianças e Enzo... Bem, Enzo é a pior delas. Como Melissa disse, nós não queremos nada quebrado. De preferência ossos ou mobília.

— Ou você pode se sentar e fofocar conosco. — Melissa oferece com um sorriso malicioso no rosto.

Outro barulho alto ecoa. Não sei o que eles estão fazendo, mas parece que estão tentando destruir uma parte da casa. Aproveitando a oportunidade para fugir da cozinha e adiar essa conversa o máximo possível, dou-lhes um pequeno sorriso. É lógico que me acovardei. Trata-se de Melissa Santinelle, não há como ser corajosa. É de conhecimento de todos que os irmãos são extremamente conectados e não quero imaginar a senhora Melissa desaprovando meu noivado com seu irmão mais novo.

— É melhor eu garantir que estejam todos bem.

Melissa dá de ombros, Mellanie sorri e Mara acena em concordância antes que eu saia. A casa mais parece um complexo ou um labirinto, quem não conhece a casa não consegue andar por ela sem se perder. Dizem que a casa já era grande, mas depois que assumiu a liderança o Chefe reformou uma ala inteira e mandou construir outra para que cada um dos irmãos tivesse privacidade em sua própria área da casa e que todos pudessem se encontrar nas áreas de convívio.

Entrando na ala de Enzo ouço os sons de objetos caindo, gritos e risadas altas. Sigo pelos corredores até uma sala com as

portas duplas abertas. É uma sala com paredes cinzas, parecendo cimento queimado, juntamente com o piso de madeira escuro faz o cômodo parecer uma caverna. Os móveis pretos estão revirados. O sofá está caído, almofadas espalhadas por todos os lados, as poltronas afastadas para os cantos, uma fita vermelha marca um "x" na frente da televisão de cinema e um vaso de plantas está quebrado perto da janela.

Vejo um vulto de cabelo preto atrás do sofá e não sei identificar qual deles é. Apesar do jovem alemão, Matteo, ter o cabelo alguns tons mais claro eu me sinto perdida, quase em um *Onde está o Wally*.*

— Vocês, pestinhas, pagarão por invadir meu armário de emergência. — Enzo sai detrás da cortina com passos calculados, abaixando-se para pegar uma das almofadas no chão enquanto olha de um lado para o outro procurando por seus sobrinhos. — Eu nunca autorizei comerem meu chocolate.

— Atacar! — Lorenzo grita e pula detrás do sofá caído. No instante seguinte uma garota e um rapaz surgem atrás de Enzo e os três golpeiam o tio com as almofadas do sofá.

Enzo luta bravamente, mas os sobrinhos levam a melhor e conseguem derrubá-lo. O grande homem está caído no tapete felpudo, gritos dos atacantes e da vítima se mesclam e almofadas são atiradas sem piedade.

— Tudo bem! Tudo bem! — Enzo ergue as mãos para o alto fazendo os sobrinhos interromperem os golpes. — Eu me rendo. Vocês venceram, mas mudarei os chocolates de lugar e vocês nunca mais descobrirão o novo esconderijo.

A garota, Bella, bate a almofada no tio uma última vez diante de tal ameaça. seu rabo de cavalo preto ricocheteando de um lado para o outro quando pega impulso. Não consigo mais conter o riso e uma pequena fração me escapa, atraindo quatro pares de olhos incrivelmente azuis para mim. Essa família não parecer possuir variabilidade genética. É como se copiasse seus integrantes e os colassem em versões mais jovens.

— Quem é ela? — Matteo pergunta com um leve sotaque, quase imperceptível.

— É a namorada do tio Enzo. — Lorenzo responde abraçando a almofada junto ao peito. — Eles vão se casar.

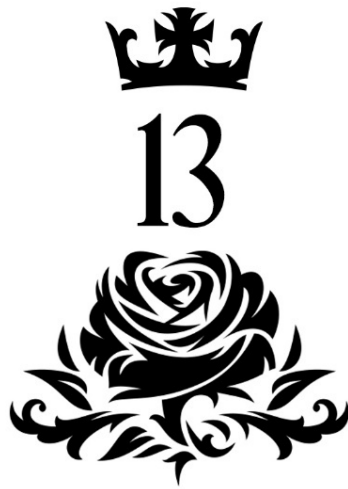
— O tio Enzo tem muitas namoradas e nunca se casou com nenhuma. — Matteo volta a dizer com a sinceridade que apenas as crianças possuem e preciso engolir o bolo de desconforto que se formou em minha garganta.

— Ok, ok. — Enzo se senta, rodeado pelos sobrinhos de pé. — Vocês não sabem o que estão falando. O tio Enzo só tem uma namorada e é a tia Giulia.

— Então o senhor já beijou a tia Giulia? — Bella questiona com os olhinhos brilhando. — *Mamma* disse que Matteo não pode beijar porque ele ainda é muito novo para ter uma namorada.

— É claro que ele já beijou a tia Giulia. — Lorenzo revira os olhos para os primos. — Eles não se casariam se não tivessem se beijado.

*Onde está o Wally?** - série de livros/jogos impressos em que o leitor tinha que encontrar o personagem Wally no meio de uma multidão de figuras. É um ótimo jeito de treinar percepção e, se você for competitivo como minha mãe e eu, pode ser um ótimo jeito de disputar para ver quem encontra primeiro. Jogo é jogo, baby.



ENZO

Dio Santo, onde estão os pais dessas crianças? Observo Giulia se remexer desconfortável na porta da sala. O vestido de verão vermelho com pequenas flores amarelas faz ela se destacar na sala cinzenta. Os longos cabelos soltos com cachos rebeldes caindo ao redor do busto. Me perdi da linha de raciocínio inicial. Senhor, que quadril ela tem. Eu serei um homem feliz.

— *Mamma* não me deixaria casar com uma garota só porque eu a beijei. — Matteo me lembra do real problema aqui.

— Isso porque você é adotado e ela não quer ferir seus sentimentos. — Bella pisca docemente para o irmão. A garotinha fala com tanta convicção que eu mesmo acreditaria se eles não se parecessem tanto. — Eu não reclamaria. Quero transformar seu quarto no meu quarto de bonecas quando você sair de casa.

— Eu não vou sair de casa! — Matteo protesta.

— Você pode vir morar comigo. — Os olhos de Lorenzo brilham com a ideia. — *Mamma* não brigaria. Você pode treinar com *papà* e eu!

— Tudo bem, vocês três, essa conversa já foi longe o suficiente. Bella, Matteo não é adotado e Lorenzo, Matteo não pode vir morar com você, a casa dele é na Alemanha. Matteo você não

vai se casar ainda e quando for não terá que pagar para beijar sua namorada. Não quero vocês discutindo isso outra vez, entendido?

— Sim, senhor. — Resmungam juntos.

— Ótimo. — Me levanto, olhando para os três pestinhas que destruíram minha sala e acabaram com meu estoque de doce de emergência. — Voltem à guerra, mas lembrem-se: fiquem longe das janelas, não joguem nada na direção da televisão e só podem bater com as almofadas, nada de socos, chutes ou usar qualquer outro objeto. Não queremos que suas mães matem o tio Enzo, não é?

— Aonde vai? — Bella pergunta.

— Conversar com a tia Giulia. Você está no comando, Bella. Não deixe esses dois quebrarem nada do tio Enzo ou deles mesmo.

— Pode deixar. — Estufa o peito, orgulhosa pela liderança. Sendo sincero, Bella é a mais próxima de humana dos três. Eu não ficaria surpreso se decidissem deixá-los nos zoológico mais próximo, ala de animais selvagens, mas são meus sobrinhos e os amo... Desde que não danifiquem minha televisão.

Caminho até Giulia ignorando a nova discussão que os três começaram por Bella ser a líder. Balanço a cabeça e saio para o corredor com minha noiva, encostando a porta atrás de nós, mas não completamente já que sou o adulto responsável e preciso garantir que essas crianças desordenadas cheguem à fase adulta quando estiverem sob minha supervisão.

— Você é muito bom com crianças.

— Eu tento. — Dou de ombros. O brilho e o calor em seus olhos por me ver em uma guerra de almofadas com meus sobrinhos me desconcerta. As pessoas estão sempre me avaliando por seus serviços na *Famiglia* ou como meu físico aparenta no dia, elas não admiram um momento íntimo e familiar dessa forma porque não estão autorizadas a ir tão longe. — Está tudo bem?

— Hum... Sim, sim eu... — Coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha, parecendo nervosa. — Fui enviada para conferir se estavam todos bem. Nós ouvimos sons lá da cozinha.

— Oh! Foi o sofá. Precisávamos virá-lo para que fosse um escudo bom o suficiente. Uma guerra exige bons abrigos.

— É claro. — Um sorriso bonito toma seu rosto, o calor em seus olhos parece aumentar quando lembra da brincadeira com as crianças. — Vou deixá-los brincar, então.

— Não quer se juntar? Bella precisa de reforço feminino.

— Eu não sei.

— Vamos, será divertido. Além disso tenho planos de levá-los para correr a propriedade. O segredo da vida é cansar as crianças o máximo possível para que durmam logo.

— Não é muito cedo para cansá-las assim?

— Um cochilo depois do almoço é bom para todos.

— Certo. — Giulia uma pequena risada e *cazzo*, eu me senti incrível por fazê-la rir. — Posso perguntar uma coisa?

— É claro. O que quiser.

— Você se incomoda por nós não... — Gesticula entre nós dois, insegura com a própria pergunta. — ... Não termos nos beijado? Você costumava ter *muitas namoradas*.

É lógico para mim que Giulia não está se referindo à relacionamentos sérios, eu contei a ela que não havia sentimentos envolvidos. Sempre tive certo orgulho da minha fama, as mulheres queriam me usar e eu estava mais que disposto a ser usado, mas agora não me parece útil. Quero dizer, Giulia é uma boa mulher, inocente e talvez um pouco despreparada para nosso mundo. Não quero imaginá-la tendo que lidar com as mulheres soberbas que frequentam nossos eventos. Vi o que minha cunhada passou e ouvia os comentários maldosos sobre a minha irmã. Giulia não merece isso, ainda mais por minha culpa. O incidente da minha festa de aniversário foi mais que o suficiente.

Não que eu me arrependa do que fiz. Parecia certo, eu queria aproveitar e desfrutei o máximo que pude, mas conhecendo nosso mundo e as pessoas nele, Giulia será motivo de zombaria por minhas atitudes, não as dela. O apelido de “Príncipe corrompido” me perseguirá por um longo tempo, mesmo após o nosso casamento.

— Claro que não me incomoda. Eu não sou um cretino libertino e tecnicamente nós nos beijamos, não nos lugares convencionais, mas eu me dediquei muito àquele beijo. Sei respeitar

limites e sei que devo esperar o seu tempo. Não tenha pressa e ignore noventa por cento do que meus sobrinhos falam, eu mesmo faço isso desde os nascimentos deles. Matteo é um caso perdido.

— Talvez ele seja parecido demais com você. — Um tímido sorriso brincalhão aparece em seu rosto e me sinto aliviado. Não estraguei tudo. Isso é ótimo.

— Eu não posso culpar minha irmã por me amar demais. - Dou de ombros, meu típico sorriso convencido no rosto. — Quem não amaria?

— *Grazie* por respeitar meu tempo, Enzo. Você não imagina como isso é precioso para mim.

A fala de Eduardo sobre o passado de Giulia passa por minha mente e sei que preciso ser mais paciente do que nunca. Não é apenas um caso passageiro em que ambas as partes sabem que possui um prazo de término. Giulia será minha esposa, é minha noiva e precisamos construir uma relação boa para os dois.

Meus irmãos conseguiram isso e sei que não foi fácil, também não deve ser impossível. Inferno, Eduardo conseguiu manter o casamento por tantos anos sem que Mellanie o matasse no processo. Definitivamente não é impossível.



GIULIA

Os gritos pedindo que parasse assombram minha mente.

Ela sempre estava pedindo para que eles parassem, mas então prometiam entregar algo que ela queria e seus clamores paravam, ela parecia magicamente aproveitar a companhia de todos. Levou anos para que eu entendesse sua condição. Após meses no internato e de acompanhamento com psicólogos, eu pude

entender que minha mãe era uma dependente química e que meu pai era o fornecedor para a manutenção de seu vício.

A relação dos dois parecia errada. Não era como eu via pela televisão da vizinha através da janela. Nas novelas que ela assistia o casal principal parecia se amar loucamente e fazia o impossível para ficar junto. Meus pais estavam sempre brigando e se batendo até minha mãe sumir.

Eu nunca tive uma grande perspectiva de vida. Estava sempre desagradando meu pai e pagando por isso. A *Famiglia* me aceitou e os Santinelle me mantiveram debaixo de suas asas. Me deram Mara, me deram roupas novas e bonitas, me enviaram para um colégio caro e seguro, tudo para me proporcionar um novo começo.

Eu não era uma boa aluna. Não importava quanto me esforçasse para acompanhar o restante da classe, eu sempre estive atrás das outras meninas, nunca fui inteligente ou conhecedora o bastante. Me dediquei ao programa de trabalho voluntário da escola por que sabia que não me destacaria pelos estudos e precisava ocupar minha vida de alguma maneira. Não queria ser uma decepção para mais alguém, muito menos para a família que me acolheu.

Eu não queria ser como minha mãe. Não quero ser como ela. Nunca.

Uma parte um pouco pessimista de mim imaginava que meu futuro não seria bom. Desde cedo percebi que não teria um futuro brilhante. Eu me casaria com um homem que o Chefe designasse e tinha comigo mesma que me esforçaria o máximo possível para agradar meu marido e nunca o desapontar. Agora estou noiva de um homem que parece um sonho e sua fala sobre me respeitar ainda ecoa em minha cabeça.

Alguém chamando meu nome aos poucos me desperta para a realidade. As batidas na porta indicam que a pessoa está chamando há algum tempo. Suspiro pesadamente, fecho o livro que não consegui ler um único parágrafo e caminho até a porta.

Melissa Santinelle estava parada ali. Já é de madrugada e imaginei que todos na casa estivessem dormindo. Apesar da guerra divertida contra Enzo e seus sobrinhos, me tranquei no quarto pelo

restante do dia e da noite. O passado ameaça me sufocar às vezes e Enzo parecer um príncipe encantado não combina com o futuro depreciativo que eu imaginava para mim mesma.

— Podemos conversar?

— É claro. — Forço um pequeno sorriso, abrindo espaço para que ela entre no quarto.

Não é grande, mas é confortável e aconchegante. Uma cama de casal, um pequeno armário, uma escrivaninha, uma cadeira e uma mesa de cabeceira. Nada muito chique, móveis elegantes escolhidos pela própria senhora Melissa quando o irmão reformou a casa.

— Atrapalho alguma coisa? — Pergunta estudando o cômodo, como se procurasse por traços da minha intimidade para reunir informações. — Vi a luz acesa, queria garantir que estivesse tudo bem.

— Sem problemas. — Me sento na cama e ofereço para que ela se sinta ao lado, onde ela se acomoda e me estuda de perto com olhos assustadores de tão lindos. — Posso ajudar a senhora em algo?

— Não precisa me chamar de senhora. Nós seremos irmãs muito em breve.

— É claro. *Grazie*, senhora Melissa.

— Apenas Melissa, Giulia. — Sorri para mim. — Percebi que ficou nervosa quando me encontrou na cozinha pela manhã. Gostaria de conversar?

— Eu não sabia se já era de seu conhecimento meu noivado com Enzo. — Brinco com o anel de brilhantes em meu dedo, incapaz de encará-la. — Não quero que tenha uma impressão errada sobre meu interesse no seu irmão. Enzo é um homem muito bom, sabe como encantar e eu não estou nesse noivado por algum sonho bobo ou pensando no que seu irmão tem.

— E isso prova que você é a mulher perfeita para se casar com Enzo. Giulia eu preciso que você seja sincera comigo, está bem? — Aceno em concordância. Não acho que eles entenderão um dia as causas de tamanha insegurança. Eu deveria ser mais

forte que isso, Mara disse que tudo acontece no tempo certo. — O que te fez aceitar essa proposta?

— Não é pelo cargo dele ou pelo dinheiro da sua família, se é isso o que quer saber. Pensei bastante, conversei com ele, expus o que eu esperava dele e da nossa união. Enzo soube ser convincente e teve argumentos muito válidos. A verdade é que eu não tenho uma perspectiva de vida muito promissora.

— Você é uma protegida dos Santinelle. Pode fazer o que quiser e qualquer um mataria para estar contigo.

— Mesmo? Seu irmão me deixou escolher, pensar e decidir o que eu queria. Ele nunca usou de seu cargo, dinheiro ou influência sobre mim. Com seu irmão posso ter a liberdade que eu não teria com outro. Ainda que o Chefe escolhesse um homem decente, quem me faria que eu poderia ser livre? A partir do momento que eu disser “eu aceito” estou presa ao meu marido.

— Você aceitou se prender ao meu irmão para ter alguma liberdade mesmo sabendo que precisará gerar um bebê o mais rápido possível?

— Não quero parecer interesseira. Seu irmão é um homem muito bonito e sabe disso, não seria difícil engravidar dele.

— Não te julgo pela sua escolha, sei como é difícil sobreviver em nosso mundo, especialmente se você não tem um pênis entre suas pernas. Sacrifícios são necessários.

— A verdade é que me sinto perdida, Melissa. Sinto que estou me apegando muito ao seu irmão, mas não tenho ideia do que fazer na *Famiglia*, para a *Famiglia* ou com a *Famiglia*.

— Você não pode se cobrar com aquilo não foi preparada para enfrentar. Se precisar de ajuda eu estou sempre a uma ligação de distância e tenho certeza de que com Mellanie não é diferente.

— Ela tem sido maravilhosa. Até aceitou começar uma ONG comigo.

— Você ainda faz trabalho voluntário? — O pequeno sorriso aparece em seu rosto.

— Sim, foi minha válvula de escape por muitos anos e não acho que posso abandonar depois que me casar.

— Você não precisa. Temos mais que condições de manter uma organização como essa. Finalmente poderemos fazer algo bom para a sociedade.

— Sim.

— Por que sinto que há algo te incomodando?

— É bobagem.

— Eu não sei se Enzo já te contou, mas o que une os Santinelle é a confiança. Eu quero muito te ajudar, só que você precisa ser sincera comigo.

— Estive pensando sobre o passado e... bem... O passado machuca.

— O passado do meu irmão?

— Não. O que Enzo fez enquanto estava solteiro não me diz respeito, não posso culpá-lo por suas aventuras antes de estar comigo. Não que isso seja um impedimento agora, ele é um homem da *Famiglia* e...

— E tem a obrigação de respeitar a esposa. Antes de ser um Homem Feito Enzo é um Santinelle. Eduardo e eu nos encarregamos que ele soubesse seus valores.

Sua fala me emocionou de uma forma que está além da descrição. Não consigo expressar em palavras o suporte que senti ser estabelecido para mim. Sei como as pessoas julgavam Mellanie antes do casamento e como ainda julgam Melissa por sua natureza independente. Saber que tenho mulheres comigo que entendem a minha situação e meus anseios é reconfortante.

— O meu passado é o problema. Me sinto insegura e não acho que sou boa para estar aqui. Eu não posso decepcionar alguém de novo. — Me levanto, incapaz de conter o nervosismo. — Tenho medo de arruinar tudo depois do casamento.

— Giulia, o que aconteceu com você? — Sinto meus olhos arderem, meu peito parece querer explodir e minhas pernas ameaçam fraquejar. *Dio Santo*, isso sempre acontece quando eu penso sobre minha vida antes. — É aquilo? Querida, você não foi culpada. Você era uma criança, Giulia.

— Eu não sei como seguir em frente.

— Comece exercitando aqui. — Bate seu dedo indicador em sua têmpora. — Nunca conseguirá abandonar se deixar que as palavras daquele homem tenham tanto peso na sua vida. Você está noiva agora e pelo que eu soube na cozinha você e Enzo parecem muito felizes. Como irmã do Enzo insisto em dizer que ele é um idiota e te dará muito trabalho. Como amiga, acho que você deveria contar tudo para ele.

— Ele não sabe?

— De tudo? Não, nós nunca contamos. Eduardo sabe por que é o Chefe e precisa saber, eu sei por que ajudei a te acolher, mas Enzo deve saber por que é seu noivo. Giulia eu vivi anos longe do meu marido porque não deixei que esclarecesse um mal-entendido. Meus filhos poderiam ser três anos mais velhos. Afastei Adam por culpa das minhas próprias inseguranças e meus medos. Não faça o mesmo.



ENZO

— Vocês interceptarão pelo Norte. — Eduardo aumenta o zoom da tela, nos mostrando as imagens de satélite da estrada. — Os Assassinos estarão nas motos e um de vocês estará no carro.

— Eu posso ficar no carro. — Melissa arqueia a sobrelanceia para nós, nos desafiando a questioná-la. Cobrinha. — Com o meu humor, posso garantir que Henry chegue aqui apagado.

— Voltaremos perto do meio-dia. — Encaro meu irmão tentando buscar qualquer informação silenciosa. — Cuidaremos dele antes do casamento?

— Não. Depois da festa.

— Espere até o meio-dia seguinte. — Lissa se levanta e vai até o aparador pegar um copo de bebida. — Enzo tem direito de aproveitar a noite de núpcias e ainda assistir a diversão de verdade.

— Não tenho certeza se haverá uma noite de núpcias. — Cruzo meus braços e franzo o cenho. — Não acho que Giulia esteja pronta para intimidade.

— Ela não é de porcelana. — Minha irmã volta para a sua cadeira bebericando o uísque. — E não acho que vá resistir a uma investida sua.

— Eu duvido. — Faço uma careta e Eduardo ri colocando uma mão no bolso da calça social, ele está sem o blazer e a blusa

branca está com os primeiros botões abertos e as mangas dobradas até os cotovelos.

— Você parece estar pagando todos os pecados. — Cruza os braços sobre o peito, encostando-se em sua pesada mesa de carvalho.

— Quão irônico seja que o próprio Diabo me diga isso?

— O que estou dizendo é que você escolheu a garota mais inapropriada para sua personalidade...

— Prostituta? — Melissa sugere com um sorriso malicioso.

— Você não estava ocupada bebendo o seu uísque? — Ponto meu queixo para seu copo.

— Vamos, Enzo. — Revira os olhos para mim como uma rebelde. — Como você caiu de amores pela garota tão rapidamente?

— Ela foi a única que não o deixou entrar em suas calças. — Eduardo zomba. — Nunca imaginei que o segredo para que se apaixonasse fosse uma castidade imposta, irmão.

— Vocês dois são um caso perdido. — Balanço a cabeça e noto uma figura saindo pela lateral da casa na direção dos jardins escurecidos pela madrugada. Uma calça larga e escura, uma fina blusa que me parece ser branca, mas eu reconheceria aqueles quadris e aquele amontoado de cachos em qualquer lugar. — Preciso fazer uma coisa. Vocês podem continuar repassando o plano.

— Você não deveria repassar também? — A voz de Melissa é irônica, mas já estou de pé e caminhando na direção da saída.

— Eu tenho os passos decorados. Eduardo tem me ocupado o suficiente durante a madrugada. Mellanie está fazendo greve de sexo outra vez, irmão?

— Não que isso seja da sua conta. — Eduardo fecha a cara para mim. — Não estamos brigados, se está tão interessado em minha vida sexual.

— Longe de mim querer esse tipo de detalhe.

Saio do escritório e corro para os jardins. São duas e meia da madrugada, os moradores da casa estão dormindo e Giulia deveria

estar também. Com suas pernas bem mais curtas que as minhas, não demora até que eu consigo alcançá-la.

— Giulia? Hey, o que está fazendo aqui? — Toco em seu cotovelo encoberto pela banca da blusa fina, interceptando sua caminhada quando ouço um soluço de choro e meu peito aperta. — Giu? Giulia, *principessa*, o que houve?

— Eu sinto muito. — Se vira para mim com outro soluço. Sem pensar, a puxo contra mim e a abraço apertado. Sinto seus dedos agarrarem minha blusa com força e mais um soluço aumenta meu desespero. Nunca soube lidar com pessoas chorando, especialmente as mulheres, de modo geral eu as faço rir ou me chamar de idiota egocêntrico.

— Não se preocupe, *principessa*. — Acaricio seus cabelos, sentindo as ondulações em meus dedos. — O que foi?

— Eu estou me sentindo insegura. — Mais um soluço. Dio, o que interrompe o choro? Eu não fui treinado para situações assim.

— Com o casamento?

— Com tudo. — Sua resposta faz minha coluna enrijecer e Giulia percebe, se afastando de mim e tentando limpar o rosto molhado - Eu não quero te decepcionar, Enzo. Não posso te decepcionar como fiz com o meu pai.

— Eu nunca vou fazer o que seu pai fez, Giulia. — Não sei se são as lágrimas que molharam minha blusa e aqui fora está frio, mas sinto o meu estômago gelar.

— Eu o desagradei e ele me entregou àqueles homens. Tenho medo de não ser boa o bastante para você.

As peças se encaixam em minha mente como um quebra-cabeça. Na época em que resgatamos Giulia ela ficou hospitalizada. Estava mal, tinha um braço quebrado, estava desidratada e carente de vitaminas. Depois de uma conversa rápida entre Eduardo e Giulia, meu irmão nos mandou investigar o que pudéssemos sobre a vida dela.

Tudo o que conseguimos descobrir foi que o pai era um pequeno comerciante de Bari que nos pagava por proteção. Um barzinho miserável e sem muita fonte de lucro, mas descobrimos

que ele abrigava uma prostituta. Alguns vizinhos mais antigos – e muito religiosos, espantados pela conduta daquela casa – contaram que a mulher era uma antiga namorada do homem, mas ele a obrigava a se prostituir.

Não que esse seja o foco.

O maldito comprava drogas de Henry sem que soubéssemos e, quando sua dívida cresceu muito mais do que ele poderia pagar, o maldito vendo a filha como pagamento. Giulia estava na casa porque tinha acabado de ser capturada, ela seria levada para a Rússia e entregue à Bratva para exploração sexual.

Johnson e os malditos russos tinham um acordo para levar garotas italianas, de alguma forma ligadas à *Famiglia*, para a rede de exploração da Bratva. É por isso que o miserável do Johnson conseguiu exílio naquela terra gelada. Eles tinham um acordo. Johnson fornecia as garotas e facilitava o acesso às tecnologias que Eduardo estava criando e a Bratva o ajudaria a tomar o poder.

— Giulia, o que acontecia naquela casa?

— Fui criada trancada em um quarto. — Funga, já conseguindo controlar melhor o choro. — Eu nunca podia sair, apenas quando meu pai autorizava para fazer a comida para ele. O único contato que tive com o mundo exterior era por uma pequena fresta de cortina. Meu quarto tinha uma janela virada para janela do vizinho, lá era uma sala e à noite a vizinha assistia televisão. Quando meu pai estava fora eu podia puxar um pouquinho a cortina para assistir. Era tão bonito.

— *Dio*. — Suspiro.

— Meu pai não poderia descobrir que eu fazia isso. Ele ficaria bravo e acabaria me punido.



GIULIA

Meu peito parece comprimido. Odeio contar tudo para ele, mas Enzo precisa entender. As lembranças vívidas são projetadas em minha mente como um filme. Os gritos, a mistura horrorosa de cheiros, a ar úmida dentro da casa, a luz baixa, a dança... Um arrepio percorre minha espinha.

— Ele batia. Sempre que a comida não estava do agrado ou a casa não estava devidamente limpa sob seu olhar, ele batia muito. Quando ele estava mais irritado me trancava em um armário pequeno na sala e me obrigava a assistir tudo por um buraco na madeira. — Meu choro retorna sem que pudesse impedir. Dessa vez não é doloroso, é o choro silencioso de uma garotinha que era obrigada a ouvir todos aqueles... sons. — Havia uma mulher lá. Ele dizia que era minha mãe, mas que ela não me amava por que esperava que fosse um menino e eu a decepcionei. Meu pai me obrigava a assistir quando os... amigos dele chegavam e... eles a atacavam. Ela sempre gritava implorando para que eles parassem, mas então um deles dizia que daria o que ela precisava e de repete, como num passe de mágica, ela sorria e dizia que dançaria para eles. Eu ouvia tudo. Todos os sons. E se pedisse para parar ou para sair dali ele me batia. Eu estava sempre o desapontando. Eu desapontei minha mãe, por isso ela não me amava. Eu desapontei meu pai e ele me entregou para aqueles homens.

— *Per Dio*, Giulia...

— Os homens me levaram para aquela casa velha, eu chorei e tentei lutar. Eu não sabia o que eles fariam comigo, mas eu não queria que fosse como o que acontecia com... com a minha mãe. Eu sabia que eles eram maus, eles me bateram tanto que meu braço ficou em um ângulo estranho. Então um deles entrou no quarto com uma faca, disse que eu não poderia continuar viva. Eu tentei lutar outra vez, mas meu corpo não suportava mais. Eu só lembro de estar em um quarto de hospital com Mara ao lado da minha cama parecendo preocupada.

— O que aconteceu com a mulher que viva com vocês?

— Minha mãe? Eu não sei. Ela nunca estava em casa quando meu pai permitia que eu saísse do quarto e um dia ela apenas

sumiu. Não sei o que aconteceu com ela. Só... Não estava mais lá e meu pai se desapontava cada vez mais comigo. Até que um dia ele se irritou tanto que sumiu por horas e voltou com dois homens. Os homens que me levaram para a casa.

— *Dio*. — Segura meu rosto em suas mãos, suas profundezas azuis estudando minha face com muito cuidado. — Você é tão forte, Giulia.

— Você não está entendendo. — Balanço minha cabeça, mesmo que ele ainda segure meu rosto, perdendo a coragem de olhar em seus olhos. — Eu vou te desapontar em algum momento. Estragarei tudo e você me odiará também. Você irá embora.

Enzo levante meu rosto para meu olhar encontre o seu. Ele se aproxima com calma e sinto o nervosismo me dominar. Por histórico, os homens que se aproximam demais eu acabo desapontando e apanhando deles, mas com Enzo é diferente. Mesmo que eu me encolha um pouco por reflexo, é como se uma bolha se formasse ao nosso redor e eu me sinta atraída para ele como uma mariposa pela luz.

Meu estômago se contorce de uma maneira engraçada e minha pele formiga quando seus lábios quentes e macios tocam minha testa. Mesmo contra o ar gélido da madrugada eu me sinto aquecida. Suas mãos descem para a minha mandíbula e seus lábios beijam uma bochecha e depois a outra. Um beijo no meu nariz e, por fim, um beijo casto em meus lábios.

Meus dedos agarram o tecido preto de sua camisa e os seus em meu cabelo quando Enzo me beija de verdade. A pressão de seus lábios contra os meus desnorteia meus sentidos. Ele começa a mover com calma e tento imitar seus movimentos. Sinto uma de suas mãos descer por minha coluna e espalmar minha lombar, me trazendo para mais perto.

Reunindo uma ousadia que eu não sabia que tinha solto sua blusa e deixo minhas mãos subirem por seus braços até chegar ao pescoço. Sinto sua língua pedir passagem e abro minha boca por instinto. Isso parece muito melhor que as cenas das novelas.

Borboletas dançam desordenadas em minha barriga quando sua língua entra em contato com a minha. Continuo tentando imitar

seus movimentos e não tenho certeza de que estou fazendo certo, mas Enzo parece não se importar e a maneira como suas mãos percorrem meu corpo, como se me quisesse o mais próximo possível, aproveitando nosso beijo, me fez esquecer as inseguranças que rodeavam minha mente.

Eu sabia a importância de contar tudo para ele, mas pensei que seria algo natural, que contaria quando sentisse ser o momento sério. Tive um pesadelo vívido noite passada, em que Enzo e eu estávamos na minha antiga casa e eu fazia algo que o desagradava. No pesadelo Enzo dizia que eu era igual a minha mãe e que minha vida deveria ser como a dela. Acordei podendo jurar que meu quarto tinha o mesmo cheiro da casa, aquela umidade desagradável, aquela sensação de estar sufocada e de que algo ruim aconteceria. Eu não quero que a história se repita, por isso contei tudo.

Meu peito começa a arder e percebo que meu cérebro não se preocupou em respirar. Enzo suga meu lábio inferior antes de romper o beijo com um último beijo casto. Demoro alguns segundos a mais para abrir os olhos, não querendo quebrar o encanto que me cerca. Lambo meus lábios para provar seu gosto uma última vez. Quando finalmente o olho encontro suas órbitas azuis focadas em mim, elas parecem um pouco mais escuras que de costume e Enzo está tão ofegante quanto eu.

— Quer desistir do casamento?

— Não, mas não quero que fique chateado comigo.

— Eu não poderia ficar chateado com você, *princesa*. Você é a minha salvação, meu ponto de bondade em toda a maldade que me cerca.



ENZO

— *Per Dio*, acho que nunca te vi tão distraído. — Melissa bate em minha cabeça com uma das luvas de boxe que está segurando.

— *Cazzo*. — Massageio minha nuca. — O que você quer?

— Que você se concentre no treino? — Arqueia uma sobrancelha para mim, ostentando uma expressão de deboche no rosto. — É mais divertido bater em você quando você está se esforçando para não apanhar.

— Primeiro, você nunca me bate. Eu sou incrível demais para apanhar de você. — Aponto minha faca para ela de maneira negligente. — Segundo, eu não estou distraído. Estou pensando sobre a minha vida.

— Crise existencial por finalmente transar com uma única mulher para o resto da sua vida?

— *Dio*, com você falando assim eu me sinto uma prostituta.

— De luxo. Você é uma prostituta de luxo, se isso tiver um efeito maior no seu ego.

— Meu ego vai muito bem, *grazie*.

— Então podemos voltar ao treino ou você planeja continuar perdido no incrível mundo da imaginação do senhor Príncipe Corrompido?

— Você me ama tanto. — Balanço minha cabeça de um lado para o outro. — Deveria controlar sua obsessão por mim, irmã. Isso é um pouco assustador.

— Disse a pessoa que estava apontando uma adaga para mim.

— Poderia ser bem pior. Ela está limpa. — Viro a lâmina prateada de ambos os lados verificando seu brilho. — Sem manchas de sangue aqui.

— Credo. — Faz uma careta de nojo. A mesma que costumava fazer depois que passei pela iniciação e comecei minhas visitas aos clubes da *Famiglia*.

Minha querida cobrinha nunca muda.

— Lissa, pode me tirar uma dúvida?

— Se for qualquer coisa relacionada à sua vida sexual não. Poupe-me dos detalhes.

— Não é sobre minha vida sexual. Ela é inexistente no momento. — Tentei pronunciar as palavras com naturalidade, mas cada sílaba foi uma dor diferente no meu coração. Estou tentando ser um cavalheiro e acredito que estou tendo êxito, o problema é que para uma pessoa com uma vida sexual tão ativa o celibato é uma merda. A falta de sexo deve estar afetando meu cérebro. — É sobre o casamento.

— Quer desistir? Não que eu queira isso, Giulia é uma garota doce e uma ótima companhia, mas não tenho certeza se nossa família é o lugar certo para ela. Quero dizer, ela é tão... delicada e altruísta. O que há para fazer em uma família de assassinos?

— Somos tão ruins assim?

— Qual é a definição de ruim? Não acho que somos horríveis, apenas não estamos nos parâmetros tradicionais e definitivamente não fazemos bem às pessoas boas como ela. Geralmente as pessoas boas lidam com as consequências dos nossos negócios.

— Acho que a bondade de Giulia a torna perfeita para a nossa família. — Dou de ombros, não querendo assumir para a minha irmã o quanto a opinião dela é realmente importante para mim. — Mellanie está sempre dizendo que devemos manter a imagem para

os mundanos. Ela diz que a vida social faz parte dos negócios. Giulia complementa a parte não tão sombria de nossa família.

— Mel me contou sobre a ONG. É uma ideia interessante. Ninguém desconfia que donos de ONGs sejam líderes de uma rede de assassinatos e negócios ilegais. — Melissa me analisa com brilhantes olhos azuis. Aquele olhar crítico que ela costumava fazer enquanto se perguntava o que deveria fazer comigo, agora ela usa esse mesmo olhar com os filhos. — Giulia pode ser a peça que faltava em nosso jogo, mas você não pode esquecer que a prioridade é sempre do trabalho. A *Famiglia* vem em primeiro lugar e toda a escuridão que nos cerca pode alcançar sua preciosa garota.

— Eu posso mantê-la longe de tudo isso. Posso manter as coisas separadas.

— Não, você não pode e sabe disso. Giulia não pode se manter inocente para sempre casada com um Santinelle. Ela será a esposa do segundo no comando da *Famiglia*, terá obrigações.

— Giulia não teve uma infância fácil. Sendo sincero, na minha humilde opinião, acho que a vida dela foi uma merda antes de a encontrarmos. Ela é uma pessoa tão forte, resistiu a tanto e eu... Eu realmente gosto dela, Lissa. Giulia me atrai de uma forma que nunca aconteceu antes e não apenas fisicamente. Qualquer coisa que ela faça parece fascinante para mim. Basta estar no mesmo ambiente que eu para ter minha total atenção. Eu não quero ser um idiota e estragar tudo. Planejo me casar uma única vez e não quero que ela se arrependa de ter me aceitado como marido.

— Enzo. — Minha irmã espalma sua mão em minha bochecha, me acariciando com o polegar e me presenteando com um pequeno sorriso. — Eduardo e eu sempre soubemos que você era o melhor de nós. Talvez o mais humano. Continue dando o seu melhor e sua esposa será uma mulher muito feliz.

— E se eu estragar tudo? Nunca tive uma namorada antes e estou pulando direto para uma esposa!

— Eduardo não se preocupou com Mellanie durante todo o noivado e meu pedido de casamento surgiu como uma oportunidade para eu me aproveitar do Adam. Edu e eu tivemos problemas antes

de finalmente conseguirmos relacionamentos de verdade com nossos cônjuges. Você já está fazendo diferente.

— Não me faça parecer tão bondoso, Lissa. Estamos nos preparando para caçar o homem que causou dor e sofrimento para Giulia e eu pretendo me vingar de todas as maneiras possíveis.

— Eu nunca disse que você era o herói bondoso da história, irmão. Bondade, com a exceção de sua futura esposa, não costuma ser uma característica próxima dessa família.

— Nós dois sabemos que eu vou cortar a garganta do Johnson antes que ele perceba o que está acontecendo.

— Pensei que a parte dolorosa da coisa havia ficado com Eduardo.

— Tudo bem. — Respiro fundo, controlando a vontade insana de caçar e matar o homem com minhas próprias mãos. *Per Dio*, somos animais tão primitivos às vezes. — Vou deixá-lo com alguns roxos no caminho para cá.

— Somente se eu puder ter minha contribuição nos machucados. — O sorriso no rosto da minha irmã é maníaco.

— É claro que pode.



GIULIA

Jogo algumas gotas de chocolate a mais na massa e continuo a mexer bem. Estou me sentindo inquieta, talvez ansiosa, e preciso me distrair de alguma forma. Aprendi a cozinhar com Mara e agora estar entre as panelas me traz calma. Sempre que posso ou sinto que não estou no meu melhor, venho para cozinha e preparo alguma coisa.

Gosto de ter todos bem servidos e alimentados. Não cozinho necessariamente para eu comer, mas sim para que as pessoas se

sintam acolhidas e saibam que sempre terão algo especial preparado para elas depois de um dia cheio e cansativo.

Com a massa no ponto certo, deixo a colher de lado e pego a manteiga para passar nas mãos e enrolar as bolinhas. Encontrei essa receita de *cookies* na *internet* e até agora parece que está dando certo. Minha inquietação deu lugar a satisfação e antes que eu me desse conta estava cantarolando uma música popular.

— Alguém aqui está de ótimo humor hoje. — Mel fala com um grande sorriso no rosto ao entrar na cozinha.

— Confesso que sim. — Sorrio de volta.

— Se incomodaria de eu ficar aqui? — Aponta para uma banqueta próxima de mim. — Melissa e eu separamos algumas opções de decoração, música e buffet que gostaríamos que visse.

— A *Famiglia* tem algum padrão a ser seguido?

— Não! É o seu casamento e ele deve ser perfeito. Ter uma noiva feliz é nossa única missão aqui.

— Certo. — Dou uma risada breve. — Antes de começarmos eu poderia fazer algumas perguntas?

— Quantas você quiser.

— Tudo bem. — Arranho a garganta tentando reunir alguma coragem. — Como você consegue lidar com todas as suas responsabilidades na *Famiglia*?

— Fui criada para isso, Giulia. Gosto de me manter o mais ocupada possível e os negócios me proporcionam essa satisfação. Eu não cuido das transações, conversas ou cobranças, fico com a parte social e me responsabilizo pelas festas, ouço os principais boatos e filtro quais informações podem ser mais investigadas sobre nossos subordinados. Eu ajudo meu marido a manter tudo sob controle.

— O que a esposa do Subchefe deve fazer?

— Você atuará no que se sentir melhor em fazer. Seu projeto de ONG é muito inteligente e nos ajudará muito. Você pode se responsabilizar com a ONG e à medida que se acostumar com o funcionamento das coisas pode assumir outras áreas relacionadas

aos mundanos. Toda ajuda é bem-vinda, mas os Santinelle só confiam em quem é da própria família.

— Áreas dos mundanos?

— Temos os Associados, certo? — Aceno em concordância e Mellanie toma o gesto como um incentivo para continuar. — Os Associados são mundanos poderosos que atuam como ponte entre a *Famiglia* e os comuns. Dentro da *Famiglia* todos sabem quem são os Santinelle, o que podemos fazer e o que devem esperar de nós, mas se todos os mundanos soubessem disso teríamos com muitas autoridades legais atrás de nós.

— Então há as responsabilidades para com a *Famiglia* e também a manutenção de uma imagem específica para os mundanos?

— Exatamente. Gerenciamos a imagem dos Santinelle para atrair mais Associados e evitar suspeitas. Nos manter na mídia é uma forma de garantir nossa segurança.

— Mas não é arriscado? Estar sempre na mídia gera mais interesse pelos Santinelle.

— Sim, mas nós controlamos as informações que as pessoas sabem. Quando os pais de Eduardo morreram houve poucas notícias sobre o “acidente” nos meios de comunicação, as pessoas não se importaram, mas agora é diferente. Se algo acontecesse com um Santinelle todos ficariam sabendo, seria uma grande notícia e haveria muita mídia, uma atenção descontrolada que nossos inimigos não querem sobre eles.

— É uma estratégia muito inteligente. Foi você quem pensou nisso?

— Eu precisava encontrar formas de nos proteger. O segredo é ter os contatos certos e saber quais cartas colocar na mesa.

— O seu trabalho é muito maior e mais complexo do que eu pensava.

— Não se preocupe com isso agora. Ninguém nasce sabendo como as coisas funcionam. Primeiro se concentre no seu casamento, aproveite seu tempo para se adaptar a vida de casada e se concentre na ONG. Os negócios podem vir depois.

— O começo foi difícil para você?

— Mais ou menos. Como eu disse antes, fui criada para ser a Primeira-Dama. O diferencial é que praticamente cortei relação com a minha família para ter liberdade. Meu casamento foi arranjado e eu não tinha muitas opções. No começo foi uma grande confusão com Eduardo até conseguirmos expressar o que cada um queria e esperava do nosso casamento. Eduardo se mostrou um homem muito diferente do que eu pensava e surpreendentemente acabei me apaixonando por ele. A paixão se transformou em amor e aqui estamos hoje.

— Um casamento modelo e de muito sucesso.

— O sucesso é muito relativo. Temos problemas como qualquer outro casal, mas nos esforçamos em fazer nossa relação dar certo, praticamos atividades juntos, temos nosso tempo de qualidade sem filho por perto e conversamos bastante. Há certas sabedorias que apenas o tempo pode proporcionar.

— São dicas valiosas, *grazie* Mel.

— Se quiser conversar eu estou na ala ao lado. — Mellanie ri e desbloqueia o *tablet* que eu não a notei carregando consigo. — Sou uma amante de papel e caneta, mas dessa forma é melhor para que você consiga comparar as imagens e decidir sobre as ideias. Tenho um casal de amigos de muita confiança, um é estilista e o outro é cabeleireiro e maquiador.

— Nunca tive com um estilista.

— Enrico Rivabianchi é o melhor da Itália e de grande renome no mundo da moda, você amará o trabalho dele.

— Você disse que eles são um casal?

— Sim, o marido dele se chama Paolo e tem uma habilidade única com cabelos e pincéis. Ele é muito divertido, você o amará.

— Eles sabem sobre a *Famiglia*? São Associados?

— Não! O que torna a interação com eles revigorante. Paolo é um fanático dos Santinelle e faz os comentários mais divertidos. Acredite, eu não te entregaria nas mãos deles se não tivesse certeza de que eles farão um trabalho exemplar. Aproveitando que estamos falando sobre eles, que tal começarmos com as ideias de

vestido? O seu vestido ditará tudo o que faremos com a decoração do casamento. Você é a noiva, será o centro das atenções e ajudará muito que você se consulte com Paolo já sabendo o que você gostaria no seu vestido.

— Tudo bem. — Lavo a bagunça que fiz no preparo da massa e minhas mãos antes de colocar os cookies no forno e me sentar ao lado de Mellanie. — Deixe-me ver.

Enquanto os cookies assavam debatíamos sobre as tendências de casamento, os modelos que me favoreceriam mais e como poderíamos fazer toda a decoração do casamento combinar com o vestido ao mesmo tempo que o realçasse. Acabamos comendo os *cookies* sozinhas e Mellanie tomou nota de todas as ideias que gostei.

Definimos a base do casamento como simples e refinado, apostando em mobilhas rústicas e com destaque para as flores. Mellanie rapidamente acompanhou meu raciocínio e garantiu que conseguiríamos a mescla perfeita de simplicidade e elegância. Sinto que essa é a representação dos noivos também. Não tive muito na vida, não antes dos Santinelle me resgatarem, e Enzo é o Subchefe com o apelido de “Príncipe corrompido” e uma concessionária inteira na garagem.

Meu noivo gosta de ostentar, ter o melhor que o dinheiro pode pagar e ser o centro das atenções, coisas que eu não tenho muito apego. Gosto de desenvolver trabalhos voltados para os necessitados, ajudar a quem precisa sem me promover por isso. Irônico se considerarmos que abrirei uma ONG com o sobrenome Santinelle estampado na frente.



GIULIA

Ando com cuidado pela ala de Enzo. Pensei em fazer uma pequena surpresa para ele por isso colhi um rosa e escrevi um bilhete à mão. É muito parecido com os presentes que ele manda entregar todos os dias na minha porta, pareceu uma boa ideia retribuir e não acho que um buquê inteiro cairia bem.

Cogitei deixar o presente em seu quarto, mas nunca estive lá e não invadir assim. A sala de televisão logo foi descartada pelas chances de os sobrinhos encontrarem antes dele. O lugar mais seguro para mim é a sala que almoçamos juntos.

Abro a porta o mais delicadamente possível para não fazer barulho e sou rápida em colocar a rosa e o bilhete sobre a mesa de bilhar. A saída é tão discreta quanto a entrada e uma vez que ouço o barulho da tranca encaixando me permito soltar um suspiro de alívio.

Me viro para sair, mas minha alma sai do corpo com a mini Melissa me olhando atentamente e segurando o que parece ser uma faca de caça. Seus cabelos escuros como a meia-noite estão presos em tranças boxeadoras, ela está usando uma calça camuflada muito fofa e uma blusa preta, da mesma cor que os tênis, mas o olhar dela é o que torna tudo um pouco assustador.

— Olá. — Dou-lhe um sorriso simpático. Infelizmente isso não parece melhorar muito a situação. Essa criança pode brincar com uma faca de caça?

— O que faz aqui?

— Meu noivo mora aqui.

— Meu tio não está. Ele saiu com o tio Eduardo.

— Certo, *grazie*, eu volto para falar com ele mais tarde.

— Você está fazendo algo errado tia Giulia?

— O que?! Não! Não, querida. Por que acha isso?

— Mamãe disse que pessoas assustadas demais estão fazendo algo errado.

— Não é nada disso. Eu tenho medo de facas e você está segurando uma particularmente assustadora.

Bella olha para a faca em sua mão e franze o cenho. Não que eu tenha realmente medo de facas, mas não me parece seguro estar tão próxima de uma na mão de uma criança. Eu entendo que essa família possui hábitos diferentes e não costumam seguir o tradicionalismo, mas essa menina tem sete anos!

— Não é de verdade. — Bella estende a faca para mim. — É de madeira e minha prima na Alemanha pintou para que parecesse de verdade. *Mamma* não me deixa ter uma faca ainda, ela disse que sou muito nova.

— Ela não quer que você se machuque. — Pego sua faca para examinar de perto. É um objeto pesado e olhando de perto nota-se que foi pintado. Todavia me sinto na obrigação de parabenizar a artista, a faca parece ter sido envernizada e o resultado ficou esplêndido.

— Eu estou crescendo tia Giulia. Em alguns anos eu terei uma faca de verdade.

— Não acha mais divertido brincar com uma faca que não machuque?

— *Mamma* disse que nunca se brinca com facas. — Devolvo o objeto para a pequena. — Eu uso essa para treinar. *Mamma* treina com a gente usando facas de madeira, ela explicou que ajuda a aprender os movimentos certos antes de usarmos facas de verdade.

— Sua mãe é uma mulher muito inteligente.

— Ela é. — Bella estufa o peito com orgulho. — Meu pai ama a minha mãe porque ela é muito esperta e bonita. Ele mesmo me contou.

— Você pergunta essas coisas para o seu pai? — Sorrio ao imaginar essa cena.

— Claro que pergunto! Quero ser igual a minha mãe quando eu crescer e o meu pai disse que eu posso.

— O que está fazendo por aqui com a sua faca de treino, Bella?

— Estou procurando os meninos. — Revira os olhos com impaciência. — Está na hora do treino, mas eles sumiram. Os meninos sempre irritantes assim?

— Eu não sei. Estudei em uma escola só para meninas grande parte da minha vida.

— Por quê? Você não gosta de meninos, tia?

— Eu gosto. Alguns meninos são muito legais, mas essa escola era a mais segura para mim.

— Eu ainda não decidi se gosto de meninos. Meu irmão e meus primos me irritam muito. Se eles fossem mais parecidos com meus tios eu gostaria mais deles.

— Os meninos são cansativos quando são crianças, eles ficam um pouquinho melhores quando crescem. Pense comigo, se os meninos fossem chatos para todo o sempre eu não estaria noiva do seu tio, não é? Ele é um menino crescido.

— Isso faz muito sentido.

— Posso te contar um segredo, Bella? — Me ajoelho para ficar na altura de seus olhos e espero que ela concorde para que eu possa prosseguir. — As meninas são sempre mais espertas que os meninos. Você precisa ser paciente com eles, mas isso não significa que você não pode usar sua inteligência para aprontar com seu irmão e seus primos.

— Aprontar como?

— O que você gosta de fazer para irritar o seu irmão?

— Escondo os carrinhos dele, tiro o ar das bolas de futebol e uma vez pinte o rosto dele de palhaço enquanto ele dormia.

— E você foi pega?

— Não.

— E seu irmão?

— Ele corta as minhas bonecas e está sempre tentando beijar as meninas. É nojento e todo mundo sempre descobre as coisas que ele faz.

— Viu a diferença? Você é muito esperta e nunca é pega aprontando, diferente do seu irmão.

— Acha que meu irmão é adotado, tia Giulia? *Mamma* disse que não, mas eu acho.

— Por que você acha isso?

— As pessoas falam que somos iguais, mas a gente não se parece e ele é muito irritante para ter os mesmos pais que eu.

— Bella seu irmão é um menino. Você precisa ser paciente, lembra?

— Eu sou mais inteligente que ele, não é tia? Não preciso oferecer dinheiro para ganhar um beijo. Eu não quero que alguém me beije.

— Quer saber a verdade? Eu acho que você já é tão inteligente quanto a sua mãe.

— Mesmo?! — Seus olhos duplicam de tamanho e parecem brilhar como duas estrelas, somando isso ao sorriso crescente em seu rosto, temos a imagem perfeita do deslumbre.

— Mesmo!

— Ah, tia Giulia! Eu gosto tanto de você! — Agarra meu pescoço com um abraço apertado e preciso fixar meus joelhos no chão para não cairmos.

— Eu também gosto muito de você querida.

— Quer vir assistir meu treino? Vou bater nos meninos.

— Eu adoraria. Não temos que procurar por eles antes de irmos?

— Não, é melhor deixar eles se atrasarem e receberem uma bronca de *mamma* e da tia Mel. Vai ser divertido.

— Então vamos. — Me levanto e estendo uma mão para ela, que aceita prontamente.

— Eu gosto que você seja a noiva do tio Enzo, tia Giulia. Você é muito legal.

— *Grazie*, querida.

— Você sabia que é uma princesa agora?

— Eu sou?

— Sim! O tio Enzo vive falando que é um príncipe, então você é uma princesa.

— Você gosta de princesas?

— Gosto muito, de todas elas. Meu pai também fala que sou a princesa dele.



ENZO

Estou acabado.

Minha vida ultimamente se resume a sair extremamente cedo, chegar absurdamente tarde, tomar um banho e dormir para repetir tudo no dia seguinte. Eduardo está louco com o plano para pegarmos Henry Johnson e quer que tudo saia minuciosamente perfeito. Na teoria não é um plano difícil ou complexo, o problema é que muita coisa pode dar errado durante da execução.

Com uma caixa meio vazia de pizza da mão vou até a minha copa. Acendo as luzes e caminho no modo automático até a geladeira para guardar os restos do meu jantar. Hoje consegui voltar para casa um pouco mais cedo, o que me faz debater comigo mesmo se descansarei mais ou assistirei televisão.

Um borrão vermelho chama minha atenção pela visão periférica e me viro para a mesa de bilhar, onde há uma rosa vermelha e um pequeno cartão. Ao me aproximar noto a bela caligrafia na frente do papel escrito “Giulia”. Com cuidado, pego a rosa e o cartão, abrindo o papel para conferir o que está escrito.

O sorriso em meu rosto foi quase instantâneo. Com a loucura da missão e o casamento não consigo estar com a minha noiva e nas poucas vezes que nos encontramos sempre havia plateia ao redor. Amo minha família, mas sou obrigado a admitir que eles podem ser extremamente inconvenientes.

***Querido Enzo,
Sinto sua falta.
Sua, Giulia.***

Coloco a flor e o cartão de volta na mesa antes de marchar para fora do cômodo com pressa. Já é tarde, todos na casa estão dormindo ou recolhidos em seus quartos, é por isso que sei exatamente onde procurar minha noiva e não demora muito para que eu esteja batendo em frente ao seu quarto.

Giulia abre a porta com uma regata fina branca e shorts de pijama, não deixando muito para a imaginação. *Dio*, eu amo os quadris dela. A maneira como seus olhos se arregalaram ao notar que era eu, seu longo cabelo cacheado preso em um trança. Ela está linda para caralho.

— Enzo!

Eu não respondo, não há necessidade de fala com todas as ideias que circulam minha mente. Seguro seu rosto em minhas mãos e a beijo. Senti falta de seu sabor, de seu cheiro, sua proximidade e sua presença. Não polpo tempo em aprofundar o beijo, minha língua buscando o contato com a sua enquanto avançamos para dentro do quarto e chuto a porta para fechá-la.

Giulia não evita meus avanços, pelo contrário, é ela quem nos guia para a sua cama e logo estamos deitados, eu por cima dela, sentindo suas curvas contra mim, o calor de sua pele e suas unhas arranhando levemente minha pele por debaixo da minha camisa.

— Eu precisava te ver. — Digo quando nos afastamos para recuperar o ar.

— Se for sempre assim, pode me ver quando quiser.

Rio e me joga ao seu lado, trazendo-a para o meu peito e invertendo nossas posições. O barulho de papel amassando quando ela se move chama a minha atenção, tato a cama até encontrar um bloquinho de anotações com uma lista de carros, os mesmos que eu tenho na garagem.

— O que é isso?

— Nada demais. — Giulia tenta tirar o caderninho da minha mão, mas eu sou rápido e o coloco fora de seu alcance. Por mais que eu esteja aproveitando cada segundo de seu corpo se esfregando em mim tentando me escalar, a minha curiosidade no momento é maior.

— Eu realmente tenho muitos carros da Bugatti. — Analiso a lista mais de perto.

— Me dê, Enzo!

— Não enquanto você não me falar o motivo da listagem.

— É besteira!

— Não para mim. — Agarro sua nuca com a minha mão livre e mantenho seu rosto próximo ao meu. — Nada relacionado a você é besteira para mim, *capisce*?

Isso parece acalmá-la. Giulia para de me escalar e apenas se acomoda em meu colo, uma perna de cada lado do meu quadril, me colocando em uma posição muito comprometedoramente aqui. Sua buceta está em cima do meu pau com poucas camadas de tecido nos separando. Eu não me considero responsável se uma ereção surgir.

— Mellanie me contou que ela e Eduardo fazem muitas atividades juntos. Pensei em explorar um pouco mais dos seus gostos e encontrar um meio-termo para nós.

— E decidiu começar pela garagem?

— Você fala dos carros com muito carinho. — Dá de ombros.
— Pareceu um bom ponto de partida.

— Isso foi muito fofo, *principessa*. Infelizmente não acho que nosso meio-termo estará na garagem.

— Por quê? Não posso competir contra a Bugatti?

— Eu tenho mesmo muitos carros da Bugatti, não é? Esqueça, não começarei a falar sobre carros agora. Qualquer oportunidade de estar com você é preciosa.

— Eu queria entrar um pouco mais no seu mundo e te conhecer melhor.

— Gosto de jogar sinuca quando não estou trabalhando. Não é tão fácil de conseguir parceiros por aqui então costumo jogar sozinho.

— Eu não sei jogar, mas você pode me ensinar. Adoraria jogar com você!

— Não consigo distribuir meus compromissos de amanhã, mas consigo os de depois de amanhã.

— Amanhã seria difícil para mim também. Mel e Lissa querem fechar os contratos com os fornecedores do casamento, mas consigo estar livre para depois de amanhã também.

— Elas estão te enlouquecendo muito?

— Não, sua família é muito legal e as duas estão me ajudando muito com os preparativos do casamento e com a ONG.

— Eu vejo, estão até se tratando por apelidos.

A risada que consegui de Giulia fez eu me sentir muito bem comigo mesmo. Antes que eu me desse conta estava prometendo em sigilo que me esforçarei muito para conseguir risadas assim. O sorriso dela é lindo e os olhos brilham quando ri, não acho que posso viver em um mundo sem essa visão para alegrar meus dias.

— Você tem uma família incrível.

— Em breve será a sua também! — Entrelaço nossos dedos.
— Como vai o planejamento da ONG?

— Estamos estudando a melhor área para estabelecer uma sede de atendimento e quais serviços podemos oferecer nesse primeiro momento. Pensei em aulas de reforço, atividades em grupo e talvez aulas de dança ou artes marciais. É uma grande

oportunidade de acolher crianças carentes e oferecer aparo, um escape para os problemas do dia a dia. Estou falando muito?

— Não. — Giulia tenta sair de cima de mim, mas sou rápido em mantê-la no lugar. — Opa, opa, opa. Aonde vai?

— Me sentar ao seu lado.

— Por quê? Não! Gosto de você sentada aí.

— Sério? Estou sentindo algo duro aqui. — Giulia se remexe em cima do meu pau e preciso travar a mandíbula para não soltar um gemido.

— Vamos ignorar, em algum momento vai passar. — Uma terrível mentira, não vai passar enquanto ela estiver sentada em mim, mas também não quero abrir mão da visão e da proximidade. Foda-se os paus. — Agora me conte tudo o que está planejando para a ONG.

— Ainda não tenho detalhes para compartilhar, o planejamento está nas etapas iniciais.

— E o casamento?

— Estive pensando em chamar strippers e deixar todas as suas ex-namoradas nas primeiras fileiras, o que acha? A decoração pode se parecer com os clubes da *Famiglia*. Não dizem que é um lugar de diversão e entretenimento?

— Giulia, *per l'amor di Dio!*

— Estou brincando! — Joga a cabeça para trás e me presenteia com outra risada.

Será que ela sabe como fica linda assim?

— Você ainda me matará, mulher!

— A decoração está perfeita e o cardápio terá muita diversidade para o seu estômago faminto. — Sorri novamente e se debruça sobre mim para um beijo casto. — Em alguns dias terei minha prova de vestido.

— Estou ansioso para te tirar dele.

— Enzo!

— O que? Estaremos casados! Não haverá nenhuma freira pesando a sua consciência.

— Você não faria esse tipo de brincadeira se soubesse como as freiras podem ser exigentes.

— Eu não duvido disso. Quando eu era criança e ia às missas morria de medo delas, com toda aquela roupa e o véu. Minha meta de vida é nunca irritar uma freira.

— Você não vai mais à missa?

— Às vezes. Em geral me falta tempo para comparecer, mas é sempre bom visitar a casa de *Dio* e pedir perdão pela minha longa lista de pecados.

— Só para renovar a lista até a confissão seguinte?

— Essa é a lógica da coisa, *princesa*.

Giulia gargalha alto e eu tenho a certeza de que não mereço essa mulher, sua bondade ou sua pureza, mas eu sou cruel e decido ignorar minha falta de mérito para mantê-la. Ela é boa demais para ser verdade e eu seria um tolo de deixá-la escapar.



GIULIA

Preparo minha mira e respiro fundo, deixo o taco deslizar entre meus dedos e acertar a bola branca em um ponto um pouco mais alto do que eu havia calculado. A bola rola mais lenta que o planejado e ainda assim consegue encaçapar a bola amarela.

— Isso! — Dou um pulinho de alegria e Enzo ri da minha reação.

— Você está ficando perigosamente boa. — Ele se curva para preparar seu acerto e eu aproveito para me curvar também e conseguir sussurrar em seu ouvido.

— Com medo de levar uma surra, Santinelle?

Enzo dá um meio sorriso para mim e faz a sua jogada, ele consegue encaçapar duas bolas de uma vez e se erguer sobre mim com um sorriso bem vitorioso para mim. Seus olhos azuis estão escurecendo e ainda ostentam um brilho perigoso, do tipo que faz as borboletas aparecerem em meu estômago.

— Sabia que você fica muito gata competitiva assim?

— Não ouse me distrair da vitória!

— Eu nunca ousaria isso. — Enzo coloca seu toca sobre a mesa de bilhar com cuidado. — O jogo está quase acabando e, de qualquer forma, eu estou ganhando.

— Você não pode se declarar campeão antes do jogo acabar.

— *Princesa* eu nasci campeão. — Ele invade meu espaço pessoal e ergue uma mão para brincar com um cacho solto do meu cabelo. — Um príncipe nunca perde a majestade.

— Você é muito convencido.

— Eu sou prático e estou ganhando tempo para nós. — Pega meu taco e o coloca ao lado do seu sobre a mesa. — Eu quero receber meu prêmio.

— Você não pode ser premiado por uma vitória que não é sua.

— Oh! Não? — Me agarra pela cintura e me senta na mesa de bilhar. — Quer contar as bolas na mesa, pequena Giulia?

— O que você quer, trapaceiro?

— Te beijar.

— Um beijo?

— Sim. — Esfrega a ponta de seu nariz no meu, seus dedos afundando em meus quadris quase ao ponto da dor, mas é uma sensação boa e minhas pernas se arrepiam. — Mas não é um beijo qualquer.

— De que tipo de beijo estamos falando, senhor?

— Do tipo que eu dou em sua buceta. — Mordisca meu queixo e dessa vez meus braços se arrepiam. — Como fiz outro dia em nosso passeio.

Enzo tira as mãos dos meus quais e começa a acariciar minhas pernas, movimentos lentos de vai e vem que causam arrepios por todo o meu corpo. Ao contrário do passeio não há calças para impedi-lo de se aproximar, tudo o que estou vestindo hoje é um vestido de amarre frontal. Uma puxada e Enzo me tem de calcinha e sutiã em sua mesa de sinuca.

— Tenho apenas uma condição para aceitar a sua premiação, senhor Santinelle.

— Qual é a sua condição, senhorita Nichilo?

Com uma coragem que eu não sabia que tinha, agarro uma quantidade generosa de sua blusa e o puxo para mais perto de mim. Nossos rostos estão muito próximos, respirações se mesclando,

lábios se tocando ao falar, seu cheiro me cercando como um chamado para a tentação. Fecho meus olhos e ouço sua respiração pesada. Saber que o está afetando tanto renova minha coragem.

— Quero te beijar do mesmo jeito que você faz comigo.

— Você ainda me matará, Giulia.

— Eu não acho. — Aproveitando o momento de ousadia, eu mesma desfaço o laço do meu vestido e o tecido afrouxa o bastante para mostrar um pouco do sutiã que estou usando por baixo. — Um homem tão poderoso e treinando como você não morreria por uma coisinha tão insignificante.

— Você não entende, *principessa*? — Enzo usa seu dedo indicador para brincar com meu vestido e desobstruir sua visão do que há por baixo. — Você vale tudo. Eu queimaria o maldito mundo por você.

Beijo Enzo antes que eu perca a coragem. Somos duas pessoas necessitadas uma da outra, aproveitando o tempo juntos e decididos a tornar esse momento memorável. Eu já havia aberto passagem para que o beijo fosse aprofundado muito antes de Enzo pensar em pedir. Suas mãos retiraram o vestido de meus ombros e Enzo se preocupou em afastar qualquer bola, taco ou obstáculo enquanto me deitada em sua mesa.

Com o tecido fora do caminho ele pôde fazer sua trilha de beijos por meu pescoço e colo, com uma rápida parada para morder o topo dos meus seios cobertos pelo sutiã. Ele seguiu beijando minha pele até chegar em minha calcinha. Vejo como Enzo se afasta para me observar antes de retirar minha peça íntima e me ter a sua mercê outra vez.

É por isso que não consigo deixar que as inseguranças me dominem quando estou com Enzo. A maneira como ele me olha, seus olhos escurecem, suas mãos me agarram e seus dedos afundam em minha com força não deixam brecha para eu pensar sobre meus quilos a mais, toda a gordura localizada, celulite e estrias. Enzo não me olharia com tanta voracidade se não gostasse muito do que vê.

Como da primeira vez os dedos dele são a primeira coisa que sinto, mas agora seu polegar acaricia meu ponto mais sensível em círculos lentos, me estimulando, brincando comigo.

— Gosto como você está sempre pronta para a brincadeira, *princesa*. — Enzo afasta mais minhas pernas e amassa meu seio em um aperto forte. — Mas eu adoro mesmo quando você geme meu nome.

Ele começa com a sua magia e sei que meu casamento com esse homem será a minha perdição. Enzo fala que eu o matarei e simplesmente não pensa no que ele faz comigo. Nunca pensei que estaria recebendo sexo oral no alto de uma montanha ou em uma mesa de bilhar, mas seria uma tremenda mentirosa se dissesse que não estou aproveitando cada experiência que meu noivo me proporciona.

— Enzo! — Clamo por seu nome quando dois dedos são colocados dentro de mim e ele suga meu ponto mais sensível.

Enzo foi esperto de trancar as portas antes de começarmos com nossa aula, dessa forma não há chances de sermos interrompidos no melhor momento. Quando me arrumei para encontrá-lo hoje eu esperava alguns beijos como os que trocamos outra noite em meu quarto, porém imaginava que intimidades a mais não seriam possíveis.

A realidade é que venho fantasiando secretamente em fazer o mesmo que ele faz comigo. Proporcionar prazer com a boca parecia uma ideia muito abstrata em minha mente até... uh! Tê-lo me levando ao paraíso.

Pensar que logo serei eu fazendo-o revirar os olhos e gemer meu nome me coloca mais perto do limite. Enzo sabe usar os dedos e a língua com uma maestria espetacular. Ele também não reclama quando seguro seus cabelos e estou como louca gemendo seu nome, como um mantra que me conduziria ao clímax.

Enzo coloca a boca em meu ponto sensível e faz movimentos com a língua que são demais para eu suportar. Fechei meus olhos, senti meus músculos endurecerem, minhas costas arquearem na

mesa e espasmos internos contra seus dedos. Me sinto um pouco zozona, ofegante, amolecida e muito satisfeita.

Novamente Enzo está lá para cuidar de mim quando minha alma retorna para o corpo. Ele me senta com cuidado e me abraça até que eu me sinta humana novamente. Posso viver assim para sempre.

— Temos um problema, Enzo.

— O que foi, *princesa*?

— Gosto muito de gemer seu nome.

A risada que consigo dele foi tão espontânea que me peguei sorrindo também, mesmo que eu ainda esteja aparada em seu peito com os olhos fechados e lutando para recuperar minhas forças.

— Eu também gosto de você gemendo meu nome.

— Você ama. — O corrijo de brincadeira. Abro meus olhos e me afasto de seu peito para conseguir olhas em suas profundezas azuis. — Agora quero saber se ter você gemendo meu nome é tão prazeroso quanto.

— Giulia. — Seu tom é de advertência.

— Foi o acordo, *príncipe*. — Toco no monte endurecido de sua calça jeans e sorrio ao ganhar um gemido em resposta.



ENZO

Estou no céu ou no inferno? Não sei dizer, pelo menos não no primeiro momento. Todo o diálogo que eu poderia ter comigo mesmo voa para longe quando tenho a puta visão de Giulia de pé com o vestido aberto e seu corpo em plena exibição.

Giulia foi criada para me fazer pecar.

A pego pela mão e a levo para o sofá mais próximo. Me sento e espero que ela se sente ao meu lado, mas Giulia é ousada e separa minhas pernas antes de se ajoelhar entre elas. Seus seios lutando contra o sutiã, seus olhos ainda nublados do orgasmo e o sorriso ousado nos lábios é o decreto para o meu fim.

Estou no paraíso dos pecados, é isso.

— Já fez isso antes, *princesa*?

— Não. — Balança a cabeça para enfatizar sua resposta ao mesmo tempo que seus dedos estão lutando para soltar meu cinto. — Não havia tantas oportunidades de boquete em um internato para meninas. Eu sou tão inexperiente e careta quanto um homem como você pode achar. Pensei que havia notado isso em nosso primeiro beijo.

— Notado o que?

— Foi meu primeiro beijo, Enzo. — Giulia ri e coincidentemente consegue tirar meu cinto no mesmo momento.

— Giulia, na minha lista particular você é muitas coisas, mas “careta” não é uma delas.

— Que tipo de coisas? — Há um sorriso levado em seu rosto quando ela solta o botão e abre meu zíper. É preciso muito de mim para me manter focado nessa conversa.

Ela tenta puxar minha calça e eu ergo meu quadril para facilitar. Do mesmo modo que fiz com ela em nosso passeio, Giulia se livra da minha calça e da minha cueca junto. Minha ereção se mostra para ela em sua potência máxima, praticamente a nomeando sua dona.

Devo estar pagando por todas as vezes que ri de Eduardo ou de Melissa por desperdiçarem suas vidas um apenas um cônjuge. Agora eu estou aqui rendido por Giulia, uma boa garota do colégio de freiras. Poderia ser mais irônico?

— Enzo?

— Sim, *princesa*?

— As coisas. — Giulia segura em pau com uma mão e dá um aperto comedido. — Como você me classifica em sua lista?

— Isso é realmente importante?

— Se você quer minha boca aqui. — Como uma terrível vilã, Giulia se curva e planta um beijo na cabeça do meu pau. Meu coração não é tão forte assim. — Sim, é importante.

— Você é *sexy*, bondosa e inteligente, mas não careta. Uh! Giulia!

— Eu nunca fiz isso antes. — Beija toda minha extensão. — Mas ouvi muitos tutoriais das minhas colegas no colégio.

— Pensei que não havia muitas oportunidades de boquete.

— Coloque muitas jovens cheias de hormônios em um único lugar e veja o que acontece. — Giulia coloca a cabeça do meu pau em sua boca e suga. Meu gemido foi inesperado até para mim, creio que por isso saiu tão alto. — Sempre podíamos visitar a aldeia mais próxima.

— E a sua segurança?

— Os Assassinos eram maduros demais para se sujeitarem as adolescentes. — Ela começa a me bombear. — Além disso, admirar não fazia mal e não atrapalhava o serviço deles.

— Eu me lembrarei disso, Giulia.

— Por quê? É o seu anel que está em meu dedo e será o seu sobrenome em meus documentos. — Outra sugada na cabeça faz meu cérebro balançar e minhas pernas tremerem. — Você já viu meu noivo? Ele é bom demais para ser verdade!

— Engraçado, eu costumo pensar a mesma coisa sobre você.

— Bom garoto.

Sua boca finalmente me leva e não posso acreditar que é sua primeira vez fazendo isso. Ela observa minhas reações com atenção e aprende rápido o que mais me agrada, a pressão, o tipo de sugação e *cazzo*, Giulia faz com excelência.

Seguro seus cabelos para controlar seus movimentos e tentar prolongar essa perfeição o máximo que posso. É apenas um

acrécimo que eu possa aproveitar a maciez de seus cachos e a visão deles presos em minha mão.

— Giulia, *cazzo!* — Minh cabeça cai para trás com um gemido, meus olhos fechados para aproveitar meu prêmio de vitória. — Eu vou gozar, *principessa*.

— Eu quero provar.

Isso é tudo o que eu precisava para chegar ao meu limite. Giulia afunda seus dedos em minha coxa e sua outra mão me aperta quando ela me suga novamente. A pressão na base da minha coluna aumenta e estou gozando em sua boca.

Giulia se engasga brevemente e vejo como meu gozo vaza um pouco pelo canto de sua boca, mas minha garota se mantém firme e suga tudo de mim. Quando o êxtase se esvai, o relaxamento me domina e me sinto um pouco sonolento. Nada me preparou para a visão dela se levantando, limpando o gozo de sua boca com o dedo e o colocando na boca.

Tudo o que essa mulher faz é sexy. Juro que se não estivesse me esforçando tanto para ser um cavalheiro eu a levaria de volta para a mesa de bilhar e a foderia ali mesmo em todas as posições descritas na porra do Kama sutra.

A puxo para o meu colo e nos deito no sofá, com ela por cima de mim. Pela primeira vez eu não me importo que meu pau esteja tão perto de sua buceta sem qualquer impedimento. É o cheiro, o calor e a proximidade dela que me têm neste momento.

— Você está bem? — Pergunto enquanto acaricio seus cabelos.

— Melhor impossível. — Apoia as mãos em meus peitos e coloca seu queixo sobre elas para me olhar. — Gozo é um pouco mais salgado do que eu imaginei, mas eu gostei.

— Sabe que não precisa engolir, certo? Eu posso gozar fora ou você pode cuspir.

— Eu gostei, mesmo. Também provamos que a sua teoria de ver o parceiro gemendo seu nome é muito excitante!

— Gosto de te ouvir gemer meu nome. É um fato para mim, não uma teoria.

— Bom, eu gosto de te ouvir gemer meu nome também. Te ver fazendo isso enquanto revira os olhos de prazer me excita também. — Volta a deitar sua cabeça em meu peito, desenhando círculos com a ponta do dedo. — Quando poderemos estar sozinhos outra vez?

— Antes do casamento? Eu acho difícil.

— Preciso fazer minha última prova do vestido.

— Está nervosa?

— Um pouco, eu só não sei o motivo do meu nervosismo. Mara está radiante de felicidade com a perspectiva de ter netos em breve, sua família é muito gentil e acolhedora, nós estamos bem, tudo está muito bem. Eu não entendo.

— Tudo o que significa mudança assusta. Quando Eduardo nos disse que precisávamos pegar nossas coisas o mais rápido possível para fugirmos eu fiquei apavorado. Chorei todas as primeiras noites na Alemanha e Melissa estava sempre no meu quarto me consolando.

— Você era um garotinho assustado que havia acabado de perder os pais.

— Sendo bem sincero, eu lamentei ter perdido minha mãe. Ela era realmente importante para mim, o outro foi apenas uma perda trágica para a *Famiglia*.

— Sua relação com seu pai era tão ruim assim?

— Ele era um idiota que só se importava consigo mesmo e com seus filhos perfeitos. Melissa era a garotinha de seus olhos e Eduardo era o seu herdeiro. Ele me achava um fraco, eu o achava insuportável e nossa relação não pode ser mais alterada. — Beijo seus cabelos. — Isso não importa. Não quero estragar nosso momento falando daquele homem.

— Sobre o que quer falar?

— Não sei. — Rio da minha situação. Nunca pensei que estaria tão obcecado por uma mulher. Me tornei aquilo que eu mais temia. — Eu só quero passar meu tempo com você. O que fazemos enquanto isso não é tão importante.

— Pensava a mesma coisa antes do boquete?

— Sim, mas um boquete seu é sempre bem-vindo. — É a vez de Giulia rir do meu comentário.

— Eu se a gente dormir um pouquinho? Eu estou sonolenta depois do seu espetáculo entre as minhas pernas e confesso que estou amando o silêncio dessa sala. Não há reuniões sobre a sua missão, sem fornecedores do casamento me procurando, nenhuma responsabilidade para nós.

— Eu concordo. — Bocejo e beijo seus cabelos. — Vamos descansar, *princesa*.



ENZO

— Quando pensei que teria paz, lá está minha família para testar meus limites outra vez.

— Você é tão dramático. — Melissa revira os olhos para mim.
— Bella cuidado com a brincadeira!

Olho para os meus diabinhos brincando perto de nós. Bella está prendendo a cabeça do irmão com seu braço enquanto Lorenzo tenta puxar a camisa de Matteo para tirá-lo dali. Com o aviso da mãe, Bella revira os olhos da mesma maneira que Melissa acaba de fazer para mim e solta seu gêmeo.

— *Ele começou, mãe!* — A criaturinha fala em alemão.

— Estamos na Itália, querida. Aqui se fala italiano. — Melissa responde em nossa língua. — Não machuque o seu irmão!

— *Mi dispiace mamma.* — Bella retoma a brincadeira com os meninos, ignorando nossa existência.

— Como você consegue criar crianças bilíngues?

— Com muito uísque e treino. — Melissa se recosta no carro e solta um suspiro cansado. — De vez em quando é preciso lembrá-los de quem são e onde estão. Comigo eles sempre falam em italiano e com Adam é sempre em alemão, mas a escola é em inglês e isso faz uma tremenda confusão na cabeça deles.

— Não seria mais viável colocá-los em uma escola tradicional alemã?

— A qualidade de ensino na escola dos dois é muito boa para ignorar e eu sei que saber línguas estrangeiras fará maravilha no futuro deles. É só... cansativo, sabe?

— Eu imagino. Nunca pensei que viveria para ver minha irmã descolada preparar lancheiras de crianças.

— Eu ainda sou descolada, mas também sou mãe. Não podemos nos manter com a mentalidade da juventude para sempre. As responsabilidades chegam, as prioridades mudam.

— Se te consola, você é a mãe mais descolada que eu conheço. — A empurro levemente com meu ombro e Melissa sorri. Sinto falta de passar tempo com ela, ter nossa rotina e ir para sua ala da casa para vislumbrar minha morte ao irritá-la. — Sabe que sempre pode pedir o divórcio, não é? Nós não a julgaremos.

— Você deveria superar isso. — É a vez de ela me empurrar. — Mas eu agradeço o seu apoio.

— Provocações a parte, gosto de como Adam te faz feliz. Ele tem meu respeito por isso. — Um sorriso provocador cresce lentamente em seu rosto e sou rápido em me corrigir. — Mas não conte para ele ou serei obrigado a usar seu marido como cobaia de Iniciação.

— Seu segredo está seguro comigo. Não que seja exatamente um segredo. Eu sempre soube que você gostava do Adam, toda a pose de irmão ciumento é pura encenação.

— Eu não sei do que está falando, *cobrinha*. Além disso, a regra é muito clara: se eu não lembro, não aconteceu.

— Seja gentil com Adam, ele está uma pilha de nervos com a nossa missão.

— Eu também não ficaria muito amável se minha esposa estivesse correndo de braços abertos para a morte.

— A morte não pode levar a irmã do Diabo.

— Justo.

— Ele ficará com as crianças enquanto estivermos em missão.

— E você está nervosa com isso?

— Não, Adam é um pai incrível e tem uma ótima relação com nossos filhos. Eu só tenho medo de que a tensão dele seja perceptível para os gêmeos.

— Qual o problema nisso? Não conseguirá esconder nossa realidade deles por muito tempo.

— Há certas coisas que só compreenderá quando ver um ser humano pequeno e muito frágil que depende de você, meu irmão. Não estou escondendo nossa realidade, eu só não quero que sejam expostos desnecessariamente antes do tempo. Adam e eu conversamos tanto sobre as formas de inseri-los aos poucos na *Organização*.

— Falo assim, mas eu não teria ideia do que fazer.

— Ajuda que sua noiva seja a sensata do casal.

— Isso quase afetou meu ego.

— “Quase” é a palavra-chave.

— O que estou tentando dizer é que muito em breve Bella e Matteo saberão que as coisas funcionam diferentes. Não podem ir a qualquer lugar sem seguranças por perto, toda a família tem casas bem fortificadas, treinamentos extensos... Crianças normais não têm essas coisas.

— Saber disso não torna as coisas mais fáceis, Enzo!

A aproximação do nosso chefe de segurança chama a minha atenção. Ricardo faz sinal indicando que o jato de Adam está chegando e eu aceno em concordância. Meu cunhado está aqui deixa toda a situação muito mais real. Arriscarei a minha vida e a da minha irmã na véspera do meu casamento. Eu vou me casar. Me casarei com Giulia.

Dio Santo.

— Crianças, venham aqui! — Melissa chama os diabinhos. — Papai está chegando!

Bella e Matteo correm para a mãe e Lorenzo para mim. Precisávamos tirar os pestinhas de casa para que Mellanie receba os organizadores do casamento em paz. Ninguém precisa de crianças brincando de trenó com os tecidos do vestido da noiva.

Confesso que ri quando o jato preto apareceu nos céus e as crianças ficaram tão animadas que quase perdemos o controle. Manter criaturinhas enérgicas paradas enquanto o avião taxiava na pista, estacionava e a escada finalmente era descida foi uma luta árdua.

A versão nórdica do meu irmão apareceu nos degraus. Usando sapatos sociais lustrados, terno sob medida e carregando uma singela mala de mão, você não saberia informar se Adam está aqui para uma reunião de negócios ou para visitar a família. Como Melissa, rebelde, motoqueira, amante de jaquetas de couro e coturnos, se apaixonou por ele é um mistério para mim.

Adam não poderia ser mais engomadinho se tentasse.

Eu sei, eu sei que Eduardo se veste da mesma maneira e eu não deveria julgar a escolha de guarda-roupa alheia, mas se tratando de Adam eu julgo por esporte. Ele não é um cara mau. O considero até decente. Sem dúvidas eu o apoiaria mais se ele não tivesse se apaixonado pela minha irmã enquanto deveria cuidar de nós.

Eduardo nos enviou para a Alemanha pensando que seu melhor amigo nos manteria seguros e o cretino dormiu com a nossa irmã. Não apenas isso, ele também se casou com ela e a tirou do país. Qual a graça de perturbar Melissa se ela não pode entrar na minha ala sorrateiramente e tentar me sufocar com o travesseiro? É uma completa falta de respeito por nossa família!

Bella e Matteo são os primeiros a alcançar Adam no meio do caminho. Ele abandona a mala e se abaixa para abraçar e beijar os filhos. Ouço toda a declaração de amor e demonstração de carinho até Melissa se aproximar e os dois se beijarem. Me sinto na obrigação de fazer som de vômito. Lorenzo ri de mim e corre na direção do tio. Do *outro* tio, no caso. Eu sou o único que ele realmente gosta, mas vamos nos manter no roteiro.

— Enzo! — O homem dos olhos verdes me felicita depois de toda a coisa de reencontro. — Como é bom te ver, garoto.

— Como você está, ladrão de irmãs? Já deu entrada no divórcio?

— Não pretendo me separar de Melissa, você sabe disso. Eu vou muito bem, obrigado por perguntar.

— Espero que aproveite sua estadia conosco.

— Sim, dormirei com um olho aberto para que você não tente me pegar desprevenido.

— Cunhado, cunhado. Se eu realmente quisesse me livrar de você faria questão de que soubesse do que te espera.

— Vemos que o seu amor por mim nunca diminui.

— *Amor.* — Bufo como uma criança contraria. — Se você prefere nomear assim.

— Se a guerra de testosterona acabou, há três crianças famintas aqui. — Melissa nos interrompe e ousadamente abraça o marido pela cintura. Adam, por sua vez, como o grande filho de puta que é, passa o braço pelos ombros dela e beija o topo de sua cabeça.

Como eles ousam? Na minha frente!

— Quando vocês partirão? — Adam pergunta.

— Durante a madrugada. — Respondo.

Ele acena em concordância e noto de imediato como seus ombros ficam tensos. Posso procurar todos os motivos do mundo para o julgar e zombar, mas nunca poderei ignorar a maneira como ele se preocupa com minha irmã e o bem-estar dela.

Como eu disse, ele é até decente



GIULIA

— Isso é realmente necessário? — Me encaro no enorme espelho da parede sem conseguir me reconhecer no reflexo.

Eu deveria saber que havia algo errado quando Mellanie me arrastou para um dos quartos no piso superior. Quando entrei no cômodo havia pessoas carregando tecidos, fitas e alfinetes em todas as direções.

Agora estou aqui, de pé nessa plataforma com um enorme vestido de noiva e sentindo as espetadas dos alfinetes por todo o meu tronco. Não sendo uma completa mentirosa, o vestido é deslumbrante e, mesmo com meu cabelo preso frouxamente no alto da cabeça, eu me sinto especial.

Uma princesa vivendo seu próprio conto de fadas.

— Esteve de dieta ou está nervosa com o casamento? — O estilista, Enrico, me pergunta enquanto espeta mais um alfinete em minha cintura.

— O que quer dizer?

— Você perdeu peso. — Tira outro alfinete da pequena almofada em sua mão, faz algumas dobras de tecido e espeta o material para prender o excesso.

— Pensei que estivesse tudo bem entre você e Enzo. — Mellanie aparece no reflexo do espelho, logo atrás de Enrico.

— E está. — Com as obrigações de cada um não conseguimos nos encontrar nos últimos dias, mas isso já era esperado. — Apesar de desejar, nunca pensei que me casaria de fato. É um pouco aterrorizante.

— Eu te entendo. — Mellanie abre um sorriso tranquilizador. — Por mais que se trabalhe a ideia na cabeça, o casamento é assustador. Você está se casando com uma pessoa completamente diferente para passar o resto da vida com ela. São criações e pessoas diferentes, mas se é isso que deseja, uma boa conversa sempre fará maravilhas na relação.

Me contento em sorrir para ela, sem saber o que responder. Eu poderia estar muito mais aterrorizada se não fosse pela última conversa que tive com Enzo. Os planos do Chefe são desconhecidos, mas sabe-se é algo grande ou muito importante. Não me arrisquei em perguntar a Enzo no que ele está trabalhando, prefiro esperar que ele mesmo me conte.

Me casarei com o Subchefe da *Famiglia*, é claro que ele está sempre ocupado. O problema é meu nervosismo que parece aumentar quando penso que em quarenta e oito horas serei uma mulher casada, com responsabilidades que nunca imaginei para minha vida e com um marido que só existia em meus sonhos.

É claro que nos meus devaneios de criança meu marido não estava no lado errado da lei e definitivamente não ceifava vidas como se fosse o próprio *Dio*. Eu imaginava um bom homem, com um coração bondoso e que, com muita sorte, se interessaria pelo trabalho voluntário comigo. Enzo é uma boa pessoa dentro dos seus moldes e das suas limitações. Não posso esperar trabalho voluntário de um homem que nasceu para governar as sombras.

— Não! Saia daqui! — A voz alterada de Mellanie e um pequeno grito de Enrico e algumas de suas assistentes me traz de volta para a realidade. Mel e algumas mulheres tentam segurar a porta enquanto Enrico corre com um lençol de cama em minha direção.

— Saia! — Enrico esbraveja.

Ouçoo uma resposta baixa e gutural, mais um resmungo que uma resposta, antes da porta ser empurrada com força. Mel e as outras lutam para manter a passagem fechada e Enrico me cobre com o tecido branco que estava na cama. É como um robe três vezes o meu tamanho, ocultando todo o meu vestido com a exceção de um pouco de tule na barra.

A porta finalmente é aberta e meu noivo invade o quarto em sua típica glória mística. Suas roupas escuras como sempre, longe da formalidade e das roupas sociais que seu irmão mais velho usa. Seus cabelos escuros estão despenteados e os olhos azuis brilhando, me atraindo como uma mariposa pela luz.

— *Dio*, você é teimosa. — Enzo faz uma careta para a cunhada e passa as mãos pelos cabelos ondulados.

Posso estar alucinando, mas juro que essa simples ação gerou suspiros por toda a sala, inclusive o meu. A Primeira-Dama, por sua vez, olha para o Subchefe como se ele não fosse mais que um inseto indesejável.

— O noivo não pode ver a noiva antes do casamento.

— Eu não estou vendo o cazzo do vestido, Mel. — Enzo contorce a boca com desgosto, mas é muito fofo. — Preciso conversar com minha noiva.

— Tudo bem. — Mellanie cruza os braços e parece uma seguranças de salto quinze.

— Sozinho. — Resmunga de volta.

Mel olha entre ele e eu, levando o seu tempo para pensar e ponderar se somos merecedores de alguns minutos sozinhos até suspirar e assentir, descruzando os braços e indicando para todos saírem do quarto. Enrico e suas assistentes marcham para fora e Mel os segue, murmurando que temos dez minutos antes de fechar a porta, nos deixando sozinhos.

— Olá. — Arrisco um pequeno sorriso, apertando o lençol ao meu redor e sentindo as borboletas festejarem em meu estômago quando Enzo caminha lentamente até mim.

— Você está linda. — Seus olhos percorrem meu corpo lentamente e as borboletas apenas aumentam.

— Estou enrolada em meu lençol.

— Basta existir para estar linda, senhorita Nichilo.

— Em breve senhora Santinelle.

— Sim. — Acaricia meu rosto com tanta delicadeza e carinho que perco o fôlego. — Nunca desejei tanto que quarenta e oito horas passassem depressa.

— Estou um pouco nervosa.

— Eu também. — Enzo me presenteia com um meio sorriso e tenho certeza de que acabo de ficar um pouco mais apaixonada por esse homem. — Eu sei que nós não conseguimos nos ver...

— Você está trabalhando. Eu entendo.

— Estamos prestes a subir no altar e eu não te cortejei como deveria.

— Como deveria? — Arqueio uma sobrancelha para ele. — Ah, senhor Santinelle, eu me sinto muito bem cortejada.

— Meu ego agradece. — Seu polegar acaricia meu lábio inferior e suas órbitas azuis focam em minha boca. — Preciso fazer uma viagem importante hoje.

— Quando você volta? — Engulo em seco. Meu cérebro parece incapaz de produzir um pensamento coerente com ele olhando meus lábios dessa forma.

— No dia do casamento. — Seus olhos sobem para os meus e esse simples gesto teve um impacto tão grande em mim que minhas pernas não parecem mais tão confiáveis em me manter de pé.

— No dia do casamento?!

— Não se preocupe. — Enzo se aproxima mais, me dando um beijo casto nos lábios. — Estarei aqui para um beijo de verdade.

—Um beijo, hein? Esperarei por isso.

— Eu não a forçarei por uma noite de núpcias, Giulia. Quero que se sinta pronta.

— Eu quero ser sua esposa, em todos os sentidos da palavra. Já fomos muito longe para eu negar a consumação desse casamento.

— Então voltarei pelo beijo e por nossa primeira vez juntos. — Me dá outro beijo casto. *Dio*, o gosto dele é bom demais para ser real. — Quarenta e oito horas, *princesa*.



ENZO

— *Vocês sabem o que fazer.* — A voz de Eduardo é tensa do outro lado da linha. Não que eu o julgue por isso, essa é nossa única chance de capturar Henry Johnson antes que os próprios russos acabem com ele.

— *Sim, cruzaremos a fronteira ao amanhecer.* — Desço do avião com Melissa logo atrás de mim. Os carros já estão nos esperando e os poucos assassinos enviados na frente já estão em posição. — *Fique tranquilo.*

— *Me mantenha informado.*

— *Sim, senhor.*

— Ele não dormiu essa noite. — Melissa fala já ao meu lado, sem se dar ao trabalho de me olhar, ocupada demais com seu próprio telefone. — Os ataques da Bratva cessaram e com a proximidade do seu casamento Eduardo está enlouquecido.

— Temos sorte que ele não surtou e pegou uma machadinha. Seria difícil de explicar uma trilha de corpos pelas ruas da cidade.

— Ele está controlado, por enquanto.

— Resolveremos isso. Eduardo poderá se divertir o quanto quiser com o Johnson.

— Espero que seja rápido. — Lissa guarda o telefone no bolso traseiro da calça. — Odeio viajar às vésperas de algo

importante.

— Como Adam está?

— Ele ficará bem. Ele já sabia que gosto de me arriscar e que sirvo a *Famiglia* quando aceitou se casar comigo.

— Ele não quis ficar no escritório com Eduardo.

— Adam prefere estar com nossos filhos a ouvir atualizações que o deixarão mais nervoso. Eu agradeço muito por isso. Fico tensa quando ele está tenso. Saber que Adam está com nossos filhos e tentando distrair a mente me acalma.

— Ele é um cara legal.

— Não se preocupe, não contarei seu segredo a ele!

Cumprimentamos os homens e entramos no carro. Alugamos uma casa afastada como nossa base de operações. Estamos na Finlândia agora e não passaremos a noite ou mais que o tempo necessário no território russo. Entraremos, pegaremos Johnson, mataremos os soldados com ele para passar o devido recado e retornaremos para a Finlândia prontos para embarcar de volta para casa.

— Eles estão sob vigilância. — Leandro Montanari, o segundo no comando da segurança, passa as informações necessárias sentado no banco do motorista enquanto minha irmã e eu nos acomodamos no banco traseiro. — Conseguimos interceptar as comunicações e a rota que havíamos cogitado foi confirmada. Com seu casamento acontecendo eles não esperam que estejamos aqui.

— Quantos homens estarão com ele? — Melissa pergunta.

— Quinze. Três carros e duas motos.

— Estamos em seis. — Minha irmã me olha e é tudo o que eu preciso para saber o que se passa em sua cabeça. Matematicamente falando são pouco mais de dois homens para cada e se os carros usados forem blindados pode ser um problema para nós.

Sinceramente, qualquer erro pode ser um problema.

— Os motoqueiros não serão problema. — Tento aplacar a desconfiança em seus olhos, mas não resolve muito.

— É melhor informarmos o Eduardo. — Puxa o celular do bolso e começa a digitar mensagens loucamente.

O número realmente não é um problema, nos planejamos para cada um combater até o triplo disso, a questão é executar o plano e levar Johnson para a Itália antes que a Bratva perceba o tamanho do problema.

Assim que eles souberem que capturamos o maldito traidor o relógio começará a contar. Ou o Cyzarine tentará um acordo – e precisará ser muito bom para meu irmão aceitar – ou a guerra se intensificará até que Eduardo não tenha alternativa que não seja massacrar os russos. Infelizmente mundanos inocentes pagarão por isso, porém a guerra já se estendeu a tal ponto que a *Famiglia* não pode permitir sua continuidade. Trata-se de uma clara demonstração de poder e força. Brincar de lutinha até agora foi infrutífero para os negócios e só o mantivemos até conseguirmos localizar Henry Johnson.

As vidas que Eduardo tomará já não será de nossa responsabilidade. Os traidores, os idiotas que decidiram apoiar o lado errado da guerra enfrentarão as consequências de suas escolhas. Ação e reação, é o que meu irmão acredita e eu o apoio.

— Está certo de que não levantamos suspeitas aqui? — Pergunto ao Montanari.

— Sim, senhor. Ninguém sabe da nossa presença e para os efeitos legais é apenas um jato particular de um rico norte-americano para viagem em família. Nomes falsos, sem qualquer ligação com a *Famiglia* ou com a Itália. A *Famiglia* invadiu o sistema e garantiu que não pudéssemos ser rastreados.

— Eduardo disse para mantermos o plano. — Melissa informa.

— Isso será interessante. — Tomo uma respiração profunda. Não nos resta muito tempo para descansarmos e não é como se meu corpo colaborasse com isso. Meus músculos estão tensos e estou tomado de adrenalina. Não conseguiria dormir ou descansar mesmo se eu quisesse.

É como se meu cérebro processasse previamente todos os cenários possíveis do plano. Eu sei que o preciso fazer e como fazer. Não é a minha primeira e certamente está longe de ser minha última missão, mas dessa vez algo me parece diferente. Um nervosismo que eu nunca havia experimentado antes. É estranho pensar que preciso retornar por uma pessoa. Meus irmãos sempre confiaram em mim e falhar nunca foi uma possibilidade cogitada em todos esses anos. Agora há essa parte insistente em minha mente que repete a todo instante que essa missão precisa ser perfeita, que tenho a obrigação de retornar para a minha noiva e tornar Giulia oficialmente minha esposa.

Inferno, eu não sou um soldado em uma Guerra Mundial, parece que estou em algum seriado dos anos 50's ou 60's. Dio, Enzo, controle-se, você está ficando ridículo.

— Está com dor? - Minha irmã pergunta.

— Não. — A encaro, me dando conta de que estou fazendo uma careta. — Você me bateu e eu não percebi?

— Nunca te vi tão pensativo. Está tudo bem?

— Pressupõe-se que eu seja um ser pensante. É esperado que eu use meu cérebro em algum momento.

— Estou falando sério, Enzo.

— Está tudo bem, Lissa. Não se preocupe comigo. É apenas minha cabeça finalmente tendo um "bug" no sistema depois de tantos anos.

— É sobre o casamento ou a missão?

— Eu não sou um soldado em guerra, irmã.

— Oh! — Dá um pequena risada e se recosta no banco com um sorriso satisfeito, como se finalmente tivesse me entendido. — É assim que está se sentindo, não é? Aposto que pensou algo sobre seriados antigos.

— Você é uma cobra peçonhenta.

Nos anos em que ficamos refugiados na Alemanha Melissa e eu desenvolvemos uma relação diferente. A morte dos nossos pais mudou tudo e Eduardo voltou para nos unir. Lissa era tudo o que

havia me restado naquele momento e nosso irmão estava lutando por nós.

De alguma forma Melissa assumiu o cargo de figura materna sem abandonar o cargo de irmã mais velha. Detesto que ela conheça tão bem minha própria cabeça ao ponto de que eu não posso ter uma crise em paz. Não que eu possa de fato, em nosso mundo, com tanto trabalho a ser feito, crises existenciais são uma perda de tempo.

— Se te consola, eu não acho que Giulia te abandonará no altar e não acho que você tenha alguma humildade para se deixar ser ferido e não poder usar seu terno sob medida. Você é vaidoso demais para ousar sair mal em alguma foto.



GIULIA

— E foi assim que continuei trabalhando e ajudando as freiras sempre que podia. — Reabasteço seus copos com suco e Mara coloca mais biscoitos recém-saídos do forno na frente dos três.

— Não faz sentido. — Matteo balança a cabeça parecendo muito descontente, Bella apenas me observa e Lorenzo tenta colocar mais biscoitos em sua boca do que realmente cabe nela. — Ninguém fica na escola depois que termina. Quando as pessoas se formam elas querem fugir para o mais longe possível. É assim que a escola funciona.

— Ou só você acha isso porque é um péssimo aluno. — Bella fala para o irmão com um sorriso malvado no rosto, se voltando para mim antes de continuar. — Eu sou o futuro da família. Papai diz isso sempre.

— Porque você é a princesinha dele. — Matteo revira os olhos. — Ele fala tudo o que você quiser.

— Eu sou a filha favorita e você é invejoso demais para aceitar isso. — A garota balança a cabeça, decepcionada com o irmão. — Eu já disse que você é adotado.

— Vocês são gêmeos. — Lorenzo fala com a boca cheia. Eu me pergunto se ele consegue respirar. — Tia Melissa saberia se vocês não fossem. Ela disse que nasceram juntos.

— Não, eu sou a mais velha. — Bella fala.

— Só por alguns minutos! — Matteo protesta.

— Okay, acha que a discussão já se estendeu o suficiente. — Interrompo, pegando um dos biscoitos que Mara serviu. — O que acham de brincarmos depois que vocês comerem?

— De luta? - Lorenzo pergunta.

— Eu não sei lutar. O que acham de amarelinha?

— Isso é um aplicativo? - Matteo pergunta e tenho vontade de desfalecer. Como essas crianças não conhecem uma brincadeira tão antiga como amarelinha? Dio Santo.

— Não é um aplicativo, mas pensando bem eu não acho que vocês vão gostar dessa. — Considerando os treinos que essas crianças fazem e o acúmulo de energia que têm, amarelinha seria tedioso para todos. — E pega-pega.

— O tio Enzo sempre brinca com a gente de pega-pega. — Bella fala com um sorriso no rosto.

— E sempre perde. — Matteo dá uma grande mordida em um biscoito.

— Nós o jogamos no chão. — Lorenzo tenta reabastecer o espaço vazio de sua boca com mais biscoitos. Eu entendo as restrições de Mellanie sobre açúcar, o garoto gosta muito de doce.

— Tio Enzo costuma brincar muito com vocês?

— Sempre que estamos aqui. — Matteo responde.

— Ou ele na nossa casa. — Bella completa, pedindo um pouco mais de suco. — Mamma disse que tio Enzo e o papai não gostam de brincar juntos porque eles brigam muito.

— Você vai morar com o tio Enzo, tia Giulia? — Lorenzo pergunta e me engasgo com as gotas de chocolate do biscoito.

— Sim, a tia Giulia será a esposa do tio Enzo. — Mara responde por mim, acariciando minhas costas enquanto tento me recuperar da crise de tosse. — E a tia Giulia poderá brincar com vocês sempre que estiverem por aqui.

— Se a tia Giulia será a esposa do tio Enzo, então ela poderá brincar com a televisão dele? — Bella pergunta com os olhos brilhando para mim. — Tio Enzo nunca nos deixa brincar com a televisão.

— Crianças, hora do treino! — Mellanie entra na cozinha e desfila direto para as crianças. Me admira como ela consegue ser tão elegante, parece que já nasceu com saltos e os domina de uma maneira que me assusta.

— Eles estão lanchando. — Mara fala com um sorriso. Mellanie para ao meu lado, coloca a mão na cintura, encara os três e balança a cabeça.

— Lorenzo, meu filho, respire um pouco e coma devagar. — Lorenzo acena em concordância mesmo tentando disfarçar que estava comendo os biscoitos. As bochechas inchadas de tão cheias.

— Tia Giulia nos chamou para brincar. — Matteo fala com um pequeno beicinho. Ele é tão fofinho.

— Vocês podem brincar depois do treino.

— *Papà* está pronto? — Lorenzo pergunta ainda de boca cheia.

— Seu pai está trabalhando e não treinará conosco hoje, mas o tio Adam sim!

— Tia Giulia pode treinar com a gente? — Bella questiona.

— É claro. — Mellanie me direciona um grande sorriso. — Se ela quiser.

— Vamos, tia Giulia! — Bella dá um pulinho em sua banqueta e Lorenzo acena a cabeça repentinamente.

— Será divertido. — O herdeiro do Chefe diz, engolindo um pouco dos muitos biscoitos em sua boca.

— Eu não sei lutar.

— Tia Mellanie te ensina. — Matteo fala. — Ela é muito boa.

Olho para a Primeira-Dama buscando por alguma ajuda. Recebo um sorriso e uma mão no ombro em resposta. Não sou uma grande adepta das atividades físicas, coleciono minhas gordurinhas com certo orgulho e não me pareço em nada com a silhueta em forma.

— Não vamos exagerar, tudo bem? — Ela diz soando muito empolgada e não quero desapontá-la por não aceitar. Dio, as crianças estão me olhando de um jeito que amolece meu coração. — Você tem um casamento amanhã e amanhecer dolorida não é uma opção.

— Tudo bem. — Suspiro cedendo aos olhares. — Treino leve, okay? Eu não estou acostumada a isso.

— Boa sorte. — Mara sussurra para mim com riso em sua voz.

A dinâmica agitada da casa tem sido uma verdadeira aventura diária. Com as crianças juntas é impossível que os dias sejam monótonos, eles estão sempre aprontando, correndo e falando alto. Por mais que seja cansativo, dá vida à casa.

Lorenzo fica feliz com os primos aqui, ele finalmente tem companhia e com quem brincar, ser filho único pode ser um tanto solitário e seus dias costumam ser na companhia do pai em treinos ou em conversas para entender suas responsabilidades no futuro. Normalmente a rotina dele é cheia de atividades extracurriculares para que seja devidamente preparado.

É inevitável pensar que esse é o futuro que espera por meus filhos. Responsabilidades na Família, treinos e todo tipo de preparação para suas vidas adultas. Já que Mellanie não deseja ter mais filhos, é dever de Enzo preencher a liderança e eu tenho a tarefa de gerar o Subchefe e o Consigliere.



ENZO

— Seja um bom garoto e faça um grande estrago, sim? —
Melissa acaricia meus ombros por cima da blusa, como se retirasse poeira de mim. Seus cabelos escuros estão presos no alto da cabeça e seus olhos parecem quase prateados, sem mencionar o grande sorriso em seu rosto. — Vamos nos divertir hoje.

— Você me parece muito empolgada. — Visto meu colete e minha jaqueta por cima.

— É sua despedida de solteiro. — Seu sorriso aumenta de tamanho. — Devemos comemorar ao estilo da família.

— É claro. — Encaixo minhas armas no coldre e minha irmã já está brincando com sua inseparável faca borboleta. — Faltou um irmão para completar o espetáculo.

— Eduardo fechará o show em casa. Alguém precisa supervisionar as crianças.

— E você realmente acha que Eduardo é essa pessoa? As crianças provavelmente estão treinando há horas e não pararão até que estejam implorando por dormir.

— Nós dois chegamos à fase adulta, não? As crianças sobrevivem. Tem muita energia para gastar e Eduardo precisa ser um tio legal.

— Esse é o meu cargo.

— Sim, mas meus filhos são agraciados por dois tios, não um. Bella é apaixonada por Eduardo, achará divertido treinar com o tio por horas.

— Você está esquecendo dos outros dois monstros.

— Lorenzo está acostumado aos treinos do pai e Matteo quer fazer tudo o que o primo faz quando estão juntos. — Lissa fecha a faca e a coloca em um dos bolsos da calça tática. — Eles ficarão bem.

— Senhor. — Leandro entra na sala. — Estamos prontos.

— Hora de brincar. — Melissa cantarola e me dá um tapinha no braço ao passar por mim.

Solto um suspiro pesado e pego meu capacete. Não haverá falhas. Entramos, matamos e saímos. Cruzar a fronteira antes do amanhecer foi fácil, o suborno sempre é um ótimo recurso para policiais que não tem ideia do tamanho do problema. Da fronteira seguimos para o galpão abandonado em que estamos agora, fica a uma hora e meia do local da emboscada e onde guardamos os veículos para o plano.

Saindo da sala com meu capacete em uma mão. Os Assassinos estão ao redor de Melissa rindo que algo que ela disse, o carro e as motocicletas já estão posicionados e com todos muito bem armados.

— Eles estão indo pelo Leste. - Melissa me informa.

— Tudo bem, iremos pelas estradas do norte e nos esconderemos na floresta até que eles cheguem ao local combinado.

Todos assentem e nos acomodamos para nossos respectivos veículos. Melissa, Leandro e mais um Assassino irão no carro blindado; eu e mais dois iremos nas motocicletas. Minha irmã estava certa, vamos nos divertir muito hoje.

Subo em minha moto e acelero para fora do lugar. É engraçado pensar em toda a situação que estamos vivendo. Anos atrás nossos pais nos mantinham afastados da Famiglia, Eduardo era um mero símbolo de herdeiro, Melissa estava sempre brigando

com *mamma* e nosso pai estava ocupado tentando tornar minha vida um inferno. Eles não nos achavam aptos para o trabalho.

Eduardo levou a *Famiglia* ao auge, mesmo em guerra contra a Bratva, e estamos mais poderosos que nunca. Melissa é a rainha da Alemanha e eu estou a caminho de uma chacina como o segundo no comando, como o Subchefe respeitado da *Famiglia*. Nosso pai não suspeitou ou mesmo conseguiu impedir que o irmão o traísse. Uma parte amarga de mim gostaria de encontrá-lo e perguntar quem é o homem de verdade agora.

As luzes dos veículos cortam as estradas banhadas pela escuridão da madrugada, temos um longo trajeto pela frente e escolhemos o percurso mais longo por cortar a vegetação da floresta. Substituiremos os faróis por lanternas quando chegarmos ao local, ao menos até nos escondermos entre as árvores e na escuridão até os condenados chegarem.

Tentamos escolher motos leves, mais silenciosas e velozes, porém o silêncio da estrada torna os barulhos dos motores quase ensurdecedores. A adrenalina pela antecipação do que acontecerá luta pela necessidade de concentração. Mal posso acreditar que após anos finalmente colocaremos as mãos em Henry Johnson.

O local marcado para a emboscada é uma área mais alta, um pouco montanhosa, uma estrada de curvas e de difícil acesso. Os carros nunca conseguiriam passar juntos. Quando todos estacionamos atrás das árvores, sendo cuidadosos para que o carro fique no meio do trajeto bloqueando a passagem e as motocicletas um pouco mais atrás, Melissa desce do carro e vem ao encontro da minha moto, onde eu estou encostado, brincando com um cigarro entre os dedos.

— Pensei que você tivesse parado com essa merda. — Ergue o queixo em minha direção ao perceber o tenho comigo.

A escuridão não ajuda a enxergar e não é como se eu fosse um dependente de nicotina. Tive um período rebelde na adolescência e quis experimentar, mas estava claro que meus irmãos desaprovavam e eu não queria desapontá-los.

— Um dos homens tem. — Dou de ombros. — Pensei que seria uma boa para aliviar o estresse.

— Se você quer aliviar o estresse transe com sua mulher, não foda seu pulmão. Já fazemos um grande estrago no nosso fígado. Não me faça procurar mais um órgão para um possível transplante no futuro.

— Eu não acho que acabaria fumando.

— Seu argumento falha no instante em que você acha, ou seja, não tem certeza.

— Não seja chata. Sou um adulto agora, posso fazer o que eu quiser.

— Então não seja petulante como um adolescente do caralho. — Enruga o nariz em clara desaprovação. Estou apenas a irritando e me admira que eu não tenha levado um soco ainda.

— Estou falando sério, Lissa. Aceitei por aceitar, eu não quero fumar. Não serei um viciado, pode relaxar.

— Ótimo. — Estende a palma da mão para mim. — Agora me dê o cigarro.

— Vai jogar fora ou fumar? É uma marca muito cara para ser desperdiçada.

— Seu cigarro terá um ótimo tudo e não será fodendo com o meu pulmão. — Entrego o pequeno tubo de papel para ela e Melissa não esconde o sorriso de satisfação. — Grazie. Isso aqui me proporcionará alguma diversão.

— Escolho não me preocupar com as loucuras que você pretende fazer na sua vida.

Ouvimos um som alto de motor ao longe e meu corpo tensiona. É hora do show. Melissa sorri guarda o cigarro no bolso de sua jaqueta.

— Vá se divertir, garoto.

— Você também.

Lissa bagunça meu cabelo antes de subir um pequeno morro de terra entre algumas raízes expostas e iniciar sua corrida de volta para o carro. Respiro fundo, subo em minha moto, coloco o meu capacete e espero por minha festa de despedida de solteiro.



GIULIA

Passo meus dedos pelos tacos de sinuca. De todas as loucuras e bizarrices que cogitei para esse casamento uma missão relâmpago do noivo não estava nos planos. Me sinto mais inquieta e nervosa que nunca. Eu já deveria estar preparada para isso, certo? Estou me casando com um Santinelle, como esperar algo diferente?

Paro diante das enormes janelas com vista para o jardim revivendo os momentos que tive com Enzo aqui. O almoço de “negócios” para fecharmos o acordo de noivado, suas aulas de sinuca, os prazeres que proporcionamos um ao outro, as conversas bobas e não tão bobas assim no sofá e o cochilo que tiramos da última vez.

— É reconfortante saber que não sou o único nervoso com essa missão maluca.

Olho assustada na direção da porta e encontro Adam Brachmann parado ali. Hoje ele está todo de preto e usando roupas casuais, sem sinal de suas roupas formais como dizem que ele sempre está vestido. Seus cabelos loiros brilham com a claridade da sala e seus olhos reluzem como duas esmeraldas.

Ele é um homem muito bonito, mas nem sua beleza ou charme causam as borboletas em meu estômago como a simples presença de Enzo. Esse pensamento gera batidas mais fortes em meu coração. Eu não posso estar apaixonada em tão pouco tempo, posso?

Santo Dio, há um homem estranho na sala, Giulia. Tenha foco!

— Posso ajudar em alguma coisa, senhor Brachmann?

— Adam. Meu nome é Adam. — Ele dá um passo largo para dentro da sala, suas mãos unidas em suas costas. Seu sotaque é um pouco carregado, mas ele fala muito bem. — Estou brincando de esconde-esconde com as crianças, mas elas estão bem melhores nisso do que eu pensava.

— Eles fingem que se escondem em casa, porém se escondem mesmo no jardim. — Olho para toda a extensão verde pela janela. — Basta procurar atrás dos arbustos. Geralmente Matto e Lorenzo estão juntos então é mais fácil de achar.

— Em casa eu só preciso me preocupar com dois e já decorei seus esconderijos. — Ele sorri e caminha calmamente para perto de mim. — Não estou aqui para te ferir, Giulia. Não precisa se encolher sempre que dou um passo.

— Sinto muito. É um costume inoportuno.

— Eu entendo.

Eu imagino como ele entenda. Adam Brachmann estava lá no dia que fui salva dos meus compradores e sei que os Santinelle recebiam atualizações frequentes enquanto eu estava no internato. Certamente Melissa contou para ele.

— O senhor disse que não era o único nervoso? — Digo ao recordar de sua fala ao entrar na sala.

— Conheço os Santinelle a tempo suficiente para reconhecer alguém preocupado com as loucuras deles. — Dá de ombros como se não fosse grande coisa. — Eu mesmo sou um desses preocupados.

— Como isso é possível? O senhor é o Chefe da *Organização!*

— Casado com uma Santinelle. — Ele me lembra. — Eu entendo como pode ser difícil estar apaixonado por um deles.

— Eu não estou apaixonada! — Um riso nervoso me escapa. — Não estamos juntos a tanto tempo. Isso simplesmente não pode acontecer.

— Giulia, eu sei do que estou falando. Passei anos apaixonado por Melissa sem tomar a iniciativa porque ela poderia cortar a minha garganta.

— O que?!

— Ela estava muito irritada comigo na época. — Responde com descaso.

— E o que aconteceu?

— Johnson queria se casar com ela. Melissa decidiu que ninguém escolheria um marido por ela então me ligou e me pediu em casamento.

— Ela te propôs casamento por telefone?! — Não consegui conter a minha risada.

— Suponho que o seu caso não tenha sido o mais tradicional também, certo?

— Não. — Confesso com outra risada. — Eu estava cozinhando e do nada Enzo entrou na cozinha, me fez algumas perguntas sobre o vestido que eu estava usando e saiu depressa, quando voltou ele perguntou se eu queria me casar com ele.

— Você me parece uma pessoa sensata demais para ter aceitado de início, estou certo?

— Eu pensei bem sobre o assunto sim, nós até almoçamos juntos para conversarmos e nos conhecermos melhor.

— Você fará muito bem a ele. Enzo pode ser difícil, mas é um bom homem.

— Ele é. — Olho para a mesa de bilhar por um instante. — Me concentrei tanto em Enzo que esqueci que ele é um Santinelle. Isso faz algum sentido?

— Totalmente. Espero que não soe muito melodramático, mas sempre que olho para Melissa é como se não existisse outra coisa no ambiente. Ela é o meu foco desde que acordo até ir dormir. Ela desperta meu lado protetor e quero tanto protegê-la que acabo esquecendo que é uma Santinelle.

— E um Santinelle não pode ser domado. — Concluo por ele.

— Exatamente.

— O que devemos esperar dessa missão, Adam?

— Que tudo saia conforme o planejado.

Sua resposta não foi o consolo que eu esperava, mas me ajudou a entender seu posicionamento. Ele é um homem treinado, líder da máfia alemã e apesar da tensão que sente pela mulher que ama estar em perigo, Adam confia em suas habilidades e se esforça para permanecer calmo.

De que adianta enlouquecer de preocupação agora? Enzo está a meio mundo daqui e meu nervosismo não o ajudará. Enzo foi treinado e preparado para missões assim desde criança, ele sabe o que está fazendo e eu confio em suas habilidades.

Além disso, eu não deveria torcer para que a justiça seja feita? Henry Johnson me comprou e pretendia me entregar para os russos. Se os Santinelle não tivessem aparecido eu não sei onde estaria agora. Em um prostíbulo? Morta? Esquecida em algum gueto entorpecida pelas drogas?

No internato as freiras falavam tanto sobre os mandamentos de *Dio*, sobre amar ao próximo como Jesus nos amou e sobre perdoar setenta vezes sete. Eu realmente tentei trabalhar esses atributos, me esforcei para ser uma boa pessoa e fazer o bem, mas pensar em Enzo fazendo Henry Johnson pagar por tudo o que faz me enche com tamanha satisfação que não posso colocar em palavras.

Quantas garotas antes e depois de mim não tiveram a mesma sorte? Adam Brachmann salvou outra garota no ano seguinte do meu salvamento. Agora ela está sob os cuidados da *Organização* na Alemanha.

— Como vai a outra garota? — Pergunto.

— Quem?

— A outra garota salva por vocês. Aquela encontrada no Canadá.

— Ellie? Ela está muito bem. Na realidade é uma história bem parecida com a sua.

— Parecida como?

— Ellie se envolveu com o meu irmão. Os dois estão casados e têm um filho juntos.

— Mesmo?! Uau. Fico muito feliz por ela. É bom poder seguir em frente e deixar o passado para trás.

— Eu ainda não entendo como os dois se envolveram. A verdade é que eu realmente não quero saber dos detalhes, mas eles estão felizes e isso é tudo o que importa.

— *Grazie*, Adam. Eu precisava de uma conversa assim mais do que imaginava.

— Seguir em frente não é fácil, mas todos precisamos fazer isso em algum momento. É melhor eu continuar procurando as crianças antes que elas destruam alguma coisa muito cara.

— Sim. — Dou-lhe um sorriso de agradecimento. — Atrás dos arbustos, não se esqueça.

— Eu me lembrarei disso!



ENZO

O comboio passa por mim, uma moto na frente, três carro enfileirados e uma única moto atrás. No instante em que entrarmos na pista o confronto começará. Espero até que a última moto tome alguma distância como foi o planejado e finalmente ligo minha moto. Caio na estrada sendo seguido pelos outros dois assassinos, nenhum de nós ligou os faróis, nos mantemos com a luz dos inimigos.

O último motoqueiro nota os sons dos motores e olha em nossa direção. Ele toca a buzina e faz menção de puxar uma arma, mas não consegue ser tão rápido, estou ao lado de sua moto chutando-a. O homem tenta recuperar o equilíbrio quando um dos nossos puxa a pistola e dispara repetidamente contra o capacete e as costas do homem.

Ele tomba na pista e rola, o outro Assassino passa com a moto por cima dele e seguimos atrás do terceiro carro. Os vidros são escuros, mas não me parece um veículo reforçado com blindagem. Tiros começam a ser disparados e sei que minha irmã começou seu próprio espetáculo.

O passageiro do carro que estamos perseguindo desce o vidro e se pendura para fora com uma maldita semiautomática. Faço o sinal combinado com minha mão e os assassinos se dividem, cada um entrando em um lado da mata enquanto eu colo no carro e

me deito sobre o tanque, tentando fugir do campo de visão do vidro traseiro.

Fisicamente falando isso é arriscado, é fácil de perder o equilíbrio pelo deslocamento de ar. Os tiros em minha direção não cessam e se que preciso ser rápido. Puxo minha pistola e disparo contra os pneus traseiros enquanto diminuo minha velocidade. O carro perde o controle e se movimenta em zigue-zague.

Uma troca intensa de tiros começa ao longe e consigo ver rapidamente o segundo carro do comboio parando. Estamos perto do bloqueio feito por Melissa e os outros, as opções para eles é correr para a floresta - onde os assassinos estão escondidos - ou se manter no meio do confronto na inocente esperança de vitória.

Paro minha moto mais atrás, salto para fora e puxo minha arma presa nas costas e empunho a belíssima submetralhadora nove milímetros com carregador estendido. Abro fogo contra o carro sem lhes dar chance de resposta. Quanto mais disparo contra eles e percebo que não há disparos de retorno, mais me aproximo do carro.

Desconfiado, verifico as perfurações na lataria, jogo minha arma para minhas costas outra vez e puxo minha pistola. Com um pouco mais de força que o esperado consigo abrir a porta traseira, em um ângulo que ainda consigo me manter longe da troca de tiros mais a frente. O som de disparo me surpreende e, por instinto, me jogo para o lado.

Seguro minha arma com mais força e disparo em toda e qualquer direção dentro do carro. O som de portas batendo não é motivador também. Melissa e os outros provavelmente já abateram as duas motos e estão vencendo - se já não ganharam - o primeiro carro do comboio.

Dentro do carro que abati há dois homens e duas mulheres. Os dois na traseira estão com muitas perfurações, a passageira está tombada para frente e para o lado com trilhas de sangue escorrendo por seu braço. O interior está mais sujo de vermelho que realmente perfurado, mas os orifícios nos estofados da frente ocasionados por meus últimos disparos me intrigam. Guardo minha arma e abro a porta do motorista, o corpo de uma mulher tomba para fora e puxo

minha lanterna em um dos bolsos da calça tática para conseguir observar melhor. Há uma pistola de modo frouxo em sua mão, a puxo para a frente e consigo ver o buraco e o sangue em contraste com os cabelos loiros.

Uma textura familiar pesa contra a palma da minha luva, alguns disparos atravessaram o banco e atingiram suas costas e sua lateral. Era uma regra subjetiva entre meu irmão e eu que nunca mataríamos mulheres, sempre deixamos isso para Melissa se divertir e depois minha cunhada. Não que eu hesite se for necessário, a *Famiglia* vem sempre em primeiro lugar.

Sentindo um leve incômodo no ombro, guardo minha lanterna e pego um novo carregador para minha arma. Puxo-a das costas para minha frente outra vez e a recarrego. Entro na mata observo Melissa e os outros se aproximarem do segundo carro.

Leandro grita em russo para que todos saiam do carro e tenham uma morte honrosa, mas o segundo veículo se mantém parado e com os faróis ligados. Volto pelas árvores para onde minha moto está. Eles não parecessem interessados em uma rendição fácil e eu estou pronto para me despedir da vida de solteiro como se deve.

Sinto um sorriso se forçar em meu rosto, não daqueles que expressa alegria genuína ou qualquer tipo de diversão, mas do tipo que vem de uma parte sombria, que anseia loucuras. Meus músculos contraem por um instante, é como se eu não estivesse realmente sobre o controle das minhas ações, sei que posso parecer um tanto maníaco agora. Como meus irmãos e eu costumávamos brincar, possuído pelo demônio dos Santinelle, aquele que tem sede de sangue e habita em cada um que tem nosso sangue correndo nas veias. Como uma maldição de família.

O silêncio é ensurdecador a tal ponto que eu consigo ouvir uma porta se aberta e uma sequência de disparos começar. Vejo um amontoado de cabelos escuros apontando uma arma para minha irmã e os outros, monto em minha moto no exato momento em que um dos Assassinos que me acompanhava nas motos sai das árvores e atira contra o atirador.

Ligo minha moto e a acelero o motor, o barulho alto atrai toda a atenção necessária e, no auge dessa noite, libero a marcha da motocicleta. Vou a toda velocidade contra a traseira do carro e me jogo no chão pouco antes da batida. Mais disparos são ouvidos e rolo no chão sem conseguir controlar o riso. Inferno, isso foi divertido.

Levanto e vejo minha irmã atirando na direção do motorista, o outro Assassino que estava comigo nas motos também sai da floresta empunhando uma arma e atira contra os pneus, da mesma forma que o outro também faz. Leandro e o Assassino que o acompanha se aproximam do carro prontos para atirar.

Com um suspiro satisfeito eu me levanto e seguro minha outra vez, me aproximo da traseira do carro com cautela e assento para o homem a postos, ele assento de volta e eu abro a porta de trás. O Assassino é rápido em disparar e sei que é seguro, os dois da frente foram eliminados e agora mais um pode ser subtraído da equação. Consigo agarrar um braço e atirar um homem no chão, sem ele no caminho consigo surpreender o dois restantes dentro do carro.

A satisfação que senti ao encontrar Henry sendo usado como escudo humano, com o cano de uma arma pressionado em sua têmpora, não pode ser explicado em palavras.

— Para longe. — O russo fala em um italiano desprezível.

— Eu acho que não.

O Assassino da direita finalmente abre a porta e aponta sua própria arma contra a cabeça do homem.

— Larga a arma. Agora.

Não me dou ao trabalho de ver o que está acontecendo com o homem depois que o Assassino toma a arma de sua mão. Agarro Johnson pela gola e o puxo para fora o carro.

— Sentiu saudades, pequeno verme?

— Eu esperava que da próxima vez que nos encontrássemos eu estivesse colocando uma bala entre as suas sobrancelhas.

— Você não sabe a quantidade de vezes em que sonhei que arrancava suas bolas e te forçava a comê-las, Henry maldito

Johnson! — Melissa se aproxima de nós com o cigarro aceso na mão.

— Ainda uma prostituta de luxo, querida Melissa? — Henry dá um meio sorriso a minha irmã e eu o soco por puro deleite. Nesse momento Leandro joga o russo sobrevivente no chão aos meus pés e minha irmã segura o rosto de Henry com força antes de enfiar o cigarro aceso em seu olho. Ele se debate e grita, mas ela o segura com mais força e empurra o cigarro mais fundo.

— Isso responde a sua pergunta, traidor de merda?

Deixando Johnson encolhido e choramingando no chão, pego minha faca e caminho até o traidor para realizar o pedido especial do meu irmão. Em poucos minutos o homem está jogado no chão com a garganta aberta e eu tenho seu dedo em minha mão. Sujo o dedo decepado em seu próprio sangue e pinto um 'S' na janela do carro metralhado. Isso sim é uma despedida de solteiro.



GIULIA

A casa está agitada desde antes do amanhecer. Não sei precisar quanto dessa agitação é causada pelo casamento e quanto é exigências do Chefe. O senhor Eduardo está trancado em seu escritório desde a tarde de ontem. Não é incomum que o homem vire a noite trabalhando, mas dessa vez parece que ele tem se ocupado mais que de costume. Vi Mellanie ir visitá-lo alguns vezes durante a madrugada e retornar para a sua ala.

Com a ansiedade em mim pelo casamento eu não consegui dormir. A certa altura desisti de rolar na cama e apenas andei pela casa e pelos jardins na vã tentativa de que a caminhada me cansasse. A área do complexo é grande.

Nenhum sinal de Enzo ou Melissa e ninguém ao meu redor parece interessado em falar sobre eles. Mais um dos muitos alertas em minha mente de que há algo importante acontecendo. É o dia do casamento e não tenho ideia de onde está o noivo.

— *Per Dio, che spavento!* — Mara salta ao me encontrar no corredor e coloca a mão sobre o peito enquanto equilibra uma pilha de toalhas com a outra. — Você me assustou, bambina. O que está fazendo acordada a essa hora?

Olho para o relógio na parede, que apronta seis e vinte da manhã. Com o fluxo grande de pessoas, soldados e itens decorativos de um lado para o outro eu pensava que já seria perto do almoço. Grazie a Dio o estilista ainda não chegou para me apertar naquela lindo – porém nada prático – vestido de noiva. Não sei se estou empolgada para ficar sentada por horas enquanto pessoas desconhecidas puxam meu cabelo e constroem camadas de pó compacto no meu rosto. Dio, eu deveria ter dormido, estou ficando mal-humorada.

— Eu sempre acordo cedo. — Forço um sorriso, me sentindo esgotada por não saber o que fazer comigo mesma, mas não ao ponto de conseguir me deitar e dormir. — Estava andando.

— Você comeu?

— Não, eu... Eu esqueci.

— Tem estado tão nervosa com o casamento que esquece de comer. — Balança a cabeça em clara desaprovação, eu me sinto uma menina outra vez, sendo repreendida por Mara. — Vá para a cozinha. Cuidarei disso aqui e faço alguma coisa para você.

— Eu posso ajudar. — Pego a pilha de toalhas de sua mão. — Acredite, tudo o que preciso no momento é me distrair antes que eles cheguem com aqueles tules e as chapinhas. Me ajude.

— Eu não sei se é uma boa ideia, minha menina.

— Não é a primeira vez que eu distribuo toalhas para os senhores da casa.

— Não é para distribuir. — Sua expressão é contrariada e Mara parece não saber o que fazer comigo. — Certo, de que

adianta? Você descobrirá em algum momento. Noite de núpcias e tudo.

— O que está dizendo?

— Melissa e Enzo retornaram pela madrugada, mas acontece que Enzo se feriu e ele precisa das toalhas.

— Ele está bem?!

— Sim, sim. Não é a primeira vez que ele se machuca e duvido que seja a última. — Tenta pegar as toalhas de mim e as puxo em minha direção.

— Sabe o que aconteceu?

— Não, *bambina*. Esse tipo de detalhe não é do nosso interesse. Agora deixe-me levar as toalhas.

— Eu levo. — Me apresso em responder.

— Giulia. — Seu tom é repreensivo.

— Eu levo, *mamma*. — Praticamente suplico. Todo o cansaço, ansiedade e estresse acumulado é substituído pela urgência de assegurar que Enzo esteja bem - Preciso vê-lo.

— Tudo bem. — Exala um suspiro cansado. — Mas não demore. A senhora Mellanie pode te procurar a qualquer momento e você não deveria ver o noivo antes da cerimônia. Posso aproveitar para preparar o desjejum.

— Onde ele está? - Tento manter a alegria longe da minha voz.

— Na ala dele. Quarta porta à esquerda.

— *Grazie*.

Antes que Mara perceba, eu já estou correndo na direção da ala dele. Há soldados em praticamente todos os corredores, pessoas armadas e vestidas em elegantes ternos pretos caminhando de um lado para o outro, contribuindo para o aumento da minha preocupação. Qual a necessidade do aumento da segurança para esse nível? Teria alguma ligação com a guerra contra a Bratva? *Dio Santo*.

Praticamente corro pelo corredor, passando direto pela entrada da sala e contando as portas à esquerda até chegar a

quarta. Paro diante da pesada madeira escura e engulo em seco, minha respiração está descompassada, seja pela ansiedade, pela corrida até aqui ou pela expectativa em vê-lo. Talvez seja tudo junto.

Com a preocupação falando mais alto que minha timidez, dou algumas batidas na porta e aguardo a resposta controlando o impulso e abraçar a pequena pilha de almofadas. É um hábito que tenho desde que a escola, preciso abraçar algo quando estou nervosa, como um escudo que me protege diretamente dos problemas.

— Entre. — Sua voz soa abafada e gutural. Foi o suficiente para enviar um arrepio por minha espinha. *Dio mio*, que ele esteja bem.

Abro a porta do quarto e entro com cautela. Enzo está de pé diante de uma das enormes janelas que vão praticamente do chão ao teto do quarto. As paredes parecem de pedra antiga e os móveis de madeira escura, é uma mistura bonita de antiguidade e contemporaneidade. O problema real é que meu noivo está descalço no tapete vermelho, uma calça tática preta e nenhuma camisa. Pele, músculos e cicatrizes em plena exibição.

— Olá. — Enzo se vira de uma vez em minha direção. Surpresa estampada em seu rosto bonito, os olhos normalmente azuis e brilhantes estão mais prateados, os cabelos ondulados e bagunçados caindo em sua testa, um copo de bebida em uma mão, uma arma na outra e um curativo grande no ombro esquerdo.

— Giulia. Eu. Olá. — Abre um pequeno sorriso e termina sua bebida em um único gole, colocando o copo vazio e a arma em um aparador perto.

— Como você está?

— Bem. — Olha para o curativo no próprio ombro. — Um incidente na missão. Nada demais.

— Tem certeza? — Impulsivamente coloco as toalhas sobre a enorme cama e me aproximo dele, fazendo menção de tocar o curativo e hesitando. — Dói muito?

— Já tive piores. A bala não fez um grande estrago, logo estarei bem. Como você está?

— Como pode me perguntar isso quando você é quem está ferido?

— Não é meu primeiro machucado, *princesa* e tenho certeza de que não será o último.

— *Dio*.

— Você me parece cansada.

— Estou ansiosa com o casamento. — Engulo em seco. Sua proximidade me embriaga e me desconcerta, é como se eu perdesse o controle sobre o meu cérebro. — É apenas isso.

— Algo a compartilhar?

— Eu estou bem. — Dou-lhe um pequeno sorriso quando a palma de sua mão ampara minha bochecha. — Você é a minha preocupação agora.

Enzo não respondeu nada. Apenas se aproximou e uniu nossos lábios em um beijo singelo, tímido e calmo. Minhas mãos seguraram seus quadris e o contato com sua pele quente parece me queimar por dentro, uma queimadura boa. Dio, o que está acontecendo comigo?

— Afaste-se da noiva neste exato momento, Enzo Santinelle!
— O tom autoritário de Mellanie me assusta e praticamente pulo para longe dele, como uma adolescente sendo flagrada em algo errado. Enzo, por sua vez, volta a se aproximar de mim e passa o braço bom sobre meus ombros. — Vocês não deveriam estar a sós antes da cerimônia e a equipe acabou de chegar para preparar a noiva. As massagistas estão esperando.

— Já estou de saída.

— Vejo você no altar. — Enzo sussurra para mim e beija meus cabelos antes de me deixar ir.



GIULIA

Me olho no espelho dividida entre encanto e desconfiança. Não se parece comigo, me sinto saída de um conto de fadas, é o meu rosto refletido no espelho, mas a mulher ali parece confiante demais para a Giulia.

O longo véu cai por minhas costas tão brilhante e transparente que me pergunto se é real. O vestido tem um corpete bem colado ao meu tronco, quase como uma segunda pele, com alças finas e detalhes feitos à mão; um decote bonito, que realça meus seios, mas não escandaliza e a saia que abre de modo quase tímido, em formato de "A". Meus cachos foram mantidos no penteado, sendo preso em um coque frouxo e com cachos caindo ao redor do meu rosto. A maquiagem é linda, leve e natural. Eu me sinto linda.

— Querida, é hora de ir. — Mara entra no quarto já pronta para a festa. Pedi a Mellanie que a equipe arrumasse Mara também e o resultado é incrível. A mulher que tem sido minha mãe nos últimos anos abre um grande sorriso ao me ver, pela primeira vez vejo seus olhos brilharem de lágrimas e preciso me segurar para não me emocionar também. *Per Dio*, a quem estou enganando? Estou sentindo uma lágrima escorrer por minha bochecha neste momento. — Você está tão linda, *bambina*.

— A senhora está belíssima.

Mara limpa uma lágrima que escapou de seus olhos e se aproximar para me abraçar. E pensar que alguns anos atrás pensei que havia perdido tudo, não sabia o que seria de mim, mas imaginava que o futuro não seria bom. Quando acordei no hospital e Mara estava lá pude sonhar que minha vida seria diferente. Os Santinelle me salvaram, me ajudaram e me protegeram, mas Mara me amou e nunca vou conseguirei expressar o tamanho da minha gratidão.

— Você será uma mulher casada agora. Uma pessoa importante na *Famiglia* e estou muito orgulhosa de você, bambina. Não por seu noivo ou pelo posto que terá, mas por ter coragem de buscar sua felicidade. Você é uma mulher muito especial, Giulia e me sinto honrada por te ter como minha filha.

— E eu por tê-la como mãe, Mara. Não sei o que seria de mim sem a senhora. Eu te amo tanto.

— Oh, minha querida. — Toca em minha bochecha e se estica um pouco para beijar minha testa. — Essa família está recebendo minha maior preciosidade e eu espero que eles saibam valorizar isso. Posso não poder fazer muito, mas sempre estarei aqui para te proteger.

— Eu farei o mesmo. Quero que a senhora tenha a melhor vida possível e quero retribuir, de alguma forma, tudo o que fez por mim.

— Seja feliz e terá me retribuído da melhor maneira.

A emoção fecha minha garganta, me impossibilitando de falar mais, por isso me contento em apenas assentir. Saímos do quarto de braços dados e meu estômago parece se contorcer de nervosismo e antecipação. Quanto mais nos aproximamos da porta que leva ao jardim dos fundos e consigo ver os convidados sentados e ouvir a música ambiente sinto que perdi o controle sobre meu corpo.

— É aqui que eu te deixo. — Mara interrompe nossa caminhada e olha para mim com tanto carinho que me sinto um pouco mais calma. Ela me entrega um buquê de rosas cor de rosa que não quando ela pegou. — Não olhe para os convidados. Fixe em um único ponto e caminhe sem se preocupar com os demais.

— *Grazie.*

— Estarei na primeira fila. — Toca meu rosto uma última vez com carinho antes de entrar no jardim.

Dio, acho que vou vomitar. A última vez em que me senti tão nervosa assim foi na apresentação de um trabalho final antes de me formar na escola. Eu nunca consegui ser uma aluna muito inteligente e estava desesperada. Agora estou prestes a entrar para a família mais poderosa da Europa e não sei o que fazer sobre isso.

Uma versão modificada da marcha nupcial toca e ao longe vejo Melissa acenando para que eu entre. Aperto o buquê em minhas mãos e respiro fundo. Meus primeiros passos são vacilantes, minhas pernas não parecem muito confiáveis e luto para me equilibrar na grama coberta de pétalas de rosa da mesma cor que meu buquê.

Dezenas e dezenas de pessoas desconhecidas estão de pé com os olhos fixos em mim, alguns flashes me cegam e fixo meu olhar na frente como Mara sugeriu. Lorenzo e Matteo estão com pequenos terninhos azul-escuro e Bella está ao lado dos primos com uma cesta e um volumoso vestido branco. De pé, na frente dos três, está Enzo.

O terno azul no mesmo tom dos sobrinhos, blusa social branca e uma fina gravata preta. Seus olhos azuis parecem brilhar e um belíssimo sorriso surge em seus rosto quando nossos olhos se encontram. O cabelo preto está bem penteado com suas ondulações rebeldes. Ele está tão lindo.

Enzo me oferece sua mão e eu a pego. Estou trêmula, com a mão suada e fria, mas ele parece não se importar. Bella dá um passo à frente e eu a entrego meu buquê. O bispo sorri para nós e eu tento sorrir de volta.

— Você está linda. — Enzo sussurra em meu ouvido.

— Você também.

— Ainda nervosa?

— Sim. — Observo os convidados pelo canto de olho. — Muitas pessoas desconhecidas nos olhando.

— Ignore-as. Somos apenas você e eu aqui, tudo bem?

— Sim. — Eu não acho que Enzo percebeu, mas minha resposta tem um peso muito maior para mim do que se possa imaginar. Somos nós, somente nós. — Tudo bem.

A cerimônia começou e, como faço desde o internato católico, escutei atenta tudo o que o bispo falou. Me encanta ouvir suas palavras sábias, os ensinamentos e os conselhos que devemos praticar nesse novo momento de nossas vidas. Não me passou despercebido algumas falas de cunho da *Famiglia*, eu sempre soube que os Santinelle têm poder nas mais diversas áreas da sociedade, mas ter influência dentro da Igreja foi um tanto surpreendente, especialmente se considerarmos sua vida de pecados.

Afinal, não estamos na casa do Diabo da Famiglia?

Apesar de não me considerar uma pessoa religiosa, respeito e valorizo os ensinamentos bíblicos. Após anos na escola com missas regulares, professoras e freiras convivendo juntas com as alunas e atividades extracurriculares voltadas para trabalhos voluntários da paróquia, eu me acostumei a dinâmica. Agora sou uma mulher casada, perante Dio, perante os homens e perante a *Famiglia*. Enzo não faz seu juramento matrimonial já que é um Homem Feito. Nunca, nem em meus sonhos mais loucos, pensei que teria o título de esposa do Subchefe. Oficialmente faço parte da *Famiglia*.

—Pela autoridade a mim concedida, diante de *Dio* e da *Famiglia*, assim na Terra como nos Céus, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Enzo segura meu rosto em suas mãos e se aproxima. Foi toque firme e macio, *grazie a Dio* Enzo não aprofundou o beijo, eu não me sentiria bem demonstrando tamanha intimidade para pessoas desconhecidas. Contudo, aproveitei a sensação, a vontade instintiva de pressionar meu corpo ao dele, suas mãos me segurando e provando seu gosto mesmo que por pouco tempo. A multidão aplaude, Enzo encosta sua testa na minha e nós dois estamos sorrindo um para o outro.

— Olá, senhora Santinelle.

— Olá, senhor Santinelle.



ENZO

Observo Giulia rir de algo que Melissa disse. O véu foi retirado e posso admirar seu vestido sem qualquer empecilho. Minha esposa é uma mistura tentadora de pecado e inocência, o vestido valoriza suas curvas naturais e sua pele dourada beijada pelo sol. Os cachos emoldurando seu rosto ressalta sua beleza natural. Giulia tem um brilho natural, um ar inocente que a cerca e que me atrai de uma forma que nunca pensei ser possível.

— Você parece muito feliz. — Eduardo para ao meu lado, me oferecendo um necessitado copo de uísque.

Após uma eternidade de discurso do bispo, que confesso não ter prestado atenção em absolutamente nada além de "pode beijar a noiva", uma longa fila de felicitações e cumprimentos, Giulia finalmente pôde aproveitar um pouco e conversar com quem quisesse.

— Ao meio-dia assistirei você destroçar o Johnson. É claro que estou feliz.

— Sabe que eu não estava me referindo a isso.

— Não sei se estou pronto para falar abertamente sobre esse assunto. — Tomo um gole da minha bebida, feliz ao sentir o familiar ardor em minha garganta.

— Eu não esperava que estivesse. — Bufo uma risada e toma seu próprio gole. Observando a pequena roda de mulheres comigo, Mellanie se juntou a minha esposa e minha irmã, Mara está com elas falando algo que as fez rir. — Giulia se encaixa bem conosco.

— Sim, ela se encaixa. Foi a escolha certa.

— Acredito que vá além da escolha, irmão. Giulia conseguiu o que nenhuma outra foi capaz.

— Devemos lembrar que não tenho um coração? — Dou uma risada zombeteira. — Não fui criado para isso.

— Até hoje não sei explicar para o que fomos criados.

— Eu também não. — Confesso lutando para manter a amargura longe de minha voz. Eduardo representa mais para mim do que eu gostaria de admitir ou explicar. Cazzo, estou ficando muito sentimental. — Eu me apaixonei por minha esposa e me sinto estranho sobre isso.

— Eu te entendo. Deveria ser uma transação, um negócio sem qualquer ligação emocional. — Meu irmão sorri outra vez, um sorriso conhecedor. — Há certas coisas que estão além do nosso controle.

— Irônico se considerarmos que nossa família é conhecida por controlar tudo.

— Temos os nossos momentos. — Eduardo toma mais um gole de sua bebida. — O Cyzarine me ligou.

Meu corpo entra em estado de alerta. Minha coluna enrijece e entre em um breve estado de combate, como se meu cérebro estivesse pronto para batalhar e acabar com todos que representassem a mínima ameaça.

— Quando?

— Durante os votos e devo dizer que ele você não parecia muito interessado. Mellanie não vai gostar do resultado das fotos.

— Eu não me importo com o que os mundanos pensam. Além da sua esposa, ninguém mais liga para o que é dito nos jornais ou não.

— Eu compartilho da sua opinião. — Calmamente Eduardo coloca uma mão no bolso da calça. — Cyzarine pediu uma reunião.

— O que você decidiu?

— Que ele pode vir em dois dias, mas que se estiver tramando algo nós estaremos prontos para destruir toda a Bratva.

— Acha mesmo uma boa ideia ter esse homem dentro do nosso complexo? Mellanie, Lorenzo e Giulia estarão aqui.

— Enzo, não precisamos exibir armas para que o Cyzarine saiba do que somos capazes. Ele não seria idiota de nos atacar aqui e estou certo de que virá com uma proposta de trégua. Os russos não têm nada mais que nos interessa e destruí-los não será um problema. É o básico sobre preservação para sobrevivência.

— Vocês parecem sérios demais para um casamento. — Melissa se aproxima com uma garrafa inteira de uísque na mão. — Vamos beber e celebrar.

Lissa reabastece nossos copos e toma um longo gole direto da garrafa. Para alguém com rosto de boneca e vestida como uma dama elegante, minha irmã é o mais inadequada possível para os padrões da *Famiglia*. Por isso é minha garota favorita.

— O Cyzarine virá em dois dias. — Informo. As sobrancelhas dela sobem, mas essa é a única reação que obtenho.

— É uma merda que eu perderei o show.

— Não vai ficar? — Eduardo pergunta.

— Não, estou aqui há tempo demais. Sou a Primeira-Dama, preciso voltar para a Alemanha.

Adam se aproxima de nós carregando um amontoado de tule branco nos braços. Bella está adormecida grudada com pescoço do pai, a coroa de flores em sua cabeça está torta e tudo o que consigo ver com todo o vestido é uma perna coberta de meia branca com um sapato da mesma cor, balançando à medida que o pai caminha em nossa direção.

— Alguém cansou de correr. — Fala ao parar em nosso grupo. Lissa sorri e retira a coroa de flores da cabeça de Bella, que resmunga e vira o rosto para o pai, praticamente o enterrando em seu pescoço.

— Matteo? — Lissa questiona, me entregando a garrafa de bebida. Seus olhos estão alertas na possibilidade de o garoto estar aprontando com Lorenzo por aí e, conhecendo os meus sobrinhos, eu sei que eles estão.

— Estava correndo com Lorenzo para a cozinha. — Adam diz acariciando os cabelos escuros da filha. — Algo sobre roubar bolinhos.

— Mellanie enlouquecerá. — Eduardo comenta.

— Eu prefiro acreditar que esse amor por doces é uma fase.

— Lissa fala retirando os sapatos da pequena adormecida. — Isso acabará quando Lorenzo estiver na adolescência e perceber que o excesso de doce lhe rende muitas espinhas.

— Ele pode não ligar para espinhas. — Adam responde e Lissa apenas ri e balança a cabeça.

— Vivendo tão próximo do Enzo? Lorenzo levantará peso antes do que todos esperam. As espinhas serão um problema para ele.

— Você sabe que meu herdeiro direto é o Matteo, não sabe cobrinha? — Dou-lhe um grande sorriso, recebendo um olhar mortal dela enquanto Eduardo tenta disfarçar uma risada.

— Eu sempre disse que você era uma má influência, garoto corrompido.

— É príncipe corrompido, mas agora sou um homem casado, e Matteo só parece tanto comigo porque você me ama demais.

— Eu acho que você deveria aproveitar com sua esposa e eu vou atrás do meu filho e do meu sobrinho. — Eduardo fala já se distanciando de nós.

— Colocarei Bella na cama. Alguém precisa tirar esse vestido. — Adam dá um beijo rápido na esposa e, como sou um ótimo cunhado, simulo o som de vômito.

— Vocês dois precisam parar com isso. Ninguém precisa sofrer vendo essas demonstrações públicas de afeto.

— Nós somos casados e você, querido irmão, precisa aprender a lidar com isso.



GIULIA

O quarto parece confortável e intimidante. Os móveis de madeira escura criam um ambiente um tanto sombrio para o que estou acostumada, mas eu gosto disso. Por mais que não seja minha zona de conforto ou não se pareça comigo, eu me sinto bem aqui.

A porta do quarto é aberta e sinto a presença de Enzo antes mesmo que vê-lo. Ainda não consigo acreditar que agora sou uma mulher casada. Me afasto da enorme janela e me viro para olhá-lo. Não há mais sinal do paletó ou da gravata, suas mangas estão dobradas, os primeiros botões da camisa abertos e os cabelos ondulados bagunçados.

— Esposa. — Fecha a porta do quarto atrás de si e minha respiração some com a expectativa. É como se eu esperasse algo, mas não tenho certeza do que acontecerá. — Quer prosseguir com a nossa núpcias? Eu posso te esperar o quanto for preciso.

— Eu mantenho a minha palavra, marido. Você me mostrou como a intimidade pode ser... maravilhosa e estou ansiosa por mais. — Caminho alguns passos em sua direção. — Além disso, precisamos ter um filho. Não é esse o propósito do nosso compromisso?

— Para ser sincero eu não sei mais do que esse compromisso se trata, *princesa*. — Enzo desabotoa mais dois botões de sua camisa, me dando visão para o peitoral musculoso com algumas

cicatrizes. Seus olhos parecem mais escuros que o normal quando focam nos meus. Enzo ergue a mão e acaricia meu rosto com os dedos. — Você é tão linda, Giulia.

Inclino meu rosto em direção a sua mão, precisando de mais contato. Enzo espalma sua mão em minha bochecha e seu polegar acaricia um dos cachos soltos de maneira selvagem. A primeira coisa que fiz quando entrei no quarto foi descobrir onde era o banheiro e retirar os enfeites da minha cabeça. Estava lindo, mas não estou acostumada com tantos grampos esticando meu couro cabeludo.

Ele inclina seu rosto em minha direção e eu o encontro no meio do caminho, necessitada de sua proximidade, de seu contato e das sensações maravilhosas que ele me proporciona. Enzo passa um braço pelas minhas costas me puxando em sua direção e para cima, me pressionando contra seu peito.

A mão que estava em meu rosto entra em seu cabelo, agarrando um belo punhado e Enzo pede passagem para sua língua. Eu me sentia belíssima neste vestido de princesa com ar campestre, mas agora todas as camadas de saia que me atrapalham a me aproximar do meu marido estão me irritando um pouco. Prioridades e prioridades.

Enzo me desce por seu corpo sem me afastar. Sua língua explorando minha boca e eu retribui com a mesma voracidade. Minha mão sobe por seu tronco, sentindo as nivelções de seus músculos e o fino tecido da blusa até espalmar sua mandíbula. Seu corpo é tão belo que me lembra as esculturas renascentistas que estudamos em História da Arte. Se Michelangelo estivesse vivo estudaria Enzo como inspiração para suas esculturas, estou certa.

— Enzo. — Ofego quando ele beija o canto da minha boca, minha bochecha, minha mandíbula e meu pescoço, mordiscando e chupando a região nervosa.

— Espero por isso há tanto tempo. — Gentilmente Enzo me vira pelos ombros, me deixando de costas para ele, jogando meu cabelo para a frente e desatando a fita do *corset*.

O vestido desaba em um amontoado sob meus pés e Enzo me pega de surpresa ao me levantar em seus braços e me carregar

para a cama em estilo noiva. Estou aterrorizada por estar exposta dessa maneira, como nada mais que uma calcinha e uma cinta-liga. Não há blusa ou qualquer outra peça de roupa para me cobrir.

O que há para temer? Esse homem já me teve em sua boca e eu necessito que ele brinque com a minha sanidade novamente.

Enzo me deposita com delicadeza sobre a maciez da cama. Abrindo minha cinta e retirando minhas meias com cuidado. Sua expressão é de puro deleite, como se quisesse guardar cada momento dessa noite em sua memória e *Dio*, eu também quero.

— Enzo?

— Não fique nervosa, *principessa*. — Puxa minha calcinha por meus quadris, seus olhos azuis fixos nos meus. — Farei você se sentir muito bem. Eu prometo.

Assinto em concordância, me arrepiando quando o ar frio da noite atinge minha intimidade desconcertantemente úmida. Como ele consegue me deixar nesse estado apenas com a idade do que está por vir é um grande mistério para mim. Meu marido joga minha calcinha pelo quarto e se acomoda entre minhas pernas, beijando minha boca, bochecha, garganta e clavícula. Me arrancando um suspiro audível.

Sua pele é tão quente e macia. Sinto as ondulações dos músculos em suas costas e suas cicatrizes na ponta de meus dedos. Mesmo as cicatrizes, que deveriam ser uma espécie de defeito, corroboram o belo pacote que Enzo é. Seu cheiro me entorpece

— *Dio*, você é muito linda Giulia. — Beija meus seios, minha barriga e mordisca meu quadril. — Como pude ter tanta sorte?

— Eu me pergunto a mesma coisa.

Ele desce por meu corpo, abrindo mais minhas pernas e beijando toda a minha pélvis até o caminho para a minha intimidade. Eu não quero pensar em suas experiências para adquirir tanta habilidade com sua língua, o que me importa é que Enzo sabe exatamente o que me embesbeia de prazer, me coloca no limite e me faz gemer seu nome como um mantra.

— Olhos abertos, *principessa*. — Ordena ao movimentar sua língua contra mim mais uma vez. — Quero que você veja e aproveite.

— Enzo. — Meus olhos reviram quando Enzo me suga em sua boca.

— Me passe os travesseiros, *amore mio*.

Ergo minha mão pela cama e tenho a sorte de encontrar os travesseiros lado a lado. Os entrego para o meu marido, que aceita de prontidão e os coloca debaixo dos meus quadris. Esse novo ponto de vista é impressionante. Consigo ver tudo o que ele está fazendo comigo e, o melhor, seus olhos azuis escurecidos estão estudando meu rosto.

— Vamos tornar as coisas mais interessante, esposa.

Seu dedo me invade ao mesmo tempo em que Enzo me suga novamente. Meu quadril se arqueia e se remexe em seu rosto e Enzo sorri, parecendo muito satisfeito por minha reação. começou a se remexer contra seu rosto e seus olhos azuis fixados em mim.

— Enzo. Estou perto.

— Continue gemendo meu nome e eu te levarei até onde quer chegar. — Sua voz é gutural. Ele nunca tinha usado esse tom de comando comigo. Eu gostei muito. — Me diga do que você gosta.

— Você já está fazendo o que eu gosto.

— Mesmo? — Seus dedos afundam em minhas coxas quase ao ponto da dor e novamente estou gemendo alto. Eu simplesmente não posso me controlar. — Eu não mandei que olhasse para mim, Giulia?

Abro meus olhos para encontrar suas imensidões azuis focadas em mim. Algo está diferente nele, porém não sei dizer o que houve. O brilho divertido de seus olhos não está lá. À medida que seus olhos escurecem mais, ele me suga, me lambe e me enlouquece com sua boca.

— Gosto de você me dando ordens. — Confesso lutando contra a vontade de fechar os olhos. Minhas pernas estão tremendo, minha respiração está descompassada e sinto que estou muito próxima do limite.

Surpreendentemente seus olhos escurecem mais, estão quase negros agora e um sorriso maquiavélico cresce em seu rosto quando ele se afasta e se ajoelha da cama. Seu polegar assume a função de me estimular enquanto sua outra mão mantém dois dedos trabalhando dentro e fora de mim.

— Minha doce e inocente Giulia gosta de receber ordens? É muito bom saber disso.

— Enzo! — Sinto uma pressão se formar dentro de mim e eu estou a ponto de explodir.

— Por que você não goza nos meus dedos, Giulia? Me deixe admirar sua beleza enquanto goza.

— Eu...

— Goze, Giulia. Me mostre como será bom estar dentro de você.

Meu fôlego desaparece, meus músculos tensionam e minhas pernas tremem sem parar. Desobedecendo suas ordens, meus olhos se fecham e eu sou levada a outro mundo. As experiências anteriores com Enzo foram maravilhosas, mas esta foi simplesmente incrível.

Quando recupero meus sentidos Enzo está de pé em frente a cama, já sem a camisa e jogando seu cinto no chão. Seu cabelo preto está ainda mais bagunçado que de costume e a região de sua boca está avermelhada e brilhante, mas ele não parece se importar com isso, já que o sorriso com o qual me presenteia me fez sentir muito especial.

— Essa parte pode doer, querida. Está certa sobre isso?

— Sim. — Engulo em seco. Não sei muitos detalhes sobre essa parte, mas sei que confio no meu marido e que ele saberá me instruir. — Eu confio em você.

— Isso é muito bom. — Sua cueca e suas calças estão no chão. Sua ereção se ergue entre suas pernas, avermelhada e endurecida em contraste contra a pele branca. A tatuagem escrita em tinta preta logo acima de seu coração é o que ganha destaque entre toda a beleza e músculos.

Tutto per la Famiglia.

— Estou pronta para o próximo passo, marido. — Digo enquanto ele se deita sobre mim e se coloca entre minhas pernas.

— Eu também confio em você. — Acaricia meu rosto, retirando algumas mechas de cabelo para longe dos meus olhos. — Me beije, *principessa*.

Faço como ele pede e o beijo. Enzo abre entrada para mim, permitindo que minha língua explore seu gosto. Ele absorve meu grito em sua boca quando sinto uma dor ameaçar me rasgar ao meio. É muito incômodo, nada parecido com seus dedos em mim. Ele está tentando me empalar! Por reflexo tento empurrá-lo para longe, mas Enzo se mantém firme em cima de mim.

— Dói demais. Enzo, *per favore*.

— Sinto muito, *principessa*. — Me olha com genuína preocupação, a aura sombria que o cercava some e ele volta ao seu estado habitual. Sua fala que me surpreende um pouco, já que os Homens Feitos são treinados para não hesitar ou sentir qualquer tipo de remorso, mas meu corpo parece determinado a expulsar o corpo estranho dentro de mim. — Eu não queria te causar dor, Giulia. Sinto muito.

— *Dio*, eu não imaginei que seria assim. — O abraço apertado. Sentindo a pele quente e as ondulações dos músculos sob minhas mãos e braços, fecho meus olhos com força e uma lágrima rebelde escorre quando Enzo se retira e investe outra vez. — *Dio*.

— Doerá dessa vez e talvez você sinta um pouco de incômodo na próxima, mas ficará melhor. Eu prometo. — Beija minha bochecha e colocando uma de suas mãos entre nós dois para acariciar meu ponto sensível. Melhora um pouco, mas ainda dói. — Sinto muito.

— Está tudo bem. — Me mantenho firme abraçada a ele. — Eu acredito em você. Eu confio em você. Eu só preciso de um tempo.

— O que você quiser, Giulia.

Após o que pareceu uma eternidade abraçados e imóveis, meu corpo relaxou um pouco com ele dentro de mim e Enzo tentou

mais uma investida. Ardeu um pouco, os movimentos ainda são desconhecidos para o meu corpo e enquanto Enzo tenta estabelecer o ritmo para dentro e para fora e me ocupo em procurar o lado bom de toda essa situação.

Estou em um momento de intimidade que nunca imaginei experimentar com alguém. O calor de nossos corpos unidos e a realização de que agora sou a esposa de Enzo em todos os sentidos da palavra são reconfortantes. Os sons que nossos corpos fazem encham o quarto e Enzo geme cada vez mais.

Tento imitar seu ritmo, mas sinto incômodo outra vez e opto por não me aventurar demais hoje. Meus dedos afundam em suas costas e Enzo geme alto em cima de mim, seu corpo endurece e sinto algo jorrar dentro de mim.

— Sinto muito por hoje. — Ele se joga ao meu lado na cama, acariciando meus cachos. — Será melhor no futuro.

— Teve o lado bom. — Faço uma careta ao tentar juntar minhas pernas outra vez e sentir mais um incômodo.

— Espere! — Enzo salta para fora da cama com agilidade, mas minha curiosidade não pode esperar.

— O que aconteceu antes?

— Como assim?

— Você parecia diferente enquanto... você sabe... beijava minha intimidade.

— Enquanto eu lambia sua buceta, querida? — Um sorriso convencido cresce em seu rosto. — Pensei que você conseguiria se aventurar hoje, mas é melhor esperarmos um pouco mais.

— Me aventurar?

— Na hora certa você saberá. — Se abaixa para beijar minha testa e acariciar meus cabelos outra vez. — Vou me limpar e trarei uma toalha para te limpar também. Não saia daí.



ENZO

Acordo com Giulia se remexendo em meus braços. É um hábito que desenvolvi desde a morte dos meus pais. Eu preciso dormir abraçado em alguma coisa, normalmente era um travesseiro, mas agora eu tenho uma esposa e a julgar por sua pacificidade em seu sono, ela não parece se importar que eu a abrace. É estranho pensar que hábitos tão antigos perdurem até hoje.

Estou a caminho dos trinta, *per l'amor di Dio*.

Solto Giulia com cuidado e me levanto da cama. Meu primeiro dia de casado e o fim de uma caçada de anos. Poderia ficar melhor? Preciso lembrar de pegar um pacote grande de batata chips para assistir os últimos instantes da vida do maldito Johnson.

Entro no *closet* e pego uma calça tática. Algumas roupas de Giulia já estão aqui e preciso conter o choque por ter peças femininas no meu espaço. Talvez, se eu repetir o suficiente que agora sou um homem casado, não estranhe itens femininos em meu quarto. Não sou mais um homem de festas solteiro, todos os casos que tive não vieram para casa – Melissa teria me matado se isso acontece e depois que ela saiu Mellanie teria me matado se encontrasse uma garota seminua perto do pequeno, porém nada inocente, Lorenzo – meu quarto sempre foi meu universo masculino e agora há calcinhas em uma gaveta.

Dio.

Calço meu coturno e guardo duas facas. Volto para o quarto e pego minha pistola, não posso deixar de notar a bela mulher na cama, enrolada nos lençóis brancos com o longo cabelo cacheado espalhado pelos travesseiros. Suas curvas se destacam de uma maneira que me hipnotiza. Quando Giulia se remexe na cama seu quadril atrai minha atenção engulo em seco.

Odiei tê-la machucado noite passada. Troquei os lençóis da cama e fiz questão de limpá-la com cuidado. Giulia tinha a dor estampada em seu rosto e me senti péssimo. Pela primeira vez, desde que consigo me lembrar, hesitei em fazer algo por não querer ferir alguém. Giulia é especial demais e não quero que ele sofra, o mínimo que seja, com a escuridão que habita em mim.

Não foi isso que você pensou enquanto comia a buceta dela.

Certo, posso ter fantasiado muito sobre uma boa e selvagem foda com Giulia. Eu realmente gosto de tê-la gemendo nome e ela é do tipo que geme alto. Minha esposa é barulhenta e se eu aprecio isso, me sinto na obrigação de fantasiar livremente sobre sua bunda avermelhada com as marcas das minhas mãos depois de alguns tapas.

— Bom dia. — Sou voz rouca pelo sono me desperta. Giulia está sentada na cama com o lençol amontoado sobre seu colo com os belos seios expostos para mim e prendendo a cabeleira no alto da cabeça com uma liga.

— Bom dia, *princesa*. — Caminho para a cama com um sorriso no rosto. — Como você está?

— Precisamos mesmo ter essa conversa? — Volta a cobrir os seios e engatinho na cama até ela. Suas bochechas assumem um bonito tom de rosa quando paro diante dela e ergo a mão para brincar com um cacho solto de seu cabelo.

— Nada de segredos entre nós. Quero que seja franca e me conte quando algo a incomodar.

— Estou um pouco dolorida ainda. — Acaricia meu rosto com carinho. — Como você está?

— Bem. — Beijo sua testa. — Um pouco preocupado com você. Qualquer incômodo maior me conte, tudo bem?

— Não acho que haverá incômodo maior. Suponho que a dor faça parte do processo para algumas mulheres. Você mesmo disse que melhorará com o tempo.

— Essa é a minha garota. — Dou um beijo casto em seus lábios e me levanto da cama. — Não poderei almoçar com você

hoje. Tenho algo a resolver com meu irmão, mas prometo estar em casa para o jantar.

— Algo errado?

— Não. — Volto para o *closet*, pegando uma blusa preta de manga longa. — Estamos prontos para acabar com a guerra, *principessa*.

— Farão um acordo com os russos?

— Ou isso ou eles serão massacrados. O importante é que hoje acabaremos com o grande motivo da guerra hoje.

— É perigoso?

— Nosso estilo de vida é perigoso, *amore mio*. Nada para se preocupar. Prometi que estaria em casa para o jantar, não foi? Podemos sair amanhã para jantar no centro da cidade, o que acha?

— Jantar? Em público?

— *Principessa*, a essa hora a equipe da Mel já enviou fotos do nosso casamento para todos os tabloides e revistas da Europa. Metade do planeta sabe que estamos casados. Você é a senhora Santinelle agora, não precisa se esconder.

— E se as pessoas tentarem procurar o meu passado? Descobrirem sobre o meu pai?

— Nunca conseguirão descobrir ou publicar nada. Nós não permitiremos. Você faz parte da família agora, Giulia. É uma Santinelle e será respeitada como uma.

— É poder demais para uma pessoa como eu. Não estou acostumada com isso e nunca pensei que teria.

— Sobre isso... — Abro a gaveta da minha mesa de cabeceira e pego a caixa de veludo azul, entendendo o presente para Giulia. — Meu presente pelo nosso casamento.

— Você tem me presenteado todos os dias desde o nosso noivado. — O sorriso em seu rosto é tímido e o rubor permanece em suas bochechas. — *Grazie*.

— Ainda não te presenteei o suficiente, *principessa*.

Giulia abre a caixa de veludo e se surpreende com o conteúdo, levantando o colar como se fosse a coisa mais preciosa

do mundo. Foi um pouco trabalhoso encontrar um design que tivesse significado o suficiente para Giulia. Mel me ajudou e contratou uma joalheria para fazer o trabalho. O resultado foi uma fina corrente de ouro puro, um pingente também de ouro em formato de coroa com um grande diamante no centro e pequenos diamantes na base da coroa.

— É perfeito. — Sussurra admirada.

— O colar representa essa nova fase da minha vida. — Giulia me entrega o colar e me coloco atrás dela para colocá-lo. — As pessoas me chamavam de Príncipe Corrompido. No início foi de forma pejorativa, mas adotei o apelido e tentei tirar o melhor proveito possível. Esse é o símbolo do meu compromisso com você, para que tenha ciência da minha lealdade e da minha proteção. O príncipe agora tem uma princesa e daria a sua vida por ela.

— Eu nem sei o que dizer. — Me olha estupefata, tocando o colar em seu pescoço com delicadeza, como se temesse que ele quebrasse em seus dedos. — É perfeito, Enzo.

— Não precisa dizer nada. — Beijo sua testa outra vez. — Eu volto para o jantar.



GIULIA

A casa está estranhamente silenciosa. Não se parece em nada com a agitação que estava ontem, com todo aquele trânsito de pessoas e itens de decoração. Mara também não está na cozinha, mas Mellanie está lá e abre um grande sorriso ao me ver, descendo da banquetta em que estava sentada e vindo em minha direção.

— Aí está ela. — Me abraça com força. — Bom dia, senhora Santinelle.

— Acho que nunca conseguirei me acostumar com esse sobrenome.

— Não é tão difícil. — Se afasta e me envia uma piscadela. — Se acostumará mais rápido do que imagina. Belo colar.

Toco a coroa dourada em meu pescoço e é impossível não sorrir. Enzo é um homem tão atencioso e encantador, um completo contraste com seu cargo na *Famiglia* ou para o que foi criado para ser. Se fosse mundano, Enzo seria o sonho de qualquer garota e na *Famiglia* ele era o mais cobiçado para um casamento.

— Foi um presente de casamento.

— É lindo. Um tanto significativo, mas tem uma beleza própria. Para mim é claro que Enzo quer que todos saibam que a *Famiglia* tem uma nova princesa.

— *Grazie*. Onde estão todos?

— Os homens saíram para brincar e, acredite em mim, você não quer saber os detalhes da brincadeira; Mara foi ao mercado, os soldados estão lá fora, Lorenzo está em um sono profundo e Melissa foi embora cedo com o marido e as crianças, mas te mandou um beijo e disse que te espera para uma visita na Alemanha.

— Ela é preciosa. Confesso que ela me assustou no início.

— Melissa tem esse efeito sobre as pessoas. — Mel passa seu braço no meu e me guia até a bancada da cozinha, onde há um pequeno desjejum. — Ela é muito protetora com os irmãos, mas percebeu a maneira como Enzo te olha. Ela sabe que você é especial.

— Enzo me olha de alguma maneira?

— Giulia, não seja tão inocente. — Mellanie ri e balança a cabeça, me servindo com um pouco de café. — Enzo a olha como se você tivesse criado o uísque. Não sei o que você fez, mas conseguiu conquistar o homem.

— Eu não... Mel, posso fazer uma pergunta?

— Mais é claro. — Me envia outra piscadela e bebe um pouco do próprio café.

— Você ama seu marido?

— É claro.

— E ele te ama?

— Sem dúvida.

— Como soube que o amava?

— O amor se manifesta de maneiras diferentes. Acho um tanto complicado, se você me perguntar. — Deposita sua xícara branca sobre a bancada e me encara. — Eduardo foi o pior dos noivos. Ele era um grande idiota, para todos os efeitos. Acontece que ele foi muito corajoso para me assumir que precisava de ajuda e me prometeu que as coisas mudariam. Se fôssemos mundanos eu não teria continuado com o casamento, mas Eduardo é um Homem Feito e sei o peso de uma promessa na *Famiglia*.

— Se ele era tão ruim, como pode amá-lo agora?

— O importante para mim é tudo o que aconteceu depois que eu coloquei esse anel no dedo. — Ergue sua mão me mostrando sua aliança de casamento. — Meus sentimentos por Eduardo surgiram de outra maneira. Não foi um amor à primeira vista ou sentimentos alimentados. Foram os pequenos detalhes que me conquistaram. Eduardo nunca diminuiu ou me subestimou. Para ele sempre estivemos no mesmo patamar. Ele não me sufocava ou me prendia, ao contrário, Eduardo me deu liberdade e me incentivou a fazer tudo ao meu modo. Construímos uma amizade antes de haver qualquer sentimento romântico, me peguei aproveitando o tempo que passávamos juntos trabalhando no escritório ou nossos treinos compartilhados.

— Sei que sinto algo por Enzo, mas não sei nomear. Não quero soar como uma garotinha boba e inexperiente. Não tive problemas com ele em algum momento. Enzo é encantador, atencioso e muito cativante. Ele atrai minha atenção por apenas estar no ambiente e agora, com esse colar, meus sentimentos parecem tão fortes que tenho medo do que possa ser.

— Giulia, para mim o verdadeiro amor é aquele demonstrado nos pequenos gestos. As ações precisam ter mais significado que as palavras. O amor de verdade é aquele que me faz bem, que te faz crescer e se sentir livre. O amor não te aprisiona ou te sufoca, o amor não te limita.

— É maluco pensar que com Enzo eu me sinto desafiada? Como se de alguma forma ele me estimulasse a me conhecer melhor, a ser mais confiante e me mostra que eu sou livre para fazer o que quiser.

— Se você aproveita os pequenos momentos com ele, é o que importa. Nem todos os amores acontecem para serem vividos, mas aqueles que valem a pena devem ser aproveitados a cada instante.

— *Grazie* pela ajuda, Mellanie. Seus conselhos são maravilhosos.

— Não se preocupe, Giulia. Você terá certeza sobre seus sentimentos na hora certa, quando perceber estará dizendo tudo o que sente.

— E se a hora certa nunca chegar? Eu não sou realmente boa com essa parte sentimental. Tenho um péssimo instinto para "horas certas".

— Não é certo que apenas um seja dependente em uma relação. Um deve se amparar no outro. Você se sente segura em expor o que está pensando para Enzo?

Penso nas vezes em que ele disse sobre não termos segredos entre nós, sobre sermos casados agora e termos liberdade para compartilharmos o que quisermos um com o outro.

— Ele me dá segurança.

— Então ele deve se sentir seguro em se expor para você também. Um relacionamento saudável é aquele com parceria. Não se pressione sobre a "hora certa", deixe seu relacionamento com Enzo se desenvolver naturalmente. Converse sempre com ele, desenvolva uma relação de confiança e crie uma base confiável no seu relacionamento.

— Certo.

— Oh! Não se esqueça, essa parte é muito importante, não ouse fazer tudo sozinha. Lembre-se sempre da palavra "parceria", não lute sozinha, seu parceiro precisa lutar com você para que o relacionamento funcione. Eu confio no meu cunhado e sei que ele se empenhará no casamento, mas erros acontecem, tudo é um aprendizado, eles só não devem ser repetidos. Aquele que erra por não saber pode ser perdoado, aquele que erra sabendo que está errando não está lá para acrescentar na sua vida.



ENZO

Termino uma nova sequência de socos, o suor banha meu cabelo e escorre por minhas costas. Ao fundo ouço a ordem de

Eduardo para que eu pare e imediatamente interrompo meus golpes. Henry resmunga algo incompreensível, mas não me dou ao trabalho de compreender, me afasto e recebo uma toalha oferecida por um dos Assassinos. Foi ótimo usá-lo como um saco de pancadas.

Meu irmão caminha até Johnson com tranquilidade, os olhos prateados e frios, suas típicas roupas formais substituídas por vestimentas táticas. Henry está pendurado com as pernas acorrentadas ao chão e os braços também presos por correntes ao teto. Um animal pronto para o abate exatamente como ele fez com minha irmã e minha cunhada. Lembrar que Mellanie já esperava Lorenzo torna certo de que o destino de Johnson é sofrer até o último segundo.

— Está vendo aquela cadeira? — Meu irmão aponta para uma elegante cadeira de mogno com estofado vermelho, um pouco escondida pelas sombras do galpão, posicionada de forma a assistir com privilégio tudo o que será feito hoje. — É ali que eu vou me sentar e assistir você agonizar com seu próprio sangue até a morte. Não haverá um tiro de misericórdia, não haverá perdão ou qualquer facilitação para você.

— Quão irônico seja que eu vá morrer pelas suas mãos? — A respiração de Henry soa como roncos de porco. — O Diabo da *Famiglia*, não é assim que te chamam agora?

— Não importa como me chamam ou deixam de chamar. — Eduardo saca sua faca da bainha e desenha a letra "S" no tronco de Johnson, do peito a perto do quadril. — Você é um homem morto.

— As pessoas lembram que o líder delas é um mimado incompetente? Que sempre ganhou tudo e nunca lutou para conquistar nada? Você é uma farsa, sua família é uma farsa e não deveriam liderar a *Famiglia*. Talvez sua irmã e sua esposa sejam poupadas. Uma boa boceta é sempre bem-vinda.

— Quem está amarrado aqui, Johnson? — Eduardo segura o rosto de Henry com força e, sem que nenhum dos presentes possa prever seu movimento, coloca sua adaga na boca do maldito e a empurra para a direita. O corte é feio, profundo e rende uma boa quantidade de sangue. — Você se lembra do juramento? Lembra

sobre a parte em que aceitou ser queimado se traísse a *Famiglia*? Se traísse o seu líder? Você sentirá muita dor, vou me certificar disso e quando eu estiver banho o suficiente com seu sangue farei um grande corte em você. Quero ver seus órgãos saltarem para fora, acenderei uma fogueira debaixo de você e então vou me acomodar naquela cadeira e assistir você agonizar até não suportar mais.

Apesar da tentativa de Johnson de desestabilizar meu irmão tentando distorcer o passado e ignorar por completo a luta do meu irmão contra o próprio tio para assumir a liderança da *Famiglia* e proteger Melissa e eu, Eduardo cumpre cada uma das suas promessas com meticulosidade e rigor.

Com uma grande variedade de facas, lâminas e alguns pedaços de ferro, Eduardo desfigurou o rosto de Henry e feriu seu corpo de formas muito interessantes. O "S" mais parece uma trilha com ramificações que a letra em si. O rosto do homem já não é mais reconhecível, a parte branca dos olhos estão em vermelho vivo, a boca não passa de um buraco largo, o nariz está torto e sua pele banhada em sangue.

Seus braços e pernas têm cortes em diferentes profundidades. Posso jurar que consigo ver um pedaço do fêmur do lugar em que estou. Juntando a quantidade de líquido vermelho escorrendo por sua pele e os hematomas resultantes da minha própria sessão de golpes não resulta em uma cena muito bonita. Parte da região nas costelas esquerdas está funda. Seus gritos, uivos e roncões ocupam o silêncio esmagador do galpão.

Ninguém ousa dizer nada. O próprio Eduardo parece um louco transtornado no momento. Seu rosto, pescoço e braços estão banhados em sangue; os cabelos, normalmente bem penteados, estão desalinhados; os olhos emitem um brilho prateado e posso ver seu sorriso discreto a cada tentativa falha de Henry em respirar, gerando o ronco de porco.

Meu irmão caminha até a mesa de utensílios e escolhe uma faca de empunhadura firme e lâmina curta. Sei que ele está acabando e faço sinal para que os Assassinos levem a caixa com a madeira a ser queimada para o debaixo do maldito. Observo calado

os homens soltarem as correntes de suas pernas e ele pender enfraquecido. Onde está o homem que representava uma grande ameaça para nós?

Lavo minhas mãos e pego meu pacote de batatas chips antes de parar ao lado da cadeira. Eduardo faz como o prometido e abre o ventre de Johnson, parte de seu intestino delgado escapa pelo corte e a quantidade de sangue surpreendentemente aumenta e os homens acendem a fogueira.

Eduardo volta para a mesa, guarda a faca, limpa o excesso de sangue em um pano e abastece um copo de uísque. Abro meu pacote de batatas e meu irmão se acomoda em seu trono obscuro. Henry Johnson luta para respirar e tenta gritar em sua agonia, porém sua fraqueza o impede e assim assistimos seus últimos instantes de agonia.

Foi ótimo ter meu irmão se vingando por todos os problemas que Johnson nos causou. Melissa teria adorado assistir isso, meu irmão está descontando seu estresse e frustração por ter sua esposa e seu filho em perigo e eu estou adorando ver o homem que tentou vender minha esposa como uma prostituta para a Bratva e ainda ousou matar o pai dela antes de mim.

Henry merece o reconhecimento por sua força. Mesmo ferido e queimando ele durou muito mais tempo que o esperado. Conhecendo meu irmão, posso imaginar que ele teria feito Henry sangrar por dias antes de finalmente jogá-lo na fogueira, mas com a visita do Cyzarine não podemos arriscar que a Bratva tente nos enganar. Essa guerra tem durado anos por ganância e burrice do traidor e do russo. É hora de acabar com tudo.

— Depois de oito anos posso me permitir uma boa noite de sono. — Meu irmão fala girando o copo vazio em sua mão.

— Eu poderei dormir tranquilamente quando descobrir o que o maldito russo quer conosco. — Faço uma careta para o cheiro de carne queimada. O corpo de Johnson pendendo no ar, sendo sustentado pelas correntes enquanto as chamas o consomem é uma cena macabra. Foi maravilhoso.



GIULIA

— Tia Giulia terá filhos? — Lorenzo pergunta antes de abocanhar um grande pedaço de lasanha e Mellanie se engasga com o vinho que estava tomando.

— Lorenzo. — Murmura em tom de repreensão. Imagino que essa não seja a pergunta mais adequada para uma pessoa recém-casada.

Normalmente as pessoas não se casam já pensando nos filhos, mas esse é um caso diferente. Aceitei a proposta de casamento ciente do que é esperado de mim e não nego que estou ansiosa para isso. Ter minha própria família, filhos e companhia. Minha infância e início da adolescência foi solitária de inúmeras formas.

— Não há problema. — Digo para Mel com um singelo sorriso, me virando para Lorenzo. — Eu espero que sim. Dessa maneira você terá com quem brincar, não acha?

— Meu primo não pode demorar muito. — O pequeno bebe um pouco de suco. — *Papà* disse que meus treinamentos ficarão maiores.

— Maiores?

— Sim. — Mel se serve com mais um pedaço de lasanha. — Se Lorenzo conseguir conciliar os treinos e os estudos poderá

ganhar o que ele tem nos pedido.

— Um presente? — Sorrio para ele. Lorenzo deu um pequeno pulo em sua cadeira e posso confirmar que sua alegria é contagiante.

— Sim! Terei um cachorro. Quero um beeeeeem grande.

Rimos de sua empolgação. Passos começam a serem ouvidos e em pouco tempo os irmãos entram na sala de jantar. O Chefe está em seu típico traje social, seus cabelos úmidos e a gravata bem alinhada. Enzo está com uma calça tática camuflada e uma blusa de manga curta, seus cabelos também estão úmidos e me pergunto o que os dois estiveram fazendo ao ponto de precisarem tomar banho.

— Desculpem o atraso. — O Chefe se senta na ponta da mesa, com sua esposa à sua direita e seu filho à esquerda.

— Olá, *princesa*. — Enzo beija meus cabelos e se senta ao meu lado.

— Acabou? — Mellanie pergunta ao marido.

— Não precisamos nos preocupar. — Eduardo e Enzo se servem. Observo meu marido em busca de qualquer pista sobre o que estiveram fazendo e percebo os rasgos em suas mãos, nos nós dos dedos. Ao me flagrar fitando-o, Enzo sorri e me envia uma piscadela.

— Tudo bem?

— Claro, querida.

— Machucou sua mão?

Enzo olha para os próprios dedos e abre um meio sorriso, seus olhos clareiam um pouco me deixando ainda mais intrigada. Ele dá de ombros, como se não fosse algo importante, mas seu sorriso deixa claro que ele está lembrando algo que o diverte.

— Fiz um interrogatório com meu irmão. — Se inclina em minha direção. Sua respiração quente contra o meu pescoço me causa um arrepio, sua voz rouca soa baixa para que seu sobrinho não ouça. — Henry Johnson não é mais um problema para nós.

— Apenas Henry Johnson? — Sussurro de volta.

Enzo olha para o pequeno Lorenzo, mas o garoto está entretido em uma conversa com seus pais. Não consigo imaginar como o temido Diabo e respeitável Primeira-Dama presenteariam o filho com um filhotinho de cachorro. Os faz parecer uma família comum, mundana, não as pessoas mais importantes do continente.

— O chefe da Bratva vem aqui amanhã para uma reunião. Preciso que fique na nossa ala e se mantenha longe das áreas principais até que ele saia. Não gosto da presença dele em nosso complexo, mas está além do meu controle e não quero levá-lo para o galpão por te olhar de maneira inadequada.

Pode soar errado para algumas pessoas, mas entendo o que Enzo está dizendo. Henry Johnson me comprou do meu pai e me venderia para a Bratva, meu futuro seria em um dos muitos prostíbulos russos antes dos Santinelle aparecerem. Se eu não me sinto confortável com essa situação, e agora sabendo dessa visita, imagino como Enzo esteja irritado por não querer conversar com o Chefe da Bratva e ainda assim precisar fazer isso. Ele está sempre garantindo que eu me sinta bem e segura e agora o inimigo estará em nossa casa.

— Você ficará bem?

— Se ele estiver longe de você, sim.

— Eu posso sair da casa por algumas horas se isso ajudar.

— Giulia está é a sua casa agora. Ele virá tratar de negócios, você não precisa sair da sua casa por culpa de uma visita indesejada.

— Não quero causar problemas.

— Você nunca será um problema, *princesa*. — Entrelaça nossos dedos e beija o dorso da minha mão. — Prometo que não haverá confusão. O Cyzarine não se aproximará de você e vou garantir que esteja segura.

— Não se meta em problemas, Enzo.

— Não irei. — Beija minha têmpora. — Não desrespeitaria nossa casa dessa maneira.

— Tio, qual raça de cachorro o senhor acha mais legal? — Lorenzo pergunta.

— Eu não sei. Depende do que você quer fazer com o cachorro. É para caça? Segurança? Companhia?

— Tudo isso e ainda brincar.

O restante do jantar seguiu com risadas e muita conversa. O principal tópico da noite foi o futuro cachorrinho de Lorenzo. É doloroso pensar que esse garotinho especial chefiará a *Famiglia* um dia, que suas responsabilidades irão além de treinos, estudos e um cachorrinho. Correm muitos boatos sobre a iniciação da *Famiglia* e mesmo eu, que estive enclausurada no colégio interno nos últimos anos, os ouvi.

Como Mellanie consegue lidar com isso? Saber que daqui a alguns anos seu filho será submetido a um treinamento cruel para fortificá-lo? Ainda não temos filhos e já sinto que preciso de apoio sobre esse tema. *Per Dio*, Eduardo e Enzo estão rindo e comendo uma bela refeição como se não tivessem acabado de torturar um homem!

Não que eu sinta a morte de Henry Johnson. Pode ser cruel da minha parte, mas estou feliz por isso. É apenas uma observação sobre o cenário geral. Esses homens agem como pessoas normais, mundanos até, mas em sua essência são assassinos treinados e cruéis, prontos para cometerem as maiores atrocidades.

Sinceramente, de que adianta questionar tudo isso agora? É assim que a *Famiglia* é, que sempre foi e continuará sendo. Enzo é um bom irmão, um bom tio e sei que será um bom marido. Isso é o que importa. Suas atividades como Subchefe da *Famiglia* não podem atrapalhar nosso relacionamento.



ENZO

Meus músculos doem por estarem tensionados por tanto tempo. Os passos contra o piso de madeira se aproximam do escritório com ruídos altos, parte de mim deseja loucamente sacar minha arma e acabar com isso de uma vez e Eduardo, parecendo sentir o que se passa em minha mente, aperta meu ombro antes de se acomodar em sua cadeira.

A porta é aberta e Cyzarine entra acompanhado de seu irmão e do nosso chefe de segurança. O mais velho tem o cabelo castanho claro, na altura do queixo e bem penteado para trás, o nariz um pouco torto como se tivesse sido quebrado vez ou outra. Seu irmão tem o cabelo castanho escuro e curto, os olhos verdes nos estudam com calma e frieza.

— Sentem-se. — Eduardo comanda, acenando para Ricardo e o dispensando do escritório. Os irmãos acatam a ordem e o chefe da Bratva ousa nos dar um meio sorriso enquanto se acomoda na poltrona.

— É interessante conhecê-los pessoalmente. — Nikolai Cyzarine, chefe da máfia russa e um dos nossos maiores problemas nos últimos anos, aumenta seu sorriso.

— O que querem aqui? — Eduardo é direto.

— Vocês pegaram Henry Johnson de nós. — O irmão mais novo, Dimitri Cyzarine, fala dobrando as mangas de sua blusa. A tatuagem da Bratva sendo exibida em seu antebraço.

— Henry Johnson era meu antes mesmo de ter suas patas sobre ele. — Meu irmão arqueia uma sobrancelha para os inimigos, os olhando como se não fossem mais que vermes indesejáveis. — A Bratva entrou em uma briga que não precisava.

— Por isso vocês invadiram nosso território e o roubou de nós? — Nikolai nos olha com ceticismo.

— O direito de matar Johnson era nosso. — Os lembro, tentando manter o desgosto longe da minha voz.

— Não me façam perder tempo. — Eduardo bebe seu uísque. — Digam o que querem e pensarei se sua oferta é útil ou não.

— Uma guerra exige gastos altos. — Dimitri fala olhando para o irmão. — E sabemos que competir contra seus recursos não é

uma opção.

— Queremos selar a paz. — Nikolai conclui.

— O que ganharíamos com isso? — Meu irmão retruca, no auge de sua impaciência.

— Nos permita comercializar em seu território e vocês poderão negociar no nosso. Estamos conquistando espaço nos Estados Unidos e vocês terão livre acesso aos nossos aliados. Uma organização ajuda a outra.

— Devo lembrar que vocês são o lado mais fraco da disputa?
— O sorriso em meu rosto é predatório.

— Não precisamos dos russos antes. O que o fazem pensar que precisaríamos de vocês agora? — Eduardo pergunta.

— Há uma última oferta. Eu não tenho e não terei filhos. — Nikolai nos olha com atenção, desviando o foco para seu irmão por um instante. — Mas Dimitri tem duas filhas. Vocês podem escolher uma e a outra será minha herdeira direta. A que vocês escolherem será enviada para um internato aqui na Itália e será moldada aos padrões da *Famiglia*. Um contrato explícito de paz entre a Bratva e a *Famiglia*. Sem mais guerra ou ataques. Os italianos poderão negociar em nossos territórios e com nossos aliados.

Sua proposta me surpreende. Olho para o meu irmão esperando por um indicativo de decisão. Não que isso realmente importe, a palavra final é dele e o que Eduardo decidir será acatado sem questionamentos. Os russos vieram até aqui nos oferecer uma de suas garotas para um casamento. Casamentos arranjados são normais, mas usar uma das herdeiras?

— Quem me garante que o acordo não será quebrado no futuro? — Eduardo questiona.

— Os recursos da *Famiglia* anulam qualquer possibilidade de disputa. Não seríamos tolos para propor um acordo dessa magnitude e não fazer a nossa parte. Case a escolhida com quem quiser, faça como achar melhor, estará no seu direito.

— Vamos deixar uma coisa clara. Se eu aceitar esse acordo vocês se comprometerão com suas honras e isso é muito importante para nós. Se vocês violarem o acordo me sentirei na

obrigação de esmagá-los como insetos indesejáveis e não pararei até que o sangue de todos os membros da Bratva esteja em minhas mãos.

— Nós entendemos. — Nikolai reafirma.

Meu irmão os estuda de maneira metódica. A sobre o queixo é o único indício de que ele está, de fato, cogitando a proposta. Com quem meu irmão casaria uma garota Cyzarine? Mesmo sendo um pedido direto do *Capo dei Capi*, é um risco muito grande para um de nossos homens assumir. Como pedir a um dos Capi para prometer seu herdeiro a uma herdeira rival? Os russos não são confiáveis e o que eles estão pedindo é um sacrifício grande demais para nós.

Pensando de modo comercial, são novos mercados para explorar, novos associados e novas informações para conseguirmos. Podemos ganhar mais dinheiro e mais influência, até mesmo na América. Temos alguns acordos com os mexicanos e a *Famiglia* já está presente em algumas regiões sul-americanas como o Brasil, mas o leste europeu seria uma nova conquista.

— A escolhida seria preparada para a *Famiglia*?

— Sim. — Nikolai mantém o rosto sério e concentrado. — Sabemos que a *Famiglia* tem tradições muito rígidas e seus valores são muito importantes. A escolhida será preparada para ser uma dama legítima italiana em língua e costumes. A personificação do acordo entre nós. Uma aliança vantajosa para ambos os lados.

Pensei que era impossível, mas meu corpo tensiona mais ainda sob o entendimento do que está acontecendo aqui. Observo meu irmão impassível, esperando que tome sua decisão e torcendo para que seja algo benéfico para nós. Impor uma aliança dessa magnitude com o inimigo a um dos nossos... É agir da mesma forma que nosso pai fez. Tentar a diplomacia para evitar o confronto. A que caminho isso nos levou?

— Está de acordo com isso, Dimitri? — Eduardo foca seu olhar no irmão mais novo. — Vai permitir que seu irmão nos dê uma de suas filhas dessa maneira?

— Farei o que for melhor para a Bratva. Essa guerra está nos custando demais. — O homem responde.

— Eu aceito o acordo. Sua garota será dada ao meu filho em casamento quando tiver idade o suficiente. Ela será preparada de acordo com os nossos costumes e eu espero que ela saiba reconhecer o tamanho da responsabilidade que representa. Eu só preciso de um deslize de vocês para acabar com a Bratva e não haverá acordo que me impeça de fazer isso, *capisce?*



GIULIA

Acordo com um estrondo alto. Olho assustada para a mesa de cabeceira e o relógio indica que são três da madrugada. A cama está vazia e imagino que o barulho tenha sido causado por meu marido desaparecido. Após esperar o dia inteiro e não ter nenhuma notícia de Enzo decidi ir para a cama, tentar ligar para o seu telefone me pareceu inútil depois da décima chamada.

Levanto da cama e ligo a luz do quarto. Outro estrondo alto ecoa pela ala e me parece vir dos primeiros cômodos, talvez do quarto de leitura/escritório ou da sala de televisão. Saio para o corredor e acendo as luzes e caminho até os ruídos. Não pode ser um invasor, não quando esse complexo é mais protegido que o próprio Vaticano ou a casa presidencial. Se nenhum sinal de perigo foi anunciado, não é um visitante indesejado que está destruindo coisas nessa ala da casa.

— *Cazzo dell'inferno!* — Com toda a certeza é a voz do meu marido, seguida de outro som de algo quebrando.

Pela iluminação generosa do corredor consigo visualizar o cenário caótico da sala. Os móveis estão virados, os vasos de plantas e alguns objetos de decoração estão em pedaços e Enzo está de frente para a gigantesca televisão de tela plana segurando uma arma, pronto para atirar.

— Pensei que essa televisão fosse sagrada.

Enzo se vira para mim e me assusto no primeiro momento. Seus cabelos estão muito mais bagunçados que de costume e seus olhos estão cinzentos, nenhum traços do forte tom de azul que costuma me hipnotizar; sua expressão é quase animalesca, como um predador pronto para fazer uma massacre.

— Saia daqui, Giulia.

— O que está acontecendo? — Dou um passo até ele, mas Enzo segura a arma com tanta força que treme visivelmente. — Enzo?

— Aqui não é seguro para você!

— Apenas você está aqui. O que houve?

— Eu não sou seguro para você no momento. Volte para a cama.

— Você é meu marido, não meu dono. Pare de ordenar como se eu fosse um dos soldados pronto para obedecer! — Toco sua mão com delicadeza e espero até que seu aperto diminua para tirar a pistola de seu agarre. — O que está acontecendo com você?

— Lembranças indesejadas. — Sua voz soa quebrada e devo confessar que eu não estava preparada para um sentimento tão cru. Coloco a arma sobre uma mesinha próxima e volto a encarar meu marido, espalmando o contorno de seu rosto.

— O passado pode machucar, não é? Eu sei como é. — Mesmo que eu esteja tremendo por dentro não quero me mostrar fraca para ele. Suspiro aliviada quando Enzo coloca a sua mão sobre a minha. — Sou sua esposa, Enzo. Passaremos o resto de nossas vidas juntos e quero que saiba que pode confiar em mim. Quando estiver pronto para se abrir, eu estarei aqui para ouvir e respeitar. Sou sua companheira.

O rosto de Enzo cai, ficando encoberto pelas sombras do quarto, a aura animalesca e perigosa que o cerca parece expandir pelo cômodo, me oprimindo e amedrontando, mesmo que eu esteja lutando para permanecer forte e inabalável.

— Não nasci para liderar a *Famiglia*. Fui o desgosto do meu pai por todo o tempo em que ele esteve vivo. Ele me considerava fraco demais para ajudar Eduardo com a *Famiglia*, para estar à

frente de alguma coisa. Meu pai costumava me levar todos os meses para as iniciações, eu tinha que assistir tudo e me preparar para quando chegasse a minha vez, tudo porque eu nunca consegui ter um desempenho de destaque como o meu irmão. Hoje tive a prova disso.

— Você era apenas uma criança, Enzo.

— Uma criança que sempre se escondia atrás da mãe. Eu sabia que teria responsabilidades e mesmo assim deixava que minha mãe tentasse me proteger dele.

— Qualquer criança teria feito isso.

— Eduardo aceitou um acordo com a Bratva. — Enzo ergue a cabeça e foca seus olhos nos meus. As órbitas cinzentas não conseguem esconder seu interior ferido e isso me machuca também. — Ele casará Lorenzo com um das garotas Cyzarine.

— O que?! — Minha voz é de puro assombro. Por um instante minha mão cai de seu rosto, por todo o medo que sinto dessa organização e por tudo que quase passei nas mãos deles, mas então me recordo que isso não é sobre mim. Enzo precisa do meu apoio e deixar que o passado me sufoque outra vez não ajudará.

— Até que ponto a diplomacia compensa mais que a ação? Meu pai era um eterno defensor da diplomacia, foi assim que ele fez um acordo com o Capo mais influente da *Famiglia* e conseguiu Mellanie como prometida de Eduardo. Meu sobrinho ainda é uma criança e foi prometido ao inimigo. Os russos não são confiáveis e não gosto do que está acontecendo.

— Você conversou com seu irmão sobre isso?

— Do que adiantaria? Ele já fechou o acordo e Eduardo é o Chefe. A palavra dele é a lei.

— Algo que sempre admirei nos Santinelle é a parceira e o apoio de vocês. — Acaricio seus ombros, sentindo suas ondulações e atrito contra sua pele quente. — Antes de ser o Chefe, Eduardo é o seu irmão e ele já provou isso antes. Sua família é um grande ensinamento sobre valorização e amor. Eu não sei o que se passava na cabeça do seu pai, mas ele estava muito errado. Você faz o que é preciso, Enzo. Você faz de tudo por sua família, é um

Subchefe respeitado e um grande homem de negócios. É impossível não te admirar ou te amar, Enzo Santinelle. Não sei se vale de algo, não acho que meus sentimentos tenham o mesmo peso que os do seu pai, mas eu te admiro e te amo de todo o meu coração.

— Você o que?! — O choque toma seu rosto, seus olhos parecem escurecer outra vez e o azul volta a aparecer.

— Eu te amo. Já me casei apaixonada. Como pode estar surpreso? — Acaricio sua bochecha outra vez. — Você é um homem incrível.

— Eu não acho que te mereço.

— Somos dois, então. Até agora não sei responder por que me escolheu para ser sua esposa.

— Eu te amo, Giulia. — Enzo dá um beijo firme em seus lábios. — Eu te amo.



ENZO

Eu nunca havia dito "eu te amo" para uma mulher, ao menos não dessa maneira. É diferente quando se tem Melissa como irmã, ela soa mais como um segundo irmão e o sentimento fraternal que eu tenho por ela e Eduardo não se compara em nada aos meus sentimentos por Giulia.

Casos de uma noite são práticos, os envolvidos sabem o que estão procurando e o que não estão dispostos a dar. Não há relação com sentimentos ou momentos especiais, apenas química, hormônios e pessoas dispostas a uma transa satisfatória. Desde que perdi minha virgindade para ser um Homem Feito nunca me envolvi dessa maneira com uma mulher. Quando o sexo era bom

estendíamos os encontros por uma semana, com sorte uma semana e meia.

Eu estava convicto de que seria um tio. Não somente o tio divertido para os meus sobrinhos, mas aquele cara evoluído que não precisa de uma parceira ou filhos, ele é simplesmente livre para viver como bem entender. Nunca cogitei a remota possibilidade de me casar e ainda ser ousado o bastante para estar apaixonado por minha esposa. *Per Dio*, esta é a *Famiglia*, as pessoas não se amam, elas negociam o acordo mais vantajoso possível.

Agora há esta mulher parada diante de mim, com cabelos selvagens e cacheados, lindos olhos castanhos, pele naturalmente bronzeada em uma simples camisola e parece uma das deusas antigas. Eu sabia que protegeria minha esposa e tentaria tornar o casamento mais agradável possível, mas nunca pensei que a simples ideia de perder alguém me causaria tamanha dor no peito, de que tê-la em perigo poderia causar minha morte e a certeza de que estou disposto a fazer o que for necessário para ver um sorriso em seu rosto.

Essa mulher, senhoras e senhores, essa bela, gentil, doce, inocente e divina mulher, acaba de dizer que me ama e maldito seja eu se não me dedicar ao máximo possível para ser digno de seu amor. Eu não sou perfeito, a quantidade de sangue em minhas mãos e a memória do meu pai podem confirmar isso, mas ainda assim ela me ama. Giulia me ama mesmo sabendo que sou a escuridão para a sua luz, a maldade para sua bondade, o mal ceifador para sua vontade de ajudar aos demais.

— Como pôde aceitar ser minha esposa? — Toco seu belo rosto, admirando os contornos de sua face e os cachos descontrolados que a moldam. — Como pude ter tanta sorte?

— Foi você quem me escolheu, Enzo. — O sorriso em seu rosto é doce e esqueço toda a raiva e rancor que sentia momentos atrás. É como se, de repente, meus sentidos existissem com o propósito de focar em Giulia. — Eu diria que a sortuda sou eu.

— Eu não te mereço, *principessa*. Você deveria ter alguém melhor em sua vida, mas sou egoísta demais para deixá-la ir. Não posso ser burro ao ponto de permitir que outro homem a tenha. Não

sou bom o suficiente para merecê-la, mas estou a mantendo por que preciso de você e não sou capaz de te libertar.

— Quando vai entender que não quero ser libertada? — Toca meu rosto outra vez, sua palma me acariciando e me acalmando. — Eu quero ser a sua princesa. Sua princesa corrompida.

Não sei explicar o que senti quando a beijei, mas Dio, eu a beijei. Uma mistura obscena de luxúria, amor, carinho e tesão. A necessidade de senti-la guerreando contra o medo de machucá-la outra vez. De alguma forma eu havia encostado Giulia na parede, ela já estava no meu colo e eu já tinha livre acesso para me esfregar contra ela e afundar meus dedos em seus quadris perfeitos. Eu amo esses quadris.

— Você está dolorida. — Coloco meu rosto na curva de seu pescoço, incapaz de quebrar o contato.

— Não mais. Tive um longo banho quente para me relaxar.

— E eu não tive a decência de estar com você aproveitando o banho. — Mordisco seu ombro, feliz por seu corpo responder ao estímulo e se projetar contra mim. — Me avise se machucá-la.

— Suponho que não deva ser tão doloroso como da primeira vez?

— Não. — Sinto um sorriso diabólico em meu rosto quando me afasto para olhá-la. — Farei você se sentir muito bem.

É indescritível a satisfação que senti quando meus dedos a tocaram e não havia nada protegendo sua intimidade de mim. Quente e úmida, pronta para ser levada ao clímax para que então eu possa aproveitar. Estimulo seu clitóris sem interromper seu ritmo sobre mim, a esfregando contra minha calça para que o atrito me ajude.

É uma bênção que estejamos sozinhos na nossa ala da casa, ninguém precisa ver a inocente Giulia sendo fodida contra a parede. Apesar de um lado primitivo em mim gostar da ideia de todos saberem que Giulia definitivamente é minha mulher e que se estimarem minha esposa terão uma bala em seus crânios.

Cazzo, sim!

Os gemidos de Giulia quando ela goza são os mais belos sons aos meus ouvidos. Aproveitando de seu relaxamento me puxo para fora da calça e entro nela. Dessa vez não há barreira ou resistência, apenas uma apertada e escorregadia musculatura para me receber. Meu deslize é cuidadoso, observo seu rosto procurando por qualquer sinal de desconforto e tudo o que encontro é prazer.

— Dói?

— Arde um pouco, mas é bom. — Responde ainda com os olhos fechados. Solto um gemido em agradecimento e afundo meu rosto em seu pescoço quando começo a me movimentar. Uma crescente planejada, movimentos calmos e ritmados até que ela esteja acostumada com a invasão e seu aperto em meus ombros aumente.

Invisto com velocidade descompassada, me envolvendo com seu cheiro, seu calor, seus gemidos e os sentimentos dentro de mim que tornam esse momento tão singular e especial. Giulia Santinelle, a dona do meu coração e dos meus pensamentos. A mulher que, de alguma forma, despertou uma parte desconhecida de mim que a idolatra. Me desfaço dentro dela gemendo seu nome. Seria mentira da minha parte dizer que não estou pensando na próxima rodada com ela.

— Foi diferente. — Giulia fala e me abraça um pouco mais apertado. Estou ofegante e suado, a sala está uma bagunça e eu não poderia me importar menos. Mantenho Giulia em meus braços enquanto faço o caminho até nosso quarto. Não estou pronto para quebrar o contato.

— Foi. — Beijo seus lábios — Você torna tudo diferente.

— Você está bem?

— Muito melhor agora, mas acho que preciso aproveitar minha esposa um pouco mais.



GIULIA

Me certifico uma última vez de que Enzo está adormecido profundamente em nossa cama antes de sair do quarto na ponta dos pés. Ele está esgotado e mesmo assim demorou a dormir. Preciso de conselhos sobre o que fazer e sei exatamente a quem recorrer.

Mamma abre a porta logo na primeira batida. Apesar de ser tarde e todos já terem se recolhido, Mara sempre foi uma mulher alerta e pronta para agir ao primeiro ruído suspeito. Eu nunca soube dizer se é algo de sua natureza ou um reflexo dos anos que trabalha para os Santinelle.

— *Bambina*? O que faz aqui tão tarde? — Abre passagem para que eu possa entrar em seu quarto e fecha a porta para nos dar privacidade. — O que aconteceu?

O quarto dela sempre foi o maior. Com um banheiro privativo muito bem equipado, cama de casal, poltronas, mesa de chá, escrivaninha e até um pequeno *closet*. É um reflexo do carinho que os Santinelle têm por ela. Mara, minha mãe de coração, trabalha para eles há tantos anos que eles a tratam como uma integrante da família.

Ela é a pessoa certa para me aconselhar. É de confiança dos Santinelle, os conhece muito bem e é a minha mãe. Mara saberá

ouvir o problema e guiar ao melhor caminho sem comprometer alguém. Ela se preocupa com todas as partes envolvidas.

— Enzo teve uma discussão com o irmão hoje, *mamma*.

— Eles estão sempre discutindo, é o que os irmãos fazem.

— Dessa vez foi sério. Foi algo relacionado a Bratva e a *Famiglia*. — Mara indica para nos sentarmos nas poltronas e eu prontamente obedeco. — Enzo chegou em nossa ala transtornado.

— Ele te contou qual era o problema? — Questiona enquanto serve duas xícaras de chá.

— A palavra de Eduardo é lei por ser o Chefe e esse acordo entre a *Famiglia* e a Bratva despertou um medo assustador em Enzo. Algo sobre o pai deles. Eu nunca o vi assim.

— Ah, querida. Essa ferida é muito antiga e não acho que possa haver uma cura. — Toma um gole de sua bebida. — Esses irmãos tiveram um lar completamente disfuncional. Francesco e Rosanna, que *Dio* os tenha, idolatravam Eduardo por ser o herdeiro. Qualquer coisa que ele fizesse era aplaudida e reverenciada. Ele foi o único filho por bons anos antes dos pais terem Melissa.

— Sim, Rosanna tinha muitos conflitos com ela por conta dos padrões da *Famiglia* enquanto Francesco a mantinha com privilégios e sempre cedia a tudo o que ela pedia. Essa parte da história eu conheço.

— Você se lembra quando conversamos sobre meu passado?

— Sim.

— Se lembra de que ter contato que Enzo foi uma gravidez surpresa?

— Me lembro.

— A gravidez aconteceu em um período conturbado. Francesco e Rosanna já não se suportavam como casal, vivam pela aparência e era sabido que ele mantinha muitas amantes. Uma noite de bebedeira ou um milagre de pacificidade fizeram os dois dormirem juntos uma última vez e quando Rosanna descobriu que estava grávida Francesco não reagiu muito bem.

— O que aconteceu?!

— Eles brigaram durante toda a gestação e quando Enzo nasceu, Francesco exigiu um teste de DNA para confirmar que o bebê era mesmo dele. Isso destruiu o pouco de consideração que havia sobrado do casamento deles. Oh, *bambina*, foi horrível.

— Como ele pôde fazer isso com a esposa quando ele é quem mantinha amantes?

— Vivemos em um mundo onde os homens fazem o que querem, querida. Se uma mulher quiser sobreviver, ela precisa ser inteligente e saber usar as regras do jogo a seu favor.

— O resultado obviamente deu positivo.

— Sim, mas uma vez que isso foi esclarecido a própria Rosanna buscou por sua cota de amantes. A casa era uma Guerra Fria e quando Eduardo cresceu o suficiente para viajar o mundo como queria, tudo perdeu o controle de vez.

— Eu não posso acreditar.

— Pois acredite. É a verdade. Francesco tinha Melissa como a sua garotinha e fazia questão de colocar coisas na cabeça da menina contra a mãe dela e Enzo, por sua vez, era um garotinho franzino e sensível, sempre muito pequeno para a idade. Francesco desprezava o pobre menino e se enfurecia por Enzo sempre procurar proteção na mãe. Dizia que ele era fraco, que nunca poderia ser um Homem Feito e que traria vergonha para a família.

— Como alguém pode dizer isso ao próprio filho?

— São muitas perguntas para poucas respostas, filha. Apesar de cada um ter seu preferido, a atenção só era dada para as crianças quando lhes convinha. Francesco estava sempre em reuniões e Melissa era proibida de se aproximar, Rosanna se empenhava demais em manter uma imagem perfeita para a *Famiglia* e pouco se importava com o que Enzo estava fazendo.

— *Santo Dio!*

— Eu costumava fazer bolos de aniversário para eles e cantávamos nós três na cozinha, escondido para que os pais não brigassem. Quando Eduardo estava na cidade ele se juntava a nós.

— Eduardo viu os irmãos passarem por tudo isso e não fez nada?

— Não acho que o enganaram sempre, mas duvido que ele saiba a real extensão dos problemas. Sempre que Eduardo estava aqui os pais se esforçavam para manter uma imagem adequada para o filho. Eram encantados por ele e não queriam desapontar o herdeiro.

— Isso é ridículo!

— Eduardo foi criado tendo sempre tudo o que queria, Giulia. Gostava de viajar e explorar, não se importava muito com o que acontecia em casa, mesmo que tivesse muito carinho pelos irmãos.

— O Eduardo dessa história não me parece o mesmo que comanda a *Famiglia*. São pessoas diferentes.

— E de fato são. Quando soube da morte dos pais Eduardo retornou para a casa e a única coisa pelo qual se preocupou foi com Melissa e Enzo. Foi como se uma chave tivesse virado e mudado o rapaz. Eduardo expulsou a todos e ficou sozinho com eles, se conectando, cuidando dos irmãos e acalutando suas dores.

— Eduardo ama os irmãos e os irmãos o amam. O que fazer quando brigam dessa maneira? Esperar que se entendam sozinhos?

— Crianças se entendem sozinhas, adultos são rancorosos e teimosos. O melhor é que se afastem por alguns dias, tente manter Enzo na ala dele como uma Lua de Mel e espere até que ele se acalme e possa conversar sozinho com Eduardo.

— Acho que nunca entenderei essa família.

— Eles são complicados, mas posso dizer com propriedade que esses irmãos são a melhor geração que já tivemos até agora.

— Eles são tão unidos. É nítida a maneira como se amam e se apoiam.

— Oh, eu sei. Eles tinham uma tradição chamada noite de pizza para passarem o tempo juntos. Infelizmente a tradição acabou quando Melissa se mudou para a Alemanha.

— Para se casar com o melhor amigo do irmão.

— Exatamente. — Mara ri e reabastece sua xícara com chá. Eu ainda não tomei o meu, até esfriou devido ao tempo de conversa. — Eu disse que eles são complicados.

— A complicação deve estar nos genes.

— Se te ajuda a entender melhor esses irmãos, o único dia em que vi Eduardo Santinelle realmente abalado foi no dia em que ele colocou os dois irmãos em um avião e os mandou para a Alemanha. Ele chegou em casa muito abatido, parecia sentir dor física em vê-los partir.

— Eu realmente nunca entenderei essa família.

— Sinceramente? Acho que ninguém vai. Nunca.



ENZO

Luto para relaxar. Ao menos meus músculos deveriam fazer isso, mas sinto minhas costas doloridas e eu a água morna da banheira não está ajudando como o esperado. A água fria é prática para despertar e renovar as energias depois de um dia agitado e eu não sou apreciador de água quente. Logo, quando preciso relaxar recorro a água morna.

Como ontem, acordei primeiro que Giulia e optei por um banho para melhorar a tensão dos músculos antes de começar os trabalhos. Não que eu queira ver meu irmão nesse momento e a julgar pelas chamadas perdidas que vi esta manhã da minha irmã, Melissa também já sabe.

Não que eu esteja com raiva do Eduardo ou algo assim. Entendo sua decisão como Chefe, ele pensou nos negócios e nos benefícios do acordo. O que não entra na minha cabeça é por que

ele ter colocado Lorenzo nisso? Casamentos arranjados são muito comuns da *Famiglia*? Sim, Eduardo e Mellanie são um exemplo disso, mas pensei que meu sobrinho não passaria por algo assim.

Evitar o convencional não é o que fazemos de melhor?

— Resmungar sozinho não solucionará seus problemas, *príncipe*.

A voz de Giulia me faz abrir os olhos e procurá-la. A encontro na porta do banheiro com uma blusinha justa e um short de dormir que praticamente embala seus quadris como um presente para que eu possa abrir e brincar. Abençoada seja a Mãe Natureza por criar essa mulher.

— Por que você não vem até aqui e me ajuda a relaxar, *princesa*?

O sorriso de canto de boca que ela deu me deixou mais obcecado do que já achei possível. Observo minuciosamente quando ela caminha até banheira, o balanços de seus quadris me hipnotizando e desafiando a deixar minha marca deles.

— Eu não vou ficar com você na banheira.

— Não há necessidade de filtrar as palavras, minha querida. — Tento agarrar suas pernas e puxá-la para dentro, mas Giulia é rápida e foge do meu alcance.

Isso não acontecerá outra vez.

— Eu não estou filtrando nada.

— A palavra que você está procurando é transar, Giulia. Ou foder, foder também é uma ótima palavra.

— Eu não uso nenhuma das duas.

— Pois deveria. É tudo uma questão de prática, com o tempo você perceber que falar “foder” é muito melhor.

— Bom, marido de boca suja, eu não pretendo praticar atos carnavais com você dentro dessa banheira.

— Por que não? Seria divertido e há espaço para nós dois brincarmos aqui.

— Ainda que eu me arrisque nessa banheira, o que não será em breve, você não estaria resmungando sobre estar com dor.

— Eu não estava resmungando.

— Sim, estava. — Se senta na borda da banheira, pega o banho e a esponja para espuma e começa a lavar minhas costas. Os movimentos e a pressão que Giulia faz torna a lavagem praticamente uma massagem e pego fechando os olhos novamente e soltando um pequeno gemido de prazer. Meus olhos se fecham novamente. — Você está tenso.

— Acordei com as costas assim e não consigo relaxar.

— Talvez você devesse esquecer um pouco as preocupações na sua cabeça. — Deixa a esponja e o sabonete de lado para pegar um óleo e de fato massagear meus ombros.

— *Dio*, isso é muito bom. — Minha cabeça pende para a frente ao passo que suas mãos de fada relaxam meus músculos. — O que sugere que eu faça?

— Por que não aproveita a sua Lua de Mel? Somos recém-casados.

— Para onde quer ir? Eu não pude programar nenhuma viagem, mas agora que estamos em paz podemos ir para onde você quiser.

— Para onde eu quiser?

— Sim, basta dizer e pegamos o carro ou o jatinho.

— Por mais que eu adorasse viajar, estive pensando em algo mais íntimo. — Giulia levemente coloca meu braço em seu colo e massageia meus bíceps, tríceps e antebraço. — Ficar aqui mesmo e aproveitar a companhia um do outro.

— Que graça há em ficar aqui na Lua de Mel?

— Oh, querido, há muitas possibilidades. — Meus olhos voltam a se abrir quando sinto sua mão agarrar meu pau dentro da água e apertá-lo. — Eu quero aproveitar esse tempo com você. Precisamos admitir que sua casa é um palacete e sua ala possui espaço mais que suficiente para nos ocuparmos.

— Giulia. — Minha voz sai uma mistura de clamor e gemido quando ela passa o polegar pela cabeça do meu pau e bombeia todo o comprimento. Eu estou duro em sua mão.

Ela se inclina um pouco e posso ver seus seios lutando contra a maldita blusa de alças finas. Sua mão me bombeando e o sorriso de canto aparecendo outra vez para zombar da minha sanidade.

— Estamos recém-casados e devemos aproveitar. Apenas alguns dias sem trabalho não te atrapalharão.

— Você ainda vai me matar, mulher!

— Oh! Eu vou? — Ela massa seu polegar pela cabeça como se estivesse massageando meu pau e eu agarro sua coxa.

Essa criatura maquiavélica com rosto angelical, a quem chamo de esposa, se aproveita do momento em que estou olhando para sua boca e sensualmente passa a língua pelos lábios antes de morder o lábio inferior.

— Giulia.

— Apenas alguns dias.

— Tudo bem. — Dou-me por vencido. — Alguns dias.

Com sua mão livre, Giulia segura meu queixo e une nossos lábios. Ter sua língua em minha boca no instante em que ela está massageando a cabeça do meu pau é demais para mim. Gemo em sua boca quando o orgasmo me alcança. Eu não sei em que momento a pura e inocente Giulia se corrompeu, mas estou decidido a aproveitar cada oportunidade com ela.

— Acha que está relaxado agora?

— Eu não sei. Talvez eu precise de você na cama e sem roupas para me ajudar a descobrir.

— Não seria melhor nos ocuparmos com um filme para que você possa descansar?

— O que? Não, não! — Passo meu braço por sua cintura e a puxo para dentro da banheira, ignorando seus gritos de protesto enquanto a assisto a água colar o tecido fino da blusa em seus seios. — Você começou com isso, senhora Santinelle.

— Eu estava te ajudando a relaxar!

— Mas ainda não estou relaxado por completo! Preciso estar entre suas pernas para relaxar de verdade.

— Que argumento fajuto!

— Sério? É o que você acha?

— Sim, é o que eu acho.

— Pois eu vou te mostrar como eu relaxo de verdade.

— A proposta do filme continua de pé?

— Depois que eu terminar com você, sim.



ENZO

— Eu apanhei para os seus sobrinhos de sete e oito anos. — Giulia fala conta enquanto corta o bacon em cubinhos. — Eu não sei como me sinto sobre isso.

— Se servir de consolo, eles recebem treinamento desde que aprenderam a ficar de pé. — Verifico a consistência do molho. — Isso está certo?

Giulia deixa a faca na tábua de corte e se aproxima para verificar. Eu nunca pensei que realmente utilizaria a copa para cozinhar, ela sempre serviu para guardar comida que outras pessoas cozinham. Ter minha esposa comandando a cozinha traz algo diferente para o ambiente. Além disso, me sinto na obrigação de ajudar, mesmo que eu não saiba fazer nada.

Como comida é necessária para sobreviver, eu sempre posso pedir uma entrega ou ir até o centro escolher um bom restaurante e pedir uma quantidade decente para me abastecer por alguns dias.

Desde que decidimos aproveitar a Lua de Mel na nossa ala da casa, não saímos para fazer absolutamente nada. Inclusive as compras sofrem feitas por Mara, de uma lista que a própria Giulia faz. O que eu deveria pedir? Salgadinhos? Latas de refrigerante? Giulia pediu coisas como temperos, os quais eu não sei os nomes

então não me arriscarei a falar, diferentes tipos de carne, verduras, legumes, vegetais e frutas.

Como eu prepararia essas coisas? Não consigo cozinhar nem para subsistência!

Apesar do drama culinário, a experiência de estar tanto tempo sozinho com Giulia tem sido muito proveitosa. Nós nos conhecemos mais, fomos em todas as superfícies disponíveis, rimos muito, contamos histórias malucas de nós mesmos e compartilhamos nossas perspectivas de vida. Evitamos falar nos nossos passados. Giulia prefere ignorar tudo o que passou em sua infância e eu finjo que a história com meus pais não existiu, é um ótimo caminho.

— Está ótimo! Mexa por mais um minuto e pode desligar o fogo.

— Mara te ensinou a cozinhar tão bem assim?

— Algumas receitas, sim. — Retorna para a tábua de corte. — A grande maioria das receitas são do meu tempo no Internato. Eu gostava de ajudar com as tarefas já que não tinha amigas para me ocupar nos horários livres.

— Então você escolheu a cozinha?

— Já viu lugar melhor? É lá que está a comida!

— Justo.

— Nossos futuros filhos também começarão a treinar cedo? — Retoma o tópico anterior da conversa.

— É importante. Com os anos e o treinamento adequado, a defesa será muito natural para as crianças e o ataque bem articulado evita exposição desnecessária ao perigo.

— Você e seus irmãos começaram novinhos também?

— Eduardo sim, Melissa já era uma criança mais velha e eu sempre fugi dos treinamentos.

— Por quê? Não que isso tenha feito muita diferença. Hoje você é o Subchefe da *Famiglia*!

— Por mais irônico que pareça, eu não gostava de violência. — O cheiro do molho está divino. — Posso desligar?

— Pode. O ponto está perfeito!

— Enfim. — Desligo o fogo, coloco a colher sobre um prato próximo e tampo a panela para o molho não esfriar. — Eu me assustava com facilidade quando era criança e o treinamento da *Famiglia* é grotesco. Meu pai não tinha o bom sensor de podar o que e quando nos era ensinado como Eduardo faz com Lorenzo. A primeira vez que vi cortarem o rosto de um homem chorei por uma semana e tive problemas de urinar na cama.

— Você era uma criança exposta a muitas coisas inadequadas para a sua idade.

— Minha mãe pensava a mesma coisa.

— Vocês eram muito apegados?

— Eu diria que sim, mas não acho que ela aprovaria meu estilo de vida. Anteriormente, no caso. Agora sou um homem casado.

— Acho tão bonitinho quando você fica se corrigindo assim. — Giulia sorri de um jeito fofo, enrugando o nariz e me olhando como se estivesse pronta para apertar minhas bochechas.

— Bem, se você me dissesse alguns meses atrás que eu estaria isolado na minha ala cozinhando uma refeição eu teria te chamado de louca. Desde que completei minha Iniciação e fui oficialmente nomeado um Homem Feito aproveitei todas as vantagens que meu sobrenome e meu título me traziam. Eu era um adolescente com muitos hormônios e meu estilo de vida piorou bastante com os anos.

— Como define seu estilo de vida agora?

— Eu gosto dessa coisa caseira. Não estou entediado por ficar em casa e tenho uma ótima companhia. Eu diria que estou muito bem.

— E você está cozinhando.

— Isso também! — Dou-lhe uma piscadela. — Mara estava sempre cozinhando para nós e depois que nossos pais morreram e Eduardo voltou para casa, tivemos a pior época culinária da nossa vida.

— Por quê? — Pergunta com riso em sua voz.

— Eduardo era um péssimo cozinheiro. Tudo o que ele inventava na cozinha tinha gosto e textura estranha, nem ele se aventurava em comer. Naquela época sobrevivemos com pizza, todas as noites, em todas as refeições. Depois o gênio pensou em diversificar e comprar outras coisas. Então a pizza ficou exclusiva para o jantar.

— Típico de jovens que moram sozinhos. Sempre recorrendo à comida pronta.

— Ei! Não nos julgue assim. — Me finjo de ofendido e Giulia sorri novamente. — Felizmente Eduardo chamou Mara para nos socorrer. A primeira comida caseira que comemos em muito tempo foi um risoni que ela preparou e posso afirmar com convicção que foi a melhor refeição da minha vida.

— Então vocês todos são um caso perdido na cozinha?

— Não. — Roubo um tomate cereja e Giulia me olha com repreensão. — Mara ensinou Eduardo e Melissa. Sinceramente, Melissa não tem muita habilidade para panelas e fogões, mas Eduardo até que se saiu bem.

— Quanto a você?

— A mim? *Principessa*, eu tinha dois irmãos mais velhos para cuidar de mim. Não havia necessidade de estar próximo de uma panela.

— Aprender a cozinhar pode ser muito útil, *senhor pirralho*. Cozinhar também é uma ótima terapia.

— Você não ousaria.

— Estou oferecendo a oportunidade.

— Desafio aceite, senhora. — Pego a colher de madeira do prato e aponto para ela como se fosse uma espada louvável. — Aprenderei uma ou duas receitas e você amará.

— Não se promova tanto assim, Santinelle.

— Por que não? Tem medo de encontrar mais uma razão para estar loucamente apaixonada por mim, Giulia?

— É o que veremos. — Toma a espada, digo a colher, da minha mão em um claro desafio.



GIULIA

Me preparo para lançar a bola oito para a caçapa, mesmo que meu marido trapaceiro esteja acariciando minha nádega neste momento para distrair. Senti o impacto de sua mão no exato momento em que a bola branca aceitou a bola oito e consegui encaçar com sucesso.

— Eu ganhei! — Pulo de felicidade e me viro para comemorar na cara dele quando o encontro me observando com um meio sorriso no rosto e os olhos escuros como na noite de núpcias. Aquela estranha aura sombria está de volta.

— Você ganhou, *principessa*. Parabéns. — Pega meu taco e o coloca no outro extremo da mesa. — Acho que você merece um prêmio.

— O seus olhos estão escuros. — Faço a observação. Estranhamente eu não sinto medo desse rosto malvado, eu me sinto atraída.

— Quero foder você aqui. — Segura meus quadris com força e me puxa contra seu peito. — O que acha?

Com calma, me levanto na ponta dos pés para roçar meus lábios nos seus. Eu sei que não deveria, muito se comenta por aí sobre esse “espírito” que habita nos Santinelle, mas não posso ver esse homem dessa forma e negar a oportunidade.

— É isso que prometeu me mostrar, senhor?

— É exatamente isso. — Ele me senta na mesa de bilhar e a sensação de estarmos fazendo isso novamente é muito boa.

Sem perder tempo, seguro seu rosto em minhas mãos e colo nossas bocas. Enzo suga minha língua enquanto acaricia minhas coxas. Passo um braço por seus ombros e minha outra mão entra por debaixo de sua camisa e arranha levemente sua pele. Sorrio contra sua boca ao notar seu estremecimento.

Enzo retoma o beijo e toma minha ação para um incentivo para me mover na mesa de bilhar e retirar minha calcinha. Eu deveria estar envergonhada da minha situação, mas é muito difícil não deixar meus hormônios falarem quando esse homem está atrás de mim durante todo o jogo de sinuca mordiscando minha orelha, beijando minha nuca e acariciando minha bunda.

— Você não imagina como gosto da sua coleção de vestidos. — Dito isso, Enzo me desce da mesa, me coloca de pé, me gira e inclina meu tronco contra o felpudo verde. Minha bunda está erguida no ar como uma oferta para ele. — Veja só isso.

Ele acaricia minha nádega antes de outra tapa queimar minha pele. Se eu achei o tapa que recebi quando ganhei o jogo forte, é porque não imaginava o que ele faria quando não houvesse qualquer tecido como obstáculo. Enzo toca a minha intimidade para verificar e qual é a surpresa ao saber que estou úmida por ele? Eu deveria ter alguma vergonha.

— Enzo! — Engasgo ao receber o segundo tapa.

— Você será uma boa menina, Giulia?

— Não posso prometer aquilo não posso cumprir. — O terceiro tapa veio junto com um gemido alto da minha parte.

— Preciso te corrigir, querida Giulia.

— Nã-não. — Sua mão acaricia a pele sensível dos golpes, mas meu corpo está alerta e ansioso.

— Você será uma boa menina?

— Sim!

— Ótimo! — Me guia até o sofá como da outra vez. Enzo chuta seus chinelos para longe e retira suas roupas. Observo fascinada como seu corpo se movimenta com agilidade e graça, quando ele se acomoda no sofá. — Venha Giulia.

— O que eu preciso fazer?

— Sentar-se em mim, querida.

Como ele pede, acomodo uma perna de cada lado de seu quadril e me sento em seu colo, minhas mãos aparadas em seus ombros. Seus olhos estão em um tom bonito de azul escuro.

— E agora?

— Agora você vai me colocar dentro de você.

— Assim?

— Assim, Giulia. — Suas mãos me seguram com firmeza, seus dedos afundando em minha carne e Enzo observa como eu seguro sua ereção e a coloco entre minhas pernas. — Agora desça.

Faço como ele pede e começo a me abaixar lentamente para me acostumar ao tamanho. Enzo foi paciente durante minha adaptação até que eu senti eu me movimentar com timidez. As mãos que me agarram agora retiram meu vestido e sutiã o mais rápido possível, jogando as peças em alguma direção aleatória da sala.

— Preciso subir e descer?

— Eu vou te ajudar, *princesa*. — Suas mãos retornam aos meus quadris e me incentivam a me movimentar.

Essa posição me permitia controlar o ritmo, estar mais próxima dele e aproveitar todo o contato de nossos corpos. Foi uma soma de fatores que tornaram essa experiência marcante. O rosto de Enzo em meu pescoço, sua respiração quente contra minha pele ou nossas testas unidas com beijos ocasionais um do outro enquanto eu o montava. Seus dedos nunca parando de me estimular, brincando e circulando meu ponto mais sensível para me levar ao delírio.

Mesmo quando meu clímax chegou e eu já se sentia sem forças, Enzo manteve meus quadris erguidos e ditou suas próprias investidas, movimentos rápidos e profundos, que me fizesse senti-lo em toda a sua extensão. Senti suas coxas tensionando debaixo de mim, a força de seu agarre aumentando e ele gemendo meu nome ao alcançar o próprio êxtase.

Ele saiu de mim, mas nos mantivemos na posição. Não sinto que meu corpo tenha energia para qualquer ação, ainda que fosse

rolar para o lado e me acomodar no sofá, me sinto bem em seu peito, acompanhando o ritmo acelerado de seu coração e sua respiração irregular.

Busco por meus seus olhos e os encontros claros como o habitual. Enzo tem sua expressão relaxada novamente e sinto que esse é o momento de conversar com ele. As minhas tentativas anteriores foram frustradas por beijos ou mudanças repentinas de assunto. Outra habilidade do meu marido que descobri recentemente é a de fugir de assuntos que o incomodam com maestria.

— Enzo, você não acha que é hora de voltarmos ao mundo real? — O questiono ainda deitada em seu peito, ouvindo as batidas de seu coração voltarem ao normal.

— Precisamos mesmo? Eu não me importaria de viver aqui para sempre. — Beija o topo de minha cabeça.

— Por mais que eu ame ficar aqui com você, é hora de conversar com seu irmão e resolver o desentendimento entre vocês.

— Giulia...

— Estou falando sério. — Levanto meu rosto para olhar em seus olhos. — Eu entendo que irmãos briguem e se desentendem. Eduardo teve motivos que o levaram a aceitar o acordo assim como você teve razões para discordar e rejeitar a ideia, mas vocês são irmãos. Vocês se amam, se apoiam e trabalham juntos. Não pode evitar o Chefe para sempre.

— Você está certa. — Acaricia meus cabelos. — Eu preciso falar com ele, mas não agora. No momento estou aproveitando a companhia da minha esposa.



ENZO

Respiro fundo antes de bater à porta. A voz do meu irmão autorizando a entrada chega aos meus ouvidos e entro no cômodo. Eduardo e Mellanie estão rindo de algo, minha cunhada está sentada sobre o sofá com uma pequena pilha de papéis e anotações no colo e meu irmão está em sua mesa mexendo em sua tablet.

— Veja quem decidiu aparecer. — Eduardo me dá um meio sorriso.

— Não diga isso. — Mellanie o repreende com um sorriso brincalhão. — Ele é recém-casado. Tem o direito de aproveitar.

— Oh, nós aproveitamos, não foi?

— Nós não somos o foco aqui, marido.

— Perdão, esposa.

— Bem. — Mel se levanta do sofá, calçando os saltos que estavam no chão e pegando sua pilha de papéis. — Deixarei vocês sozinhos.

— Talvez eu queira que você fique. — Cruzo meus braços sobre o peito, recebendo uma arqueada de sobrancelha da minha cunhada.

— A julgar por sua expressão? Eu duvido. Vocês podem conversar, eu tenho algumas coisas sobre a ONG para mostrar à

Giulia.

— Não quer mesmo participar da fofoca? — Dou-lhe um meio sorriso.

— Não. Meu palpite é que o assunto é muito íntimo para uma mera cunhada.

— Você também é a Primeira-Dama. — Eduardo fala, recebendo um olhar de repreensão da esposa.

— Isso não me dá o direito de invadir a privacidade do Subchefe. Até mais, rapazes.

Mellanie desfila para fora do escritório e fecha a porta. Me vejo sozinho com meu irmão e ele tem aquele olhar avaliativo no rosto. Tentando me manter relaxado, vou até uma mesa e me sirvo de um pouco de uísque.

— É uma surpresa vê-lo aqui depois de dois dias desaparecido.

— Sou um recém-casado. — Dou de ombros, ainda sem me virar para olhá-lo.

— Mellanie disse que eu não seria justo invadir sua ala para descobrir onde você estava.

— Por isso ela é a minha cunhada favorita.

— Ela é a sua única cunhada.

— Mero detalhe. — Viro para ele e caminho até sua mesa, me acomodando em uma das cadeiras. — Precisamos conversar.

— Eu sei que você não gostou no acordo com os Cyzarine.

— Os russos não são confiáveis.

— Qual é o nosso maior lema, Enzo?

— *Tutto per la Famiglia*.

— *Tutto* é literalmente tudo. Precisamos fazer sacrifícios e esforços para tornar a *Famiglia* mais forte e sempre deixá-la em primeiro lugar. Lorenzo é meu sucessor e terá que entender a importância do sacrifício. Menos mal que a garota esteja próxima de nossa cultura e nossos costumes. Sofrerá menos pelo choque.

— A diplomacia era o melhor caminho? Poderíamos massacrá-los se quiséssemos.

— Diplomacia nem sempre é sinal de fraqueza, irmão. Às vezes é uma oportunidade de crescimento. Aniquilar a Bratva significa lidar com rancorosos no futuro, aceitar o acordo significa mais dinheiro e poder. É uma equação simples.

— Lorenzo é apenas uma criança.

— Lorenzo não é qualquer criança e, como nós dois sabemos, nosso meio exige sacrifícios.

— Nosso pai teria feito assim.

— Anos atrás você mesmo me disse que não sou como nosso pai. Ele liderou como achou melhor, mas se queremos levar a *Famiglia* para o topo precisamos fazer escolhas inteligentes. Sei que nossos pais não eram perfeitos. Sei que nossa mãe errou em sua relação com Melissa e se também que nosso pai não foi o melhor em sua criação, Enzo. Eles nos criaram como acharam adequado e erraram muito no processo, mas lembre-se que você, Melissa e eu somos uma família e nós nos apoiamos.

— Desde quando sabe sobre nossos pais?

— Eu sempre soube. Não sou um idiota e quando voltei para a Itália sabia que você e Melissa precisariam de mim, mas para tê-los comigo era necessário acabar com Alessandro. Eu não sou perfeito, mas darei minha vida por nossa família. Eu confio em você, Enzo. Sei que é o melhor e é por isso que você é meu Subchefe. Você também está no comando e quando não concordar sobre algo pode falar comigo.

— Eu entendi o motivo de aceitar o acordo e acho que está certo. Eu... Eu só não gostaria de que você fizesse as coisas como nosso pai. Não terminou bem para ele e não terminaria bem para nós, mas confio no seu julgamento. Você não é o Chefe sem motivo, irmão.

— Então estamos bem?

— Estamos.

— Ótimo. Não me odeie por ter uma prometida para Lorenzo.

— Eu não te odiaria. Como você disse, sacrifícios são necessários para o bem da *Famiglia* e nós devemos fazê-los. É o preço por estar na liderança. O que Mellanie achou do acordo?

— Ela reagiu bem. Mellanie sabia que algo assim aconteceria em algum momento e já tinha se preparado. Melissa que não gostou muito e ameaçou vir até aqui cortar minhas bolas e separar minha cabeça do corpo, mas não é como se fosse a primeira vez que recebo esse tipo de ameaça, muito menos dela.

— Se Mellanie, que é a mãe, não está preocupada então não ficarei preocupado também.

— Oh, ela está preocupada. Acredite. A questão é que as exigências da *Famiglia* estão além das nossas vontades como indivíduos. Se desejamos um objetivo devemos estar preparados para enfrentar os obstáculos necessários. Queremos a *Famiglia* no topo? Se Lorenzo precisar se casar para isso acontecer, é exatamente o que será feito.

— E quanto a garota? Como garantir que ela estará preparada para a *Famiglia*? Aprender a teoria é muito fácil, a parte prática é que pode matar. Literalmente.

— Meu controle tem um limite. Farei a minha parte e garantirei que a garota conheça nossos costumes, mas não posso falar pela personalidade dela. O que podemos fazer é pedir a Dio que ela não seja uma marionete sem opinião ou terá problemas em nossa família.

— Não sofreremos por antecipação. — Termino minha bebida, colocando o copo vazio sobre a mesa. — Temos vinte anos pela frente antes de qualquer casamento ser realizado.

— Ao menos vinte anos garantidos de que nenhum russo tentará contra a vida dos meus homens. Isso me deixa mais tranquilo.

— Confia mesmo nos Cyzarine?

— Dio, é claro que não. Observarei cada passo que aquela família der nos próximos anos. Não menti quando disse que estava pronto para exterminá-los. Se for necessário matarei cada membro da Bratva, não me importo se é homem, velho, jovem ou uma herdeira mimada. Eles conhecerão a verdadeira face do Diabo se fizerem merda.

— Estou ansioso pelos próximos anos.



GIULIA

— Isso não está bom! — Lorenzo faz uma careta e afasta o prato dele.

— Vamos, pequeno diabo. Minha comida não pode estar tão ruim.

— Tio, o senhor não sabe cozinhar! — O pequeno se exaspera. — Não seria melhor para todos se o senhor parasse de tentar?

— Jamais! Eu estou em processo de aperfeiçoamento. O que há de errado com a minha comida agora?

— Tia Giulia. — O pequeno suplica.

— Você exagerou um pouco no sal. — Tento oferecer um sorriso de consolo, porém sua expressão deixa claro que não fui bem-sucedida.

— Impossível! — Pega a minha colher e prova uma quantidade generosa de seu frango. Uma careta se seguiu à degustação e Enzo cuspiu de volta com mais uma série de caretas. Ele terminou o vinho da minha taça em um gole e recolheu o meu prato e o de Lorenzo. — Agora eu entendi.

Enzo retorna para a cozinha cabisbaixo. Para um homem com um ego inabalável, é trágico que ele se sinta derrotado por um frango mal temperado. Ele teve um grande avanço culinário nos

últimos meses. Suas receitas salgadas não costumam ser bem recebidas, mas Enzo é muito bom preparando doces.

Quando sugeri que ele aprendesse uma ou outra receita, não pensei que Enzo levaria a proposta tão a sério. Ele até comprou uma roupa de chef para usar enquanto cozinha, só não usa o chapéu porque “estraga as belas ondas naturais do cabelo”, segundo ele.

Lorenzo e eu estamos sempre nos voluntariando para seus testes e apresentações de pratos. Às vezes mais eu que Lorenzo, mas ele é um bom menino e gosta de ajudar o tio nessas aventuras malucas. Não que alguém com o sobrenome Santinelle seja um grande exemplo de normalidade.

— Por que ele está triste? — Lorenzo come do doce de taça que Enzo preparou. — A sobremesa dele está muito boa!

— Ele ainda não sabe desse detalhe. Falarei com o seu tio, tudo bem?

Lorenzo concorda e eu pego minha taça e minha colher antes de seguir até a cozinha atrás de Enzo. Por sorte ele não preparou uma quantidade grande. Portanto, não sinto tanta dor no coração ao vê-lo se livrando do risoto de frango extra salgado.

— Tudo bem?

— Você estava certa, eu não tenho habilidades culinárias.

— Com comidas salgadas, mas você é muito bom com receitas doces.

— Giulia, *princesa*, você não precisa tentar me animar só p...

Coloco uma colher generosa de sua sobremesa em sua boca antes que ele possa terminar de mim. Sua primeira reação é de susto, à medida que degusta o doce Enzo fecha os olhos e geme de agrado.

— Vê? Você é muito bom com doces. — Coloco a taça com a colher em cima da ilha. — Não é porque você não possui uma habilidade que é menos charmoso, encantador ou me deixa menos apaixonada. Todos temos defeitos e mesmo você, que é uma

grande combinação de beleza e habilidades, não pode saber de tudo.

— *Grazie*, querida.

— Eu estou orgulhosa por você ter tentado. — Me levanto na ponta dos pés para beijar sua bochecha.

— Prometa que não ficará com raiva? — Enzo me abraça apertado e meu alarme mental dispara.

— O que você aprontou?

— Nada demais.

— Enzo!

— Eu falei que a tia Giulia falaria sobre você ser bonito. — Lorenzo entra na cozinha com um enorme sorriso no rosto. — Eu ganhei!

— Ganhou o que? Do que estão falando?

— Eu pensei que você me consolaria de outro jeito, Giulia. — Enzo tira uma nota de cem euros do bolso e entrega para o sobrinho. — Estou decepcionado.

— Espera! Vocês encenaram tudo isso?

— Sim. — Lorenzo continua com o sorriso vitorioso no rosto. — Eu disse que a tia Giulia te consolaria falando que o senhor é bonito.

— Mas ela também me chamou de inteligente, então metade do dinheiro é meu! — Enzo tenta argumentar.

— Não! Ela disse que o senhor é habilidoso. Habilidade não é inteligente. Inteligente é inteligente.

— Pequeno diabo!

— Eu ganhei a aposta! — Pula de alegria segurando o dinheiro como seu troféu. — Preciso contar isso para o papai.

Lorenzo corre para fora da cozinha antes que alguém possa dizer ou falar alguma coisa. A criança pode ter fugido, mas meu marido permanece diante de mim com um esdrúxulo sorriso de desculpas no rosto.

— Você me apostou?

— Tecnicamente não te apostamos, apostamos o que você diria para me consolar.

— Então você salgou o frango de propósito para que vir até aqui aumentar o seu ego?

— Quando você coloca as coisas assim parece um pouco errado.

— É errado! Eu estava tentando te ajudar. — Coloco minhas mãos na cintura como sempre faço quando pretendo brigar com meu marido. — Eu não acredito que você perdeu cem euros para uma criança de oito anos! Como você não sabe o que sua própria esposa te dirá, mas seu sobrinho sabe?

— Você está brava porque menti para você sobre o frango ou porque perdi a aposta para o Lorenzo?

— Os dois!

— Querida, Mara me ensinou a receita do risoto há um tempo. Eu não sou bom com receitas salgadas, todos precisamos admitir isso, mas risoto de frango é uma receita tão simples que nem mesmo eu posso errar.

— Você está tendo aulas com *mamma*?

— Estou. Eu queria fazer uma surpresa, mas a oportunidade da aposta apareceu e pensei que não seria um grande problema.

— Ainda assim você conseguiu perder cem euros para um menino de oito anos.

— Não precisa ferir mais o meu ego.

— O seu ego nunca se fere!

Vou viro para sair, mas minha visão escurece rapidamente e me sinto bambejar. Enzo rapidamente estabiliza e me segura. Fecho os olhos e balanço a cabeça tentando recuperar meus sentidos por completo.

— *Principessa*, você está bem?

— Sim, acho que me virei muito rápido. — Enzo me senta em uma banqueta próxima. — Deve ser uma queda de pressão. Me deitarei um pouco, preciso sair com Mellanie mais tarde para uma reunião da *Fondazione Santinelle*.

— Você deveria descansar mais.

— É apenas um mal-estar. — Me sentindo mais recuperada, dou um beijo casto em meu marido e desço da banqueta. — Não faça essa cara, eu disse que estou bem.

— Eu me preocupo com você.

— Eu estou bem! Minha pressão voltou ao normal e o mal-estar passou.

Saio da cozinha sentindo seus olhos sobre mim. Seus instinto protetor é lindo, mas desnecessário neste caso. Com a alta demanda da ONG, que batizamos de *Fondazione Santinelle*, eu não estou me alimentando ou dormindo bem. Esse é o reflexo da falta de autocuidado.



ENZO

— Você deveria fazer um teste!

— Não! — Giulia desfaz a trança que prendia seu cabelo e me deixo hipnotizar por um segundo antes de retomar a discussão. Ela está andando de um lado para o outro em nosso quarto praticamente exalando impaciência.

Eu sei que ela está com medo. Inferno, eu estou apavorado! Não posso deixar a dúvida permear desse modo. Precisamos ir a um hospital e procurar opinião médica? Giulia precisa de exames? Nunca a pressionei dessa maneira. Entretanto, ela vem sofrendo com muitos “mal-estares” para ser ignorado. Eu preciso aproveitar que acabamos de acordar para que ela faça o maldito teste!

— Então vamos ao médico.

— Não! Não há necessidade, eu estou bem. — Se vira para me encarar com as mãos na cintura. Ela pode até estar brava

comigo, mas eu estou preocupado então tenho a razão. — Foi uma queda de pressão.

— Há dias você tem “quedas de pressão” e você nunca teve isso antes. É melhor fazer um teste.

— Eu não vou fazer um teste, Enzo! Eu já disse que estou bem, está tudo sob controle e não há motivo para preocupação.

— Giulia você não está bem há dias. Eu estou preocupado com você! — Passo as mãos por meu cabelo e solto um suspiro cansado. — *Per favore*, faça um teste.

— Eu não posso. Foram meses contando os dias para fazer esses testes e sempre apareceu negativo. Eu quero tanto um bebê e lidar com a frustração é muito difícil. Tentamos por meses. Você mesmo disse que não deveríamos nos apegar tanto a ideia e somente aproveitar nosso casamento. O que mudou?

— Você não está bem. Está doente ou está grávida. Se você não fizer um teste nós vamos ao médico.

— Eu não quero me frustrar de novo. Foram dois meses desde o último e quantos outros antes de pararmos com esses testes? Quantas vezes você me abraçou naquele banheiro e disse que tudo ficaria bem? Quantas vezes secou minhas lágrimas? Eu não quero outra frustração. Não posso.

— Giulia, é um teste. Apenas um teste. Não estou te pedindo mais nada!

— Tudo bem. Um último teste. — Ansiosa, Giulia mexe sua perna sem parar e morde o interior de sua bochecha ao encarar a porta do banheiro. — Devo ter mais alguns no fundo do armário.

— Somente um. — Me aproximo e beijo o topo de sua cabeça. — Sempre estarei aqui com você. Até que a morte nos separe, lembra?

— Eu lembro. — Brinca com o pingente de seu colar, o mesmo que a presenteei depois do nosso casamento. — Um teste. Eu posso sobreviver a isso.

— Tudo bem.

— Eu volto logo. — Giulia saiu marchando a passos decididos para o banheiro e fechou a porta. Como um bom menino

comportado, esperei do lado da porta até ela terminar a sair. — Feito.

— Ótimo.

— Eu não quero que você se frustrasse com o negativo.

— Eu só quero garantir que você esteja bem.

— Certo. — Giulia se senta na cama e eu me acomodo próximo a janela esperando um tempo seguro para entrar no banheiro e conferir.

Nos últimos meses Giulia conseguiu coordenar toda a criação de sua ONG, personificar seu projeto e colocá-lo em prática. As aulas de reforço e atividades em grupo já começaram. Giulia também conseguiu professores de dança e artes marciais para trabalharem com ela e por fim, como se já não estivesse incrível, montou uma equipe de apoio surpreendente. As crianças possuem acompanhamento com psicólogos, dentistas, nutricionistas e médicos para garantir que esses pequeninos sejam ajudados da melhor maneira possível.

Em contraste com sua realização profissional, os planos de gravidez não seguiram como o esperado. Somos jovens, saudáveis e estamos nos empenhando muito um no outro, mas isso não resultou como esperávamos. Giulia chorava mais a cada negativo e mesmo sem qualquer suspeita ou sintoma, com apenas um dia de atraso, ela decidia fazer um teste.

Conversamos muito e procuramos esclarecer nossas prioridades. Apesar de sim, a motivação inicial era ter um herdeiro para apresentar a *Famiglia*, tudo mudou e eu só queria estar com ela. Nossos momentos nunca foram sobre reprodução e sim sobre Giulia. O amor que sinto por essa mulher me deixa obcecado, quero fazê-la feliz e se um bebê não vier agora podemos aproveitar esse tempo para desfrutar nosso casamento.

Eu só não esperava que começar uma família fosse realmente importante para ela.

Optando por acabar com o mistério, entro no banheiro e confiro o pequeno aparelho. Minha respiração desapareceu ou eu esqueci como respirar, quem se importa com os detalhes? Minhas

pernas já não pareciam tão firmes quando regressei ao quarto e Giulia me esperava de pé, no meio do cômodo, lutando para não demonstrar sua expectativa.

— E então? — Questiona. — O que o teste diz?

— Você está grávida.

— Eu disse que não deveríamos alimentar as esperanças outras vez e... — Giulia, que já andava de um lado para o outro pronta para iniciar um discurso de consolo para nós dois, interrompe seu percurso e me olha confusa. — O que você disse?

— Que você está grávida.

— Impossível. — Praticamente corre até mim para pegar o teste e verificar por si mesma. — Todos os outros negativos dos últimos meses.

— Os últimos meses não importam, Giulia. Nós teremos um bebê!

— Eu... eu não sei como... eu preciso de uma contraprova.

— Há mais testes no estoque ou devo sair para comprar outros?

— Não, não. Há mais alguns. — Fala e corre para o banheiro.

Quinze minutos depois estamos sentados em nossa cama com seis testes de gravidez espalhados a nossa frente. Eu não posso ficar de pé, minhas pernas não poderiam me sustentar no momento. Por mais que eu veja todos os resultados, minha mente ainda não assimilou o significado de tudo isso.

Positivo.

Todos.

— Nós vamos ser pais. — Me obrigo a falar para confirmar que minha língua ainda funciona.

— Você estava certo. — Giulia fala em choque.

— O que faremos agora? Devemos procurar um médico?

— Sim. — Ela responde. — Precisamos de uma consulta rápida.

— Eu ainda não acredito.

— Eu também não. — Giulia coloca a mão sobre a barriga e começa a rir, uma grande crise de riso que mistura surpresa, alegria, descrença e felicidade. Muita felicidade. — Seremos pais.

— Nós teremos um bebê! — Eu também começo a rir. Ainda em total descrença de que seja mesmo verdade.

Giulia se joga em mim, seus braços rodeando meu pescoço em um abraço apertado, assim como eu rodeio os meus por cima cintura. Sua risada acalma meu coração, uma aflição que eu me recusava a admitir que estava ali. Acompanhar seus choros, seus lamentos e seu sofrimento... Nós finalmente temos um positivo.

— Nós teremos um bebê!



EPILOGO

ENZO

— Eu não posso acreditar nisso! — Me joga no sofá com um suspiro cansado. Criar um ser humano é mais difícil do que eu pensei. Ser o tio legal era bem mais divertido. Juro que estou pagando por todas as vezes em que irritei Mellanie.

— Quem imaginaria que nosso filho herdaria a personalidade do pai? - Giulia cruza os braços sobre o peito e sorri, aquele sorriso conhecedor que ela desenvolveu com o passar dos anos e que faz eu me sentir o mais pecador do homens.

— Leonardo está empenhado em te deixar viúva, *princesa*. Qualquer dia desses esse garoto me causará um infarto.

Mamma comentava muito sobre sua família ter bastante gêmeos e estava impressionada por nenhuma das três gestações ser uma presente duplo. Aparentemente Dio não se contou em punir apenas Melissa com uma dupla, fui agraciado com essa surpresa também e mais uma vez preciso ressaltar que ser o tio era bem mais divertido.

Nosso garoto mais novo é filho de Giulia, sem dúvida, sua personalidade calma e centrada lembra muito a minha esposa. Luigi tem um ar de inocência igual a mãe. Em contrapartida, o mais velho, Leonardo, se parece tanto comigo que me preocupa.

— Acredito que seja a minha vez de conversar com ele. — Coloca uma mecha de cacho rebelde atrás da orelha. Linda. Dio Santo, que mulher linda. — Você já tentou e não teve o efeito necessário.

— Podemos devolvê-los para a cegonha? — Massageio minhas pálpebras. Estou sentindo uma dor de cabeça a caminho.

— Não acho que funciona assim. — Giulia ri e faz seu caminho para fora da sala, pronta para marchar até o quarto de Leonardo. — Serei rápida.

Qual a chance de uma diretora chamar os pais na escola por seu filho ser flagrado beijando uma garota pela quarta vez nesse mês? Não seja por isso, ele ser atencioso com as mulheres não é um problema. Ele é meu filho, parte de mim já esperava, mas aos 6 anos? Dio, nem eram as mesmas garotas nas outras três vezes.

Não poderia ser um dia pior. Lorenzo será iniciado hoje, Mellanie não está em seu melhor humor, meu irmão está ansioso e agora a *Famiglia* terá oficialmente um herdeiro sendo preparado para ser Chefe no futuro. Leonardo, meu querido filho, não poderia esperar um outro momento para se mostrar um precoce?

— *Papà?* — Luigi me chama na entrada da sala. Seus olhos azuis observando o corredor com desconfiança e, sabendo que é meu filho, está verificando se sua mãe não está por perto. — O que acontecerá com Leonardo?

Movimento minha mão o chamando. Sento meu caçula no colo e acaricio seus cabelos pretos, um pouco mais ondulados que os meus. Ao menos um dos meus filhos segue meus conselhos paternos, não quero imaginar a conversa sobre preservativos.

— Ele está conversando com a *mamma*. Leonardo fez algo inadequado hoje.

— Eu sei, a diretora o pegou. Ele não te escutou *papà?* — Pergunta e eu nego com a cabeça, lutando ao máximo contra o riso. Eu nunca disse que seria o pai rigoroso da relação.

— Isso só mostra como vocês devem escutar ao *papà*.

— Eu sigo tudo direitinho. — Fala com orgulho, estufando o peito como um verdadeiro homenzinho. Ao menos Bella sabe ser

mais discreta que meus filhos, não errei na criação de minha sobrinha. — Beije uma menina atrás da escola e ninguém descobriu.

— É melhor que sua mãe não descubra sobre isso ou o *papà* também ficará de castigo.

Leonardo entra correndo na sala e vem direto para o meu colo. O acomodo na outra perna e observo minhas duas pequenas cópias. Giulia fez a parte mais difícil do trabalho, mas os dois se parecem tanto comigo que é impossível não me sentir orgulhoso. Filhos lindos. A mãe também é linda. Enfim, sou um homem maravilhoso com um ótimo gosto.

— Sua mãe? — Pergunto ao pequeno indiscreto.

— No telefone com a tia Mel. — Ele informa e não sei se devo infartar agora ou apenas me preocupar demasiado.

— *Mamma* brigou muito? — Luigi pergunta ao irmão.

— Não. — Leo dá de ombros como se a conversa com a mãe não fosse uma grande coisa. — Ela disse que eu deveria me comportar e que meninos da minha idade não podem fazer isso.

Eu tentei, eu juro pela alma do meu irmão – ou a falta dela – que eu tentei segurar o riso, mas foi inútil e joguei minha cabeça para trás com um grande risada.

— A gente vai brincar agora? — Luigi me questiona.

— No jardim dos fundos. — Digo e eles descem do meu colo correndo para fora da sala e na direção das escadas.

— Ele ficará bem, Mel. — Giulia entra na sala com o telefone no ouvido e se acomoda em meu colo - Será menos doloroso se ele sempre quis isso. Sim, eu sei. No dia que meus meninos iniciarem ficarei assim também. Claro. Vamos passear um pouco e ocupar a cabeça. Mel, você se distrair um pouco, isso não é um problema. Tudo bem. Até logo.

— O que foi? — Pergunto.

— Iniciação de Lorenzo começará em breve. Ele está recebendo as últimas instruções.

— Então devo me apresentar no galpão logo. Preciso estar lá quando começarem.

— E os meninos? — Ela questiona.

— No jardim dos fundos.

— Depois vamos conversar sobre umas certas *dicas*... — Ela brinca com meu cabelo e eu luto para manter minha expressão imparcial.

— Eu falarei com Eduardo mais tarde. Essas dicas dele são um problema.

— As dicas dele?

— Sim, eu sempre soube que meu irmão era uma má influência.

Tutto per la Famiglia.

^[1] “Pequeno homem” em italiano.